

# Além dos oito segundos

Alisson Lopes • Thais Perregil

**Além dos  
oito segundos**



# **Além dos oito segundos**

Alisson Lopes  
Thais Perregil

---

L8641a      Lopes, Alisson  
              Além dos oito segundos / Alisson Lopes e Thais Perregil,  
2014  
              302 p. ; 21 cm.

Inclui bibliografia

1. Rodeio. 2. Cobertura jornalística. 3. Projeto experimental.  
I. Perregil, Thais. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de  
Arquitetura, Artes e Comunicação. III. Título.

CDD: 791.8

---

*Dedicamos esta obra a nossos pais,  
Adilson e Rosilene e  
Carlos e Maria de Lourdes e  
a nossos familiares*



# Agradecimentos

Esta obra é a concretização de quatro anos de estudos e representa o início de uma etapa em nossas vidas, Alisson e Thais. Mas só pudermos alcançar nossos objetivos porque contamos com a colaboração de muitos colegas que conhecemos durante todo o período de coleta de dados, viagens, entrevistas e edição de todo nosso material. A todos esses colegas nosso agradecimento e gratidão por terem nos ajudado e feito parte de um momento tão importante em nossas vidas pessoal e profissional.

Primeiramente às nossas famílias que acreditaram em nossa ideia e nos deram todo o apoio necessário, mesmo não estando presentes fisicamente sempre. Aos pais do Alisson, Adilson e Rosilene, e seu irmão Alexandre. E aos pais da Thais, Carlos de Maria de Lourdes, e sua irmã Tatiana. Eles representam a torcida de duas famílias por nosso sucesso.

À nossa orientadora Maria Cristina Gobbi, que vibrou com nossas conquistas desde a primeira conversa e esteve presente para acalmar nossas angústias e nos instigar a ir sempre além do esperado e acreditar nas mais loucas ideias.

Aos nossos entrevistados, que foram solícitos em todos os momentos e sempre se esforçaram para nos passar todas as informações que precisávamos e foram além, nos permitindo muitas vezes vivenciar parte desse mundo do rodeio, não apenas ouvir suas histórias. São eles: Adriano Moraes, André Metzger, André Silva, Antô-

nio Francisco Magnoni (Dino), Antônio Roberto Schella, Armando Garcia, Beto Lahr, Beto Vicentini, Carlo Napolitano, Chitãozinho & Xororó, Claudinha de Paulo de Faria, Cuiabano Lima, Edevaldo Ferreira, Enrique Moraes, Esnar Ribeiro, Flávio Junqueira, Gerardo Escobedo, Gustavo Martins de Oliveira, Hector Cardona, Hugo Resende Filho, J.B. Mauney, João Henrique Almeida, João Paulo Sales, João Rafael, Jorge dos Santos, José Américo Sichieri, José Sebastião Domingos (Seu Zequinha), José Uilson Freire, Júnior Zamperline, Juraci da Silva, Kamila Oliveira, Kiko de Almeida Prado, Lane Warren Scolt, Lucas Teodoro (Gauchinho), Luiz Antônio de Nascimento, Marcelo Ortale, Marco Antônio Eguchi, Orivaldo Tenório de Vasconcelos, Otoniel Gonçalves da Silva, Paulo Ricardo, Piracicabano, Roberlei Luciano Val, Roberto Rivelino, Silvano Alves, Susi Freitas, Tiago Diogo de Faria, Tião Procópio, Vilmar Felipe, Wilson Goiano, Winston Quesenberry e Zi Biazi.

Aos nossos patrocinadores, Ekip Rozeta, Festa do Peão de Colorado, PBR Brasil, Top Team Cup, cuja ajuda foi fundamental para que pudéssemos acompanhar os rodeios e assim termos conteúdo e conhecimento para nossa obra.

Finalmente também gostaríamos de agradecer aos nossos colegas e professores do curso de jornalismo da Unesp.

# Sumário

Prefácio.....	11
A incrível jornada.....	13
Abertura.....	21
<i>Capítulo 1</i>	
O abrir das porteiras.....	29
<i>Capítulo 2</i>	
O romper dos freios.....	73
<i>Capítulo 3</i>	
Novos Bretes.....	135
<i>Capítulo 4</i>	
Pulos mais altos.....	179
<i>Capítulo 5</i>	
Estou no rodeio.....	225
Bibliografia.....	289
Anexos.....	297



# Prefácio

O rodeio já é um senhor de mais de cem anos que nasceu nos Estados Unidos e teve vários filhos. O primeiro foi o Canadá, um filho obediente que uma vez em cada década formava um campeão mundial. Em meados de 1980, a Austrália, o segundo filho, começou também a deixar o pai orgulhos gerando dois campeões mundiais. A Nova Zelândia e o México ainda seguem debaixo das asas do pai. Enquanto tudo isso acontecia um filho pobre da América do Sul começava a dar os primeiros passos, pois não tinha grana e o pai não sabia ao certo se era Argentina ou Brasil o nome do herdeiro.

O Brasil começou a crescer, tendo o pai como modelo e em apenas três décadas ele ficou rico, bonito e sem dúvida nenhuma hoje é maior ou igual ao pai. O Brasil quebrou todos os recordes e ganhou tudo que tem pra ganhar no mundo.

Agora após sessenta anos ou mais de vida esta história será contada para o mundo na ótica dos personagens que foram protagonistas desta conquista. Todas as gerações, todas as alegrias e decepções navegam nestas páginas que de uma vez por todas contará a saga deste Brasil, que foi conhecido mundialmente como o rei do futebol e hoje, dentro de suas botas e debaixo de seu chapéu, é a maior nação formadora de campeões mundiais de rodeio.

A vontade e a energia de dois universitários, somados a milhares de quilômetros e horas de gravações finalmente contará a verdade da festa do peão de boiadeiro.

Pede pra abrir a porteira ou o primeiro capítulo, pois vai começar a historia do maior cowboy do mundo... BRASIL

*Esnar Ribeiro, ex-peão de touros e comentarista da Top Team Cup*

# A incrível jornada

**E**ra fim de novembro de 2012, o penúltimo ano da faculdade acabava e nós estávamos perdidos com os incontáveis trabalhos de fim de semestre, mas um coisa nos preocupava ainda mais, o tema do temido Trabalho de Conclusão de Curso, carinhosamente apelidado de TCC. Em meio a tantas preocupações nossa solução foi sair para um rodeio no fim de semana. E o que pensar quando está em um rodeio se divertindo com os seus amigos? Essa pergunta pode ter várias respostas. Uns podem falar: temos que sair para a azaração, outros querem ficar e assistir as montarias, tem aqueles que somente querem ver os shows. Nosso pensamento foi mais longe, vamos fazer um livro contando a história do rodeio, vamos fazer o nosso TCC sobre rodeio.

Ao ler isto pode soar estranho, principalmente pensando em dois estudantes de jornalismo que inicialmente pouco entendiam sobre o tema. Duas pessoas com origens e culturas muito diferentes. Um deles, Alisson, nasceu em um sítio em uma pequena cidade do interior paulista, Olímpia. A outra, Thais, foi criada a vida toda na maior metrópole da América Latina, São Paulo, mas ao contrário do que muitos achavam, ela já tinha visto mais de um boi de perto na vida. Nós nos encontramos em Bauru para fazer a faculdade de jornalismo na Unesp.

Bom, o tema estava decidido, mas como falar com profundidade de um tema que a gente não conhecia e sem nenhum conhecido no meio? Veio então uma luz, lembramos que no mesmo rodeio em que decidimos nosso tema escutamos que um tropeiro aposentava um dos seus grandes destaques da tropa, esse tropeiro era o Júnior Zamperline e era dia da aposentadoria do Mistério. Esse sobrenome não era estranho para o Alisson e ele lembrou que seu grande amigo, Gabriel, tinha o mesmo sobrenome e, felizmente, era primo daquele tropeiro que vimos na arena.

O primeiro passo estava dado, tínhamos a possibilidade de contato com nossa primeira fonte, que é tudo na vida de um jornalista. Também tínhamos uma orientadora para o trabalho que tinha gostado da nossa ideia para a nossa surpresa (poucos jornalistas veem o rodeio positivamente). O Gabriel intercedeu nosso contato com o primo e lá fomos nós, nervosos, com um gravador e um bloquinho na mão para a nossa entrevista em uma lanchonete em Cajobi, cidade dos primos Zamperline. Logo nessa primeira entrevista já tivemos uma amostra do que teríamos pela frente: muita gente para entrevistar e uma disposição de todos para nos ajudar que nunca imaginamos que teríamos. O povo do rodeio era bem diferente dos outros entrevistados que estávamos acostumados.

Antes do nosso próximo rodeio ainda tivemos outro entrevistado que nos abriria muitos caminhos, o locutor Cuiabano Lima. Este nós entramos em contato pela internet mesmo e, uma pessoa que nós nunca tínhamos visto na vida, nos levou por um 'city tour' em Barretos, nos apresentou para um monte de gente e nos clareou um pouco mais a mente. Tivemos nosso primeiro contato com os Independentes, organizadores da festa de Barretos, com Marcelo Ortale, estilista das rainhas das festas de peão, e conhecemos o primeiro e o atual recinto de rodeio da cidade. As horas de gravação de áudio já nos pareciam eternas.

Finalmente, chegou o dia do nosso primeiro rodeio. Mal sabíamos que seriam os primeiros dos infinitos quilômetros que teríamos que percorrer durante todo o ano. Malas feitas, carro revisado e um mapa, mas não muito confiável e que sempre nos colocaria em outros caminhos. Nosso primeiro rodeio para o TCC foi em Colorado, Paraná, o mais longe que fomos.

O primeiro fato jornalístico que a Thais percebeu era como o fumo estava presente na vida daquele povo do rodeio. Conhecemos o presidente da festa, o senhor José Américo, que nos apresentou para os peões e fizemos nossas primeiras entrevistas com eles, ainda meio sem jeito. Mas naquele dia percebemos que todos os peões podem ser divididos em dois grupos: os que amam o microfone e os que odeiam e nós aprendemos a conversar com cada um deles. Nessa mesma festa conversamos com André Metzker, comentarista da Professional Bull Riders, PBR, e ele nos ensinou o que é girar na mão e na contra mão (o que depois vimos que foi muito útil) e também vimos pela primeira vez que os bretes, que ficam atrás das arenas, são abertos para o público ver o que acontece e tirar fotos.

No caminho de volta percebemos que não tínhamos entendido boa parte do dialeto do ‘povo do rodeio’, era algo muito deles e precisávamos aprender rápido. Antes do próximo rodeio decidimos os campeonatos que iríamos: Ekip Rozeta, PBR e Top Team Cup, dos quais recebemos apoio de imediato. O Enrique, da Rozeta, o Flávio da PBR e o José Uilson da Top Team Cup nos ajudaram e nos deram acesso e todas as informações que precisávamos. Mas faltava muito para fecharmos e entendermos esse quebra cabeça do rodeio.

As aulas já tinham iniciado antes da festa de Colorado e começamos a perceber que seria complicado conciliar a participação nos eventos de rodeio com as aulas, mas a gente tentava. Além disso, as estradas iam se tornando infinitas, o combustível evaporava, o projeto a cada festa ganhava novos rumos, ora acrescentava algo, ora todo um raciocínio se ruía. A cada dia o

rodeio ganhava mais espaço em nossas vidas e em nossos cartões de crédito, a cultura sertaneja e caipira era encontrada em nossas casas, na nossa linguagem e nos mil cds que ganhamos e tocavam no carro para dar alegria as nossas andanças.

Mesmo sabendo que a cada festa que se aproximava, menos tempo teríamos para concluir o nosso livro, contávamos nos dedos os dias para chegar o próximo rodeio e assim descobrir esse novo mundo que já nos fascinava. Queríamos conhecer as histórias sobre a vida de cada um, o por que deles estarem nos rodeios, o que isso representava para cada eles, as tristezas, as felicidades.

De entrevista em entrevista o livro ia se moldando. Bilac, interior de São Paulo, foi a próxima parada. Tudo caminhava para ser uma viagem tranquila, porém a poucos quilômetros depois de Bauru o GPS quebrou e precisamos comprar o tal mapa não muito confiável. Assim, o caminho se transforma em uma grande aventura. Nossa aventura atrás dos bretes já foi mais fácil, estávamos mais preparados dessa vez, mas nossa curiosidade crescia. Os peões correram para conferir se estava tudo certo, enquanto uns conversavam com a gente têm outros terminavam de se trocar debaixo das estruturas. Era muita gente em cada evento. Peões, tropeiros, salva vidas, locutores, comentaristas, juízes, perdíamos a conta. Já na segunda cidade tínhamos completado todos os DDDs paulistas na agenda de contatos de celular.

Nossa terceira parada foi Ribeirão Preto e pela primeira vez ficamos no mesmo hotel que os peões, foi uma ótima oportunidade. O que mais nos chamou a atenção logo que chegamos foi ver todos eles na recepção com seus notebooks buscando o melhor sinal da Internet, muitas vezes para matar a saudade de casa, das esposas, dos filhos, da família. O ambiente era de descontração e logo que chegamos conversamos com vários peões e *staffs*, todos muito receptivos e sempre aqueles mesmos dois grupos, os que amam e os que odeiam os gravadores.

Descrever as histórias que vivenciamos, falar de todos que nos ajudaram e sobretudo de todo o material coletado parece ser quase impossível. Porém, as experiências que íamos adquirindo a cada dia eram claramente expressadas em nossos rostos. As perguntas surgiam com a mais facilidade, as entrevistas eram conduzidas conforme o planejado e o conteúdo, em nossos gravadores, transbordavam.

Pouco a pouco o mundo novo que estávamos participando se tornava admirável. Quando se vai a uma festa do peão vendo como ela começa, de que forma ela se estrutura, quais são os prêmios, que peões participam é totalmente diferente do que ir para apenas curtir. Falamos isto hoje, por experiência própria. Assim como o peão tem seu lado místico, o rodeio apresenta sua adrenalina, onde há vencedores e perdedores, e que uma história de glória pode acabar em oito segundos, ou estes mesmo oito segundos podem transformar qualquer peão ou animal em uma lenda.

Em Jaguariúna (SP) outra surpresa, ao chegarmos ao fundo dos bretes como sempre fazíamos notamos uma manifestação diferente, um burburinho maior do que o normal e lá no fundo fazendo aquecimento encontramos peões brasileiros que disputavam o rodeio nos Estados Unidos. Era uma nova situação, uma nova abordagem e novas histórias. Este rodeio nos dava mais uma dimensão do que ainda tinha por vir.

O que falar então das risadas e situações cômicas que encontramos. Um dia era uma gafe na frente de todos os peões, e tome risadas; outro era sentar em uma lanchonete e comer os piores lanches já produzidos. Dormir às vezes era necessário e qualquer lugar se tornava propício para uma boa soneca, até mesmo dentro do carro esperando um entrevistado atrasado.

Chegamos então a Palestina (SP), desta vez trabalharíamos de forma diferente, iríamos ver o rodeio das arquibancadas e depois nos encontrar com os peões. Mais uma vez horas e horas de

sonoras e entrevistas, todos queriam participar e contribuir para documentar o rodeio.

O berço da montaria em touros foi a nossa próxima parada. Uma festa que completava cinquenta anos, Paulo de Faria. A gente finalmente conhecia Tião Procópio. A cada festa que íamos encontrávamos mais e mais materiais e julgar e analisar cada um era cada vez mais difícil, entender as origens do rodeio, as transformações que as montarias sofreram se transformava em nosso maior desafio. E para isso mais um rodeio se aproximava, agora deixaríamos São Paulo para trás e iríamos para Minas Gerais, destino agora Guaxupé.

Para aqueles cantos as estradas se tornavam diferentes, era a primeira vez que íamos a Minas para um rodeio e novamente o GPS nos deixava na mão. Mas conseguimos acertar o caminho e rumamos para a festa de Guaxupé. Material colhido, retornamos para o hotel na pacata cidade ao lado, Guaranésia, que nos levou a um Brasil do século passado, com suas ruas de paralelepípedos e o silêncio ao cair da noite.

De chão a chão a gente caminhava e por este longo caminho brasileiro encontrávamos mais e mais histórias vindas de Esnar, ex-peão da primeira geração da montaria em touros, que nos contava o que vivenciou e viu no rodeio desde que começou, as mudanças, as pessoas mais importantes, quem colaborou, mais uma lista de gente para encontrarmos e conversarmos.

‘Carro arriado’ e tralhas no porta malas, agora rumo a cidade de Promissão (SP), e desta vez sem nenhum erro no percurso. Cidade do interior que nos acolheu e nos propiciou encontrar novas fontes e futuros entrevistados.

Terminamos assim os primeiros seis meses do ano, migrando de rodeio em rodeio, conhecendo gente de todos os cantos do país, rimos, choramos, comemoramos, mas acima de tudo, continuamos lutando. Sabíamos que uma hora ou outra o desespero, como

um touro bravo, ia querer nos derrubar. Mas tínhamos mais uma festa, a mãe de todas, a origem de tudo, Barretos, em São Paulo.

Entrar no Parque do Peão, o Maracanã do rodeio, é o sonho de cem entre cem peões. Pisar nas areias que glorificaram e consagraram competidores de vários estados e que também abraçaram muitos ao serem jogados ao chão pelos touros. Eram nestas areias que nossos pés tocavam, um passo após o outro. A arquibancada ainda vazia, eram pouco mais de três horas da tarde e a movimentação grande. Uns corriam para retirar os lixos, outros fiscalizavam e conferiam os bois, a imprensa já estava agitada em sua sala, os peões ainda nos campings aguardando pacientemente as seis horas da tarde. Alguns foliões já faziam suas algazarras regados a muita cerveja.

Não era a nossa primeira vez na festa do peão de boiadeiro de Barretos, mas dessa vez era diferente. A nossa percepção sobre aquele rodeio, aquela festa, aquela cultura era outra. Depois de mais de seis meses de estudos, entrevistas, pesquisas e rodeios, nossos olhos não são mais os mesmos.

A dificuldade em encontrar as fontes marcava nossa passagem por lá, era complicado fazer as entrevistas, os horários eram apertados e o dia corrido. O tempo passava e o conteúdo aumentava, eram sonoras, fotos, contatos, tudo brotava a nossa frente. Barretos é a mãe do rodeio.

Nosso cronograma de festas nacionais estava encerrado, agora só restava um lugar para a gente ver o rodeio, a final mundial da PBR em Las Vegas. E assim fomos nós para a terra do Tio Sam, conhecer as diferenças entre a montaria de lá com a daqui.

Rodeios assistidos, material coletado, personagens entrevistados a história rodeio em touros se monta.



Abertura da festa do Peão de Boiadeiro de Barretos 2013

Crédito: André Monteiro

# Abertura

Os ponteiros do relógio lentamente vão se alinhando, os segundos de forma compassada encaminham o tempo. Para alguns, voa, não tem limites e mal sabem a sua definição; para outros é o alarme, a sirene que toca e define suas vidas. Algumas vezes procuramos adiantá-lo, outras, simplesmente tentamos pará-lo, mas nunca conseguimos fazê-lo regressar. Os ponteiros continuam sua marcha ritmada e o rodeio em breve irá começar.

Novamente o tempo indaga: quanto falta para começar o rodeio? A estrutura já foi moldada: peça por peça estão postas, arquibancadas limpas, sistema de som testado, iluminação no seu devido lugar, pois é dela que vai emanar a luz que reluzirá sobre o vencedor. Os bretes já estão prontos, todos verificados e cuidadosamente analisados pelos veterinários para não ferir nem o animal nem o peão. As placas dos patrocinadores estrategicamente estampadas e posicionadas. As cervejas já foram postas para gelar e os seus vendedores esperam que ao fim nenhuma latinha sobre no freezer para contar história.

Os touros, grandes astros do rodeio, já chegaram, trazendo toda a sua imponência. Depois de horas de viagem, repousam em seus currais com alimentação balanceada, água e cuidado veterinário integral, seus cuidadores a todo instante os observam e zelam. Um a um, os touros possuem suas histórias, uns grandes,

outros pequenos, uns rápidos e sorrateiros, outros pesados e imponentes, uns velhos, outros novos. Cada um de um dono, detentores de fivelas, títulos e responsáveis por fazer de grandes peões suas vítimas. Todos os touros foram minuciosamente vistoriados e agora aguardam o tempo passar, lentamente ruminam e aqueles que ousam encarar seus olhos também têm que encarar o medo. Um animal treinado e dócil, que é capaz de fazer muitos chorarem e correrem alucinadamente dentro das arenas.

Os outros astros também já chegaram. Os peões, vindos de todas as regiões do país, donos de diversos sotaques marcantes e detentores de grandes histórias. Histórias que narram grandiosas vitórias, que fazem você pasmar diante da intensidade de suas vidas, outras são histórias tristes que retratam uma sofrida vida e que incitam as lágrimas a saírem de seus olhos e escorrerem por suas faces. Cada um com o seu objetivo, lutando contra seus temores e obstáculos e competindo com um atleta de muita força e peso, um touro, uma fera de quase 900 quilos. Um touro contra um homem, uma luta que o tempo escolhe quem vence, oito segundos.

Enquanto aguardam as horas que caminham compassadamente, participam de brincadeiras com os outros competidores, conversam com suas mulheres e filhos, estes muitas vezes milhares de quilômetros de distância, uns preferem checar todos os seus equipamentos, conferindo se está tudo correto, outros querem dormir e todos querem vencer. Peões que se veem quase todos os dias, dividem quartos, almoçam juntos, saem juntos pelas inúmeras cidades onde têm competições, são uma família, vários irmãos, infinitas amigadas e um sonho, sonho de ser campeão do rodeio, sonho compartilhado por todos, comemorado por todos, pois o oponente não é o seu amigo de quarto, que janta ao seu lado e te ajuda na hora da montaria, seu oponente possui quatro patas e um único objetivo, derrubar-lhe.

Horas, minutos, segundos, para cada um o tempo tem sua duração e assim o sol abre caminho para a lua, que vai ganhando espaço no céu e sobre a arena com peões e touros, seu brilho quer compartilhar e agora resta pouco para o rodeio começar.

Os portões estão se abrindo para mostrar o mundo do rodeio. Ainda calma, a bilheteria é acionada por fãs apaixonados, amigos inseparáveis, famílias e também até aqueles que vêm para terminar de beber o seu estoque de cerveja do dia.

As botas vagorosamente adentram o recinto e a cada passo revolve a terra, que delicadamente se assentam, formando uma grossa camada e escondendo o couro. De cano curto, de cano longo, texana, feminina ou masculina, infinitas destas repousam os pés dos peões, dos sertanejos e do público que traz na sola da bota a cultura brasileira, a cultura sertaneja.

O público com passos lentos desfila, observando o parque de diversões, que com suas incandescentes luzes atrai a atenção. As barracas e as lanchonetes instigam o olfato e te obrigam a interromper sua caminhada até a arena. Vendedores de cerveja atendem os poucos que chegaram e o freezer aguarda uma a uma as latinhas serem retiradas. Um a um o público vai tomando seus assentos, muitos lugares estão vazios esperando uma família que cultiva a cultura raiz, amigos que aguardam o início do show e amantes que fazem das arquibancadas seus recantos de amor. O pai traz seu filho no colo, bota, calça, chapéu e camisa: é um peãozinho que muitas vezes pouco entende o momento, mas vibra com as belas apresentações. Os mais velhos flertam, admiram a beleza da mulher que vai ao rodeio e estas desfilam e exalam toda a sensualidade.

Enquanto todas estas minúcias ocorrem, o rodeio encaminha o seu início e gradativamente a ansiedade aumenta e a cada tique-taque o coração dos apaixonados pelo esporte ganha velocidade e de forma descompassada põe-se a bater. O rodeio tem a

sua aura e esta, em sintonia com a paixão, faz a bravura de o peão cativar o público.

Nas rádios em poucos minutos já foi anunciado que hoje a noite tem rodeio, também apontou onde se encontram os pontos de venda, o preço dos ingressos e a todo instante trechos de músicas apresentam a principal atração musical.

A rainha, ansiosa, aguarda para fazer sua aparição aos seus súditos dispostos nas arquibancadas. Uma rainha que ao invés de uma coroa trás em sua frente um chapéu, o longo vestido coberto de brilhantes dá lugar as estonteantes e glamorosas franjas de couro, milimetricamente dispostas em um traje que desperta sonhos, expõe a beleza e atrai a todos incondicionalmente. A roupa vai abrigando o corpo de sua realeza, realçando sua beleza, destacando sua simpatia e despertando nas mulheres o desejo de alcançar seu posto e nos homens o sonho de ganhar o beijo da rainha do rodeio.

A majestade está quase pronta, o traje delinea o seu corpo, a maquiagem está na reta final, apenas o batom não tocou sua pele e enalteceu os contornos de seus lindos lábios, a face abriga um lindo e largo sorriso, que emana brilho capaz de iluminar todo o camarim. As delicadas mãos retocam os cabelos, entrelaçando nos dedos com grande delicadeza e sublimemente se assentam sobre os ombros. A realeza está pronta e seu trono, a arena, aguarda-a.

Simultaneamente o DJ confere sua *playlist*, ao passo que, cada música despertará no público a euforia e fará as estruturas das arenas se abalarem a cada salva de palmas.

O locutor é o dono da voz que inflamará o rodeio, detentor de versos de persuasão, versos cômicos, tristes, este uma estrela solitária que incendeia até mesmo as mais gélidas torcidas por todos os cantos deste nosso país. O locutor verifica seus equipamentos, confere os fogos de artifícios, a voz está no timbre perfeito, tudo tem que estar perfeito, nos mínimos detalhes. O microfone, seu instrumento de trabalho, já sincronizado aguarda o sinal para

fazer da voz do locutor uma suave melodia, enredando as locuções, na qual, ainda que muitas vezes implícitas, traz o refrão “Se-guuuuuuuuura peããão!”.

Os touros já chegaram ao recinto, imponentes são escoltados por seus donos e desfilam todo o seu poder e força até os currais onde aguardam para adentrar a arena. Diversos currais abrigam poucos touros, uns mais esquentados procuram impor sua soberania nos pequenos, um duelo para mostrar quem é o mais forte nos pequenos espaços. Cuidadores fiscalizam a todo instante impedindo conflitos. Os veterinários já aprovaram os animais, os chifres estão cerrados no comprimento e na espessura adequada, tudo está no padrão, o pelo liso e os olhos brilhantes demonstram o vigor saudável de um animal, um atleta, uma estrela.

Os peões estão atrás dos bretes, muitas vezes embrenhados nas estruturas do palco. Suas mochilas com os instrumentos de trabalho estão penduradas, a maioria delas vazias, pois os preparativos para as montarias estão galopando a todo o vapor. Um peão encostado na grade estica sua corda americana para nela aplicar o breu, preparando-a para a montaria. Outros apoiados em diversos lugares fazem os mesmos movimentos, esfrega e puxa, de cima para baixo com movimentos bruscos, preparando-as para os inúmeros trancos que sofrerão quando estiverem enroladas nos animais. Os mais adiantados fazem alongamentos, imitam os movimentos que realizam sobre os touros, alcançando em alguns deles caráter cômico para aqueles que de longe os assistem. Um ou outro, com uma lata de aerossol em mãos aplicam sobre as lesões da semana passada. Quem já terminou conversa ao lado, analisa o seu touro da noite, obtido durante o sorteio realizado pela manhã e a cada fim de frase apresentam olhares mais centrados e compenetrados, olhares que divergem frente aos sorrisos e aos sons das gargalhadas. Outros se despedem de suas esposas agraciados pelo doce beijo de boa sorte. As esporas estão postas, afixadas nas botas, mui-

tas vezes surradas pelas montarias. Com os botões das camisas cerradas acabam de arrumar os seus equipamentos, quem está de chapéu dá uma última ajeitada no cabelo e torna a colocá-lo, quem usa capacete já o deixa preparado, pois a hora de entrar na arena está próxima. Os juízes já fiscalizaram a todos, equipamentos e vestimentas estão em perfeita ordem e as esporas aprovadas, os animais não serão lesionados enquanto digladiam com os peões.

As porteiras se abrem, a hora tão aguardada começa, os cavalos adentram as areias da arena galopando, como se fossem em uma marcha real, um a um trás em suas garupas amazonas e cavaleiros com suas bandeiras. Extasiado o locutor em alto e bom som anuncia a todos e a cada volta percorrida pelos animais em torno da arena, a cada fração de areia levantada pelos galopes a cultura brasileira ganha notoriedade. Público embalado pelo locutor agita as arquibancadas, que com aplausos saúdam o universo chamado rodeio. Reverências prestadas, cavalos lado a lado postados aguardam o anúncio dos competidores, dos atletas, dos peões, das estrelas, dos heróis. Um a um os peões vão sendo apresentados, seus currículos narrados e cada façanha lembrada. Uns mais comedidos, outros detentores de poses de galã, cada um tem a sua forma de entrar na arena.

De repente vem o silêncio, a arena se cala, o público estático olha fixamente a entrada da protetora dos peões, a padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, carregada e levada aos competidores. Os peões emocionados com o momento caem em oração, uns de joelhos, outros com a cabeça para baixo, os olhos cerrados pedem a Nossa Senhora que interceda por suas preces e os protejam.

A imagem se recolhe, os cavaleiros se retiram da arena e os peões caminham lentamente para o fundo dos bretes, onde aguardam o confronto com os touros. Unidos formam uma corrente de oração e clamam para que suas vidas continuem sendo protegidas. O medo não figura nas expressões, os olhos trazem a bravura e a

esperança de alcançar seus objetivos. Os calos em suas mãos escondidos pelas luvas remetem a uma vida de trabalho duro e árduo, as cicatrizes e hematomas demonstram os perigos da profissão e os sorrisos expressam a felicidade de fazerem o que amam, montarem.

O locutor, dentro da arena prende a atenção do público e de sua boca emana os versos que abrem o rodeio, versos que, como este criado pelo locutor Cuiabano Lima, empolgam a todos na arquibancada: Alô meu Brasil/ Começa a adrenalina/ Aqui é o Cuiabano Lima/ Põe no doze aí, vamo pra cima/ Seja bem-vindo aí para o maior espetáculo a céu aberto da terra/ Seja bem-vindo ao mundo do rodeio/ O rodeio é esporte, paixão, adrenalina/ O rodeio é um esporte que não vive de passado/ Cada oito segundos é uma emoção/ E a partir de agora segure-se na arquibancada e prepare seu coração/ Porque vem aí o rodeio em touros/ Seguuuuuuurapeããã!

O verso já foi pronunciado e após a última entonação na letra começa o show de fogos que abrem clarões no céu deixando boquiabertos aqueles que assistem. As cores se fundem com a luz do luar, proporcionando um verdadeiro espetáculo; as luzes se ascendem e se apagam, infinitas cores rasgam o céu e anunciam o rodeio. Escuta-se o último estouro, o locutor retoma a palavra e anuncia a primeira montaria.

O primeiro peão a montar na noite caminha em direção ao brete, passos firmes, um após o outro representam a confiança. Agora é o momento, sentar sobre o lombo do animal, este que muitas vezes tem nome que provoca calafrios, sentir em seu corpo a fúria e o poder do seu oponente, outro peão o ajuda com a corda americana, firmemente a aperta para que esta não se solte durante os pulos. Os juízes já sinalizam, tudo está pronto. O público atentamente aguarda a porteira ser aberta. O peão encara o porteiro, respiração lenta e profunda marca sua concentração e com um simples gesto a porteira é aberta, o cronômetro simultaneamente é disparado e o duelo entre o homem e o animal regido pelo tempo começa...



• capítulo 1 •

## O abrir das porteiras

---

**A**sola da bota carrega a poeira do chão, o chapéu surrado da viagem traz consigo inúmeras histórias, a fivela presa ao cinto é quase uma coroa na frente e o tilintar das esporas ao bater no solo indica que o peão está a caminho e o rodeio vai começar.

Conhecida como os Anos Dourados, a década de 1950 trás para a população mundial inúmeras transformações e instiga o medo da Guerra Fria. A prosperidade da economia mundial, fruto do pós-guerra, define o selo do otimismo e da esperança e traz um novo modo de vida, ofertado pela produção em massa de bens manufaturados. No Brasil não é diferente, o país quer crescer, ganhar notoriedade na política, na economia e no esporte. A paisagem urbana se moderniza e os hábitos de consumo desenham o panorama da sociedade urbana desenvolvimentista, surgem novos estilos de vida. Todas essas mudanças sociais, políticas e econômicas marcam os anos dourados.

1950 é ano de Copa do Mundo, o Brasil respira e vive o esporte, é a chance de conquistar o primeiro título. Tudo está preparado, o Maracanã não comporta toda a população, mas o Brasil inteiro está presente quando a seleção entra em campo. Os olhos do mundo voltam-se ao país, mesmo com uma possível guerra entre americanos e russos. É a hora do dourado desses anos brilharem no peito dos brasileiros e a Jules Rimet ser agraciada pelos

aplausos do povo. Este era o script, porém o enredo é modificado e o título mundial escapa dos brasileiros e consagra os uruguaios bicampeões. Os olhos, que antes brilhavam a cada toque na bola, agora não conseguem mais esconder as lágrimas e os gritos apaixonados dão lugar aos ininterruptos soluços.

No mesmo ano a primeira emissora de televisão do Brasil, a TV Tupi, inicia suas transmissões no dia 19 de setembro trazida por Assis Chateaubriand, proprietário do grupo Diários Associados. O empresário ampliando seu conglomerado midiático implanta a televisão no país, porém nesta época o equipamento não era produzido em terras tupiniquins e toda a aparelhagem teve que ser trazida dos Estados Unidos. A televisão surge com um caráter aventureiro e os primeiros anos são marcados pela aprendizagem, com improvisos ao vivo. Mas as classes mais baixas da sociedade tinham seu acesso restringido devido ao alto custo do aparelho televisor que era importado. Os recursos técnicos eram primários e as emissoras apenas dispunham do suficiente para mantê-los no ar. O rádio continua sendo o principal meio de comunicação dos brasileiros.

Na política, Getúlio Vargas retorna ao poder, candidato pelo Partido Trabalhista Brasileiro, PTB, é eleito para a Presidência da República com cerca de cinquenta por cento dos votos, no dia três de outubro 1950. A brasilidade e o ufanismo regressam aos corações, o populismo retoma as rédeas da nação. Sua política é desenvolvida por um acentuado nacionalismo, limitando as inversões de capitais externos. Por meio do slogan *O petróleo é nosso!* surge a Petrobrás e em 1953 o setor da siderurgia ganha mais destaque, o Brasil investe em si próprio para crescer. A economia brasileira caminha frente ao ufanismo e aos mecanismos de proteção monetária, o importante era expandir e os produtos primários são a pujança que o país necessitaria para crescer. A partir de 1953 o cenário estatal torna-se desfavorável para o país,

a queda nos preços dos produtos primários no mercado, provocada pelas manipulações dos Estados Unidos, enfraquece a economia nacional.

Chega ao fim a história de Getúlio Vargas na presidência. Na madrugada do dia 24 de agosto de 1954, Vargas suicida-se com um tiro no coração e é substituído por seu vice Café Filho. Os brasileiros conhecem no ano de 1956 o novo presidente, Juscelino Kubitschek, e com ele inicia-se a transformação do sistema econômico do país com o Plano de Metas: devemos crescer cinquenta anos em cinco. Assim, envolvidos pela crise financeira, o Brasil é obrigado a realizar empréstimos no exterior.

A penetração do capital estrangeiro ocorre de forma maciça, ocupando a indústria pesada e rodovias. Desta forma, iniciam-se as organizações de multinacionais que exercem forte influência na orientação econômica e política. O Rio de Janeiro não será mais a capital do Brasil. A nova capital nacional começa a ser construída no coração do território brasileiro, Brasília, pelo arquiteto Oscar Niemeyer, que futuramente construirá na cidade de Barretos, o Parque do Peão. No campo do esporte o Brasil enfim conquista a primeira Copa do Mundo, comandado por Pelé e Garrincha.

A década de 1950 inegavelmente é um divisor de águas para a compreensão da história da nossa sociedade e os rumos tomados pelo país refletem na construção do futuro. Simultaneamente o rodeio nasce em meio aos grandes frigoríficos e fortalece a cultura interiorana, o esporte do sertanejo, do caipira.

A década de 1960 brasileira representa os anos de mudanças sociais, políticas e econômicas. A nação cresce devido aos investimentos estrangeiros, porém grande parte da população sofre com a má estrutura da sociedade, a desigualdade social caminha enquanto o país cresce.

Nesta década, mais precisamente no ano de 1964, o Brasil conhece o estado autoritário da ditadura militar e as medidas para

estabelecerem uma nova ordem nacional. O país está cercado pelas regras autoritárias e as severas punições para quem descumprir as leis. A população passa a conhecer e viver os Atos Constitucionais, entre eles o AI-5, que concede poderes quase absolutos ao regime. A censura prévia rege os jornais, revistas, livros, músicas e peças teatrais; as manifestações populares são proibidas e o habeas corpus suspenso.

Em contrapartida, durante o governo do General Emílio Garrastazu Médici, a popularidade do sistema autoritário recebe incrementos, muitos devido às vitórias esportivas do Brasil. Comandado por Pelé o Brasil conquista o tricampeonato mundial no México, o boxeador Éder Jofre se torna campeão mundial dos pesos penas e no automobilismo Emerson Fittipaldi coloca o Brasil no topo do pódio. O esporte inflama.

Nestes anos de grande controle político a cultura brasileira conhece o movimento Tropicália que surge influenciado pelas correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop e mescla manifestações tradicionais da cultura brasileira com inovações estéticas. O movimento possui objetivos comportamentais que ecoam sobre a sociedade e confronta-se com o regime militar, sobretudo por meio da música, em que nomes como Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil criticam veemente a situação nacional.

Em meio a uma década de grandes transformações e modificações políticas e econômicas, o rodeio nacional ganha mais notoriedade e é declarado como utilidade pública o clube Os Independentes, fundador da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos, pela lei municipal número 1001 de nove de abril de 1964.

A cidade de Barretos e o rodeio brasileiro expandem a cada ano e em 1966 peões internacionais começam a participar do rodeio regional, dando ao evento notoriedade nacional. A festa de Barretos tem sua duração expandida para cinco dias, e traz com ela apresentações de danças folclóricas que representam a cultu-

ra do povo brasileiro, além de começar a receber personalidades como o cantor Chico Buarque e o ator Mazzaropi.

Envolto a estas grandes mudanças, novas estruturas e investimentos, a década de 1970 no Brasil ficou conhecida como o *milagre econômico brasileiro*. Os empréstimos e investimentos estrangeiros proporcionam a economia nacional um crescimento surpreendente, os empregos criados em massa e a inflação sob controle, o Brasil galopava.

*Girando na contra mão*<sup>1</sup>, o campo político vive sob forte intolerância, a imprensa sofre com a censura, a oposição é reprimida com atos violentos. O presidente Médici comanda uma política determinada a exterminar os grupos de esquerda e organiza núcleos regionais de repressão vinculados ao Exército.

Mas a internacionalização e a expansão da economia provocam um aumento na dívida externa e uma grande dependência do capital estrangeiro. A desigualdade na distribuição de renda aumenta devido à disparidade salarial, promovendo conflitos sociais como as greves em São Paulo.

No campo da comunicação, a informação ganha a cor nas televisões e modifica os costumes da sociedade brasileira. O corpo se torna mais valorizado, a beleza realça com destaque e o individualismo exaltado juntamente com o consumismo.

Em meio a transformações e mudanças econômicas, políticas e sociais, o rodeio emerge e trás consigo toda a energia de um esporte e a marca de uma cultura nacional. Bem-vindos ao Universo Rodeio, Mundo Arena e Planeta Peão.

---

1 Girar na contra mão é uma expressão utilizada na montaria em touros, para representar quando o touro gira em sentido oposto da mão do peão.

## O rodeio

As patas são quase que uma extensão das pernas do homem, a força é compartilhada para desbravar estradas, cruzar fronteiras e conhecer novos horizontes. O homem e o animal quase se fundem, em uma relação de força e astúcia. Para realizar os trabalhos manuais, em especial os serviços da roça e do campo, o homem busca ajuda do animal, uma lida diária com cavalos, burros, mulas, jumentos, touros e vacas, que somente é possível por intermédio da domesticação e da coragem em domar os animais selvagens. Desde o princípio da história, mas precisamente na era neolítica<sup>2</sup>, o homem conhece as bem feitorias de trabalhar em união com os animais e hoje, milhares de anos depois, encontramos sempre ao nosso redor esta parceria, que não apenas desenvolve a agricultura e incentiva a expansão territorial, mas também fez nascer um esporte, uma paixão, o rodeio.

Havia no Brasil uma classe de comerciantes de gado que não eram fazendeiros nem detinham grandes posses. Estes peregrinavam sobre cavalos, burros e mulas atrás de boiadas, iam pelo país para regiões onde hoje são Goiás, Mato Grosso e Tocantins para comprar e tocar boiadas magras e vender aos grandes fazendeiros do Estado de São Paulo e de Minas Gerais. A boiada é conduzida pelos chamados estradões, caminhos de terra, áreas

---

2 O período Neolítico, presente na Pré-história, iniciou-se por volta de oito mil anos antes de Cristo. Conhecido também como Idade da Pedra Polida é considerado um grande marco na evolução do homem e de suas atividades sociais. Neste período, após mudanças climáticas e modificações da fauna e da flora, o homem passou a ter mais contato com a natureza. Isto promove o avanço social, econômico e político, já que o homem descobre que ser social é mais vantajoso e trabalhar em grupo possibilita melhores condições. Deste modo o homem deixa de ser nômade, se sedentariza, ocupa regiões próximas a rios sob influência de um líder e começa a cultivar.

selvagens que integraram durante muito tempo o interior do país. Os condutores desses animais são chamados peões. Nesta época, antes dos anos 1950, existem poucas estradas e por isso o meio de transporte rodoviário é precário para transportar estes animais. Sob o sol forte, enveredados pela vegetação, os peões percorrem o caminho junto aos animais, cortando estradas, enfrentando as intempéries da natureza, desafiando rios e lutando contra a saudade de casa. “A média de tempo para conduzir uma boiada de Brasília até Barretos era três meses. Uma boiada de mil bois ocupava de oito a nove peões, além do cozinheiro”, lembra Armando Garcia, membro do clube Os Independentes de Barretos há mais de trinta anos.

Homens de bravura indômita, coragem aflorada na pele e destreza no olhar. Eram estes homens que conduziam as boiadas, homens chamados de peões de boiadeiro, um personagem que não é nem rural e nem urbano. Sua família, quase sempre, morava na cidade, porém, ele permanecia no campo grande parte do tempo. Faz do dorso do animal o seu trono e com as rédeas em mãos conduz a sua vida, o seu estilo. O peão de boiadeiro tem uma cultura particular e traz junto com a poeira a história do sertanejo, as tradições do caipira e as vivências do interior. Tem na moda de viola seu recanto de sossego, em cada ponteio uma recordação e a cada verso um dia vencido. Na catira tem a sua dança e em cada bater de sola no chão e estalar de palmas resplandece sua tradição. Na música sertaneja pode vislumbrar, relembrar dias felizes, noites trulentas e madrugadas geladas. Faz de versos, histórias e de músicas, biografias.

Por isso, o peão de boiadeiro tem uma cultura particular, a moda de viola, a música sertaneja, a dança catira integram a sua vida, como lembra com saudades Seu Zequinha, um dos fundadores do clube Os Independentes, “o grupo de peões que conduzia a boiada sempre tinha uma viola e a noite pontilhava alguma

moda e dançavam a catira. A catira é uma dança de seis a oito homens que, normalmente, eram os artistas de uma noitada até amanhecer o dia, quando então iniciavam mais uma jornada de trabalho. Não era só o peão que fazia a catira não, era também o fazendeiro e a família, que às vezes participava. Eu me lembro, quando eu ainda era menino. A fazenda do meu pai era ponto de pouso e a gente cedia a sala para que os peões dançassem catira e todos assistiam. A música do catireiro, do conjunto da dupla de viola e violeiro sempre foi voltada para saudade do homem da namorada ou da esposa. A música sempre dava um adeus para a mulher amada, porque o peão tinha que partir e ficaria mais de sessenta dias sem ver a família, sem dar notícias”.

Outra característica da vida do peão de boiadeiro é a queima do alho. O alho era o tempero da comida e quando o cozinheiro preparava as refeições a primeira coisa que ele fazia era refogar, queimar o alho, por isso que os peões não falavam para o cozinheiro “Vai fazer a comida”, mas “Vai queimar o alho” e o nome pegou. Já o berrante era o meio de comunicação dos peões e quem tocava era o ponteiro, o peão que ia à frente. “Se o ponteiro avisava um perigo, uma estrada que cortava e podia desviar parte da boiada, ele dava um toque e vinha alguém pra ajudar a cercar, por exemplo”, explica Armando. “Os toques de berrante eram: toque de saída, quando soltava a boiada de manhã cedo e ela estava um pouco sonolenta, então esse toque era para despertá-la; toque do estradão é um som repicado para o boi estirar o passo, esse toque é dado durante o dia, quando a boiada vai cansando; toque da queima do alho, quando chega perto do almoço; toque de rebatidouro, para avisar se há algum perigo no caminho e o toque de floreio, um toque livre dado no fim da tarde para comemorar o fim de mais um dia”.

Durante essas longas viagens pelo estradão, os peões faziam algumas disputas. Quando tinha um animal bravo eles compe-

tiam para ver quem conseguia ficar mais tempo em cima, por exemplo. Essas disputas também aconteciam dentro ou entre fazendas. “Às vezes tinham dois fazendeiros conversando, um falava que tinha um burro muito bravo e o outro defendia que tinha um peão na fazenda muito bom. Esses dois fazendeiros mandavam chamar o burro e o peão para competirem e faziam suas apostas” comenta Esnar Ribeiro, ex-peão e comentarista de rodeio da Top Team CUP.

E foi assim, da lida diária desses peões e funcionários das fazendas com os animais, que nasce o rodeio. A diferença é que nas fazendas era preciso montar nos animais selvagens e bravos até domesticá-los e no rodeio, quanto mais difícil de parar o animal for, melhor.

Vale lembrar que nessa transição da lida do homem com os animais para o rodeio algumas coisas são modificadas. “O rodeio deixou de ser de fato uma expressão da lida. Eu sou de uma família de domadores, meu pai ganhou metade da vida comprando tropa chucra<sup>3</sup> e adestrando, não só para montaria, mas para trabalho também. E nessa lida com o animal o objetivo era ter o domínio. Além disso, grande parte do interior do estado de São Paulo está numa região de transição de mata atlântica para cerrado e no cerrado propriamente dito. No cerrado o gado era criado selvagem, no meio do pasto nativo e para capturar esses animais era muito difícil porque a região tinha muito buraco de tatu. Então, não tinha como usar cavalo, tinha que ser burro ou mula porque era mais resistente e não pisava nos buracos. E burro era um bicho terrível, pois se você vacilasse podia cair. Então, o conceito de rodeio vinculado à lida, à produção são coisas diferentes do conceito americano de montar num cavalo ou boi. Aqui no Brasil

---

3 Animal que não está ou não foi domado, com instinto selvagem, bravo e intratável.

a ideia de animal bruto era o burro”, relembra Antônio Francisco Magnoni, filho de domadores e professor de jornalismo.

## **Barretos – a mãe de todas**

Localizada no interior do estado de São Paulo, a uma distância aproximada de 426 quilômetros da capital, esta é a cidade de Barretos. Fundada no dia 25 de agosto de 1854, cheia de tradições e miscelânea de culturas, tem um título do qual se orgulha e faz a população inflar o peito para dizer: Barretos, a capital do rodeio brasileiro. Título conquistado por sua história, cravado nas raízes de cada cidadão, visto nas ruas, orgulho estampado em roupas. Barretos realiza a primeira festa do peão do Brasil, abre as porteiras para o rodeio *saltar* na cultura brasileira e conquistar inúmeros fãs por este *estradao a fora*.

Fundadores de Barretos, os irmãos Francisco José Barreto e Antônio Barreto migram de Minas Gerais em busca de terra fértil para a lavoura e escolhem a região pela sua localidade. Os irmãos representam o espírito desbravador que sempre foi característico dos habitantes do Sudeste. Inspirados nos bandeirantes tem uma atitude guerreira movida pelo âmbito de explorar. Em um fluxo contrário ao do Brasil colonial, muitos netos e bisnetos daqueles paulistas que abandonam sua terra natal e partem atrás das famosas e cobiçadas pepitas de ouro, retornam a São Paulo e contribuem para o surgimento e o fortalecimento de novas cidades interioranas. Os irmãos Barreto foram exemplos desses que regressaram para as terras paulistas.

Por volta de 1830, o Brasil engatinha perante a independência e já sofre com as mudanças de ser um país livre. Distante dos grandes centros localizados no litoral, os irmãos Barreto, junto com a família Marques, estabelecem dois núcleos que passam

a ser referência na região: a Fazenda dos Barreto, onde hoje se encontra instalado o Sanatório Mariano Dias, e a Fazenda dos Marques, que atualmente abriga o largo do Rosário. Naquela época a região desprovia de um solo de qualidade, o clima seco castigava o cultivo, atrapalhava as lavouras e judiava daqueles que lá estavam. As pragas também deixavam um rastro de destruição em meio ao que era plantado, porém, movidos pela esperança, os fundadores conseguem cultivar alguns cereais e cana de açúcar. Mesmo envolto por condições adversas do clima, de estrutura e do solo a fazenda dos Barreto ganha um nome imponente, formada pelo suor e na luta por uma vida melhor dos seus pioneiros, é chamada de Fazenda Fortaleza. Assim como traz no nome, serviu de refúgio, abrigo e pouso para aqueles que cruzavam a região e hoje, muitas décadas depois de sua formação, Barretos abriga e acolhe peões e apaixonados pelo rodeio.

Em 25 de agosto de 1854, a pedido de Francisco José Barreto, a família doa ao patrimônio, após anos de sua morte, 62 alqueires da Fazenda Fortaleza. Tomado pela mesma atitude de Barreto, Simão Antônio Marques, sua esposa e seus irmãos também doam ao patrimônio 20 alqueires da Fazenda Monte Alegre. A essa área comum, que totaliza 82 alqueires e já era usada como abrigo por diversos viajantes, dá-se o nome de Patrimônio do Espírito Santo. Neste mesmo ano surgem as primeiras construções e na delimitação deste espaço nasce uma paróquia de pau a pique, onde hoje corresponde a Rua Catorze. A paróquia então organiza a primeira planta da cidade, que nasce fundamentada em quadras.

Em 1870 um incêndio desencadeado pela seca devasta toda a mata que cercava o pequeno povoado deixando um rastro de destruição e uma vasta cobertura de cinzas, este ocorrido é conhecido como o *Fogo de 70*. A tristeza se alastra pela população local, tudo que haviam construído e conquistado até então

se perdera entre as labaredas. No entanto, algum tempo depois as cinzas foram enterradas pelas chuvas e no lugar da mata que ali existia nasce uma nova vegetação, o capim gordura, uma pastagem natural muito rica. O período ficou conhecido como milagre de São Bartolomeu já que ocorrera no dia do santo. A esperança, como uma flor que desabrocha, começa a germinar e brotar no solo. Um novo período na curta história daquele povoado começa a se desenhar.

O surgimento da pastagem modifica o povoado, novos integrantes veem de diversos cantos para lá se instalarem, criar o gado e fazer o abate. A alta qualidade das pastagens e a excepcional condição para a engorda do gado traz colonizadores e incentiva a formação das grandes fazendas. Gradativamente a pecuária progride, os vastos campos abrigam diversas raças e a cada ruminada o povoado se expande. Outro fator que contribui para o crescimento foi os dois portos existentes no Rio Grande que promoviam a travessia entre Minas Gerais e São Paulo, o que, além de estimular a migração, facilitava o comércio entre as regiões. Sobre o leito do rio o crescimento navega e a força do boi impulsiona a economia.

Um fator histórico que também auxilia o desenvolvimento do que viria a ser Barretos é a imigração europeia por volta de 1870, ao mesmo tempo em que o Império brasileiro declara a Lei do Ventre Livre, que afirma que toda criança filha de escravos que nascesse a partir da data de sua promulgação, 28 de setembro de 1871, é livre. O povoado, então, se molda aos novos costumes e tecnologias que chegam de além mar.

A região ganha importância com o passar do tempo e no dia 16 de abril de 1874 é elevada a Freguesia pertencente à cidade de Jaboticabal, pela lei número 42. Porém o destino reserva uma grande história para aquele pequeno povoado. No dia 10 de março de 1885, com a lei número 22, a Freguesia se torna um Muni-

cípio. Doze anos depois, a região que cresceu com a esperança do capim gordura é elevada à cidade, pela lei número 1021 e no dia 6 de novembro de 1906 ela deixa de se chamar Espírito Santo de Barretos, para se tornar apenas Barretos.

É também no início do novo século que a cidade passa por mais inovações e mudanças. Em 1909 os vergalhões e as bitolas abrem caminho pelos campos, é a ferrovia que chega à cidade e no ano de 1913 é instalado o primeiro matadouro frigorífico do país, a Companhia Frigorífica Pastoril, de propriedade de Antônio Prado. Dez anos mais tarde a família real inglesa, motivada pela falta de carne que se abate na Europa devido à primeira Guerra Mundial, compra o frigorífico de Antônio Prado. Barretos é a cidade escolhida pelos ingleses devido a grande quantidade de gado e a facilidade de transportar a mercadoria até a capital para então escoá-la para a Inglaterra pelo porto de Santos. A Companhia Frigorífica Pastoril se torna, em 1924, a Companhia Frigorífica Anglo Pastoril, o que hoje é o frigorífico JBS Friboi.

A segunda Guerra Mundial também marca significativamente a economia barretense, proporcionando um forte aumento nas exportações de carne e enlatados para toda a Europa, a pecuária de corte já se sobressai sobre as demais atividades econômicas. Neste período o progresso amplia os serviços públicos, desenvolve o saneamento, a rede de energia elétrica é implantada e muitas vias são pavimentadas. Barretos galopa nos verdes campos da economia estável do rápido desenvolvimento estrutural.

A cidade também se torna passagem obrigatória dos corredores de boiadeiros, tanto pelas grandes fazendas de gado da região, que recebiam as boiadas magras de outras partes do país, quanto pelo Frigorífico Anglo. Era comum encontrar peões de diversos cantos do Brasil na cidade. Essa mistura faz parte da cultura barretense e foi dela que nasce a festa do peão.

## Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos

O ano é 1955. Barretos ruma para seus 101 anos, depois de um centésimo aniversário ofuscado pela morte de Getúlio Vargas no dia anterior. Como agora é uma cidade mais urbana o número de comitivas que passam pela região diminuem. “Nós sentíamos que alguma coisa estava sendo mudada. Começavam a aparecer os primeiros caminhões gaiola para transportar bois e nas conversas com os amigos a gente fazia algumas suposições: ‘daqui um ano terão cem caminhões puxa boi’ e essas previsões foram dando certo”, lembra seu Zequinha. E nessas conversas de bar com os amigos, em especial um bar em frente à praça Francisco Barreto, em um grupo que José Sebastião Domingos, hoje conhecido como seu Zequinha, estava presente surge uma ideia e ele mesmo nos conta um pouco mais sobre aquele dia, na mesa de bar:

“A gente nem sempre tem uma ideia de criar uma coisa. Às vezes uma prosa puxa outra, principalmente numa mesa de bar que tem uma cervejinha aliada a uma juventude. Barretos era, naquela época, um município eminentemente pecuário e o transporte do animal, que é a matéria prima dos frigoríficos, era tocado na estrada e quem tocava é esse que nós chamávamos de peão. O peão tinha a missão de adestrar o animal com o qual ele ia trabalhar e esse animal não aceitava no início e pulava para derrubar o peão. Isso foi sendo enfeitado, associado, por exemplo, aos cowboys americanos que faziam os filmes. E numa conversa entre amigos surgiu a ideia de conservar esses costumes que já eram do passado e quando a gente viu, a ideia já ganhava corpo. E foi assim, em um grupo de 20 companheiros que nós criamos o clube e o estatuto. E nisso o rodeio foi o carro chefe e a data da festa marcada no aniversário de Barretos, 25 de agosto. Isto entusiasmava a mocidade da cidade também e hoje a festa já está

com quase 60 anos. Agora em 2013 realizamos a 58ª festa do peão e a primeira de todas, em 1955, foi uma gincana automobilística porque não tivemos tempo de organizar um rodeio.

Mas nós não fazíamos somente o rodeio porque o peão também tem uma norma de vida, mesmo na estrada. O boi tem suas condições de viagem, mas ele obedece a certo ordenamento que os peões condicionam. Conduzir boiada não é um serviço que permitia que o peão voltasse para casa todo dia para dormir, almoçar ou jantar. Ele nunca almoçava e jantava no mesmo lugar. E isso empolgou aqueles que vinham e não conheciam essa cultura e essa curiosidade ajudou a gente a valorizar esses costumes. A pessoa que não compreende pode até achar meio sem graça, mas aqueles que nós tínhamos como plateia, naquela época, gostava. Alguns peões aposentados que iam a festa até choravam de alegria ao ouvir um berrante tocar”.

Assim é criado o Clube Os Independentes em 15 de julho de 1955. Para participar do clube aqueles jovens tinham uma regra: apenas rapazes maiores de 22 anos, solteiros e independentes financeiramente, com ideal de união, reciprocidade, lealdade, respeito à sociedade e com o intuito de servir a comunidade angariando fundos para entidades assistenciais. Também consta no estatuto que o lucro dos eventos realizados pelo clube devia ser revertido para instituições de caridade e que o objetivo da festa é preservar as tradições do peão de boiadeiro.



Recinto Paulo de Lima Correia, primeiro palco da Festa do Peão de Barretos  
Crédito: José Paulo Fagnani

Os 20 fundadores do clube são: Abdo El Karin Gemha (in memorian), Antônio Renato Prata, Dino Eugênio Scannavino (in memorian), Edson Gemha (in memorian), Élio Alves Garcês (in memorian), Floriano Machado Coutinho (in memorian), Horácio Tavares de Azevedo, HosnyDaher, Jamil Nicolau Mauad (in memorian), Joaquim Luis Goulart (in memorian), José Sebastião Domingos, Licínio Gomes da Silva (in memorian), Luiz Agostinho da Silva Brandão, Oswaldo Monsef (in memorian), Orlando Araújo, Paulo Coimbra (in memorian), Paulo Pereira, Rubens Bernardes de Oliveira, Rubens de Oliveira (in memorian) e Saulo Junqueira Franco (in memorian). Sendo Antônio Renato Prata, conhecido por Pratinha, o primeiro presidente do clube e Saulo Junqueira Franco quem sugeriu o nome Os Independentes.



### Fundadores do clube Os Independentes

Crédito: José Paulo Fagnani

Atualmente o clube Os Independentes conta com 91 membros efetivos – o número total não pode passar de 100, de acordo com o estatuto – e todos são voluntários. Para fazer parte do clube, além de seguir as regras já mencionadas, o candidato deve ser aceito pela maioria através de uma votação. Já para ser eleito presidente, o Independente deve comparecer às as-

sembleias, apresentar suas propostas em setembro e a votação acontece em outubro – na mesma data em que são recebidos os novos membros. O mandato dura um ano podendo ter reeleição para mais um. Não é possível ser eleito por mais de dois anos seguidos, a não ser que não haja candidato, o presidente, então, continua por aclamação.

Para um Independente sair do clube há dois modos: se for novato é só não comparecer às assembleias de janeiro a agosto – é necessário ter, pelo menos três presenças, caso tenha duas ele não vota e nem pode ser votado – e se o membro faltar por dois ou três anos ele pode ser eliminado; além disso, depois de um tempo como membro ele também pode pedir para sair do clube.

Antigamente o estatuto do clube previa que o sócio que se casasse seria jubilado em uma cerimônia de despedida de solteiro. O integrante que seria expulso recebia um avental e um rolo de macarrão, simbolizando que a partir deste momento ele estaria unido ao lar e a sua mulher. Durante esta festa existiam algumas brincadeiras e o noivo era expulso, pois não poderia mais pertencer ao clube.

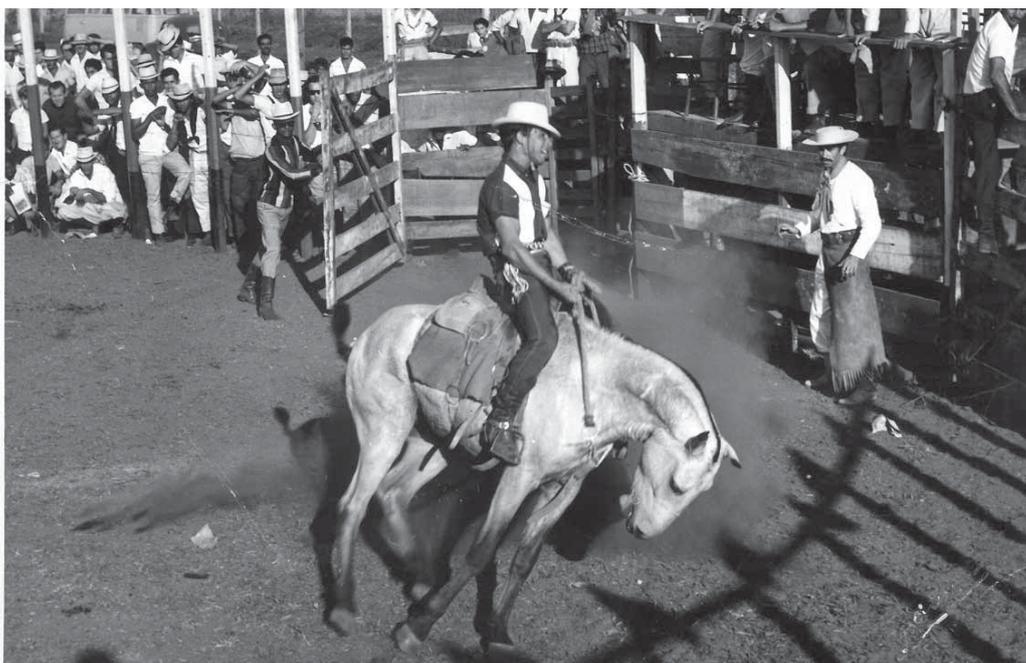
Porém, uma situação inusitada ocorre no mandato entre os anos de 1967 e 1968. O presidente eleito, Roberto de Ávila, se casa em abril do ano de 1968. Esta ocasião gera um conflito sobre como seguir o estatuto, já que teriam que expulsar o presidente. Diante deste impasse, em uma assembleia extraordinária, é decidido que os membros que já estivessem no clube continuariam mesmo quando casassem. Essa assembleia também permite a volta dos membros expulsos anteriormente.

Cada Independente tem uma função dentro do clube relacionada à festa e elas, normalmente, não mudam com o tempo. Há os responsáveis, por exemplo, pelos shows, concurso de berrante, queima do alho, portaria, parque do peãozinho,

tudo isto organizado para que não ocorra imprevistos durante o período da festa.

Na década de 1960, o recém-fundado rodeio de Barretos cresce a passos largos e ganha seu primeiro patrocinador, o Banco Bradesco. Já no ano de 1962 alguns políticos e autoridades importantes percebem a importância da festa e vão visitá-la. Dentre estes ícones públicos podemos citar o ex-governador de São Paulo, Adhemar Pereira de Barros. A festa rompe as fronteiras do país e em 1966 começa a participação de peões internacionais.

A fama do evento começa a se espalhar e em 1963 surge a Festa do Peão de Paulo Faria, o segundo rodeio mais antigo do país. O Clube dos Vinte, como são chamados os que fundaram e organizam a festa, pediram ajuda dos Independentes para realizar seu próprio evento, espelhando-se em algumas rotinas adotadas pelos barretenses. “Meu pai, Klinger Ribeiro, é um dos fundadores e na época, ele e um tio tinham fazendas. Eles sempre estavam envolvidos com essas coisas de viagens, estradão, boi. Eles contavam as histórias das idas e vindas com gado, do estradão e isso ia motivando quem tinha interesse na vida do peão”, conta Tião Procópio, primeiro peão de touros do Brasil.



Primeira festa do peão de Paulo de Faria

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro

## **A lenda viva do rodeio – Zi Biazi**

O chapéu repousa sobre sua cabeça escondendo os fios brancos. Em seus pés as botas hoje já não rasgam mais os estradões, nem esporeiam os cavalos. Suas mãos calejadas trazem vários álbuns e em cada um deles um pouquinho da história do rodeio. Falamos de Sidnei Jorge Francisco de Biazi, mais conhecido como Zi Biazi, um senhor de 73 anos que vive no rodeio e para o rodeio. Um homem que traz em sua face, já cansada, os anos caminhados nos estradões da vida, os vários rodeios que esteve presente e as alegrias que este universo proporciona. Um homem que se tornou uma lenda viva. Um homem cujo maior sonho era de que toda cidade brasileira tivesse um rodeio e batalhou para isso, levando sua paixão para todos os lugares que pôde, trabalhou arduamente para que a tradição e a cultura do sertanejo e do interior fossem vistas, reconhecidas e respeitadas. Também se esforçou

para melhorar a festa do peão, pensando tanto nos espectadores quanto nos competidores. Um senhor que se orgulha em dizer que chegou a fazer três rodeios por noite, mas que sempre lembra e humildemente afirma com todas as palavras: “Eu não fiz nada sozinho, eu sempre tive ajuda de muitos companheiros para chegar aonde cheguei, sempre com Deus ao meu lado”.

Em 1967 surge a festa de peão de Novo Horizonte, que abriga essa lenda do rodeio. Zi Biazi é um dos fundadores da festa. “Eu tinha amigos em Presidente Prudente que fizeram rodeio lá e, por influência deles, nós começamos com a festa aqui. E daqui nós levamos o rodeio para mais de oitenta cidades. Em todos os lugares me chamavam e eu andava feito besta. Eu era fanático por rodeio”, lembra Zi, “Eu fiz rodeio até no Acre. O Ourides Nascimento, um grande peão que eu conheci, tinha uma tropa e eu tinha uma fazenda perto de Rio Branco. O Ouridão levou a tropa dele, o Boy e o Barra Mansa foram para lá para fazer a locução e cantar e eu fui o juiz também”.

A história de Zi Biazi se confunde com a própria história do rodeio nacional. A dedicação e a paixão por este esporte e esta cultura fez Zi criar a Associação Brasileira de Rodeio com cento e vinte cidades, em 1980. Havia um representante em cada cidade, além de outros diretores. Foi por meio dessa Associação que é criado um Campeonato Nacional na época. Zi também registrou os peões pela primeira vez. “Eu fiz INPS (atual INSS)<sup>4</sup>, fiz tudo

---

4 O Instituto Nacional do Seguro Social, INSS, surgiu da fusão ente o Instituto Nacional de Previdência Social e Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social, e é responsável pelo pagamento das aposentadorias e outros benefícios dos trabalhadores brasileiros, é o caixa da Previdência Social responsável por garantir a aposentadoria por tempo de contribuição; invalidez; idade; pensão por morte; auxílio doença; 13º salário; acidente ou doença por acidente de trabalho, reabilitação profissional e salário maternidade e família. Estes benefícios são concedidos aos trabalhadores brasileiros, exceto os servidores públicos.

para eles. Tem peão que já se aposentou com a carteirinha que eu dei, olha quanto tempo faz. Aqueles que tiveram mais capricho ainda tem a carteirinha”.



De chapéu, Zi Biazi preside a reunião da ABR na década de 1980

Crédito: Arquivo Zi Biazi

Outra novidade que Zi traz para o rodeio foi o Hino Nacional, “eu sou brasileiro com muita honra, por isso achava que tinha que tocar”. Também traz a queima de fogos “isso eu falo mesmo, copiei dos jogos de futebol. Não adianta falar que eu que criei. Eu gostei quando vi nos jogos de futebol e levei para o rodeio”. Zi Biazi também fazia questão de sempre trazer uma imagem de

Nossa Senhora Aparecida para o rodeio “eu sou devoto de Nossa Senhora Aparecida desde criança. Nunca fiz um rodeio sem falar o nome dela, e eu fiz muitos rodeios”.

Assim como na música de Milionário e José Rico, Estrada da Vida, o tempo também caminha para Zi Biazi, hoje um senhor que se orgulha de ter sempre contribuído para o crescimento dessa grandiosa festa. Com suas histórias de vida ilustra uma época de dificuldades e de sonhos. Faz questão de contar detalhadamente fatos marcantes de sua história e sempre agradece a Deus por ter colocado o rodeio em sua vida. Um incansável.



Antiga festa do peão de Novo Horizonte

Crédito: Arquivo Zi Biazi

## A cultura nas ruas

Por muitos anos perdura-se como grande tradição de encerramento, as ruas são tomadas pela alegria e a curiosidade, todos querem ver a cultura do rodeio espalhar-se pela cidade, este é o desfile, uma manifestação cultural do rodeio, da cidade e de um povo.

A cultura engloba todo um complexo e tradições, que fomenta conhecimento, artes, crenças, leis, costumes e todos os hábitos de um indivíduo, adquiridos não somente em família, mas por toda a sociedade que o abriga. Talvez esta não seja a melhor explicação para o fenômeno que é provocado pelos desfiles, talvez seja a totalidade dos padrões aprendidos e produzidos pelo ser humano. Pensamos que descrever uma ação cultural ou uma manifestação cultural, às vezes não precisa ser explicada, e simplesmente vivida para ser interpretada. Assim são os desfiles das festas do peão.

Eles surgem junto com os rodeios e trazem como objetivo demonstrar a cultura do peão e dos boiadeiros. Sempre festivo, percorriam pelas ruas ao som de fanfarras e instrumentos musicais. Este tipo de manifestação se populariza conforme o rodeio foi ganhando importância e atingindo maiores proporções no território nacional, toda festa fazia o seu desfile e contava a tradição daqueles que percorriam infinitos quilômetros sobre o lombo de um cavalo.

Os desfiles atraíam as pessoas, que se amontoavam nas guias, subiam em árvores e postes para ver comitivas passando, carros de boi enfeitados, cavalos marchando e acima de tudo ver o peão. De forma eclética o público dos desfiles sempre era variado e procurava atingir toda a sociedade, dando oportunidade a todas as classes de conhecer um pouco a cultura do sertanejo e do caipira.

Sempre é realizado no último dia do rodeio, o desfile reúne bandas musicais, fanfarras, tropas e comitivas de diversas fazendas, homenageia o peão, as festa e seus promotores. Havia tam-

bém carros de bois, charretes, berranteiros, alguns tinham carros alegóricos, a rainha e a princesa da festa, e também grupos de catira. O povo via aquilo que o peão era acostumado a ter como companhia durante suas árduas e longas viagens. Com saudosismo, Zi Biazi relembra dos desfiles que fez parte e viu na cidade de Novo Horizonte, “o desfile daqui era um espetáculo, vinha gente de tudo quanto é cidade para poder assistir e desfilar aqui. Tinha bandas, fanfarras e até hoje temos, porém com menos intensidade e prestígio do que antigamente”.

É com esta voz de saudade, de uma lenda do rodeio brasileiro, que é retratada os desfiles. Hoje muitas cidades perdeu o encanto e suprime um pouco da cultura do peão. “Aqui em Novo horizonte a gente preserva e faz todo ano o desfile, mas algumas festas acabaram perdendo esta parte do rodeio”, relata Zi.



Desfile de Paulo de Faria no ano de 1967

Crédito: Arquivo Clube dos 20



Desfile em homenagem ao 50o aniversário da festa do peão de Paulo de Faria

Crédito: Arquivo Clube dos 20

## O abrir dos bretes

Nos primeiros anos de rodeio no Brasil existe apenas a montaria em cavalos, que era influenciada pelo arreo basto<sup>5</sup> do sul do país. Nesta modalidade o peão permanece em pé no arreo e com um lenço surra o cavalo que fica amarrado. Alguns competidores colocavam balas nos lenços para os golpes produzirem mais efeitos, e ao final das montarias jogavam os doces para as crianças que estavam assistindo.

Em 1974 a rede Globo de Televisão começa a veicular o programa Esporte Espetacular aos domingos de manhã. “Não tinha

---

5 Este arreo era utilizado no começo do rodeio, é típico do Sul do país e possui cabeça baixa e larga. Especificamente se diz suador do arreo: Arreo de Basto largo, de Basto acolchoado.

o que mostrar. O Brasil fazia o que além de jogar bola? Então o programa começou a comprar alguns enlatados americanos e dentro desses materiais vieram os rodeios, principalmente os rodeios de Cheyenne, estado de Wyoming bastante tradicional nos Estados Unidos”, lembra Esnar.

“O senhor Jorge dos Santos, detentor da marca Estrela de rodeio e um dos pioneiros no Brasil, viu esses enlatados do Esporte Espetacular e conheceu o estilo bareback, que só existia nos Estados Unidos e era muito diferente do estilo praticado no Brasil. No bareback o peão fica deitado na sela esporeando o animal na cernelha, bem no final da nuca, o que não força o impulso do pescoço. Aí ele criou o rodeio estilo texano brasileiro, hoje conhecido como cutiano, um modelo de montaria que só existe no Brasil que é uma fusão do arreio basto e do bareback”, continua Esnar Ribeiro.

O rodeio foi se estruturando e moldando conforme o tempo passava e a modalidade exigia. Uma dessas mudanças é a regra que impossibilita o peão de utilizar as duas mãos na montaria, além disso, o peão não pode segurar com as esporas no *suvaco* dos animais, na proximidade da barriga.

A popularização do esporte acaba por cansar muitas tropas, devido a grande quantidade de rodeios que estes animais participavam. Nesta *toada* Jorge introduz o arreio que modifica a postura do peão, este agora deverá segurar com apenas uma das mãos, e manter a outra para o alto. O peão também deveria esporear a paleta do animal. As regras ganham um caráter de maior rigidez e agora se o peão segurar ou apoiar com a outra mão no arreio está desclassificado. Outro critério de desclassificação é o modo de esporear o animal, caso ele não esteja constantemente esporeando também será desclassificado.

Mesmo buscando inspiração no rodeio americano, nosso rodeio não é completamente igual ao deles. O cavalo brasileiro é di-

ferente daquele dos Estados Unidos, um fator que muda a forma da montaria. O animal do Brasil faz muito uso do pulo e do giro, diferente do animal estrangeiro que é treinado para pular apenas para frente, isto norteia o peão que tem ideia de onde o animal está indo e o possibilita esporar para frente e para trás.

## “Causo e caso”

Das histórias que vivenciou e narra com saudosismo, Esnar escolhe uma que considera a mais engraçada diante tudo o que passou no rodeio e conta para você rir um pouco com ele.

“De tudo o que eu passei, acho que a história mais engraçada foi logo quando começou o rodeio. Assim que começou o rodeio, as cidades as cidades punham a gente longe porque sabia que ia dar rolo.

Em um dos dias do evento nós estávamos jogando, outros estavam fazendo a comida, o boi ralado que era carne moída, batata, arroz, mas era assim da altura que você quisesse colocar no prato. A gente ficava igual presidiário lá, o dia inteiro. Na hora que a gente estava jogando bola saiu uma jaracuçu do papo amarelo, mas uma *teba* de uma cobra, ai os caras pegaram aquelas tabuazinhas de proteger arvore quando planta e matou essa cobra.

Ai a gente estava conversando e um dos peões estava deitado no alojamento desmaiado. Naquilo de ver o sangue da cobra na tabua à gente viu que tinha dois preguinhos usados pra pregar a tabua e pensamos, ‘ou vamos assustar ele? A gente coloca a cobra morta do lado dele e da uma porretada com esses dois preguinhos na canela dele e vai sangrar e ele vai achar que foi a cobra’ e o cara estava passado, bêbado. E ficou decidido que quando ele acordar não era para olhar para ele e sim para a cobra.

O pessoal foi lá e bateram nela com a tabua, e eu pensei ‘nossa isso vai matar, dar tétano’. Ai esse cara acordou e o pessoal começou a gritar ‘aqui mata a cobra’, ele não entendia nada e dizia ‘eu acho que ela me pegou’, os demais negavam ‘pegou nada’ e ele já em pânico gritava ‘olha aqui’, nesse momento, como combinado os peões diziam ‘vish pegou mesmo’, ‘tem que chupar o sangue’, ‘rapaz eu não vou não, depois o veneno pega em mim’ para sacanearam ainda mais ele comentavam ‘oh se a vista começar a escurecer a já era’, o cara estava louco de pânico e falava ‘ai, eu já não estou vendo nada’ e para piorar a situação dele e a gente estava a quilômetros da cidade.

Depois de rirmos com a situação a gente contou a história para ele, só que ele estava incrédulo e ficava ‘mas vocês juram que é brincadeira?’ e mostramos para ele o maldito toquinho. Isto é para você imaginar como era no começo”.

## **Cutiano: o rodeio texano brasileiro**

Quem olha ao longe pode não reconhecer, cada piscar de olhos é capaz de narrar infinitas histórias vividas neste chão brasileiro. Quem não conhece o rodeio ou pouco sabe sobre ele é bem provável que não o reconheça, agora quem traz no sangue a poeira das arenas certamente já ouviu falar de Jorge dos Santos, o criador da montaria em cavalos estilo cutiano.

Hoje repousa na pequena Aparecida do Taboado e leva uma vida bem menos agitada do que há cinquenta anos. Natural de Regente Feijó, interior do estado de São Paulo, é o mais antigo tropeiro brasileiro. Responsável por disseminar o rodeio, viveu 57 anos de sua vida no rodeio.

Apaixonado por animais, Jorge dos Santos era capataz de fazenda e acostumado a domar cavalos para uso laboral. Desde

novo trazia em seus olhos a admiração pelos pulos e a coragem de enfrentar os animais. Se hoje o rodeio encanta nas arenas, quando Jorge começou era bem diferente. Na fazenda que trabalhava havia a prática de outro esporte, a paixão nacional, o futebol. E foi no meio da grama que Jorge começou a montar, improvisou pequenas estruturas, reuniu peões que queriam se aventurar e lá montavam em cavalos, “Eu comecei numa fazenda, tinha um campo de futebol e uma colônia lavourista muito grande na fazenda e como tinha muita gente eu inventei de fazer o rodeio crioulo lá no campo. Eu falei com o meu patrão, naquele tempo não tinha ginete para montar, então eu levei a tropa chucra da fazenda e nos montávamos naquilo para o povo ver”, comenta Jorge dos Santos.

Foi desta paixão pelos pulos e peões que Jorge dos Santos, como dizia Zé do Prato em suas locuções, criou o estilo de montaria em cavalos texana brasileira, o cutiano. “Eu inventei o arreo do rodeio, tudo certo, com argola, tudo pregado na armação. Porque o rodeio que tinha em Barretos era com o arreo cabeçudo e o povo montava agarrando na frente e atrás, não tinha estilo de ginete de rodeio e eu, como fui criado no Rio Grande, sabia que o rodeio não era desse jeito. Quando eu levei pela primeira vez minha tropa em Barretos e vi o povo montando daquele jeito, agarrando na frente e atrás eu falei ‘assim qualquer saqueiro monta’ então não tinha estilo”, aponta Jorge. O rodeio foi evoluindo, agora cada mão tem a sua função, os lenços foram deixados de lado e agora apenas uma das mãos é responsável por segurar o peão, a outro serve de equilíbrio.



Montaria em cavalos antes da invenção do estilo cutiano

Crédito: Arquivo Clube dos 20

Conforme o rodeio em cavalos cresce novas normas são criadas e uma delas surge por meio de Jorge dos Santos, o sorteio dos animais, como ele próprio relata, “naquela época não tinha sorteio, eles davam o cavalo e eu achei isso errado, pois muitos pensavam que tinha que dar o cavalo porque não sabia qual é o bom ginete e eu falei que ‘não, tinha que ser tudo definido na sorte, a gente também não sabe qual é o cavalo bom, mas eu sabia’. O rodeio tinha que ser sorteado, fazer os bilhetinhos, colocar dentro de um chapéu e cada ginete tirar um cavalo. Mas tinha muita veiacada, eles colocavam os papeis no chapéu e chamavam o ginete preferido e também fazia recepcionista dentro da arena. Entrava cinco moças dentro da arena com os bilhetinhos com os nomes dos cavalos na mão e quem organizava já avisava o ginete em qual moça ele tinha que ir. Mas aí todo mundo, a peãozada me apoiou pra fazer um sorteio direito”.



O antigo sorteio no chapéu ainda é realizado em algumas festas

Crédito: Fernando César

Com o gosto pela prática do rodeio e a paixão por tudo aquilo que via, Jorge monta sua primeira tropa para ir a outras cidades levando aquilo que ele conhecia e popularizando o rodeio, e a marca Estrela se origina e cresce. De pulo em pulo Jorge dos Santos ganha o Brasil, ora sendo madrinheiro, ora sendo locutor e ora sendo tropeiro, “o rodeio foi crescendo e eu não dava mais conta de trabalhar na fazenda e tive que ficar mexendo só com rodeio”.

Os anos foram passando, e o rodeio tipicamente brasileiro ganha o público das arenas e disputa com o rodeio em touros a popularidade até a década de noventa, quando a modalidade de touros ganha os corações da maioria dos peões. “Começou o rodeio de touros, o povo foi gostando, o cavalo foi acabando e o touro pula mais né. E outra coisa, é muito mais fácil arranjar uma tropa de touro do que de cavalo” ilustra Jorge.

Hoje mais de 57 anos depois de entrar para o mundo do rodeio, Jorge dos Santos não acompanha mais o esporte e se diz descontente com a atual situação do rodeio brasileiro, “o rodeio antes era rodeio mesmo, feito com homens e peões, hoje perdeu muito da característica que o rodeio de antigamente tinha, não gosto nem de ver, nem no rodeio não vou mais” alega Jorge.

Mesmo hoje não frequentando mais as arenas, a modalidade que desenvolveu, exclusivamente brasileira, o cutiano, ou como era conhecido, rodeio texano brasileiro, continua perpetuando aquilo que iniciara nos campos de futebol.



Jorge dos Santos rodeado por peões no rodeio de Colorado

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro



Competição de cutiano na Festa do Peão de Colorado 2012

Crédito: Fernando César

## Colorado – O Rodeio de Cutiano

Em 1974 é fundada a Festa do Peão de Colorado, no Paraná, que hoje é conhecida como a capital do rodeio do estado e do melhor rodeio de cutiano do Brasil. O presidente da festa de 2013, José Américo Sichieri, conta um pouco do perfil da festa e de como ela surgiu.

### *Como surgiu o rodeio de Colorado?*

A festa de Colorado nasceu por Jorge dos Santos, fundador da montaria cutiano aqui no Brasil. Um dia passando por Colorado ele perguntou na prefeitura se havia alguém que gostava de mexer com cavalos. Na época não tinha rodeio na cidade, mas tinha corridas de cavalo. Então a prefeitura indicou meu sogro e eles

tiveram a ideia de montar o rodeio em 1974. Naquela época o Jorge, pela marca Estrela, montava a festa toda. No começo o rodeio era feito no campo de futebol e foi dando certo, até que surgiu o Recinto, onde é a festa até hoje.

***E desde o surgimento da festa existiram muitas mudanças?***

A festa vem crescendo. Quando começou era só rodeio em cavalo, depois chegou a montaria em touro e mais tarde a prova dos três tambores. A cada ano a festa de Colorado vai evoluindo e se modernizando para melhorar, sempre.

***Ela sempre foi feita no mesmo lugar?***

Não, nos primeiros anos a festa era realizada em um campo de futebol. Aí em 76 a gente construiu o recinto com arquibancada, cadeiras cativas, camarote e é aqui que a festa é feita até hoje.

***Por que o rodeio de Colorado é considerado o melhor do Paraná?***

Acredito que pelas contratações. Fazemos de tudo para termos sempre os melhores peões, as melhores tropas, os melhores juízes, salva vidas, locutores, enfim, tudo que está dentro da arena é considerado de primeira linha do país. E todo esse conjunto faz com que sejamos conhecidos como a melhor festa de peão do Paraná. E por sermos uma cidade pequena eu acho que isso é muito bom.

***Qual a importância do rodeio economicamente para o povo de Colorado?***

A festa do peão de Colorado é muito importante economicamente para o município porque vem muita gente de fora. Há muito consumo nas lojas, quem vem aluga casa ou fica em hotéis, o povo gasta também em posto de gasolina, restaurante. Essa é a parte que o rodeio faz para o município.

### ***Como é o público da festa?***

A gente vê o público aqui trajado com roupa de festa do peão mesmo, o público gosta do evento. A maioria a gente percebe que vem de fora, cerca de 60% a 70%. Primeiro porque a festa é muito grande e nossa cidade é pequena, tem uma média de 23 mil habitantes. Segundo porque a festa é bastante famosa, até por ser considerado o melhor rodeio cutiano e isso agrega muita gente de fora. A cada ano a festa cresce mais e você vê a arquibancada mais cheia. A gente ainda faz um dia com entrada gratuita, em parceria com a prefeitura e sempre na quinta feira, para quem não tem condições de pagar possa vir assistir e curtir a festa do peão. Mas de uma maneira geral a gente percebe que a maior parte do nosso público é estudante, principalmente universitário.

### ***E o pessoal vem assistir a montaria ou vem mais para o show?***

Existem dois tipos. O pessoal que vem assistir as montarias é um público mais velho, tem esse público que gosta de rodeio, que presta atenção nas montarias, que chega cedo. Você já vê a arquibancada cheia na hora do rodeio. Mas também tem o público que é só do show.

### ***O rodeio de Colorado chega a sofrer algum preconceito aqui ou não?***

Não, a gente nunca teve problema com isso porque a gente sempre trabalhou como manda a lei. Nós pensamos no rodeio como um esporte e por isso temos que ter animais e competidores sadios, são todos muito bem tratados. Acho que não há preconceito com o rodeio aqui porque a gente faz tudo como tem que ser.

### ***Uma história que marcou o rodeio de Colorado?***

Em 2006 nós tivemos o primeiro rodeio da PBR do Brasil e nesse evento teve uma montaria que atingiu 94 pontos foi o due-

lo entre o peão Fabiano Vieira e o touro Cama de Gato da Cia. Thiolinha e esta nota se manteve como a maior no Brasil até o final de 2012, quando o peão Ademir Candido conseguiu 94,25 montando no touro Matrix da Cia Paulo Emílio em Londrina. Então, dentro da arena, essa é uma coisa que marca muito a gente.

A festa do peão de Colorado é muito respeitada pelos amantes de montaria, sua fama percorre as fronteiras trazendo peões de todos os cantos e modalidades, e pela sua idade e importância é também chamada de ‘Barretos do Paraná’.



Grande público em 2012 demonstra o prestígio que a festa de Colorado conquistou ao longo dos anos

Crédito: Fernando César

## Um novo passo

Os rodeios de cavalo chegam ao seu auge, crescem e se tornam cada vez mais populares. Pulos e galopes encantam nas arenas, inspira rapazes a se tornarem peões e levanta suspiros do público feminino. Enquanto isso, nos Estados Unidos o rodeio sofre com uma crise.

“O rodeio na década de 1970 nos Estados Unidos estava acabando porque não tinha interesse, não tinha ídolo, não tinha nada. Até que apareceu um cara chamado Larry Mahan, que foi apelidado de Rei dos Cowboys. Ele fazia todas as modalidades: montava bareback, sela americana e touro e ganhou tudo o que podia, como eles falam nos Estados Unidos, all-around. Esse cara foi parar no cinema e foi aí que cowboy começou a ser moda de novo. Porque os americanos tinham três heróis no auge do rodeio: o Capitão América, o Super Homem e o cowboy de rodeio. Essa volta da moda de rodeio veio para o Brasil, aqui chegavam os ecos desse Rei dos Cowboys”, afirma Esnar.

Como resultado dessa onda country que chega ao Brasil, alguns garotos da cidade de Paulo de Faria, em 1978, assistiam a um filme chamado *Oito segundos de perigo* de Steve McQueen. A imaginação é fértil, as cenas fascinam aquele pequeno grupo e fazem os sonhos pularem, como os animais do cinema na história de um peão de touro americano. Entre esses garotos estavam os primos Tião Procópio e Esnar Ribeiro. “A gente assistiu esse filme umas cem vezes em Paulo de Faria e foi por causa dele que o rodeio em touros começou no Brasil. Foi em Paulo de Faria que teve o primeiro rodeio em touro com corda americana, mas no começo a gente não tinha noção do que era a montaria em touros, segurava com as duas mãos na corda, era um bando de loucos”, lembra Esnar.

“Antigamente vinha circo de tourada para a cidade. Tinha o circo do Asa Branca e do Zé Roxinho. Como meu pai tinha fazenda, ele ou algum conhecido emprestava gados para esses circos. Mas além do touro para tourada tinha um boi de pulo para fazer desafio com o povo da cidade, fazer aposta. E a gente participava. No circo não tinha arena de areia que nem é hoje, era sorfete, uma espécie de arena bem pequena de chão duro com palha de arroz em cima. Às vezes o boi ficava amarrado dentro da arena do circo e você montava nele assim. Outras vezes ficavam cinco ou seis bois numa espécie de brete, que chamava guarda roupa. Esses bois

ficavam parados de frente para a arena, não de lado como é hoje, e era tudo fechado, não dava para ver lá dentro. Às vezes a gente saía desse guarda roupa montado no touro só com a corda no pescoço do animal”, conta Tião Procópio.

Néia Nogueira, em seu livro *Festa do Peão de Boiadeiro – Onde o Brasil se Encontra*, menciona a questão das junções de circos e touradas no início do esporte no Brasil: “Todos os entrevistados mencionaram que a maior parte dos rodeios, até surgir a primeira festa do peão, eram realizados em circos de touradas. O Sr. Armando ainda acrescentou que muitos circos de touradas denominavam-se ‘Circo de Rodeios’, citando inclusive nomes como ‘Circo de Rodeios Madrid’, ‘Circo de Rodeios Royal’, ‘Circo de Rodeios São Lourenço’, entre outros. No entanto, ninguém tinha dúvidas de que o primeiro rodeio organizado e mantido através dos anos foi na cidade de Barretos e é modelo para qualquer outro local que queira promover esse tipo de manifestação que se tornou atração turística” (Nogueira, 1989, p. 73).



Antes da montaria em touros ganhar força, a tourada divertia nos circos

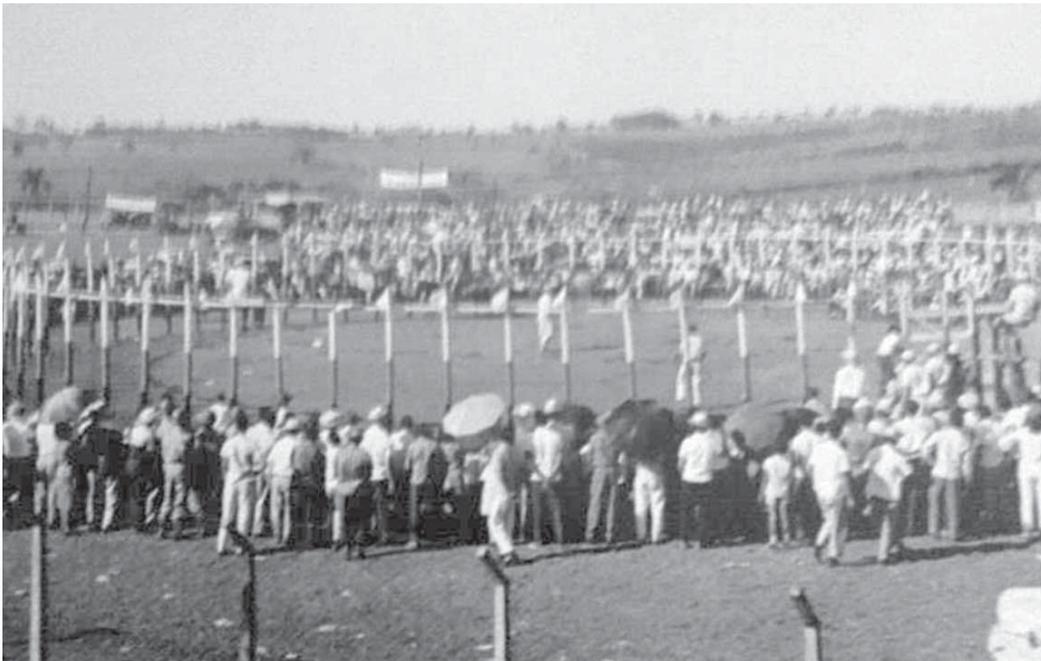
Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro

Mas foi durante um rodeio em Paulo de Faria, em 1979, que tudo mudou para a montaria de touros. Naquele ano a festa tem um convidado especial, Milton Barbosa, mais conhecido com o Djangão. “Ele tinha acabado de voltar dos Estados Unidos e tinha uma roupa diferente do que se julgava ser um traje de cowboy. Ele usava uma calça jeans Wrangler, um chapéu abaixado que parecia de Napoleão, uma bota de duas cores, uma fivela grande. Pra gente esse cara parecia Deus!”, comenta Esnar. Já Tião Procópio complementa “O Djangão montava em bareback e me contou como era o rodeio americano, que tinha um rodeio de touros bem diferente do que era o nosso. Ele me viu montar e me chamou para ir para os Estados Unidos com ele, eu estava estudando para o vestibular em São Paulo na época, mas inventei uma história para o meu pai me deixar ir e fui com ele. Isso era fim de 1979 e começo de 1980. Foi a primeira vez que eu fui, sem equipamento, sem nada”.

Como o próprio Esnar afirma, era um bando de loucos. Donos de uma insanidade que a partir de um sonho modifica a estrutura do rodeio, faz crescer uma nova paixão e de cima de lombos, escorados nos cupins, novos heróis nascem e lendas surgem. A montaria em touros chega ao Brasil e uma nova era do rodeio brasileiro começa a engatinhar.

O rodeio encanta os aficionados, os pulos e as performances arrancam aplausos até do mais comedido torcedor. E no ano de 1979 cria-se a abertura oficial do rodeio, três cavaleiros adentravam a arena trazendo as bandeiras do Brasil, estado e município. Os peões vinham logo em seguida correndo uma volta olímpica, e atrás deles vinham os palhaços. Depois disso cantava-se o hino e pedia-se proteção divina. Com o tempo a abertura é aperfeiçoada até chegar hoje, com shows pirotécnicos, jogo de luzes e músicas, fogos de artifícios e shows de caminhonetes.

A década de 1970 termina, o Brasil dá um novo passo no rodeio e agrega mais valores a sua cultura. Seguuura peão!



Campo do Palmeirinha, primeiro local em que é realizada a festa do peão de Paulo de Faria

Crédito: Arquivo Clube dos 20



Primeiro rodeio de Colorado com prêmio para peões de touro. Na foto os peões da esquerda para direita são: Fábio, Antônio Roberto Chella, Ari Filho, Lázaro, Esnar, João Custódio, Jerônimo, Vilmar Felipe e Edson de Sousa. Ao microfone está Zé do Prato e de jaqueta vermelha Tião Procópio.

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



Peões se aventuram no Campo do Palmeirinha

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



Festa conquista o coração do povo

Crédito: Arquivo Clube dos 20



Atuais grupos de catira representam tradição de décadas

Crédito: Arquivo Clube dos 20



É no circo que os primeiros peões de touros começam a se apresentarem

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



• capítulo 2 •

## O romper dos freios

---

**O**s galopes que antes cortavam as estradas de terra agora são substituídos pelos pulos dentro dos rodeios. Caminhões passam a substituir os homens que rasgaram a vegetação, cortaram o cerrado, atravessaram rios e enfrentaram os perigos para conduzir as boiadas, a cultura destes viajantes se consolidava. O peão começa a migrar para a cidade, seu estilo ganha espaço nas vitrines, os chapéus agora viram moda, seu uso não se restringe em apenas proteger do sol; as botas, que antes esporeavam os cavalos, agora caminham nas calçadas e aceleram veículos. Assim como o mundo se moderniza, o peão também acompanha estas mudanças, o rodeio monta no lombo das transformações.

Não é apenas o rodeio que sofre mudanças na década de 1980. Em todo o Brasil esta época simboliza uma grande transição política e econômica, o país caminha rumo à democratização, a política ganha páginas e mais páginas de jornais, que acompanham os últimos anos do regime militar rumo à liberdade.

Retrocedendo para melhor ilustrar a história da transição brasileira chegamos ao ano de 1978, data em que o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, vence as eleições e acelera o processo de redemocratização, apoiado pelo fim do Ato Institucional número 5, ainda no governo do General Ernest Geisel, em 13 de

outubro de 1978. A democracia começa a se soltar dos freios e do cabresto para futuramente correr nas pastagens políticas.

Ainda antes de entrar na década de 1980, em 1979, o governo aprova a lei que reestabelece o pluripartidarismo no país. Partidos já existentes trocam seus nomes, o MDB se torna o Partido do Movimento Democrático do Brasil, PMDB, a ARENA vira para Partido Democrático Social, PDS, e novos são criados. Nasce o Partido dos Trabalhadores, PT, e o Partido Democrático Trabalhista, PDT.

No governo do General Figueiredo chega ao fim o exílio de muitos brasileiros condenados durante o período de maior rigidez do regime militar pela Lei de Anistia, a qual concedia o direito de retornar ao Brasil políticos, artistas e demais cidadãos exilados ou condenados por crimes políticos. Porém nem tudo são flores nas transições políticas brasileiras. Outra vertente do governo militar, conhecida como linha dura, não desejava o fim do regime e para isso fez atentados e repressões clandestinas para intimidar e retardar as transições, era comum que cartas bombas fossem colocadas em órgãos da imprensa e em outros espaços legitimados pela democracia. Não apenas o campo político nacional sofre mudanças, o território também se reestrutura e no ano de 1981, Rondônia deixa de ser território e se torna um estado da Federação.

A década de 1980, realmente representa uma era de transformações positivas e negativas. No campo do esporte não tem como esquecer estes anos. Mais precisamente 1982, quando o Brasil se reinventa no futebol para a Copa do Mundo da Espanha e enche de orgulho todos os que assistem. Já se passavam 12 anos desde o tricampeonato e a torcida volta a acreditar na equipe verde e amarela. Uma seleção repleta de craques: Falcão, Sócrates, Júnior, Oscar, todos comandados pelo galinho Zico, os brasileiros sentiam que o tetra estava próximo. Porém, diferente de 1970, o futebol arte não é coroado. Depois de uma derrota para a Itália o Brasil volta para casa de mãos vazias. O futebol desta vez não

acalenta a população que sofre com os problemas da inflação e da recessão acelerada.

Mesmo sem comemorar o título no esporte mais tradicional e popular do país, os torcedores tupiniquins tem muito o que festejar. A democracia dá sinal de vida e em 15 de novembro de 1982 são realizadas eleições diretas para governador de estado em todo o país. Mas as comemorações duram pouco. O governo de Figueiredo não é só caracterizado por mudanças políticas, mas também pela grave crise econômica que se instaura em todo território. As greves se tornam mais frequentes e os protestos ganham força. A população não consegue conviver com a inflação, o milagre econômico tinha terminado e o país sofre para quitar as dívidas e continuar crescendo. O regime militar está com os dias contados, o pluripartidarismo estimula a oposição, os sindicatos se fortalecem e o descontentamento da população cresce e se faz notar de norte a sul.

É 1984 e a situação política e econômica piora a cada dia, o governo já não consegue conter a insatisfação do povo. Envoltos por todo este contexto a população vai às ruas, o país precisa mudar. Poetas, jogadores de futebol, artistas, cantores, donas de casa, estudantes, milhões de cidadãos brasileiros saem de suas casas com cartazes e placas, inflam seus peitos e clamam por mudanças, são as Diretas Já. O movimento é favorável à aprovação da Emenda Dante de Oliveira, que garante eleições diretas para o presidente da República do Brasil. As manifestações contam com a participação de vários políticos que eram contrários a situação brasileira como Fernando Henrique Cardoso, Tancredo Neves, Leonel Brizola, Luís Inácio Lula da Silva, entre outros.

No dia 25 de abril deste mesmo ano a esperança de novos rumos para a nação cria corpo: a Emenda Constitucional das eleições diretas é colocada para votação. E como um peão que enfrenta um touro bravo e não consegue vencer, a emenda não é aprovada pela

Câmara dos Deputados. A notícia atinge os brasileiros como um coice forte de um cavalo bravo. Não será dessa vez que o presidente brasileiro é novamente escolhido de forma direta.

O forte golpe abala os cidadãos, mas a semente da democracia é plantada e começa a germinar. A luta pela redemocratização sufoca o regime militar e assim como no rodeio era questão de tempo para configurar a derrocada da ditadura.

O Colégio Eleitoral, no dia 15 de janeiro de 1985, escolhe para novo presidente da República Tancredo Neves, um opositor do regime então vigente, que enfrenta a concorrência de Paulo Maluf. As Diretas Já não haviam alcançado o efeito esperado, já que o congresso permanecia no controle dos militares. Muita coisa precisa evoluir.

O fim do Regime Militar marca um período de profundas mudanças na história do país, faz nascer personagens emblemáticos e acima de tudo cria no povo brasileiro o espírito de buscar novas mudanças. Em meio a isto, mesmo com a vitória, Tancredo Neves não assume o cargo de presidente, pois adoece e morre antes do tomar posse. O novo presidente agora é José Sarney, o vice de Tancredo, que governa o Brasil de 1985 a 1990.

O país sofre com o colapso da economia, os juros e a inflação batem recordes diários. É preciso reagir e tomar as rédeas do crescimento, domando os resultados do antigo regime militar. Mediante ao conturbado período, reformas monetárias e planos econômicos são adotados. É neste período que surge o Plano Cruzado, que prevê o congelamento dos preços e bens de serviços nos níveis do dia 27 de fevereiro de 1986 e a mudança da moeda nacional de cruzeiro para cruzado. Mas o plano econômico não consegue reduzir a inflação com o tabelamento dos preços e nem promove a estabilidade econômica planejada.

A situação parece irreversível. Em todos os campos o Brasil sofre e assim é também no futebol. Na Copa do Mundo de 1986, no México, a seleção é quase a mesma que foi eliminada na copa de

1982, o país novamente deposita toda a esperança na camisa verde e amarela, porém dos pés do grande ídolo Zico foi-se o tetra, o Brasil é eliminado pela França e a Argentina sagra-se bicampeã mundial.

Após o Plano Cruzado falhar, o presidente Sarney lança o Plano Cruzado II, estrutura que visa além de corrigir os erros do primeiro, liberar os preços dos produtos e serviços permitindo a reavaliação dos custos na economia. Os preços não param de subir, a população não consegue obter itens com valores mais acessíveis, o plano tenta fornecer uma válvula de escape para a inflação reprimida durante o congelamento dos preços, a meta é controlar o déficit fiscal aumentando a receita tributária.

Com passos lentos o Brasil marcha, a situação se complica a cada dia, o país que vivera o milagre econômico, agora é assombrado pela falência. O processo de redemocratização, ainda engatinha e é preciso estabelecer uma nova constituição, pois a que era vigente continuava com um caráter ditatorial. Estabelece-se, então, em 1987, uma Assembleia Constituinte com a finalidade de criar uma Constituição democrática para o Brasil.

Em 1988, um ano marcado por mudanças, um piloto arrojado e impulsivo se consagra campeão mundial, nasce mais um ídolo, Ayrton Senna. Economicamente a situação permanece a mesma, ninguém consegue controlar os preços. A geografia do país se modifica, Amapá e Roraima deixam de serem territórios e se tornam estados da federação, e o último estado brasileiro era criado, Tocantins, perfazendo então vinte e seis estados e o distrito federal.

Em cunho político nasce a nova Constituição Federal que assegura várias garantias como a participação do Poder Judiciário sempre que houver lesão ou risco de lesão a direitos. Além disso, são estabelecidos dispositivos que bloqueiam golpes de qualquer natureza. Porém a determinação da eleição direta é a grande conquista de um povo que há décadas não escolhe seus governantes supremos diretamente.

No rodeio também acontecem mudanças importantes. A montaria em touro busca seu espaço frente às provas de montaria em cavalo, principalmente o cutiano. “Eu me lembro que nós fizemos a Associação Paulista de Rodeio em Touros e quando o presidente José Sarney foi a Barretos assinar o documento para dar o novo local em que a festa se realizaria, a gente entrou com uma faixa, e nela trazíamos escrito: Senhor Presidente, estamos sendo explorados, cowboys de touros”, comenta Esnar.

E também no ano 1988, quando o Brasil conhece sua nova constituição, ganha novos estados, a cidade de São Paulo realiza a final nacional do rodeio em touros. O palco escolhido foi o Ibirapuera, que tem suas estruturas abaladas pelos pulos dos touros que impulsionam a modalidade que cresce e ganha o gosto popular.

No mundo o socialismo desmorona, seu principal defensor, a Rússia, abre caminho para uma política e economia mais transparente. Na Alemanha é destruído o maior símbolo da Guerra Fria, o Muro de Berlim. A década de 1980 caminha rumo ao fim e no Brasil, quase trinta anos depois, as propagandas políticas trazem candidatos que seriam eleitos pelo povo. De um lado o sindicalista Luís Inácio Lula da Silva e do outro o caçador de marajás, Fernando Collor de Mello. O povo então sai de suas casas, para escolher novos rumos para um país que sofre arduamente. É hora de mudar.

A década de 1980 termina e passa a ser conhecida como década perdida devido aos fracassos econômicos, mau crescimento e desenvolvimento do país. Fora isso o novo presidente também deveria conter a hiperinflação que acomete todos os setores. Como um peão em cima de um touro, a população se equilibra para tentar vencer os problemas do país.

O breu espalhado na corda dá segurança ao peão, desafia para além de vencer o boi, encarar a concorrência do rodeio em cavalos. A porteira se abre e a sorte é lançada.....

## Uma viagem sem fim

Para o rodeio em touros nacional os anos 1980 começam com uma longa viagem além-mar, para os Estados Unidos da América. Como Cristovão Colombo rumou ao horizonte atrás de novas conquistas, também faz Tião Procópio, um garoto da pequena cidade de Paulo de Faria, que sai em busca do seu sonho. Esta é a primeira vez que um peão de touros brasileiro cruza a fronteira nacional, para aprender e compreender melhor essa montaria. Uma viagem que começa com uma mentira de Tião a seu pai, dizendo-lhe que iria estudar na terra do Tio Sam, e que inicia uma mudança drástica no rodeio brasileiro. Com o nome eternizado no rodeio, Tião Procópio começa nele por amor, pois segundo ele quando começou não tinha nada, apenas alguns bois em casa que ele usava para a montaria. Sem estrutura e sem preparo encarava os touros e montava com as duas mãos, desconhecendo os equipamentos e as normas de montaria. E foi deste jeito que rumou para os Estados Unidos e agora narra um pouco de como foi sua experiência.

“Eu cheguei aos Estados Unidos e consegui fazer a inscrição em uma escola da Professional Rodeo Cowboys Association, PRCA<sup>1</sup> na Califórnia. Eu tive sorte, a escola era do Shawn Davis, presidente

---

1 A PRCA, Professional Rodeo Cowboys Association, foi fundada em 1975 e é considerada a maior e mais conceituada entidade de rodeio do mundo. Esta organização está presente nos Estados Unidos e abrange as seguintes modalidades: bareback, bulldogging, laço do bezerro, laço em dupla, sela americana, três tambores e montaria em touros. A organização investe e consegue transformar o esporte em um negócio muito lucrativo, trazendo para os rodeios patrocinadores e grandes investimentos. Ela é a responsável por organizar em Las Vegas a National Finals Rodeo, no mês de dezembro, que envolve as modalidades já citadas acima.

da Associação na época. Na escola, o JC Trujillo era o instrutor de sela americana e bareback e o John Davis era o instrutor de montaria em touro, ele era o melhor que tinha na época. O curso dessa escola tinha duração de três dias e tinha uns trinta alunos, maio ou menos. Antes de começar me levaram em uma loja para comprar todo o equipamento: espora, luva, corda, porque nós aqui no Brasil não tínhamos nada disso. No primeiro dia a gente fez aquecimento, alongamento e o instrutor explicou em um touro mecânico como passar a corda e fazer os movimentos para a gente começar a ver como era. Eu nunca tinha visto um touro mecânico na minha vida e me escolheram como primeiro para montar nesse bicho. O rapaz colocou a corda, amarrou, eu montei e o touro começou a pular, a rodar – e eu nem sabia que aquilo rodava – o touro então me puxou pra frente e quase me derrubou, foi neste momento que eles pararam as máquinas. Eu não conseguia montar naquilo não. Depois do touro mecânico eles começaram a embretar os touros e era a gente que escolhia em qual animal queríamos montar. Tinha cada touro incrível e eram todos de rodeio profissional. Eu escolhi um lá, montei, deu uns dois pulos, rodou e eu parei. No dia seguinte escolhi um outro touro qualquer no olho mesmo, já que eu não conhecia nenhum deles, e parei também. No último dia o JC e o John Davis falaram que iriam escolher o touro que eu ia montar. Eles escolheram o melhor touro da escola. Eu montei nesse, parei, fui o campeão da escola e por causa da vitória me deram uma fivela que eu tenho guardada até hoje. Eles vibraram muito e me elogiaram bastante.

Depois desse curso eu teria que participar de alguns rodeios amadores para conseguir minha carteirinha de profissional e entrar na PRCA, mas como eu era de fora e fui o primeiro estrangeiro a ir para lá eles me mandaram direto para a associação pegar a carteirinha de profissional e eu pude começar a participar dos rodeios profissionais, era tudo novidade. Fiquei seis meses nos Estados Unidos, até cheguei a parar em alguns touros, mas não ga-

nhei nada nesse primeiro ano. Foi então que eu voltei para o Brasil e comecei a incentivar a montaria em touros, mostrei os equipamentos e comecei a ensinar o jeito certo que tinha que fazer”.



Tião Procópio com sua fivela de campeão do curso para peões ao lado de seu instrutor John Davis

Crédito: Arquivo Pessoal Tião Procópio



Tião treinando na Califórnia em 1980

Crédito: Arquivo Pessoal Tião Procópio

Esner Ribeiro conta que foi o primeiro soldadinho, nas palavras dele, do Tião Procópio. “A gente morava em Paulo de Faria, uma cidade que tinha 4 mil habitantes na época. Quando o Tião voltou dos Estados Unidos ele era tipo o Mike Tyson, o Homem Aranha para nós. Ele era tudo e todo mundo queria ser ele”.

Durante a época em que Tião faz sua viagem e retorna para a sua cidade natal, o interior paulista sofre grande influência americana. O estilo de se vestir, a cultura, tudo se une com a tradição interiorana do caipira. A década de 1980 traz mais informações e facilidade para ter contato com novas culturas e estilos. Motivados por esta influência muitos paulistas encontram e moldam sua identidade no peão de rodeio. Por ser uma nação com uma vasta extensão, o país apresenta diversas identidades, no rodeio e com o trato pecuário não poderia ser diferente. O gaúcho sempre teve seu vestuário próprio, com suas tradicionais bombachas e lenços; já o nordestino também possui seu estilo característico, sempre trajando roupas e chapéu de couro. Mas o paulista estava carente, faltava algo, uma característica que o diferenciasse. Foi por conta desta necessidade que a calça jeans da marca Wrangler, especial para peões, começa a fazer parte de muitos guarda-roupas. A calça apresenta uma estrutura flexível e resistente para montaria, o que facilita que os peões montassem em seus cavalos. Depois disso veem os chapéus e as botas de mais de uma cor, assim está vestido não somente o peão paulista, a farda foi adotada também pelos filhos dos fazendeiros, criando um personagem escolhido por todos. “Era obrigação você ter uma bota, uma calça e um chapéu, podia até ir a pé, mas sem isso sua chance era zero”, lembra Esner, “até então ser do interior era brega, era feio ser caipira”.



Klinginho Ribeiro, um dos primeiros peões de touro montando ainda sem equipamentos oficiais

Crédito: Arquivo Clube dos 20

E na virada da década de 1970 para 1980 não é somente o traje do peão que muda drasticamente. A rainha da festa também ganha uma roupa totalmente nova com o estilista oficial dos rodeios Marcelo Ortale. O couro e as tachas invadem a arena.

## Um glamour nato

Rodeio é um mundo caracterizado pela força, onde a brutalidade se encontra implícita a cada contração muscular, a cada flexionar de mãos e no suor que emana de todo o corpo, quer do peão ou do animal. Os olhos, muitas vezes semicerrados, demonstram o poder e a rudeza de peões que precisam vencer uma fera. Como então imaginar que neste mundo uma flor pura e delicada iria brotar e com tamanha beleza peões e públicos iria encantar?

Como ilustrar uma realeza? Não uma rainha comum, que tem seu reino e posses, esta é uma rainha diferente. Cheia de adjetivos é eleita democraticamente, seus dotes são analisados, sua postura ganha voto e o carisma encanta os juízes. Esta é a rainha do rodeio.

Como se esquecer desta imagem? Um caminhar delicado se destaca a cada passada, sutilmente desfila com as graciosas mãos, ora acenando, ora repousando na cintura. O corpo exhibe uma sensualidade capaz de derrubar os mais destemidos peões, fazer dos touros os animais mais dóceis e extasiar o público admirador de sua beleza. Seus trajes são marcantes. Afinal, uma realeza precisa ficar em evidência diante de todos. Os vestidos e casacos dão lugar às franjas de couro que adornam o seu corpo. Esta é a rainha do rodeio! Uma mulher que se sobressai frente à multidão, que com apenas um sorriso conquista a confiança dos peões e faz o público delirar. Sem sons de trombetas e tapete vermelho, a rainha tem na arena o seu reinado e no rodeio sua história.

É uma figura emblemática, dona de um mistério por trás de seu olhar. Segundo o estilista oficial da Festa do Peão de Barretos e criador dos atuais trajes, Marcelo Ortale, “não existe festa do peão de boiadeiro sem rainha, porque é um evento muito glamouroso. A rainha é a figura representativa da mulher como estrela dentro do rodeio, ela oficialmente é a anfitriã do evento, a rainha dos peões”.

A rainha trabalha como a porta voz da festa, ela é responsável por divulgar o evento em outros locais durante todo o seu reinado, que tem duração de um ano. Ela também estabelece a comunicação entre os patrocinadores, assumindo o papel de atrair parceiros para colaborar com a festa. Além disso, é a rainha que, junto com os patrocinadores, entregam os prêmios para os peões. Ela precisa conhecer a história do evento e a importância do rodeio, pois tem que ser apta a sanar as dúvidas do público.

Em Barretos, antes de ser realizado o concurso que elege a rainha, a escolha era feita por venda de votos e ganhava a que arrecadasse mais dinheiro. Mas devido as grandes proporções que o evento alcançou na cidade os organizadores resolveram criar o concurso. Nas festas do peão maiores também são realizados concursos para escolha da rainha, já nas menores se mantém a venda de votos.



Rainha, princesa e madrinha da festa do peão de Paulo de Faria 2011

Crédito: Arquivo Clube dos 20

Feliz por ser o criador dos trajes da rainha e de ter contribuído para o rodeio, Marcelo Ortale, de forma descontraída, apresenta um pouco da sua história, a importância da rainha e ressalta que nem sempre a beleza é garantia de vitória.



Marcelo Ortale com a rainha da festa de Barretos 2012, Kamila Oliveira

Crédito: Arquivo Pessoal Marcelo Ortale

### ***Há quanto tempo você está no mundo do rodeio?***

Eu estou neste universo há 32 anos. Entrei em 1978, mas eu era muito menino estava com 14 ou 13 anos, não lembro direito. Eu fazia os desenhos, porque já tinha esse dom, ele sempre me foi nato, e ia aos clubes da cidade vendê-los, já que cada um patrocinava uma candidata, depois disso cada candidata mandava fazer na costureira. Já em 1981, quando eu estava com 16 anos, o então presidente do Clube Os Independentes resolveu dar uma oportunidade para mim, para fazer os trajes do concurso da rainha. Então, eu comecei a desenhar os trajes de couro com tacha, que são peças de metais que usávamos, pois naquela época não tinha a tecnologia que temos hoje, no começo era tudo muito chucro. As roupas eram todas de couro, um glamour maravilhoso.

### ***O que não pode faltar no traje de uma rainha de rodeio?***

Muita franja e sensualidade, mas sem vulgaridade. Então eu faço uma barriguinha de fora, uma coisa assim, mas com muita franja, com muito couro. E também a rainha não fica direto com o traje, tem o tempo que ele é usado dentro do rodeio. Ela tem que estar linda, é a figura feminina no mundo do rodeio.

### ***Você cria os trajes sozinhos, ou a rainha dá alguma opinião?***

Eu crio sozinho, é uma coisa minha, é nato, porque vem, desce de cima e vem. É muito difícil explicar. A rainha e a princesa dão o lado feminino na festa, dão o glamour.

### ***Qual foi a sua inspiração para a roupa chegar ao que ela é hoje? Como veio a ideia para ter este formato?***

Eu resolvi colocar as calças, que na realidade chamam chaparreira. Antigamente os trajes eram saia ou vestido, tinha as tachas, mas pesava demais. Eu fiz roupas que as meninas nem conseguiam andar direito. É lógico que a gente erra na vida, eu admito. Mas aí vai consertando conforme as reclamações, porque também não é todo mundo que gosta, e os materiais também vão melhorando. Agora, as rainhas lá de fora, dos EUA, parecem mulheres vestidas de homem, aquelas camisas todas bordadas e fechadas, não gosto daquilo. Vou falar que aquilo é bonito? Não. É uma mulher vestida de homem, de peão, só que com batom. Agora aqui já tem um glamour, mostra o corpo e não adianta, as meninas querem barriga de fora, não querem nem saber. É muito bacana.

### ***Quem paga este material?***

Todo o material é pago pelos Independentes, o clube me faz uma locação, eles me pagam o primeiro aluguel. Nos últimos concursos a gente andou padronizando as modelos com trajes iguais, mas durante a festa ela tem 10 trajes para usar, cada um de uma cor. E nos

eventos que ela vai para fazer o lançamento da festa ela pode escolher o que ela quiser. Já para as cidades de fora eu faço os concursos todos coloridos, cada uma de uma cor. Aqui eu já faço para local.

### ***O que é analisado no concurso?***

Beleza, desenvoltura e comunicação. A candidata que melhor se destacar é eleita, não adianta a garota ser apenas linda para ser vencedora. O concurso da rainha teve uma aceitação e uma participação efetiva na dramaturgia porque faz parte do contexto do rodeio. A rainha da festa do peão de boiadeiro hoje é um personagem muito importante.

Todas as rainhas e princesas das festas de peão brasileira têm seus trajes feitos por Marcelo Ortale ou são inspirados nos modelos do estilista. A revolução que Marcelo fez no rodeio foi profunda e mudou as estruturas das rainhas.



Andressa Araujo, rainha da festa do peão de Paulo de Faria de 1994, com o antigo modelo do traje

Crédito: Arquivo Clube dos 20

## Com a palavra vossa majestade

Kamila Oliveira é a quinquagésima quinta mulher a entrar no seleto grupo de rainhas da Festa do Peão de Barretos. Com apenas dezoito anos, a estudante de direito alcançou o posto de majestade no ano de 2012, quando tinha dezessete. Natural de Barretos, sempre foi uma grande admiradora das rainhas da festa, e assim como muitas meninas traçava isto como meta para a sua vida. Kamila sempre esteve por dentro da cultura do rodeio e desde pequena tinha o sonho de fazer parte dele, fator que levou a garota a se inscrever e ganhar o concurso mirim sendo eleita a rainha do peãozinho. Hoje casada, concilia a vida pública, com o matrimônio (Kamila se casou depois de ter sido eleita rainha da festa, já que as candidatas devem ser solteiras) e os estudos. Muito simpática, comunicativa e sempre com um sorriso no rosto, Kamila nos conta um pouco sobre sua experiência.

### *Kamila, o que é preciso para ser uma rainha de rodeio?*

Primeiramente é preciso ter nascido em Barretos ou residir na cidade há pelo menos um ano. Depois tem alguns quesitos, ter idade entre 16 e 25 anos, ser solteira, sem filhos e ter mais de 1,60m. Também é preciso ter beleza, simpatia e conhecer um pouco da história e da cultura do rodeio. Tem que lidar com muitos repórteres, com a televisão, sem contar o público que procura a gente para saber um pouco mais do rodeio.

### *Qual o papel da rainha durante a festa?*

Muitos acham que é só representar a beleza da mulher brasileira em um evento que tem muitos homens, mas não é só isso. A gente divulga a festa do peão o ano todo, esclarecemos algumas dúvidas sobre o que é a festa, a cultura. A rainha é uma persona-

gem do rodeio e como nossa roupa chama atenção, então parte do nosso trabalho também é tirar foto na festa com as pessoas.

### ***Como é interação da rainha com o público?***

Eu acho que é bem clara, a gente chama atenção pela roupa. O que mais desperta, mais emocionante é com as crianças que se encantam muito com a gente. Elas ficam perguntando como é ser rainha. Durante meu reinado o que mais me perguntavam era sobre a festa, o que é, como é. Muitas pessoas não sabiam e eu esclarecia isso para elas.

### ***De que forma surgiu a ideia de você ser rainha?***

Eu comecei no concurso mirim sendo rainha do peãozinho. Tem a mini rainha, de 5 a 8 anos, depois vem à rainha do peãozinho que é a adolescência e depois a rainha do peão. São três etapas e eu já tinha participado da segunda etapa, o que já foi um sonho. Como eu nasci aqui em Barretos a gente vê as outras rainhas, faz parte da cultura da cidade. Ser eleita a rainha da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos era o ápice de um sonho e eu queria ter esse gostinho, saber como era.

### ***Como você se preparou?***

Eu fiz aulas com um coreógrafo focadas no concurso, porque é preciso fazer algumas coreografias como prova classificatória. Também me preparei para falar, pois uma rainha tem que fazer muitos discursos, dar entrevista. Também é preciso estudar cultura geral, a história do rodeio porque são feitas perguntas no concurso e você tem que responder na hora. E tem a parte estética, da beleza: tem que cuidar do cabelo, do corpo, ficar em forma, maquiagem, pele.

### ***Com seu reinado chegando ao fim do que você vai sentir mais saudade?***

O que mais me marcou foi quando eu subi no palco e comecei a falar o que era a festa. Você vê que todo mundo te respeita. Eu falei que era uma brincadeira, que alguns vão pra ver o rodeio e outros vão para show e todos pararam e ficaram me escutando. E também você se sente uma rainha mesmo, é um reinado, todo mundo fica comentando. Acho que vou sentir mais saudade do carinho do público.

### ***E como funciona o concurso de rainha?***

Tem uma coreografia em conjunto que a própria organização prepara, tem a coreografia individual e tem o teste de desembaraço, em que você precisa falar. Antigamente esse teste era ao vivo, mas esse ano foi gravado, então foi um pouco mais fácil. São perguntas que você não espera, mesmo gravado, eles fazem a pergunta na hora. O tema do meu ano foi maus tratos aos animais, já no ano anterior foi o câncer de mama, isso varia muito.

### ***Sobre as roupas, o Marcelo que cria ou você dá algum palpite?***

Ele que cria e a gente decide qual vai usar, mas no concurso a roupa, cabelo e maquiagem eram iguais pra todas, as roupas eram todas azuis. Os trajes da festa já são mais glamourosos, mas a gente pode escolher a cor e dar algum palpite, ele acaba aceitando.

Só é possível ser rainha da festa do peão uma vez, para dar mais oportunidade às outras meninas da cidade, por isso todas querem aproveitar ao máximo esta chance. Assim como nos concursos de beleza, por exemplo, o Miss Universo, a rainha do ano anterior entrega a coroa, a faixa, para a outra.



Kamila durante seu reinado no ano de 2012

Crédito: Arquivo Pessoal Marcelo Ortale

## **A rádio FM e a popularização da cultura do interior**

Grande responsável por modificar as estruturas na comunicação, o rádio também teve contribuição na popularização e massificação da cultura do interior. Foi a partir dele que a música sertaneja e o rodeio se tornam grandes difusores da tradição interiorana no país. “É nos anos de 1980 que começa a popularização das rádios FM. Durante seu governo, o ex-presidente José Sarney distribuiu várias concessões de rádio para aqueles que votaram pelo seu projeto que pretendia aumentar o mandato de presidente de quatro para cinco anos. Todas as concessões eram em FM e por isso ela se popularizou pelo país todo”, afirma Antônio Francisco Magnoni.

Esse novo tipo de frequência serve para difundir e massificar três ritmos musicais: o rock nacional, o sertanejo e o pagode. Nessa transição da AM tradicional para FM, o sertanejo ganha uma nova roupagem, um estilo mais country americano e começa a ecoar por casas, carros e pequenos radinhos de pilha.

No início da década de 1980 dois irmãos paranaenses despontam e conduzem o sertanejo a uma nova direção, eram Chitãozinho e Xororó, que começaram a carreira nos anos de 1970 e permanecem até os dias atuais como grandes ícones deste gênero musical. Antes deles, também na década de 1970 a dupla Milionário e José Rico trouxe uma forma mexicanizada para o sertanejo e o falsete<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo, outra dupla chamada Léo Canhoto e Robertinho introduz a guitarra e o som eletrônico no sertanejo. É dessa mistura que resulta Chitãozinho e Xororó. “Eles são mariachis puros, inclusive na maneira de cantar, com o viola de pé, aquela coisa toda, eles entram com esse novo sertanejo”, resume o professor Magnoni.

Antes disso, a dupla Pedro Bento e Zé da Estrada, nos anos 1960, já trazia essa influência mexicana no sertanejo. “Só que Pedro Bento e Zé da Estrada tinham uma voz ultra grave e, ao mesmo tempo em que cantavam uma música influenciada pelos mariachis, que foi trazido pelo cinema mexicano dos anos 1940 e 1950, eles cantavam moda de viola, moda tradicional, eles faziam as duas coisas”, explica Antônio.

A popularização da FM traz consigo também uma nova cultura do espetáculo, que no sertanejo alia o rodeio e a música. Até a década de 1980 os rodeios valorizam mais o artista regional, da moda de viola do que os grandes nomes do cenário musical nacional. “Mas essa indústria do espetáculo se articula com a cul-

---

2 Significa tom falso, e é caracterizado por um registro vocal, no qual o cantor emite, de forma cantarolada sons mais agudos ou mais graves do que o da sua faixa de frequência acústica em tom natural.

tura do rodeio, que deixa de ser um evento agropecuário para ser mais urbano”, completa o professor.

O rodeio e o sertanejo viram um fenômeno de comunicação midiática. As três duplas emblemáticas dessa nova era do sertanejo são: Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo e Zezé de Camargo e Luciano; as duas últimas surgindo mais na transição da década de 1980 para a de 1990.

Segundo o professor Magnoni, nesse novo cenário musical a produção fonográfica brasileira que era 70% gravada em inglês nos anos 1970, passa a ser predominantemente gravada em português nos anos 1980, cerca de 70% a 80%. Esse fenômeno, dentre os países capitalistas da época, acontece apenas no Brasil e na Índia. O país abre os ouvidos para a cultura sertaneja e ao mesmo tempo conhece o rodeio, é hora de expandir.

## As transformações do peão



Primeiros anos da montaria em touros

Crédito: Arquivo pessoal Esnar

Diferente do peão atual que conta com melhores condições de estrutura para participar do rodeio e uma cultura mais passional, os peões do início da década não proviam disto e muitas vezes eram colocados à margem da sociedade do rodeio. O peão de rodeio era conhecido por sua brutalidade. Os lugares em que ficavam eram denominados Vietnã, devido à hostilidade encontrada ali, os alojamentos eram cercados por telas, pois sempre ocorriam brigas. Os bailes que acompanhavam os rodeios também sofriam com a desorganização, considerados uma verdadeira bagunça. Ser peão era uma característica de marginal, sendo privados até de se hospedarem em hotéis. Os alojamentos que os peões ficavam estavam localizados a uns três quilômetros da cidade, para evitar arruaças e brigas, e contavam com a presença de alguns cozinheiros, que acompanhavam os peões para preparar as refeições. Luis Antônio do Nascimento, peão de cutiano vivenciou muito destes episódios quando o rodeio estava no início e relata que “antigamente as comissões davam alojamento para gente e às vezes os peões chegavam bravos porque tinham sido eliminados ou recebiam notas baixas e quebravam o alojamento todo. Tinham os que bebiam demais e falavam que iam bater nos outros”.

“Para ter ideia de como o pessoal do rodeio era marginalizado, eu lembro que em um rodeio em Santa Albertina, em 1982, o Zé do Prato, um locutor muito famoso na época, estava conversando com uma menina chamada Maçã do Amor. Ele tomava uma cerveja com ela e eu fiquei escutando a conversa deles. Teve uma hora que a menina perguntou ‘O senhor é só locutor de rodeio?’ e ele respondeu ‘Não, eu sou locutor porque eu gosto, mas minha profissão mesmo é advogado’. Eu comecei a rir e ele olhou para mim ‘Olha o doutor Esnar também se formou e monta em boi’. Era tudo mentira. Nesse mesmo dia à noite quando eu fui montar ele falou durante a narração ‘Vai sair o doutor Esnar Ribeiro’, mas só eu e ele sabíamos da brincadeira. Só pelo fato

dele me chamar de doutor aquele dia eu ganhei a senha pra ir ao churrasco da comissão, porque peão não se envolvia com o povo da cidade, a gente não tinha acesso à população. O único que se envolvia era o Tião Procópio porque ele era o importado, foi o primeiro que foi para os Estados Unidos. Ele era uma figura que tinha que estar em todas as festas das comissões e churrascos, ele era um personagem que fazia parte da decoração dos ricos. Aí, eu de doutor entrei nessa, acho que fui doutor por uns quinze anos. Antes, se alguém perguntasse o que um cara fazia e ele arrancasse um tabaco e respondesse ‘Eu monto em touro’, nossa, o povo fechava tudo e saía correndo”, relata Esnar.

Em contrapartida à situação que se encontra nos rodeios brasileiros, no ano de 1982, Tião Procópio retorna para os Estados Unidos. Agora mais experiente, o peão brasileiro alcança um dos seus grandes feitos no rodeio: a classificação para a final regional da PRCA, o Mountain State Circuit, na cidade de Cheyenne, estado do Wyoming, e termina a etapa em terceiro lugar. “Eu considero essa uma grande conquista minha, porque é muito parecida com a final mundial, a estrutura é bem similar. São os melhores da região, participam apenas os quinze melhores classificados”, confessa Tião. Esta foi a primeira conquista brasileira nos Estados Unidos, com o tempo muitas outras viriam e peões brasileiros se tornariam verdadeiros ídolos nas arenas americanas. A final regional é a última vez que Tião monta nos Estados Unidos, pois luxou o braço no evento e sempre que montava este saía do lugar. O peão fica um tempo parado em terras americanas, mas decide voltar para o Brasil. Ele continua a montar em sua terra natal até os anos 1990. Tião é o precursor da trajetória de muitos peões brasileiros, agora está aberto o caminho para as arenas estrangeiras.

## Relatos de um cutiano

Embalados pela música Sessenta dias apaixonada, clássica do sertanejo chegamos a Aparecida do Taboado. Cidade do Mato Grosso do Sul, que abriga grandes nomes do rodeio brasileiro. Nosso personagem é outro que construiu toda a sua história no estilo de montaria cutiano. Nascido no dia 15 de junho de 1968, Luís Antônio do Nascimento tem hoje quarenta e cinco anos, dos quais trinta foram destinados ao rodeio, e continua conquistando títulos em diversas etapas. Natural e residente de Aparecida do Taboado, Luís está no rodeio desde a década de 1970 e feliz com sua história nos conta um pouco sobre o que o evento representa em sua vida e como é ser peão de cutiano.



Luís Antônio encara a égua Dama da Noite

Crédito: Arquivo Luis Antonio

### ***Por que você começou a montar em cavalos?***

Minha família toda trabalhava na fazenda e eu montava em bezerro quando era pequeno. Meu pai também domava muito cavalo e eu tinha contato com tudo isso. Um dia, do nada, apareceu um amigo meu e me convidou pra montar em uns cavalos e eu fui. Eu gostei muito e desde aquele dia eu não parei mais. Eu acho que montar em rodeio está no sangue. Na minha família nós somos três irmãos e eu sou o mais velho, os três foram para o rodeio, mas só eu continuo montando.

### ***Por que você escolheu o estilo cutiano?***

Na época em que eu comecei a montar tinham poucos rodeios em touro e quando tinha a premiação era menor que a de cavalo. Também tinham poucos tropeiros de touro e muitos de cavalo. O rodeio em touro era mais amador, poucas montarias. No início eu cheguei a montar em touro. Em 1989 ou 1990 teve um rodeio na minha cidade, Aparecida do Taboado, que eu ganhei em primeiro em cavalo e em terceiro em touro. Mas eu fui aperfeiçoando no cavalo e tive que ficar no cutiano mesmo. Hoje o rodeio em touro está em um nível maior que o de cavalo, mas não tem como eu, na minha idade, passar pra touro agora.

### ***Dentro da sua modalidade qual a maior dificuldade que você encontrou e encontra até hoje?***

Na minha profissão a maior dificuldade é a diminuição das montarias de cavalo, porque antigamente um rodeio tinha cem, cento e cinquenta peões, hoje o rodeio profissionalizou muito e tem poucas montarias. Com menos rodeios e menos montarias ficou muito difícil. Hoje as festas estão muito na mão de empresários, que veem apenas o lucro e isso diminuiu as montarias, porque fazer um rodeio de cavalo é caro e difícil, por isso muita gente fala que rodeio de cavalo vai acabar porque não tem ca-

valo que pula, mas não é isso. O rodeio de touro está bom hoje porque o boi está na mão de gente rica. Além disso, o boi é fácil de contratar, com o dinheiro que você contrata um cavalo você contrata três bois. Eu acho que se o rodeio de cavalo estivesse nas mãos das comissões das festas como era antigamente ele seria muito melhor.

***De quando você começou a montar até hoje quais foram as principais mudanças no rodeio de cavalo?***

A principal mudança no rodeio de cavalo foi as atitudes dos peões. Antigamente quando os peões chegavam nas cidades o povo até se escondia. O peão era muito mal visto, bebia muito. Hoje tem gente que fala que existe muita droga no rodeio, mas no fundo dos bretes eu nunca vi isso, o peão acaba de montar e vai direto para o hotel. Não tem mais aquela *brigaiada*. Tinha muita gente ruim no rodeio, mas hoje tem muita gente boa na parte de peão, que leva a profissão a sério mesmo. Essa mudança foi muito boa para todos.

***Como foi para você se adaptar a rotina do rodeio, de estar cada dia em uma cidade quando você começou? Como foi encarar essa nova profissão?***

Eu não tenho estudo, meu pai era da fazenda e fora o trabalho na fazenda eu só montei em rodeio. O que eu fazia era muito difícil, mexer com trator, tirar leite, fazer cerca, era muito bruto. Então, para mim foi muito bom sair da fazenda e ir para o rodeio. Antes do rodeio eu não tinha dinheiro nem para comprar uma bicicleta, para nada. Então, eu fui ver outro mundo, um mundo mais gostoso, mais sossegado, eu gosto da adrenalina de montar num cavalo e eu não parei até hoje de montar. Minha meta era montar até os quarenta anos, mas já estou com quarenta e cinco e não larguei. Eu gosto demais e hoje eu não preciso do rodeio para

viver, mas sou apaixonado, se eu puder pegar um cavalo todo dia e montar eu faço. Eu me sinto um artista no que eu faço.

***As montarias em cavalo, para um público leigo, são muito parecidas, é difícil entender o que está acontecendo. O que um peão precisa fazer para conseguir mais nota na montaria?***

Tem gente que fala que parece tudo a mesma coisa, mas isso é porque a maioria do público está acostumado a assistir o rodeio em touro, que o animal roda, só que o cavalo pula pra frente e por isso parece que é sempre igual. Para você conseguir mais nota você tem que montar mais bonito. Tem peão que vai caindo para os lados, fica quase de ponta cabeça, fica aquela peleja<sup>3</sup> em cima do cavalo. Para conseguir nota você tem que ter total domínio do que está fazendo e esporear, você tem que aproveitar ao máximo o tempo em cima para esporear e assim ganhar mais nota.

***Você faz algum treinamento ou exercício físico para se preparar para a montaria durante a semana?***

Não, eu não faço nada. Antigamente eu treinava, montava em cavalo em casa na segunda, terça-feira. Já cheguei a montar em quinze cavalos num dia, às vezes até para experimentar, por exemplo, um cara queria comprar um cavalo, mas não sabia se ele pulava ou não e me pedia para montar e avaliar para ele. Agora preparação física eu não faço, mas eu sei que é errado, eu e qualquer peão deveria fazer. Uma vez eu tive uma distensão na perna porque eu não estava preparado, até achei que teria que parar de montar. Principalmente na minha idade eu tinha que fazer um preparo sim, mas eu não faço porque eu sou meio relaxado.

### ***O que o rodeio representa para você?***

O rodeio foi tudo na minha vida, eu não posso reclamar. Como eu falei, antes do rodeio eu não tinha uma bicicleta pra andar e hoje eu tenho minha propriedade. Eu já trabalhei de empregado e hoje tenho a minha propriedade, eu consegui isso no rodeio. O que eu ganhei montando eu acho que tem muitas pessoas formadas que não vão ganhar. Eu tive uma fase muito boa, de premiações boas porque quando eu comecei os prêmios eram muito bons. Eu sempre vou defender com unhas e dentes o rodeio, o que ele representa pra mim é muito grande, é muito importante.

### ***O cutiano perdeu público e espaço no rodeio por causa da montaria em touros. Você acredita que isso aconteceu por quê?***

O cavalo perdeu espaço porque o contrato do cavalo é caro. O público que vai ao rodeio, se você prestar bem atenção, parece que não curte tanto as montarias que nem nos Estados Unidos, por exemplo. Eu acho que o rodeio tanto de cavalo como o de touro, tinha que ser só rodeio, não poderia ter show junto. Eu até hoje nunca vi passar um rodeio de touro nos Estados Unidos que tenha show. Se você assistir hoje um DVD de um rodeio brasileiro a primeira coisa que mostra é o show que vai ter. Um cartaz de rodeio brasileiro não aparece o que vai ter no rodeio, que cavalo, que boiada, que tropa, que peão, que locutor que vai, eles colocam apenas o show. O público do Brasil hoje está voltado para o show e não para o rodeio. As festas cobram trinta, quarenta, cem reais para entrar e assistir ao show. Eles fazem o rodeio, mas o rodeio é usado para o show e não para o rodeio mesmo.

### ***O que você acredita que precisa ser melhorado no rodeio de cutiano?***

Eu acho que para melhorar as antigas comissões de festas tinham que fazer um rodeio bonito, levar tropas boas para fazer vinte ou trinta montarias. O rodeio tinha que ter hora de começar e de terminar, porque o público chega para assistir o rodeio de cavalo ou touro, mas na hora que começa ele já está cansado de esperar e vai embora, ele não aguenta ficar parado na arquibancada. Antigamente o rodeio era à tarde, eu acho que seria bom voltar a esse horário. Tem muita coisa para melhorar no rodeio como baratear as entradas da festa, hoje você paga trinta, quarenta reais para entrar mais vinte ou trinta no estacionamento e tem que pagar cinco, seis reais em uma cerveja ou uma água. Está tendo muita festa do peão que nem rodeio faz mais.

### ***Para você, qual o melhor rodeio que você montou ou que você gostaria de montar?***

No rodeio, quando você é novo e está ficando bom todo mundo te leva em todas as competições, mas quando você vai ficando velho ninguém liga mais. Não é você que larga do rodeio, o rodeio que larga de você. O cara acha que só porque você está mais velho não tem mais chance e quer te cortar, mesmo você montando bem. Tem três anos que eu não monto mais em Barretos. Eu já montei em Barretos uns anos atrás, já fui sete vezes finalista, uma campeão, dois segundo lugar, uma fiquei em quinto e no resto eu cai na final. Eu queria montar de novo, eu não sei se eu vou continuar a montar no ano que vem, mas é um rodeio que eu gosto. Na minha cidade, Aparecida do Taboado, eu fiz uma das melhores montarias do rodeio inteiro, fui campeão, então eu já realizei esse sonho, mas eu queria realizar meu sonho mais uma vez em Barretos.

***Qual foi um cavalo que marcou sua carreira e você acha que vai deixar saudades?***

O cavalo que eu fiz a montaria mais bruta da minha vida chama-se Panther, um cavalo que não está pulando mais porque está muito velho. Foi com esse cavalo que eu ganhei mais carros, mais prêmios, mais primeiros lugar e as montarias mais bonitas que eu já fiz na minha vida foram nele. É um cavalo que eu aprendi a montar, que eu gosto e para mim ele é o melhor cavalo que tem no Brasil.

***Você acredita que a concorrência entre montaria em cavalo e em touro faz com que os jovens peões prefiram montar mais em touros que cavalos ou não?***

Não, eu não acho que seja isso. Eu acho que a montaria em cavalo é muito difícil. Antigamente os peões de cavalo vinham de fazenda, mas hoje os peões que surgem para montar em touro não sabem nem arriar um cavalo, pelo menos a maioria deles. Eles aprendem a montar em cima de um touro mecânico, o segredo do touro é equilíbrio não é força, um bom equilibrista é um bom peão de touro. Já cavalo é complicado por causa do estribo e se o cavalo der uma carreira perto da cerca e virar e você não estiver acompanhando o ritmo você cai mesmo e a maioria é peitera, se você bate a cabeça em um pau daqueles já era, outro perigo é cair debaixo do cavalo. Um peão de cavalo monta num touro, mas um peão de touro não monta num cavalo. O cavalo é difícil de montar, o cutiano é difícil de montar, por isso que não surge peão de cutiano, são sempre os mesmos.

***Você pensa em parar de montar quando?***

Eu pensava em parar de montar cinco anos atrás, mas continuo até hoje. Eu não tenho esse negócio de pensar quando eu vou parar, de fazer uma despedida. O dia que eu cair de um cavalo e

cair de outro e de outro, eu vou parar, eu não vou ao rodeio mais e pronto, acabou. Então eu não sei até quando vai ser. Mas eu ainda estou bem, ganhei três campeonatos seguidos esses dias. Eu acredito que eu monto igual aos meninos mais novos, ou melhor, eu monto quase como quando eu comecei, com um pouquinho de experiência a mais.

***O que você pretende fazer quando parar de montar? Continuar no mundo do rodeio ou fazer outra coisa da sua vida?***

Isso eu tenho que parar pra pensar. Eu pensei em ficar no meio de rodeio, ser juiz, fazer alguma coisa assim, mas não tem juiz que se dá bem com todo mundo, então, tudo que eu fiz pra trás no rodeio, se eu for juiz, vai ser esquecido. Eu penso em largar mão do mundo do rodeio, seguir minha vida na minha propriedade, mexer com gado, fazer outra coisa. Mesmo gostando muito desse mundo do rodeio eu não quero continuar, porque eu gosto de trabalhar como peão e não em outra função.

De rodeio em rodeio Luiz Antônio caminha por várias cidades, dorme em diferentes hotéis e em cada arena segue em cima do lombo dos cavalos e a cada pulo esporeia, como todos os outros peões que mantém viva a tradição do rodeio texano brasileiro, o cutiano.

## **O início do rodeio em touros no Brasil**

Antes da montaria em touros receber destaque no cenário do rodeio nacional, ela era apenas praticada em circos, não fazendo parte das festas do peão, onde ocorriam apenas a montaria em cavalo. No começo tudo era bem simples e rudimentar, alguns touros de pulo eram levados para diversas cidades e quase sempre

estes pertenciam a Tião Procópio. Os primeiros peões realizam exposições, montam duas vezes cada um. O objetivo é tornar este estilo de montaria mais conhecido, já que não existiam grandes competições. Esses peões, ao realizarem suas montarias nessas exposições, no máximo ganhavam algum cachê, quando não iam de graça. Introduzir e popularizar a nova modalidade no rodeio exige um árduo trabalho dos seus amantes, que, além de enfrentar a resistência das comissões de festa, ainda precisam conquistar o carisma do público. Tião Procópio, Esnar Ribeiro e Vilmar Felipe são alguns dos nomes que participam dessas apresentações, os outros peões geralmente são da família de Tião e Esnar.

Outro fator que chama atenção é a distinção entre os peões de touros e de cavalos, principalmente em relação aos estilos de vestimentas que era marcante já que aqueles que montam em touros usam roupas importadas, influenciados pelos norte-americanos, até então desconhecidas no Brasil. Isto porque grande parte desses novos peões de touros eram filhos de fazendeiros ou de classe média, enquanto que as origens dos que montavam em cavalos eram mais humildes.

O fato de os peões de touro serem considerados mais abastados faz com que do ano de 1980 até 1984 as montarias em bois não tenham prêmios na maioria das festas, enquanto que os peões de cavalo ganham carros nos rodeios maiores. “A gente montava e no cartaz estava escrito: Grande rodeio em cavalo. Prêmio em touros a combinar”, lembra Esnar.

**COLORADO**

**II FESTA DO PEÃO**

Local: Estádio Dr. Francisco Borges de Campos

Dias: 21 e 22 de Fevereiro  
com início às 19:00 horas

Tropa:  
**JORGE DOS SANTOS**

Dia 23 de Fevereiro  
com início às 14:00 horas

**ATRAÇÕES**  
Festa dos Pampas  
SHOWS  
RAINHA  
Bêstias de Bumbum  
DANÇAS  
BARRACAS

**PATROCÍNIO:**

Depósito de Madeira  
**LANGATA**  
Banco, Armazenagem, Fiação, Papel, Serraria e  
Materiais - no endereço acima de antes  
Rua São João nº 100 - 13080-000

**PREMIOS:**  
1.º Lugar Cr\$ 5.000,00  
2.º Lugar Cr\$ 3.000,00  
3.º Lugar Cr\$ 1.500,00  
4.º Lugar Cr\$ 1.000,00  
5.º Lugar Cr\$ 500,00

**BANCO BRASILEIRO DE DESCONTOS S. A.**  
CORRETORES DE BOLSAS E VALORES  
RUA DE COLORADO - PR.

Mesmo com shows, cartaz antigo traz rodeio como principal atração

Crédito: Arquivo Pessoal Fabrício Bergamaschi

Para se ter uma ideia, na Festa do Peão de Barretos de 1980 o ganhador da montaria em touros é Tião Procópio, que já tinha voltado dos Estados Unidos. O prêmio dele naquele ano é uma televisão de 14 polegadas enquanto que o vencedor do rodeio cutiano leva um fusca zero km. As provas de montaria em touro no rodeio em Barretos começam em 1979 ainda sem a corda americana, que é trazida para o Brasil no ano seguinte pelo pró-

prio Tião. O curioso é que em 1979 um peão de cutiano, Paulo Schineider, que ganha a prova de touros. Esse tipo de montaria só volta a ser realizada em Barretos em 1983, quando se torna prova oficial da festa.

O primeiro rodeio de touros do Brasil, com a utilização da cor-da americana, é o de Paulo de Faria no ano de 1980. Esta também é a cidade da primeira geração de peões da modalidade, como Tião Procópio, Esnar Ribeiro, Salustiano Procópio e Vilmar Felipe.

O boi busca ganhar seu espaço, tornar-se estrela do rodeio nacional e a cada passada, a cada ruminada, a cada encarada, a cada pulo conquista mais fãs e também faz alguns inimigos. “A gente sabia que o rodeio em touro ia pegar, mas os ‘caciques de cavalos’ seguravam porque sabiam que o íamos engolir este tipo de modalidade, era questão de tempo. Nos Estados Unidos era assim, mas a gente não tinha acesso. Quando o Tião Procópio voltou da América ele falou ‘Aqui está tudo errado. Eles pagam mais para o touro lá porque tem mais risco do que o cavalo’. Tinha essa rivalidade”, comenta Esnar.

Os caminhos são abertos, como fizeram os peões que traziam as boiadas conquistando e desbravando país adentro, o rodeio em touros atinge estágio de maturidade e não quer mais receber prêmio de consolação. O peão de touro, além de se arriscar e lutar por sua modalidade, quer ganhar dinheiro, ter seus esforços recompensados. “Teve um momento que a gente ganhava cem reais, o rodeio tinha tudo menos peão. Qualquer um queria ir ao rodeio para ganhar cem reais, porque lá você tinha comida, festa e só precisava montar nas costas de um bezerro, não tinha critério nessa época. Teve ano em Barretos com duzentas montarias. Para tentar mudar as coisas a gente fazia cartazes nas festas ‘Queremos ganhar duzentos reais’. Era para matar as comissões, como iriam pagar duzentos reais para duzentos peões? Não tinha como”, relembra Esnar.

Assim como o país sofre com as crises econômicas, inflação alarmante, desavenças políticas, no campo do rodeio não é diferente. As vozes dos peões não podem mais ser sufocadas. Como o berrante que rompe o amanhecer de forma estridente, o rodeio em touros luta pela igualdade e reconhecimento. Em um rodeio realizado na cidade de General Salgado, estado de São Paulo, peões de montaria em touros realizam uma greve exigindo os seus direitos. Durante este ato, que o ex-peão Esnar, ferrenho defensor desta modalidade, é preso. Porém, depois disto, os demais peões realizam um piquete e conseguem a soltura.

O início do rodeio em touros no Brasil é complicado, as estruturas são montadas exclusivamente para os cavalos, as arenas não possuem areia, são de grama e há muita resistência com esse novo estilo de montaria. “Eu não sabia em que ia dar a montaria em touros no país quando eu trouxe o que tinha nos Estados Unidos para cá. Eu queria ver no que daria. A gente sofreu muito no começo porque não tínhamos as estruturas adequadas. Por exemplo, eles puxavam o cavalo, não tinha um corredor que ia do curral até o brete. Era difícil embretar os touros desta maneira. Outro problema era a estrutura desses bretes, que eram estreitos e compridos, por este motivo era muito demorado para se ajeitar no touro. Com o tempo a gente foi importando os modelos americanos e foi ficando mais fácil”, conta Tião.

Outra conquista dos peões de touro foi a nota cantada, mesmo que em poucos eventos. No começo o peão montava e não sabia a nota que tirava e quando saiam os resultados muitas vezes dava briga. Esses conflitos também aconteciam porque os juízes eram escolhidos ao acaso, não existia uma preparação.

“Uma vez em um rodeio em Santa Fé eu e o Cachoeira fomos os maiores ganhadores de prêmio. A gente não tinha caído de nenhum touro. Na hora da final chamaram uns caras que não tinham nada a ver, não tinham montado bem. Aí foi todo mundo

babando pra cima do juiz querendo saber o que tava acontecendo. Quando a gente viu as notas, percebemos que o cara tinha feito tudo errado. Se o peão tivesse montado bem ele dava cinco para o peão e cinco para o touro, por exemplo. Mas se o peão tivesse caído, ele dava dez pontos para o touro e dois para o peão. Era nesse nível o começo do rodeio”, narra Esnar.

O rodeio, como um bezerro que vai se transformando em touro, ia gradativamente ganhando força. A visão da montaria em touros começa a mudar. Novos animais chegam do sul do país e a dificuldade das montarias cresce. Zé do Prato, fenômeno de locução da época, percebe esse crescimento e ajuda a impulsionar esse processo. O prêmio de touro começa a se igualar ao de cavalo em algumas festas e uma nova safra de peões surge.

## O filho da Dona Miquilina Borjano de Souza



Zé do Prato no rodeio Colorado na década de 1980

Crédito: Fabrício Bergamaschi

O grande revolucionário do rodeio, Zé do Prato, em seus mais de 25 anos empunhando um microfone nas arenas brasileiras atrai multidões e se torna um ícone do rodeio nacional que merece destaque.

Natural de Regente Feijó, cidade do interior paulista, José Antônio de Souza nasce em 29 de abril de 1948. Apaixonado pelo Corinthians participa da fanfarrinha da Escola Domiciano Nogueira tocando pratos e, por isso, ganha o apelido Zé do Prato. Nascido em família simples, Zé trabalha como radialista na Rádio Regente em um programa sertanejo e é eleito como vereador mais votado da cidade em 1973.

Zé do Prato não entendia nada de rodeio, como disse Beto Lahr, presidente da Festa do Peão de Americana e amigo do locutor, “o Zé não sabia diferenciar um cavalo de uma égua quando ele começou”. Mesmo assim, Jorge dos Santos, dono da marca de rodeio Estrela, que só conhecia o Zé de ouvir na rádio o convida para ser locutor de sua companhia de rodeio e animar as festas, ele aceita.

No início o som é precário e é preciso sair pelas cidades com um carro e uma corneta para anunciar o rodeio. “Uma vez o Zé me contou que ele teve até que dormir em um lugar que era o velório de numa cidade de Minas”, lembra Beto. Apesar das más condições, Zé do Prato sempre foi conhecido por suas inovações. Na época em que Zé começou, o locutor falava apenas algumas palavras sobre o peão que estava saindo do brete e o nome do animal, mas Zé do Prato compra um gravador em que coloca sua fitinha, quando ele para de falar, coloca o microfone no gravador que toca alguma música ou vinheta. Depois Zé compra quatro cornetas para amplificar e melhorar o som do gravador. Mais tarde chega a primeira empresa de som do rodeio, o Chiquito Som, o que melhora ainda mais a sonoplastia das festas de peão. Ao introduzir música nas locuções de rodeio, Zé do Prato ajuda a

divulgar várias duplas sertanejas de sua época como Chitãozinho e Xororó e Milionário e José Rico.

O Negrão Apaixonado, outro apelido de Zé do Prato, começa a se dar bem nesse ramo e leva as festas do peão para a região de Campinas, fazendo eventos em Tanquinho, Cotia, Rafard, Limeira, Americana. “Ele veio para essa região, porque lá aonde ele começou a carreira o pessoal continuava com aquela festinha pequena, era precário e nós aqui conseguimos dar uma melhorada. Ele falava que se não ganhasse dinheiro aqui, na região onde ele começou, ele se mantinha”, lembra Beto. O locutor checava todos os detalhes de cada festa que participava, desde as barracas de comida até os cantores, para ele tudo tinha que estar perfeito. Zé do Prato chega a fazer dois rodeios na mesma semana em horários diferentes em seus tempos de glória.

A locução do Anjo Negro, como também é conhecido, sofre grande influência de Fiori Gigliotti, locutor e narrador esportivo brasileiro. Zé se inspira nessa narrativa emocional, que conta a história do atleta, a cidade. Zé do Prato também cria bordões que são repetidos por locutores de rodeio até hoje. O mais famoso deles: ‘Segura Peão!’. “Todo locutor fala ‘boa noite, boa noite’ e isso virou moda por muitos anos. Foi o Zé do Prato que inventou isso, teve um rodeio que ele esqueceu o nome do presidente da festa e ficou falando ‘boa noite’ para tentar lembrar”, revelou Esnar Ribeiro.

Mas Zé do Prato não é só bordões. “Ele fazia o povo chorar e rir, ele coordenava o povo. Ele fazia uma abertura que a multidão ficava calada. Duas horas antes de abrir o portão já tinha fila pra ouvir o Zé falar. Ele criava uma coisa que hipnotizava o povo. Ele era muito devoto de nossa senhora, então fazia uma abertura que inflamava. Ele era um locutor completo”, lembra Beto Lahr.

E o Anjo Negro também tem algumas curiosidades. “Zé do Prato só participou do rodeio de Barretos uma vez. Isso porque o

Zé era muito fiel ao Jorge dos Santos, quem o colocou nas narrações de rodeio, e uma vez o Jorge teve algumas desavenças com os organizadores de Barretos e nunca mais voltou e o Zé também não voltou mais. Barretos chegou a mandar um cheque assinado pra ele pedir quanto quisesse e ele não foi”, conta o presidente da festa de Peão de Americana. Outra curiosidade é que o Zé do Prato quase não se alimentava, não comia feijão, mas bebia muito café e fumava demais. Zé também participou da gravação de um Long Play, LP, da dupla Chitãozinho e Xororó fazendo a narração de uma montaria na música Peão de Rodeio. O locutor também tem um museu que conta sua história na Casa de Pedra Estância, na Rodovia Piracicaba Charqueada, no município de Charqueada, São Paulo.

“A única pessoa que levou gente no rodeio foi ele. Ele tinha um carisma fantástico, além de ser responsável. Se Zé do Prato estivesse vivo nossa festa estaria em um nível totalmente diferente” comenta Beto Lahr.

Em 27 de janeiro de 1992 Zé do Prato falece por infecção generalizada em São Paulo, após ficar um mês internado. O grande ícone da locução de rodeio no Brasil se cala no dia do orador.

## **Festa do Peão de Americana**

É também na década de 1980, mais precisamente em 1987, que surge a Festa do Peão de Americana, hoje considerada a segunda maior do país, depois da festa de Barretos. Seu fundador e presidente, Beto Lahr, nos conta como foi essa formação da festa, como ela se apresenta até hoje e a importância de Zé do Prato nesse processo.



11º festa do peão de Americana, ainda realizada na FIDAM

Crédito: Arquivo Clube dos Cavaleiros

### ***Como o senhor teve contato com o rodeio?***

Eu sempre fui apaixonado por cavalo e por isso desde adolescente eu ia a Barretos, ia de ônibus, de perua, carro, variava. Mas nunca me passou pela cabeça fazer uma festa do peão. Eu também, desde pequeno, ia a romarias e uma vez eu conheci um pessoal que me convidou, no ano de 1981, para ir a uma festa do peão em Tanquinho, um distrito de Piracicaba. Esse rodeio ainda era bem amador, mas já era feito pela marca Estrela e o Zé do Prato era o locutor.

Quando eu cheguei à festa um amigo meu já conhecia o Zé e nos apresentou. A gente ficou amigo imediatamente. O Zé do Prato então fez uma narração muito bonita, falando sobre pessoas que tinham morrido, teve queima de fogos também. Eu fiquei motivado com aquela narração, fiquei apaixonado e decidi que queria fazer uma festa do peão na minha cidade. Fui acompanhando o Zé nos rodeios da região e a marca Estrela, e conversava com ele sobre a minha ideia para o rodeio de Americana. Eu tinha

que fazer uma coisa muito diferente, porque já tinha um pessoal que fazia um rodeio em um campo de futebol da cidade, mas eu queria pensar numa coisa grande.

Só que no ano de 1984 fizeram uma dessas festas no campo de futebol e uma moça começou a falar que queria montar no touro, a organização da festa deixou e o touro a matou. Isto deixou uma atmosfera ruim na cidade. Minha intenção era fazer a festa em 1985, mas por causa desse acidente ficou complicado. Tentei a fazer a festa em 1986 e também não deu certo. E todo esse tempo eu continuava seguindo o Zé do Prato e falei para ele que em 1987 essa festa saía, marquei uma data e comecei a correr atrás. Eu falei com um amigo meu, o José Luiz Meneghel, que era sobrinho do prefeito da época, para fazer parte da organização da festa comigo. No começo ele não queria e eu não conseguia chegar ao prefeito para ter a autorização para fazer a festa. Até que eu consegui convencer o José a falar com o tio. O prefeito não queria uma festa de rodeio de jeito nenhum por causa do acidente de 1984. Então eu levei o Zé para falar com ele e expliquei minhas ideias para fazer a festa e nós conseguimos o aval. Hoje o José Luiz Meneghel é vice-presidente da festa.

### ***Como a festa ganhou as proporções atuais?***

Nós finalmente conseguimos fazer a primeira festa em 1987. O Zé, que tinha falado em ficar com metade do lucro, desistiu e a gente conseguiu concretizar a festa. Fizemos o rodeio bem no centro da cidade, na FIDAM – Feira Industrial de Americana – e conseguimos colocar já 45 mil pessoas. Nós conseguimos levar na FIDAM todas as classes sociais e viramos uma referência. Nós também tivemos sorte porque pegamos a explosão do sertanejo nessa época, a música Fio de Cabelo do Chitãozinho & Xororó estava no auge.

No ano de 1988 nós não conseguimos trazer o Chitãozinho & Xororó porque o cachê era muito alto, mas conseguimos trazer o Tião Carreiro, Sérgio Reis e Roberta Miranda. Em 1989 já conseguimos trazer o Chitãozinho e Xororó no domingo à tarde. Aí em 1990 foi Leandro e Leonardo e sempre investimos para nossa festa ter um diferencial e com isso o público aumentava. Em 1991 fizemos a melhor festa da era do Zé do Prato.

Mas em 27 de janeiro de 1992 nós perdemos o Zé, que era uma base muito importante para a festa, além de um grande profissional, e isso foi um baque, a gente fazia festa por causa dele. Mas nós já havíamos feito cinco festas e ganhamos muita notoriedade, nós não podíamos parar. Então começamos a diversificar o gênero musical. Em 1992 trouxemos a Fafá de Belém, 1993 a explosão era a Daniela Mercury. Nesse ano teve um bafafá na cidade que o Chico Xavier tinha previsto que a arquibancada ia cair e ficou uma parte do público do lado de fora para ver se ia cair mesmo. No outro ano veio Jorge Ben Jor, em 1995 a Xuxa, em 1996 tivemos Xuxa e Roberto Carlos e aí foi. Além do show nós sempre buscamos trazer o que tinha de melhor no rodeio.

Uma grande mudança foi em 1998. O prefeito disse que não podíamos continuar a fazer a festa na FIDAM. Como Americana é uma cidade pequena em território a gente teve que fazer a festa em Nova Odessa, no fundo de um shopping, por dois anos, em 1998 e 1999. Já em 2000 nós já tínhamos o local onde a festa é realizada hoje que compramos em parceria com a antiga Antártica, hoje AmBev, em troca de patrocínio.

***O senhor acredita que a festa do peão hoje continua mostrando a cultura do interior paulista ou virou mais uma balada, um grande evento?***

Durante a festa a gente sempre traz vários tipos de gêneros musicais para agradar todos os públicos que frequentam a festa,

até porque em uma festa de dez dias não tem como ficar restrito somente em um gênero. Tem um dia que a gente faz a cultura caipira para o público que gosta e tem o dia da moçada. Eles têm o espaço deles e tem o espaço da cultura tradicional, do pessoal que gosta mesmo, que tem mais idade geralmente e busca manter a tradição da raiz, porque essa é a essência da festa.

### ***E quem é esse público do rodeio?***

Hoje está complicado porque é mais moçada. A família está escolhendo mais o camarote e vem um dia. O frequentador mudou nesses 27 anos de festa. No começo nosso público tinha entre trinta e cinco e quarenta e cinco anos. Hoje já baixou para dezoito, vinte anos. Acredito que hoje os jovens são cerca de 60% do nosso público.

### ***Qual o senhor acha que é o segredo da festa de Americana?***

Trabalho, ter fidelidade, sempre tratar bem todo mundo, humildade, foi assim que a gente conseguiu tudo até hoje. Nós tivemos sorte também, começamos na hora certa e no lugar certo. A FIDAM era o cartão postal da nossa festa, um local de fácil acesso e o momento, a festa começou na explosão do sertanejo, que estava migrando para a rádio FM e a música Fio de Cabelo já fazia muito sucesso. Tinha grandes duplas como Milionário e José Rico, Zezé de Camargo e Luciano, João Paulo e Daniel, veio Rio Negro e Solimões, Bruno e Marrone, Edson e Hudson, César Menotti e Fabiano, Victor e Léo, João Bosco e Vinícius, Jorge e Mateus, Luan Santana, Gustavo Lima, mas nesses últimos anos quem está trazendo mais público é o Jorge e Mateus. É o artista que lá trás foi o Chitãozinho & Xororó, depois o Zezé di Camargo e Luciano e hoje é Jorge e Mateus. A gente sempre trouxe tudo que o povo pediu tanto no rodeio quanto no show, buscamos sempre um lugar melhor, então o sucesso vem assim.

***Como vocês lidam com esse preconceito que tem com o rodeio, principalmente na questão com os animais?***

Eu sou protetor dos animais, como eu disse participo de uma romaria há 41 anos e eu nunca matei um cavalo, nunca machuquei, eu treino, trato e as pessoas devem fazer isso. Um touro de rodeio hoje é um atleta e um ganha pão do tropeiro, mas não um ganha pão do sacrifício. Ele é bem tratado, tem exame, ração balanceada, transporte adequado, sombra. Um touro hoje vale cem mil, cento e cinquenta mil, tem touro que o dono que não vende. O boi Bandido, que ficou muito famoso, era um touro de mais de milhão e morreu de uma doença que não tinha nada a ver, foi uma despigmentação por causa da raça que acabou gerando um câncer. Nós temos cavalos e touros de rodeio que estão aposentados e estão nas fazendas apenas tirando sêmen. Um touro de rodeio hoje é bem cuidado. E também tem que pensar, um touro se não vai para rodeio vai pro frigorífico. Um animal de rodeio trabalha oito segundos, cinco segundos. Além do que o nosso rodeio tem um sítio para abrigar os animais e dar qualidade de vida para eles, eles têm sombra, cocho e água. Se você vai lá de manhã, depois do rodeio, os animais estão todos deitados, comendo, os tratadores ficam o tempo todo com eles. São poucos os animais que trabalham oito segundos quatro vezes no mês, estes animais são atletas, pulam uma vez em cada festa. Se fosse vinte e cinco ou vinte e seis anos atrás eu acho que eles parariam o rodeio porque naquela época os donos não eram empresários como hoje, eram fazendeiros e tratavam os animais com mais brutalidade. Hoje, como os donos são empresários, eles sabem que maltratar os animais não dá lucro. Um animal às vezes está no auge pulando e de repente ele para e não dá mais nada, é a índole dele pular, ele não é obrigado.

***O senhor acha que o rodeio nacional é melhor do que o internacional em quesito de qualidade e organização?***

É legal um rodeio internacional, mas hoje a qualidade dos nossos competidores é internacional. Pode até vir um competidor de outro país para cá, mas dificilmente ele ganharia dos brasileiros. Hoje o Brasil está muito bem e o que era uma festa desprezada pela sociedade, de peão, hoje virou um mega evento. Americana hoje é a segunda maior festa de peão do país, respeitando muito Barretos, que é a mãe de todas.

Hoje o rodeio brasileiro, devido ao campeonato da Profissional Bull Rider (PBR<sup>4</sup>), inovou muito. É um rodeio muito técnico. Antigamente você ia ao rodeio e escutava aquele blábláblá e não entendia muito. A PBR passou uma leitura para as pessoas que vão assistir o rodeio. O rodeio PBR veio para dar uma qualidade maior, para destacar um ídolo. Então o público torce, escolhe um, presta atenção e isso é muito legal, inovou o rodeio. A PBR com a técnica dela, o brilho e estrutura, a plástica, eles estão de parabéns, a gente teve muito a ganhar com esse estilo de rodeio.

***O que o senhor acha que o rodeio brasileiro ainda precisa melhorar?***

O que nós precisaríamos era ter uma união, ter um órgão competente. Isso poderia facilitar para a gente contratar um show, por exemplo, ou mais facilidade para patrocínio. Você chega em uma dupla que está no auge e ela pede um preço em cada festa. A gente poderia se unir e tentar, mas isso é muito di-

---

4 A PBR, Professional Bull Riders, foi criada no ano de 1992, e diferente da PRCA organiza um campeonato apenas com peões de touros. A entidade está presente em cinco países: Estados Unidos, local onde foi fundada; Brasil; México, Austrália e Canadá.

Os melhores peões ranqueados pela PBR, dentre este cinco países conseguem classificação para disputar a final da temporada em Las Vegas.

fácil porque o país é muito grande. Já existiu a Confederação, tem a CNAR (Confederação Nacional do Rodeio), mas não adianta. Mas nós, Americana, somos unidos com Barretos, sempre nos demos bem, trocamos informações. Eles têm a grandiosidade deles e sempre entendemos isso, mas a gente tem a nossa também e somos felizes por isso, por ter conseguido, pela própria festa. Esse ano de 2013 nós passamos por dificuldades por causa do momento econômico do país, mas já tivemos isso lá trás e com certeza vamos ter no futuro.

### ***E como o senhor vê o futuro do rodeio nacional?***

Eu acho que se nós continuarmos com a PBR, os americanos estão bem interessados aqui no Brasil, marcas estrangeiras também estão a fim de investir, acho que deve crescer, deve permanecer e a hora que o país der uma deslanchada na economia, como já deu, nós vamos ter grandes festas. Também temos que pedir para que surjam mais cantores, que o público goste e que vá mais pelo rodeio. Eu acho que ainda é o evento que vai ficar por muitos anos no Brasil. O pessoal da minha geração logo vai pendurar as chuteiras, mas espero que os mais novos que vem aí sigam o nosso caminho.

Surgido como um passatempo por peões de comitivas e desafios entre animais e peões de fazenda o rodeio se transforma em um megaevento. O que antes acontecia sob as velhas lonas de circo agora agita as arenas sob o luar levando multidões todos os dias. Muito diferente da primeira festa, Americana ainda guarda a tradição dos primeiros pulos junto com toda a tecnologia dos grandes shows.



Edevaldo Ferreira conquista o título de campeão nacional pela PBR em 2012 na arena de Americana

Crédito: André Silva

## Um por todos e todos por um?

‘Um por todos e todos por um’, esta é a célebre frase pronunciada pelos três mosqueteiros, de Alexandre Dumas<sup>5</sup> sempre

---

5 A obra *Os três mosqueteiros* é um clássico da literatura criada pelo francês Alexandre Dumas. O romance foi publicado em formato folhetinesco no periódico *Le Siécle*, e neste mesmo ano foi editado como livro. A obra narra romanceia fatos importantes dos reinados de Luiz

que se uniam para lutar por um bem comum, em defesa dos seus ideais. União que as festas do peão ainda lutam para conquistar.

O rodeio traz a princípio em sua criação a segregação promovida pelas disputas entre e dentro de cada modalidade. Nem na montaria em cavalos e nem na de touro há uma união entre peões, festas ou donos de animais, cada evento é independente. A disputa entre os defensores e praticantes da montaria em cavalos e dos peões de touros, gerada por um conflito de interesses, também dificulta que elas se uniam para conseguir melhores condições para seus envolvidos.

É em Novo Horizonte, que a lenda viva do rodeio Zi Biazi funda a primeira entidade de rodeio do país, a Associação Brasileira de Rodeio, ABR. Nasce neste momento a esperança de proporcionar aos peões melhores qualidades de vida, de estrutura e de trabalho, possibilitando uma profissionalização da montaria. “Nós fizemos uma reunião com 120 cidades e formamos a Associação Brasileira de Rodeio e me colocaram como presidente. Tínhamos uma estrutura organizacional e diretores que cuidavam cada um do seu setor”, aponta Zi.

Esta associação é fundada em 1980, com a presença de 168 peões e mais de 40 tropas. A princípio, a ABR surge com uma grande força, fundamentada no trabalho de organizar o rodeio. Desta forma, a entidade consegue junto ao Jockey Clube de São Paulo a filiação dos peões de rodeio como cavaleiros, o que lhes proporciona o direito ao Instituto Nacional de Previdência Social, INPS, hoje chamado de INSS, e carteira profissional para os peões. A Associação ainda pagou a primeira mensalidade do INPS para todos os peões e hoje há alguns peões já aposentados, mas vários deles não deram continuidade. A As-

---

XIII e Luis XIV e o período de Regência que se instaurou entre os dois governos. Na história D'Artagnan e os mosqueteiros inseparáveis Athos, Porthos e Aramis enfrentam aventuras a serviço do rei.

sociação, porém, não consegue seguir os caminhos traçados e capenga durante os anos.

Surge então o sindicato dos peões, que recebe grande apoio da ABR, mas a nova estrutura não conseguiu vingar e tudo volta a estaca zero. Outra entidade procurou organizar as estruturas do rodeio, a Associação Paulista de Rodeio em Touros, APRT, que visa melhorar este estilo de montaria, criando etapas de campeonatos e incentivando a modalidade, porém a unificação não caminha.

No Brasil, surgem várias entidades no decorrer dos anos, uma delas é a Federação Nacional de Rodeio Completo, FNRC, fundada em 1996 e abriga um total de oito modalidades: Laço de Bezerro, Laço em Dupla, Bulldogging, Três Tambores, Montaria de Cavalo estilo Cutiano, Bareback, Sela Americana e Montaria em Touro. Seu objetivo é implantar o rodeio completo no país.

Já em 1999 nasce a Confederação Brasileira de Rodeio, CBR. Diferente da FNRC, a entidade visa em primeiro lugar o peão. Para se filiar era preciso apresentar um currículo e ser avaliado por juízes do rodeio. A Confederação planejava conceder ao peão o direito a plano de saúde.

No fim do milênio dez proprietários de touros, motivados por melhorar a organização e a participação dos animais nos rodeios, fundam a Associação dos Proprietários de Touros de Rodeio, Prótouro. A ideia surge por causa de problemas da Associação Protetora dos Animais com algumas comissões de festas que às vezes desprezavam estruturas de alojamento e curral, assim como a questão da alimentação. A entidade propunha uma maior participação dos proprietários no rodeio, organizar um campeonato e estabelecer ranking para melhores touros. A Prótouro foi extinta, porém conforme afirma Flávio Junqueira, presidente da PBR Brasil, “estamos tentando trazer a ideia da

Pró-touro para dentro da PBR pela American Bucking Bull Inc, ABBI, que é a empresa que cuida especificamente dos touros, principalmente da genética, nós estamos começando a registrar os touros, fazer DNA, linhagem, estamos fazendo todo esse trabalho aqui dentro de novo”.

Ano a ano entidades surgem e outras desaparecem. Em 2001 a Confederação Nacional do Rodeio, a CNAR entra no cenário, ela representa o rodeio nacional junto ao Ministério do Esporte e ao Governo Federal. A entidade, vigente nos dias atuais, abriga diversas federações regionais e buscar incentivar e organizar a prática do rodeio. Também conta com campeonatos estaduais e nacionais de todas as modalidades.

No ano de 2006, a fim de organizar o Circuito Barretos de Rodeio, a Liga Nacional de Rodeio, LNR, foi criada. A Liga procura estabelecer um novo modelo de atuação no mercado, um modelo mais profissional nos rodeios. Além disso, “objetiva elevar novos competidores e promover oportunidades para o surgimento de novos talentos do rodeio em touros. Estes competidores montam durante o ano todo e disputam a final no rodeio de Barretos”, aponta Marcos Abud Wonrath diretor de rodeio de Barretos e presidente da entidade. A LNR atua em quase todos os estados brasileiros, realizando campeonatos e convidando peões para se associarem.

Movidos pela ânsia de melhorar o rodeio e incentivar o esporte, as entidades estruturam campeonatos, incentivam o aparecimento de novos competidores e buscam promover a popularização da cultura e da tradição.

## Próxima parada: Ibirapuera



Ibirapuera se transforma para final nacional de montaria em touros em 1988

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro

A cidade é São Paulo, a maior da América Latina, construída pela coragem dos bandeirantes e dona de uma beleza única. Reduto das mais variadas culturas nacionais e internacionais, lugar onde as tradições se mesclam, povos convivem. MetrÓpole brasileira, pilar central da economia nacional e palco de grandes manifestações. Suas edificações assustam os forasteiros que não conhecem a região, prédios se aglomeram e a multidão aos seus pés caminha freneticamente, como se o tempo acelerasse a todo o instante. Mas o que esta cidade de milhões de habitantes tem haver com o rodeio em touros e a cultura interiorana? Uma simples resposta explica: Tudo!

O ano é 1988, o país sofre com os colapsos econômicos e com uma estrutura política frágil após o término do Regime Militar. Os olhos e ouvidos estão voltados para Brasília, a nova constituição já esta pulando nas arenas da política. Mas em São Paulo, outro evento faz as estruturas se abalarem e os melhores peões do país pularem. O local: Ginásio do Ibirapuera. O evento: final nacional do rodeio em touros.

Os quilométricos congestionamentos abrem caminhos, os grandes arranha-céus sentem os tremores de cada pegada, os imponentes touros seguem seu caminho na capital para fazer de São Paulo uma cidade do rodeio. A cultura do interior anda sobre as calçadas, a poeira que estava nas botas agora se deposita no asfalto quente. As calças jeans e as fivelas grandes e brilhantes se misturam na multidão, que apressadamente caminha olhando para os peões que acabaram de chegar.

O Ginásio é preparado, os grãos de areia se sobrepõem um a um para formar a arena, é a primeira vez que o Ibirapuera se transforma para receber um rodeio, palco acostumado a receber grandes shows e ícones do esporte, agora abre as suas portas para receber os melhores peões de touros do Brasil. Em um total de

trinta peões, todos estão na disputa de cinco milhões de cruzados em prêmios.

A iniciativa de organizar este evento na capital paulista surge da Associação Paulista de Rodeios em Touros, com vinte e cinco companhias em todo o estado e também conta com a união da Associação Brasileira de Rodeios para estruturar o evento. A APRT organiza o primeiro campeonato estadual, desta forma grandes festas como Barretos e Novo Horizonte foram apenas etapas de um torneio mais abrangente. Ao final do ano, duzentas e oitenta competições fazem parte do calendário, destas trinta peões de touro e vinte de cavalo se classificaram para a grande final com base em critérios avaliados por dez juízes, durante as competições. A final do cutiano é realizada em Novo Horizonte e de touros no Ginásio.

Conforme relatado em uma matéria do jornal o Estado de S. Paulo, publicada no dia dois de novembro de 1988, intitulada 'Ibirapuera prepara a festa do Interior' os peões de touro recebem a pontuação de acordo com os valores dos prêmios, por exemplo, a cada mil cruzados o peão recebia um ponto. Os organizadores acreditavam que esse seria um critério justo, pois os melhores peões sempre lutam pelos melhores prêmios, acirrando assim as disputas.

Já a montaria em cavalos, mesmo sendo a mais tradicional do rodeio brasileiro, não contou com uma organização muito detalhada. Para participar da, representantes de vinte e cinco empresas se reuniram e escolheram os vinte melhores peões da modalidade.

A classificação do touro era a mais complicada no evento e se dividia em três modalidades: duro na queda, que era considerado o animal mais violento e difícil de ser montado; o super prêmio, o touro que mais acumulou histórias durante todo o campeonato, esse animal possibilitava uma montaria com mais estilo, favore-

cendo uma apresentação mais elegante; e o serviço, que foi o touro que obteve maior número de prêmios no campeonato.

Fundador e presidente da Associação Paulista de Rodeio, Esnar Ribeiro, acredita que o evento foi um ‘divisor de águas’ na história da modalidade e também ressalta que os peões de touros estavam cansados de não terem espaço no rodeio e viverem à margem do cutiano. “A gente fez um rodeio dentro do Ibirapuera, coisa que ninguém mais conseguiu. Um rodeio feito por peões. Chamamos o Brasil todo para dentro do ginásio e realizamos o maior evento de touros. Até hoje ele é moderno, no ano de 1988, quando fizemos já era à frente do seu tempo. Pra você compreender o tamanho do evento não tinha DJ, e sim banda ao vivo tocando, então quando o locutor estava falando ao invés de aumentar o som era a banda que tocava. Teve passeata na Augusta, saímos em todos os jornais, São Paulo estava sendo invadida pelos cowboys. Estávamos quebrando esse negócio do caipira”, complementa Ribeiro.

Vilmar Felipe, peão de touros lembra como foi montar no Ibirapuera e comenta que “para mim era tudo novidade, era outro mundo. Eu estava acostumado com cidade pequena, andava pra lá e pra cá, agora lá dentro de São Paulo era tudo diferente. O que não ajudou é que choveu muito aqueles dias, eu lembro disso certinho. O público também tinha bastante gente. Eu cheguei lá e achava que estava nos Estados Unidos, era bonito demais. Aquilo ajudou muito o rodeio”.

Ao final dos dois dias do evento os touros saltam das arenas e pulam nas páginas dos jornais, a mídia estampa a modalidade para todos, espectadores curiosos conferem o que era aquilo que agitava o ginásio e viam a cultura do interior rompendo as construções de pedra e se apresentando a uma população acostumada a receber novas tradições.

A final do rodeio nacional consagra campeões nacionais os peões Amarildo Francisco, da cidade de Mirassol, na modalidade cutiano e Vitor de Souza, da cidade de Mendonça, na modalidade em touros. Neste mesmo ano, Vitor também havia se sagrado campeão do Rodeio em Barretos, escrevendo seu nome no rodeio brasileiro. Além dos prêmios em dinheiro, os dois peões foram aos Estados Unidos conhecer o estilo do rodeio daquele país.

Porém, em meio aos trinta peões que lá estavam, um em especial atrai a atenção, jovem com apenas dezoito anos, conquista sua chance para montar, devido a desistência de um competidor que se lesiona. Diferente dos demais peões, apresenta uma estrutura física mais forte, fator que poderia dificultar sua montaria. Esta é a sua oportunidade. O referido peão, que começa a ganhar as arenas é Adriano Moraes, hoje, já aposentado, é ícone mundial do rodeio.



Peões vencedores das finais brasileiras em montaria se divertem no hotel em Las Vegas, Estados Unidos

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro

## “Causo e Caso”

Durante a realização do rodeio na cidade de São Paulo os primos Esnar Ribeiro e Tião Procópio protagonizam grandes e cômicas histórias envolvendo seus cavalos, estilo de vida e acima de tudo sua cultura. Uma dessas histórias é narrada por Esnar:

“Nesse rodeio aconteceu um negócio muito legal. O primeiro McDonald’s de São Paulo foi construído na Avenida Paulista e o segundo foi na Avenida Brasil. No dia que estava inaugurando o segundo estabelecimento da franquia, eu e o Tião Procópio estávamos correndo da polícia a cavalo. Nós estávamos descendo a Avenida Augusta, porque íamos fazer uma passeata na Paulista. Durante este trajeto, ‘batemos de cara’ com uma passeata dos funcionários públicos. A gente estava com cavalos, burros, um monte de coisa e o coronel que estava organizando a passeata dos funcionários públicos me pediu de joelhos para tirar os peões da lá. Eu então falei para todo mundo sair de lá, mas tava todo mundo meio perdido, não sabia aonde a gente tava direito. Cada um foi por um lado tentando chegar ao Ibirapuera. Eu e o Tião descemos a Rua Augusta de cavalo, a gente tava tirando onda. Quando a gente virou na Avenida Brasil e um cara parou a gente e disse: ‘A gente está gravando um comercial para o McDonald’s para apresentar o drive thru, vocês não querem participar fazendo como se fosse pegar o lanche de cavalo?’. A gente topou, mas o cara não avisou a menina que estava fazendo o papel de atendente no guichê que a gente ia participar. Aí não sei se foi a gordura que chamou à atenção dos cavalos, quando ela virou deu bem de cara com os cavalos e se assustou muito. E durante tudo isso a gente estava correndo da polícia”.

## Barretos com o passar do tempo

Os anos 1980 trouxeram muitas novidades para a terra coração do rodeio em touros no Brasil. Logo em 1980 o Clube Os Independentes de Barretos completa seu Jubileu de Prata, com vinte e cinco anos de existência. Nesse mesmo ano são comprados quarenta alqueires de terras, que serão usados para a construção do futuro Parque do Peão.

Três anos mais tarde, em 1983, a montaria em touros é oficializada no calendário da festa, como já foi dito. No ano seguinte Oscar Niemeyer, grande arquiteto brasileiro, é convidado pelos Independentes para projetar o novo parque do peão. O arquiteto fica tão contente com a ideia de perpetuar a imagem do sertanejo da região que dispensa seus honorários.

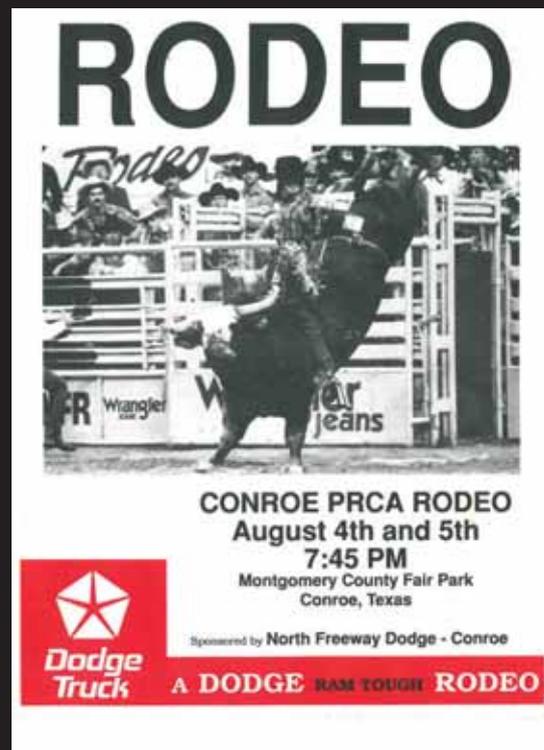
Já no ano seguinte o Clube recebe o projeto matriz e a festa que completa o 30º aniversário dos Independentes é realizada no local em que seria o novo Parque. O primeiro peão a ganhar o rodeio em touros no novo recinto é Vilmar Felipe, e o campeão da montaria em cavalo é José Luiz de Lima, de Jaboticabal. As obras do Parque do Peão só são entregues em 1989 e a nova arena projetada por Niemeyer ganha formato de ferradura.

Em 1987, quando o presidente dos Independentes era Marcos Abud Wohnrath é criada a Festa do Peãozinho como nova atração da festa. A ideia é atrair as crianças para um espaço com arena, arquibancada, rodeios mirins e juniores, provas infantis em carneiro e disputas de palhaços.



Vinte e quatro anos depois de finalizada, obra de Niemeyer continua atual e mostrando sua grandiosidade

Crédito: Leandro Nascimento



Folheto do primeiro rodeio anual de caridade da PRCA em Conroe, Texas 1989

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



Abertura da 11ª Festa do Peão de Americana

Crédito: Arquivo Clube dos Cavaleiros



Em 1982, o rodeio de Caieiras ainda não estava adaptado ao touro e a arena era de grama. Na foto, Esnar Ribeiro monta no touro Veludinho

Crédito: Arquivo Clube dos 20



Primeiro encontro nacional de peões de touros

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



• capítulo 3 •

## Novos Bretes

---

Os últimos dez anos do milênio começam. Os países respiram pós Guerra Fria, a Alemanha, agora unificada, luta para resolver as discrepâncias entre os extintos lados ocidental e oriental. No Brasil, a década inicia repleta de problemas políticos, econômicos e estruturais, porém agora temos um presidente eleito depois de quase trinta anos.

Para começar os anos 1990, brasileiros, somos obrigados a retroceder um ano, até as eleições presidenciais. Com o processo de redemocratização, o Brasil abre passagem para o surgimento de novos partidos e formações de coligações. Para a primeira eleição direta depois do Regime Militar o país conta com vinte e dois candidatos para o cargo de presidente, todos querem as rédeas da nação.

Após vinte e nove anos a população reencontra as urnas. A vigência do pluripartidarismo cria várias correntes políticas, cada uma com diferentes promessas para solucionar os problemas que o país enfrenta. Eleitores ficam perdidos diante das propostas e do caos que o Brasil está em diversos setores. Abrem-se os bretes para a corrida presidencial.

Os setores de direita e de esquerda se agitam nos bastidores, é preciso encontrar o candidato mais forte. A direita sofre para escolher seu representante, as frustrantes tentativas de sanar os problemas econômicos durante o governo Sarney enfraquece

este lado e cria uma dúvida para os eleitores: eles são capazes de colocar o país nos trilhos de novo? Em contrapartida o setor de esquerda conta com duas figuras influentes no campo político capazes de acirrar a disputa: Luís Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola. Lula é o representante do PT e constrói sua política embasada nos trabalhadores e lideranças sindicais do país. O outro, Brizola, era do PDT, e tem sua vida pública e ideias influenciadas pela política trabalhista do Governo Vargas.

Sem nenhum grande concorrente capaz de reverter a situação desfavorável que a direita enfrenta, os partidos desta frente começam a apoiar Fernando Collor de Melo, jovem político alagoano que ascende meteoricamente na política de seu estado. O candidato agora é a principal aposta da direita com o apoio financeiro dos grandes empresários brasileiros devido às promessas de modernizar a economia por meio de uma política mais liberal e incentivos para promover a abertura da participação estrangeira.

O grande dia chega, 15 de outubro de 1989. A população brasileira corre às urnas, candidatos não faltam, propostas são infinitas, a democracia está de volta. Porém, a escolha do presidente tem que esperar mais um pouco, a decisão vai para o segundo turno, Collor contra Lula, tudo está em aberto.

Marcado para o dia 15 de novembro, centésimo aniversário da Proclamação da República, o segundo turno agita o campo político e os candidatos correm para arrebanhar o maior número de eleitores.

Vencedor no primeiro turno, Collor segue seus planos e conta com a inabilidade de Lula diante às câmeras para se fortalecer. No dia 15, dá a lógica, Fernando Collor é eleito o Presidente do Brasil.

Começa, em outro dia 15, agora do mês de março, o mandato do novo governante. O início de sua gestão é marcado por uma crise econômica mundial, o que provoca um grande aumento no

número de desempregos e da pobreza. O Brasil perde em qualidade de vida e vê o aumento da criminalidade. Focado em sanar estas condições adversas, Collor anuncia um pacote de medidas que visa à modernização administrativa e a revitalização da economia por meio do Plano Collor I, que tem como princípios o retorno do Cruzeiro como moeda; o congelamento de preços e salários; bloqueio de contas correntes e poupanças no prazo de dezoito meses e a demissão de funcionários públicos.

Além de procurar soluções para a inflação, o plano também busca cortar gastos desnecessários do governo. Como os outras estratégias apresentadas por gestões anteriores, esta também não obteve êxito causando uma grande recessão e uma maior insatisfação popular. Fora isto, o governo bloqueia em moeda nacional cerca de oitenta bilhões de dólares, demite funcionários públicos e reduz os impostos de importação de vários produtos com a meta de derrubar os preços nacionais. Outra medida é o início da privatização de empresas estatais, a crise econômica parece não mais ter controle.

Como um peão que peleja para continuar no lombo do touro, Collor tenta contornar a crítica situação que o povo e o país se encontram. No mundo, chega ao fim a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a URSS, o maior bloco socialista sai do cenário político em 31 de dezembro de 1991. E no esporte o Brasil se rende a genialidade e coragem de Ayrton Senna, o piloto brasileiro neste mesmo ano se torna tricampeão mundial de Fórmula 1.

As medidas e atitudes do presidente Collor apenas resultam no descontentamento popular. Além de não conseguir concretizar suas promessas, Collor se envolve em um grande escândalo político, com graves denúncias de corrupção que inclui o alto escalão do governo e familiares do presidente. Paulo César Farias, ex-tesoureiro da campanha, é acusado de lavagem e desvio

de dinheiro, além de tráfico de influência. O esquema passaria a ser conhecido como Esquema PC, onde o confisco das poupanças, a medida provisória 168, que posteriormente foi convertida na Lei 8024 e que seriam devolvidas após a viabilização de investimentos, vai para o patrimônio pessoal de PC Farias. O irmão do então presidente, Pedro Collor, em uma entrevista à revista *Veja*, revela as manobras e os esquemas das fraudes e corrupção que envolvem o presidente. Depois disso, a população revolta-se contra o governo, insatisfeita com a crise política, social e econômica.

No dia 11 de agosto de 1992, milhares de estudantes, organizados pela União Nacional dos Estudantes, UNE, saem às ruas para protestar contra Collor. Devido ao fato de muitos deles estarem com os rostos pintados de preto ou com as cores da bandeira nacional o movimento ganha o nome de Caras Pintadas. É a hora do caçador de marajás, como era conhecido Fernando Collor, ser caçado, é a hora do impeachment.

Os caras pintadas são compostos, em sua maioria, por jovens e adolescentes, com o objetivo de exigir o impeachment do presidente do Brasil. Baseadas nas denúncias de corrupção e nas medidas econômicas adotadas, saem para protestarem e lutarem por mudanças no país.

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito, CPI, é instalada com o intuito de analisar e investigar a participação de Collor no esquema liderado por PC Farias. As suspeitas são comprovadas, Collor teve suas despesas pagas com dinheiro de PC Farias e seu tráfico de influências. No dia 29 de setembro o impeachment é iniciado no Senado, o presidente é impugnado e retirado do gabinete, porém, antes de sofrer o impeachment, ele renuncia ao cargo. Itamar Franco, seu vice, assume. O primeiro presidente pós-regime fica apenas dois anos no poder. E agora Brasil?

Ao assumir o governo Itamar encontra o país em um dos seus piores momentos da história. A recessão parece não ter fim, a inflação alcança índices estratosféricos e o desemprego atinge grande parte da população, que não acredita em melhorias. A fim de consertar a situação caótica que a política brasileira presencia, Itamar tenta promover uma gestão transparente para evitar turbulências e conflitos. Em 21 de abril de 1993 em um plebiscito popular, previsto na constituição, define a forma e o sistema de governo do país, vence a República e o Presidencialismo. Neste mesmo ano, na cidade de Barretos, acontece o primeiro rodeio internacional, a cultura do interior se internacionaliza e ganha destaque, o Brasil mostra o seu valor no rodeio.

Economicamente o governo brasileiro apresenta o Plano Real, criado por Fernando Henrique Cardoso, FHC, que visa estabelecer uma unidade real de valor para todos os produtos. A nova moeda é pareada com o dólar, ou seja, um real equivale a um dólar. Desta forma, nasce a moeda que de maneira eficiente proporciona o poder de compra dos brasileiros e, acima de tudo, controla a inflação.

Em 1994, deixando para segundo plano a economia e a política, o esporte proporciona grandes surpresas para o Brasil, muitas delas felizes, mas uma fez milhares de fãs cair aos prantos. No dia primeiro de maio Ayrton Senna para de acelerar para sempre. No circuito de Ímola, na Itália, o brasileiro sofre um acidente e vem a falecer, o Brasil perde um dos maiores ídolos do esporte. Mas neste mesmo ano a nação volta a comemorar. Nos Estados Unidos, contra a seleção da Itália, o Brasil se torna tetracampeão mundial de futebol, depois de vinte e quatro anos o mundo está nas mãos dos brasileiros, graças a Roberto Baggio, que manda a bola longe no último pênalti italiano. Neste mesmo dia, um brasileiro não pode ver o jogo, ele está montando em touros, é Adriano Moraes, que conquista o rodeio de Calgary, no Canadá, um dos mais tra-

dicionais eventos no esporte. Ainda neste mesmo ano Adriano sagra-se campeão mundial de rodeio, seu nome já está na história da montaria em touros nacional e internacional.

No dia três de outubro também de 1994, apoiado por Itamar e pelo sucesso do Plano Real, o Brasil conhece seu novo Presidente, Fernando Henrique Cardoso, que derrota no primeiro turno Luís Inácio Lula da Silva, impulsionado pelo sucesso do Plano Real, desenvolvido durante a gestão de Itamar, quando Fernando Henrique era o Ministro da Economia, e pela aceitação do povo frente às medidas adotadas. Uma de suas preocupações é manter o controle da inflação e para conseguir isto ele eleva as taxas de juros da economia.

Dotado de uma política neoliberal, FHC parte com a iniciativa de privatizar as empresas estatais a fim de captar maiores recursos para a nação. Dentre as privatizações tem-se a Companhia Vale do Rio Doce e o Sistema Telebrás. Por adotar esta postura encontra várias críticas de setores da sociedade e dos seus opositores, em especial do Partido dos Trabalhadores.

Outra medida tomada é o incentivo de captar investimentos do exterior. O país quer os dólares para voltar a crescer, envolto a isto o Brasil abre as portas para indústrias de automóvel e a economia começa a se estabilizar.

Mesmo sofrendo com críticas e pressões de diversos partidos, a política brasileira encontra um pouco de paz depois de anos a míngua. A economia parece, enfim, se equilibrar sobre o touro da inflação. Além disso, é implantado o Programa de Reestruturação do Sistema Financeiro Brasileiro, PROER, que concentra seus esforços e transforma os bancos brasileiros em instituições altamente fiscalizadas.

No governo FHC também surgem denúncias, em especial por causa das privatizações. Alega-se que determinadas empresas internacionais são favorecidas na compra das empresas

estatais. Mesmo assim, em 1997 é aprovada pelo Congresso uma Emenda Constitucional que permite a reeleição para cargos executivos. Com isto, FHC, se torna elegível para um próximo mandato.

No esporte o Brasil tem tudo para vencer a França, jogando bem está em mais uma final, porém os donos da casa acabam com a esperança do penta com um sonoro três a zero. O Brasil perde e volta para casa com o sabor amargo do vice.

Novamente enfrentando Lula, FHC é reeleito e tem mais quatro anos pela frente. O que esperar agora?

O novo mandato de FHC começa em meio à crise. Os resultados conseguidos nos anos anteriores não surtem mais efeito, o país se vê mergulhado em uma nova recessão econômica e as medidas para conter a inflação desestimulam o consumo interno, o que eleva a taxa de desemprego. Pesadelos de outros anos já assustam a população.

No ano de 1999 o mundo atravessa uma crise e isto reflete diretamente em terras tupiniquins, bilhões de dólares se esvaem. A nova moeda precisa ser desvalorizada, e, para complicar, empréstimos junto ao Fundo Monetário Internacional, FMI, são solicitados, uma nova política de controle de gastos públicos é instaurada e os juros aumentam.

Em meio a esta nova crise que se abate o segundo milênio se acaba e, diferente de como alguns pensavam, o mundo não tinha acabado, a Terra continua no mesmo lugar, apenas um pouco mais velha.

Ao contrário do país que sofre para se equilibrar, a montaria em touros já é mais popular que a de cavalos e os nossos peões alçam voos mais altos, o destino agora é a terra do Tio Sam, e o mundo.

## Um novo horizonte

Vamos para o oeste, montar e conquistar, mais ou menos assim a montaria em touros encara esta década. Instigados pelo espírito desbravador e o desejo de ser melhores recompensados, peões brasileiros trocam as arenas e touros verde e amarelo pelo sonho de montar no berço da modalidade e modificarem suas vidas. O intercâmbio entre competidores brasileiros e americanos se intensifica, já que os americanos também querem conhecer um novo estilo de rodeio e encarar novas formas de montarias. Por outro lado, os brasileiros amantes do rodeio tem curiosidade em saber e conhecer aqueles que influenciaram tanto o esporte e o modo de vida do interior paulista.

Os anos que chegam com o fim do milênio e o começo de um novo século também trazem mudanças na estrutura do rodeio e beneficiam em muito o estilo de montaria em touros. Estes peões que reivindicavam por igualdade e lutavam por seus direitos dentro e fora das arenas conquistam uma grande vitória, a equiparação dos prêmios. Antigo tema de discussão, os prêmios só eram iguais para as duas modalidades em algumas cidades. A montaria em touros dá um grande salto dentro do rodeio nacional e avança frente à montaria de cavalos, os touros agora são os destaques.

Outro grande feito alcançado pelo rodeio e que modifica as regras que vigentes é a obrigatoriedade de cantar as notas em todos os eventos, o que começa na década de 1980 se concretiza dez anos mais tarde, com isso muitas brigas e manipulações de resultados são evitados. O critério de pontuação também se modifica, agora é instaurado o sistema de pontos corridos, antigamente a pontuação que os peões obtinham durante o rodeio era zerada no dia da final e para ser campeão só valia a pontuação da última montaria do evento. Com esta nova regra, para o

peão conquistar o título é preciso ser o líder de pontos durante o evento. A montaria agora também passa a ser pontuada somente quando o peão permanece os oito segundos no lombo do animal. Antes, mesmo se o competidor caísse antes do tempo estipulado, ele recebia nota.

Em 30 de julho de 1989 um acidente trágico acontece em uma arena dos Estados Unidos. Na cidade de Cheyenne um peão chamado Lane Frost monta no touro Taking Care Business, consegue noventa e um pontos e cai na arena. O touro então vira para o peão e o acerta com o chifre nas costelas, que perfuram o pulmão e coração. Este acidente promove a criação de um colete para proteger os peões e assim, poder evitar acidentes como o de Lane. Foi uma grande mudança no quesito segurança.

Essa novidade também chega ao Brasil, embora não fosse obrigatória nos primeiros anos e poucos peões usassem. A popularização do rodeio nacional também incentiva o país a começar a produzir os seus primeiros equipamentos como corda americana, bota, colete, chapéu e esporas. Esnar Ribeiro comenta que hoje os equipamentos brasileiros são disputados pelos peões estrangeiros, “a moeda virou de lado”, completa.

Assim como o rodeio ganha novas transformações, a última década do segundo milênio traz mais acesso a informação para os brasileiros. Os dólares entram, novas empresas se instalam no território nacional e as imagens dos rodeios americanos invadem o universo dos peões e amantes da modalidade. Com a facilidade para obter estas imagens, começa então uma cópia mais fiel do rodeio aos moldes dos Estados Unidos no que se diz respeito à estrutura, equipamentos e montaria, por exemplo. Os VHSs e os DVDs com imagens dos grandes ídolos do esporte ficam mais acessíveis. As arenas ficam pequenas para demonstrarem o que o rodeio está se tornando e foi desta crescente importância que a televisão passa a exibir conteúdos, tanto nacionais quanto inter-

nacionais, as montarias estão na telinha. Nos anos 1990 o rodeio chega à televisão e com isso um número ilimitado de brasileiros passa a ter um contato mais diário com a modalidade. Logo em 1992 é inaugurada a TV RODEIO, criação de Ney Macedo. Esta é a primeira produtora do Brasil que cobre uma final de rodeio nos Estados Unidos, em Las Vegas. Surgem também programas relacionados ao tema como 'O chão é o limite' em 1993, na Rede Record, 'Vida de Rodeio' veiculado na Rede Vida de Televisão, em 1995, a Rede Mulher também lança programas relacionados ao rodeio como 'Jeitão' e 'Estouro da Boiada'. Em 1996 a TV Rodeio é responsável pela CMT Brasil, um canal a cabo sobre o mundo country filial da americana Country Music Television que existiu entre 1995 e 1999 e era transmitido pela TV a cabo, TVA. Um programa que também foi apresentado na TV a cabo foi o Bad Bull, no Sportv.

Movido pelo avanço do rodeio e a mística figura do peão surge a primeira novela que aborda o tema, 'A história de Ana Raio e Zé Trovão', exibida pela Manchete em 1990. Outra novela sucesso nessa década, em 1996, é 'Rei do Gado', transmitida pela Rede Globo e que traz um modo de vida do campo para as telinhas. Em meio a isto, centenas de meninos veem uma possibilidade de mudar de vida, o rodeio cativa e faz brotar a esperança de alcançar novos horizontes, eles ficam hipnotizados na frente das televisões diante do que eles poderiam fazer e ter no rodeio. Estes meninos são os peões brasileiros de hoje, que quebram recordes e mais recordes onde quer que montem, são eles hoje as estrelas dos novos DVDs. Com menos destaque na televisão hoje, o rodeio é mais encontrado em canais especializados com o meio rural.

A imagem do peão se transforma, há uma metamorfose promovida pelo crescimento do rodeio e sua importância. Seu

estilo de vida é visualizado nos centros urbanos, agora ser caipira é legal.



Tricampeão Adriano Moraes atrai os holofotes para o Brasil em arenas americanas

Crédito: André Silva

## Uma vida no rodeio

Em 11 de maio de 1965 nasce na cidade de Votuporanga, interior de São Paulo, um dos grandes nomes nacional da montaria em touros, Vilmar Felipe. Filho de um funcionário de uma fazenda em Paulo de Faria, desde criança Vilmar ajudava o pai na doma e lida com o gado. Quando era pequeno sua família trabalhava na fazenda de Tião Procópio e lá Vilmar via os primeiros peões de touro montando, o próprio Tião, o irmão dele Salustiano e o primo Esnar Ribeiro, por exemplo.

Vilmar gostava e admirava o que via e por isso começa a montar escondido junto com o amigo Marco Antônio Boiadeiro, os dois repetem os movimentos que espiam os outros peões fazerem em cima dos touros. Vilmar muda de fazenda e, apesar de trabalhar durante o dia todo, o patrão o incentiva a montar nos bezerros à noite. Nessa época o garoto começa a conhecer outros touros, se ouvisse falar de algum bezerro pulador em uma fazenda próxima, lá ia Vilmar, tanto que aos dezoito anos o garoto já sabia montar em touros. Ele passa a treinar novamente com os touros de Tião Procópio, mas agora são os animais profissionais, que já participam dos rodeios.

Vilmar Felipe é um dos mais bem sucedidos peões de touro brasileiro, ganhando incontáveis prêmios e sendo conhecido como o peão com uma das montarias mais perfeitas. Aposentado das montarias desde 2000, Vilmar hoje é juiz de rodeio pelo campeonato Top Team Cup e fala um pouco do que viveu neste universo.



Vilmar Felipe, considerado o peão com uma das montarias mais perfeitas do país

Crédito: Arquivo Clube dos 20

### ***Quando você começou a montar?***

O primeiro rodeio que eu consegui fazer inscrição foi em Guapiaçu, em 1983. Na cidade estava a nossa turma: o Tião (Procópio), que também estava com os bois (além de peão, Tião também era tropeiro), o Esnar (Ribeiro), o Carlos Manuel de Paulo de Faria, o Salustiano (Procópio), o Aílton Filho. Logo na primeira competição que eu fui não caí de nenhum touro e nem bota para montar eu tinha, eu era de família muito pobre de fazenda e montava de botina mesmo, o restante eu pegava emprestado porque eu não tinha. O Esnar montava na época e ele me incentivava, o Carlos também. O Esnar tinha uma cabeça mais aberta, ele era o mais novo da turma que já montava, mas para mim, que estava começando, ele já era veterano, ele já tinha montado em vários

touros de rodeio e eu não tinha montado em nenhum. Tudo o que eu precisava eu ia falar com ele. Daquele rodeio em diante eu não parei mais. Fui para Novo Horizonte, Borborema, Catanduva.

O meu quarto rodeio foi no Primeiro Encontro Nacional de Peões de Touros em 1983, organizado pelo Esnar e o Quim Arnaldo. Tinham setenta peões de touro no evento, todos os que montavam no Brasil participaram. Eu não caí de nenhum touro no rodeio e fui campeão no meio de todos eles, muitos custaram a aceitar que eu tinha vencido, porque naquela época os peões de touro eram fazendeiros, ricos e eu era o cara pobre, eles achavam que somente eles deveriam vencer. Não tinha juiz, não tinham as regras corretas que têm hoje, não tinha nada, era muito difícil montar naquela época.

### ***Como era a estrutura do rodeio na sua época?***

Dos rodeios daquela época, Barretos era um pouco melhor. As cidades aqui próximas de Paulo de Faria, Orindiúva, por exemplo, tinham uma boa estrutura, com bretes, camarote e arena, com tudo certinho. Já em outras cidades era tudo montado para a festa e depois desmontado, era um trabalho imenso. Naquela época, o rodeio tinha touros e cavalos juntos, porque predominava a montaria de cavalos e nós fomos entrando com o estilo em touros. Eu comecei em 1983 e em 1985 a premiação de touro e de cavalo já era igual na nossa região, o que foi bom para nós. Na minha época se o cara era bom poderia ganhar um carro no rodeio, senão, tinha o prêmio consolação para pagar pelo menos o que o peão gastava com a viagem, com duas ou três montarias ele já conseguia o dinheiro para voltar e quitar as despesas. Às vezes tinha até hotel que o sindicato conseguia para aqueles que montavam todos os dias. Hoje se o cara não é bom mesmo ele não ganha nada. As premiações são baixas e mesmo quando o peão ganha o campeonato não é sempre que ele recebe o prêmio na hora.

### ***Quais as principais mudanças que você vivenciou no seu período?***

No começo os prêmios eram pequenos e depois de muita briga nós conseguimos a paridade com o rodeio de cavalo. Em 1987, na cidade de Palestina foi dado o primeiro prêmio de carro para rodeio de touros e eu que ganhei. Outra coisa que a gente lutou muito para conseguir foram os pontos corridos, eu fui um dos que mais brigou porque era sempre prejudicado. Antes toda a pontuação que você fazia durante o rodeio até a final era descartada e para o prêmio só valia a nota do último touro, eu chegava à frente na pontuação em quase todos os rodeios, mas na final zeravam os pontos, isso me matava de raiva. De tanto brigar, conversar com os outros peões, na década de 1990 a gente conseguiu os pontos corridos. Então tiveram duas grandes mudanças: premiação de touro igual a de cavalo, antes davam carros para cavalo e não para touro, e os pontos corridos.

### ***Como era a arbitragem na sua época de montaria?***

Na minha época tinha muita irregularidade, peão montava de forma irregular, os juízes não sabiam julgar certo, não tinham as regras que têm hoje, não tinha juiz de brete para ajudar. O pessoal que monta hoje conhece mais as regras, o público também já conhece. Se um juiz julgar e errar descaradamente hoje, como acontecia na minha época, o povo ia mesmo.

Ainda que quando eu montava muita coisa da arbitragem melhorou com o Esnar, que foi um dos pioneiros. Quando voltou dos Estados Unidos ele começou a julgar os rodeios quando não estava montando, porque ele conhecia bem as regras, ele tinha ficado sete anos no rodeio americano e muitos começaram a aprender com ele. Em 1992 eu tive uma lesão muito grave e fiquei julgando o rodeio por um tempo enquanto estava parado, eu já sabia as regras bem nessa época. Aí que a arbitragem foi encaixando, o pri-

meiro curso que eu fiz foi com um americano que veio em Jaguariúna no final da década de noventa. Principalmente depois desse curso, que a gente teve mais acesso às regras e como avaliá-las, começamos a passar isso para todo mundo. No começo tinha juiz que não ficava de dentro da arena, mas em cima de um palanque, não pode existir isso. O juiz tem que estar dentro da arena para poder ver todos os ângulos da montaria e também é preciso ter mais de um porque muitos quesitos são avaliados em uma montaria. Um tempo depois começou a ter fiscal de brete, para o juiz não ter que sair da arena e ir apressar o peão que demorava para sair, hoje tem muitas regras que ajudam o rodeio ser mais rápido. Outra coisa que brigamos muito na minha época foi para que o peão só ganhasse nota se ficasse os oito segundos.

### ***Por que você resolveu ir montar nos Estados Unidos?***

Porque foi lá que nasceu a modalidade de rodeio em touros. Fui em 1989 e os Estados Unidos já tinham cem anos de rodeio em touro. Eu queria ir montar, conhecer, naquela época tinha o Lane Frost, que era um peão muito bom e falavam que eu montava parecido com ele. Queria ir conhecer estes caras porque eu não via aqui no Brasil, não tinha ninguém que montava do jeito que eu montava aqui, até hoje não tem e nos Estados Unidos tinha. Eu queria ver os touros, tudo que eu usava era americano, corda, luva, chapéu, calça, eu tinha curiosidade.

O Esnar foi antes do que eu para os Estados Unidos, quando ele foi eu já tinha sido campeão em Barretos duas vezes. Enquanto estava lá ele conseguiu um documento na PRCA me convidando para montar. Eu tirei o visto e fui ficar um tempo com ele montando, mas para mim era difícil ficar longe do Brasil por causa da minha família, eu também tinha acabado de casar de novo e minha filha era novinha. Junto com isso o rodeio brasileiro evoluía e nos Estados Unidos estava um pouco difícil e eu acabei voltando.

Eu montei em vários touros lá e o pessoal que me via queria que eu ficasse porque acreditavam que no ano seguinte, 1990, eu teria muita chance de me classificar para a final da PRCA em Las Vegas, mas eu vim embora.

No Brasil, em 1990, eu estava muito bem, ganhei 23 primeiros lugar, 18 segundo, participei de todas as finais. Eu estava ganhando bastante dinheiro no Brasil, não queria voltar para os Estados Unidos.

### ***O que você fazia para a sua montaria ser tão diferenciada?***

Eu sempre prezava mais a técnica, se eu fizesse muita força em cima do touro eu ia me dar mal, não dá para competir força com um animal desse porte, até porque eu era muito franzino. Eu tinha que encontrar um atalho, então eu montei na minha casa um tambor com quatro paus e ficava treinando ali, pedia pra um colega puxar de um lado, outro do outro, ia empurrando com a mão, dava joelhada e foi assim que eu peguei muita técnica. Eu repetia os pulos dos touros no tambor e a mesma postura que eu fazia no tambor eu repetia no touro e dava certo. Assim eu adquiri experiência. Eu também montava várias vezes nos rodeios e fora deles para treinar mesmo. Também muito tranquilo para montar, mas muitos peões que ficam suando, com medo. Minha experiência era de montar na técnica, por isso que era diferente de todo mundo.

### ***Você conquistou duas vezes o maior rodeio brasileiro, Barretos. O que isso representa para você e para sua carreira?***

Para mim foi muito importante, na minha época falar que tinha ganhado o rodeio de Barretos era a mesma coisa que falar que tinha ganhado o campeonato brasileiro hoje. Eu ia para Barretos treinado mesmo, se tivesse que montar em dois, três touros seguidos eu não ligava. E outra coisa, na época que eu ganhei, 1985, 1987, falar de rodeio na rede Globo era muito difícil, mas

eles passavam o de Barretos e quem ganhava aparecia na televisão. Quando eu fui campeão todo mundo comentava que tinha me visto na Globo, eu estava no céu.

***Você chegou a se classificar para a final mundial em Las Vegas, mas se machucou pouco tempo antes. Como isso marcou a sua carreira?***

Eu deixei de marcar no meu currículo, foi uma final mundial com premiação. Eu fiquei muito triste de não ter participado, foi uma final difícil, com muitos touros bons e eu estava treinado. Queria ter ido mais para os Estados Unidos, se eu tivesse patrocínio eu tinha voltado no ano seguinte. Tanto que esse episódio foi em 1997 e no ano seguinte, quando eu já estava no Brasil, eu fui campeão em Jaguariúna e em vários outros rodeios aqui. Se eu tivesse voltado pra lá, tinha me dado bem ainda.

***Quando você percebeu que era hora de parar de montar?***

Foi quando eu comecei a cair dos touros. Eu sabia o que eu tinha que fazer em cima do animal, mas a cabeça não estava mandando no corpo. E eu também tava cansado de ver juiz, tropeiro, organizador de festa, muita gente fazendo coisa errada, a maioria dos rodeios era desorganizada, não tinha regra, era corda irregular, espora errada. Eu fui desanimando e sentindo muita dor em uma perna que eu machuquei em 1992. Estava cansado de viajar também, não tinha mais aquela gana de montar em touro. Tinha que ter essas regras desde o começo, mas a gente não tinha noção. E o brasileiro quer de todo jeito achar uma maneira de levar vantagem.

***Você sofreu algum preconceito por ser peão?***

Eu sofri sim. Comecei a namorar uma menina e os parentes dela eram muito ricos, os pais dela não, mas a mãe achava que era

rica. A gente namorava escondido, porque a mãe dela não aceitava que a filha, que era estudada, namorasse com um peão. A mãe da menina dizia que a filha não podia sair com alguém que não tinha aonde cair morto. Mas não foi só ela, muitas pessoas falavam para eu esquecer do rodeio, que não daria em nada. Graças a Deus eu dei a volta por cima, ganhei muitos carros, prêmios e hoje tenho minha chácara, minha casa na cidade.

***Como você se sente quando é considerado um dos maiores peões brasileiros?***

Eu me sinto realizado porque desde que eu comecei a montar em touro foquei em ser bem preparado. Na minha cidade eu não tinha uma estrutura para eu treinar, mas eu fui criado na fazenda montando, trabalhando, então já tinha um certo preparo físico. Além disso, eu gostava muito de correr, de nadar, o que eu fiz foi juntar tudo isso que eu gostava, e ainda gosto de fazer, correr, jogar bola, e colocar em prática, assim eu consegui me manter mais tempo na profissão.

Nos rodeios, quando eu caía de um touro, eu prestava muita atenção no salto que o animal tinha dado. Eu ia para casa e montava em dois, três bois pra ver ser o problema era comigo, com a minha prática ou com os equipamentos. Eu também via vídeos e estudava muito rodeio, era apaixonado e quanto mais eu montava, mais eu gostava. Para mim, não tinha boi difícil, quanto mais um touro derrubava todo mundo, mais eu queria montar nele, eu gostava de desafios. Queria sempre ir aos melhores rodeios e conquistar os melhores prêmios, eu colocava na cabeça que eu ia ganhar. Foi assim que eu consegui ser reconhecido, porque ganhei Jaguariúna três vezes, Barretos duas vezes, Americana duas vezes, Cajamar duas vezes, Fernandópolis três vezes, São José do Rio Preto três vezes, Colorado três vezes, Paulo de Faria, minha cidade, três vezes e muitos outros rodeios.

### ***O que você acredita que influenciou o surgimento de muitos peões na década de 1990?***

Montar em touro é uma modalidade muito difícil e muito radical. Antes de 1990 o rodeio de cavalo e de touro era realizado junto, depois que ele foi separado, porque era muita montaria de touro e pouca de cavalo. O rodeio de touro tinha muita gente, porque o povo era apaixonado, ninguém nunca tinha visto aquilo, o touro sai pulando, vai pra um lado, vai pro outro, joga anca pra cima, roda, derruba o peão, passa por cima, sai correndo pra cima do salva vidas, do porteiro e o povo gosta dessa adrenalina. O rodeio de touro também era bem organizado, com animais bem escolhidos, igualados, e quando saia dez paradas o povo ficava doidinho, era uma delícia, tinha muita nota alta. O rodeio de touro sempre tem ocorrência, tem um resultado ou o peão cai ou ele fica, nunca fica no zero a zero. Eu acredito que tudo isso fez com que essa montaria ficasse famosa e isso que atraiu os novos peões.

### ***E por que você acredita que tantos peões foram montar nos Estados Unidos?***

Eu acho que não vamos chegar ao nível dos americanos nunca. Igual o futebol, há quantos anos o Brasil é conhecido como o país do futebol? Agora que estão fazendo estádios adequados. A diferença é que os jogadores de futebol ganham bem e os peões brasileiros não ganham tão bem quanto os americanos. Essa defasagem de prêmios e de condições de trabalho, mesmo para os competidores, faz a diferença e impulsiona-os a saírem.

### ***Para você, é mais fácil ser peão hoje ou na época em que você começou?***

Hoje é mais fácil, tem arena nas fazendas, eu mesmo tenho uma arena aqui em casa, dou curso, ensino a técnica, as regras, os atalhos para eles conseguirem montar, ensino como se comportar

dentro do brete, oriento como se manter mais tempo no esporte, um atleta não pode beber, nem fumar, por exemplo. Pode fazer, mas não vai durar muito. Na minha época não tinha nada disso, não tinha alguém que me ajudasse ou me falasse em que eu estava errando. Não tinha uma mente aberta para explicar, para ensinar como tem hoje, para dar cursos. Hoje é melhor por isso, também têm mais touros, mais arenas, mais lugares para treinar, por isso que é mais fácil.

### ***É mais difícil julgar ou ser peão?***

Eu acho que julgar não é muito difícil, mas tem que ter muita convicção, você tem que julgar exatamente o que você viu naquele momento. Montar é mais difícil, mas se eu pudesse escolher hoje, se eu tivesse condições de fazer os dois eu preferiria montar. Eu estou no rodeio julgando porque eu gosto de rodeio, mas o que eu sou apaixonado mesmo é montar.

### ***Você dá curso de montaria. Isso ajuda a formar mais peões ou essa é uma habilidade que já vem no sangue?***

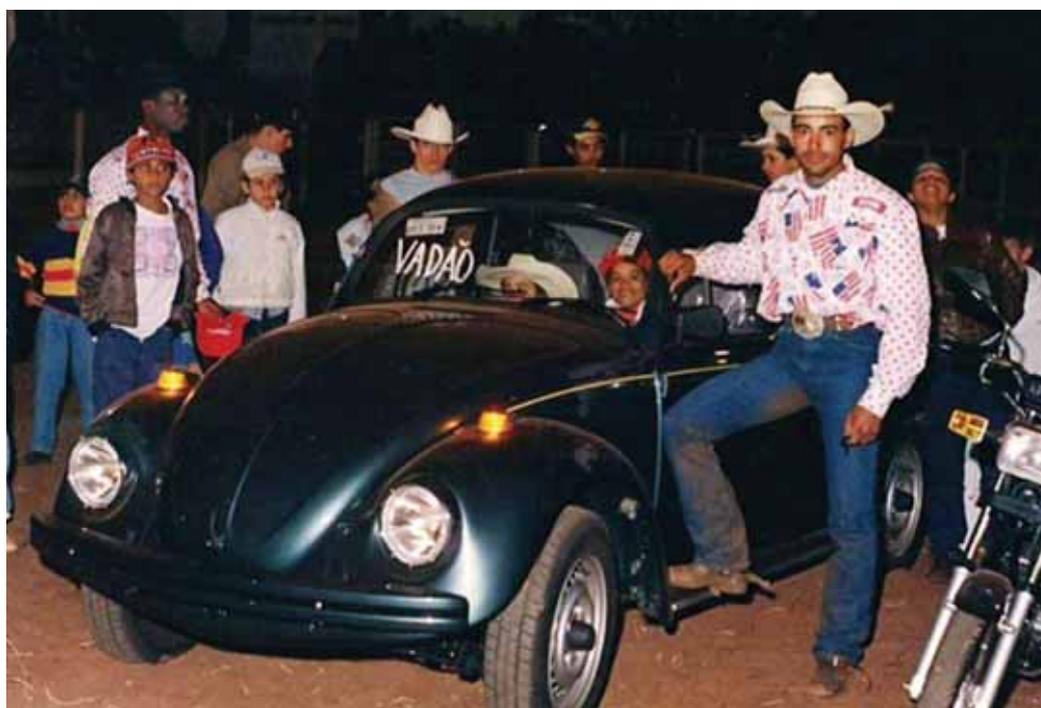
Eu acho que isso é mais DNA, mas às vezes o cara é esforçado, inteligente e consegue aprender aquilo que a gente ensina. Em cima do touro é muito difícil passar as instruções e técnicas para os alunos, não dá para mostrar onde errou ou acertou, são só oito segundos. Agora no curso eu coloco o tambor, como eu fazia quando competia, simulo os pulos que eles têm mais dificuldade e ensino o que o peão tem que fazer em cima do touro, os movimentos. Eu faço várias vezes o mesmo movimento até ele pegar o jeito e não ter mais dificuldade e também ensino a sair do tambor. Quando o aluno monta no touro e o animal faz o movimento que ele tem dificuldade eu já grito para o peão lembrar do que eu ensinei. Geralmente eles falam que antes faziam muita força e depois fazem bem menos.

Tem aquele que é inteligente e sabe usar o que aprendeu nas aulas, ele não tem medo, é mais preparado, só estava faltando instrução. Tem aqueles que são mais na força, mais na raça, então tem que explicar algumas manhas, porque às vezes não é só força. Agora tem os que nasceram para isso, que tem a genética, eles começam a ganhar prêmio mais rápido e vão bem. Agora quando não nasceu ele pode até tentar, a paixão dele pode ser montar, mas não vai muito longe não.

### ***O que você acha que precisa mudar no rodeio?***

Eu acho que o rodeio tinha que começar mais cedo, ter hora para acabar, ter menos montarias, a premiação tinha que aumentar porque está muito fraca, acho que é isso.

Mesmo contribuindo para a modalidade desde a década de 1980, Vilmar acredita que pode melhorar o esporte e para isto segue levando o rodeio para todos os cantos.



Vilmar é campeão do rodeio de Paulo de Faria em 1994 e leva o carro, um dos vinte e três durante sua carreira

Crédito: Arquivo Clube dos 20

## “Causo e caso”

As histórias de Esnar não tem fim, em suas andanças junto com o seu primo, Tião, sempre parecia que a confusão queria encontrá-los, e foi mais ou menos isso que aconteceu em um rodeio na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, conforme narra o próprio Esnar.

“Uma vez a gente estava fazendo rodeio em Uberlândia, no centro de Uberlândia no estádio eu e o Tião. Ai começou a fazer uma filinha lá, nós demoramos uns dez minutos pra abrir a entrada, e choveu daquele dia até o outro mês. E ai tinha os ingressos de graça e o pessoal que ganhava os ingressos de graça vai e a gente tinha que fazer o rodeio. Na hora que eu entrei no estádio, a segurança era zero. Ai um touro do Tião se assustou com a luz do estádio e fugiu por baixo para o meio da cidade, ai nos fomos atrás. Tinha um moleque passando, eu peguei a mobilete dele e fui atrás, ai eu passei o touro e já fui avisando. Uma senhora gorda estava vendendo cachorro quente e eu avisei senhora está vindo um touro ai, ela ‘aah um touro?’, quando eu sai de perto ela deu de cara com o animal. Ai saiu derrubando tudo e eu falei “ferrou’. O irmão do Tião apareceu com uma corda, eu só conto esta história pra ver o grau que era e para ver como mudou, e laçou o boi, a gente estava segurando, mas estava escapando, a gente escorregando no asfalto. O irmão do Tião viu um pedaço de ferro e amarrou o boi, esse ferro era uma banca de jornal e o touro saiu puxando a banca.

De repente passou um cara numa F400 e viu esse rolo, a banca sendo arrastada, um monte de carro amassado e eu ficando nervoso. Mas quando eu fico nervoso eu dou risada e eu já tava rolando de rir. Esse cara da camionete chegou e ele tinha uma corda bem grossa, ele jogou a corda em cima do boi e saiu arrastando esse boi com a camionete e levou o boi para dentro do estádio.

Quando o boi chegou lá estava todo ensanguentado e o cara desceu da caminhonete, o herói da noite, ele salvou tudo e disse

‘aee boi veio’. O Tião Procópio que não sabia de nada da história e estava fantasiado de mulher pra entrar no show dos salva-vidas porque os salva-vidas não tinham aparecido, viu o cara batendo no boi dele. O Tião chegou e deu um soco no cara, os peões viram o Tião brigando e nem quiseram saber, foram lá e também bateram no cara. Esse cara foi no bairro dele e trouxe um monte de gente, todos armados para matar o palhaço que tava vestido de mulher. A Nalva Aguiar chegou, que era a nossa patrocinadora e o Tião estava ela, e ela ‘ninguém vai bater no Tato’, esse cara enfiou um revólver na boca dela e falou, ‘você quer continuar a cantar? Então cala a boca’. Na hora eu pensei ‘nossa vai virar filme isso aqui’. Ai nos fomos lá e limpamos o Tião e os caras caçando ele. Pra você ver o que acontecia”.

## As vozes do rodeio



Locutores abusam da criatividade para animar a arquibancada

Crédito: Leandro Gaspareti

O rodeio brasileiro não está totalmente adaptado e condicionado ao rodeio em touros. As estruturas das arenas são precárias, os bretes não são ideais para esse tipo de montaria, eram pensados principalmente para os cavalos, por isso os bretes são mais largos, o que dificulta o preparo do touro para a montaria. Além disso, não existem regras que estipulam um tempo máximo para o peão sair do brete para a montaria. Estes fatores atrasam o andamento do rodeio e proporcionam um espaço de tempo muito grande entre uma montaria e outra. “O público ficava sentado nas arquibancadas muito tempo para ver uma montaria, para ver 10 montadas, antes levava uma hora, hoje são quinze minutos ou menos”, lembra Vilmar Felipe.

Rodeado por estas defasagens um novo personagem ganha destaque, o locutor de rodeio. No espaço de uma montaria e outra é preciso entreter o público, manter a atenção durante o evento todo e somente tocar música não adianta. Foi por causa desse tempo que os locutores começam a ganhar as arenas e se tornam as vozes do rodeio. Para entreter e conquistar o público os locutores criam versos, que retratam desde a vida sofrida dos peões até as belas mulheres do rodeio; contam piadas; brincam com o público, trazendo-os para as arenas com simples pedidos de movimentos de mãos e balançar de chapéus. O locutor se torna um personagem central da arena.

O início dos anos 1990 tem Zé do Prato como grande locutor, como já falado anteriormente, mas o Negrinho Apaixonado morre no início de 1992. Ganha destaque então outro grande nome do microfone, Asa Branca, que não faz o sucesso de Zé do Prato, mas traz ideias inovadoras para o rodeio. É ele, ainda na década de 1980, o primeiro a descer para as arenas. Além disso, traz o microfone sem fio, o locutor agora pode caminhar por todos os cantos e agitar o público de qualquer lugar. Outra marca registrada de Asa Branca era chegar às arenas de helicóptero.

Muitos outros locutores surgem nos anos 1990, eles são o centro do rodeio, proporcionam a diversão, trazem brincadeiras, descontraem quem está no evento. Mas chegando aos anos 2000, a locução enfeitada que faz sucesso durante toda a década começa a perder força, o foco do novo século é outro, a montaria começa a se especializar e não existe mais aquele espaço enorme entre um abrir da porteira e outro. O locutor tem seu tempo diminuído, agora é preciso ser mais direto. Surge então uma nova figura dentro dos rodeios, os comentaristas. Estes profissionais são responsáveis por analisar e explicar o que o peão faz na montaria, dar ao público um melhor entendimento da disputa entre o peão e o touro. O rodeio segue se modificando.



Piracicabano passou pelas transformações da locução ao longo de mais de vinte anos de carreira

Crédito: Leandro Gaspareti

## Novas premiações

Com a popularização do rodeio e com maior nível entre os competidores, os anos 1990 trazem grandes prêmios para as

montarias de cavalos e touros. “Antigamente uma festa mostrava que era maior que a outra no cartaz. Por exemplo, se no cartaz dizia que a festa tal tem dez carros de prêmio o pessoal já pensava ‘nossa que festa, esse é rodeião’, mas se outra festa colocava que teria cinco carros e uma caminhonete, era mais bem vista pelo público”, lembra Esnar.

Vilmar Felipe compara, “na época que eu montava acho que a gente tinha mais valor no sentido de premiação, eu mesmo ganhei vinte e seis carros e perdi vários porque tinha muito juiz fraco, as regras também não eram claras. Com o dinheiro do rodeio eu também consegui minhas coisas”.

As grandes premiações mudam a partir de 1996. “Algumas pessoas do rodeio fundaram a FNRC – Federação Nacional do Rodeio Completo. Quando a premiação estava no auge a Federação dividiu a premiação em oito, que chamaram de rodeio completo: laço de bezerro, laço em dupla, bulldogging, três tambores, montaria em touros, bareback, sela americana e cutiano. A ideia não durou dois anos, aqui não tem lugar pra laçar, a maioria dos recintos não tem espaço, não tem pista. E aí o que aconteceu? Ensinaram grandes festas a ter cinco mil reais de premiação e todos os rodeio baixaram os prêmio”, critica Esnar.

As festas que mediam suas grandezas pelos prêmios dados aos peões agora precisam que encontrar outro comparativo, já que os prêmios estão praticamente igualados em todos os eventos. O diferencial escolhido são os shows, que começam a ganhar espaço com o grande sucesso que o sertanejo faz nas rádios FM principalmente com as duplas: Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano e Leandro e Leonardo. “O povo começou a identificar a festa pelo show e não mais pelo rodeio”, completa Esnar.

Luís Antônio, peão de cutiano, concorda que as premiações atuais estão muito baixas: “A premiação nossa é defasada, é absurda. Com um prêmio hoje não dá para comprar mais nada. Até

para o rodeio de touros a premiação está ruim. Os peões de touro ganham mais de patrocínio, fazendo alguma coisa na televisão, porque no rodeio mesmo também não ganham. Tem quem ganha um milhão nos Estados Unidos, mas vai receber em dez anos, então esse dinheiro não vale mais nada. Eu acredito que o rodeio caiu na mão de empresário que não está nem aí para o rodeio. Ele leva umas dez ou quinze montarias de cavalo, umas dez ou quinze de boi e é isso. A festa leva um show de cento e cinquenta, duzentos mil conto e dá a premiação de cinco mil reais, uma moto. Eu acho que quem acabou com o rodeio foi o empresário e o próprio show. Você pode ver um cartaz de alguma festa e procurar a premiação ou alguma informação do rodeio. Não é que eu estou criticando, você pode olhar. Surgiu um monta de peão novo que ganha prêmio toda semana e não estão ganhando nada. Eu já cheguei a ganhar em cinco semanas quatro carros. Com o primeiro carro que eu ganhei eu comprei três alqueires de terra aqui em Aparecida do Taboado, hoje um alqueire de terra aqui onde eu tenho vale cinquenta mil reais e o carro que eles dão no rodeio vale vinte mil”.

Essa diminuição também ajuda a alavancar a vontade dos novos peões para irem montar nos Estados Unidos. “Os nossos peões não ganham bem como nos Estados Unidos. Os caras que montam lá são como os jogadores de futebol aqui do Brasil. Tem tarde de autógrafo, tem patrocínio, tem várias regalias que eles não têm aqui. Lá os campeonatos pagam tudo correto, são mais disputados e mais organizados também”, acredita Vilmar Felipe. “Os meninos começaram a perceber que nos Estados Unidos eles ganhavam em um rodeio o mesmo que em dez no Brasil e isso os instigou a irem para o exterior. Em um ano eles faziam a vida”, acrescenta Esnar.

## O fenômeno



Adriano Moraes vence o inédito tricampeonato em Las Vegas, 2006

Crédito: André Silva

Os anos 1990 também são responsáveis pelo surgimento de um dos maiores nomes do rodeio na montaria em touros, tanto nacional, quanto internacional, Adriano Moraes. O único três vezes campeão mundial da PBR e com uma carreira recheada de títulos.

Nascido no dia 20 de abril de 1970, tem seu berço na fazenda de parentes, na pequena Quintana, cidade do interior paulista. Adriano Moraes, ou “The Phenomenon” (o fenômeno) como é conhecido no mundo do rodeio é de família humilde, criado pelos pais, Aparecido e Elizabeth, e viveu sua infância junto com os seus quatro irmãos, Edno, André, Fernanda e Allan. Adriano nasceu e foi criado na religião cristã, uma das características mais importante e marcante da vida do ex-competidor.

Desde pequeno o futuro peão gostava de montar nos bezerros da fazenda em que morava, até que um dia, aos catorze anos, o futuro “The Phenomenon” descobriu que era possível

ganhar dinheiro fazendo o que gostava: montar em touros. O garoto, então, começa a treinar e dois anos mais tarde, a participa de rodeios amadores. Aos dezoito anos ele é convidado por um amigo para participar de rodeios profissionais. Mas sua paixão exigia uma série de esforços e de escolhas, conciliar sua vida de montarias no rodeio com os estudos e trabalho estava impossível. Restou a ele fazer uma opção que mudaria para sempre sua vida. Adriano larga os estudos, larga o trabalho, larga tudo para correr atrás do seu sonho, montar em touros e logo é considerado um dos melhores.

Esner Ribeiro é amigo de Adriano Moraes e fala do começo de tudo, “eu o conheci logo no início da carreira e ele era medíocre pra montar, ruim. Vê como é psicológico montar em touro. Ele conheceu a Flávia (esposa de Adriano), ela o levou para religião e a religião deu a entender que se ele fosse um cara bom e não errasse ele não ia se machucar. Acabou, o cara destruiu o mundo inteiro. Cada um tem uma maneira de pensar e ele vive na fé. Vê que coisa esquisita, ele não era pra virar nada, muito forte, muito grande e olha no que deu”.

Logo no começo da década, Adriano vence o Campeonato Brasileiro de Rodeio, nos anos de 1992 e 1993. No ano seguinte o peão bate mais recordes. É o primeiro brasileiro a ganhar o rodeio de Calgary, no Canadá, um dos mais tradicionais do mundo. No mesmo ano Adriano ganha o primeiro campeonato mundial da PBR. Ainda em 1994, Adriano se torna o terceiro peão a parar nos dez touros na final da PRCA, outro campeonato americano, e com isso ganha o National Final Rodeo.

“Quando o Adriano ganhou o rodeio de Calgary, que é a maior festa a céu aberto do mundo, a organização se reuniu pra tirar o prêmio dele porque ele pulou com a corda americana ao contrário. Na hora de montar a corda arrebitou e naquela correria de passar a corda ele passou errado. Essa maneira de

apertar a corda pressiona mais a caixa torácica do touro o que dá um pouco mais de vantagem para o peão. O Adriano parou, mas perdeu muita pontuação. Foi aí que a organização questionou essa corda e ficou aquele tira, não tira. Mas o Adriano foi tão brutal nos Estados Unidos, ganhou tudo, que eu acho que os caras ficaram com vergonha de questionar a corda. E hoje o Brasil inteiro monta nela desde o começo da década de 1990. E o Adriano mesmo, ele é um cara muito justo em função da religião, baixou a alça uma vez e isso mostrou que o fato da corda ser assim ou assado não muda nada, mas é esse pé atrás que o gringo tem”, lembra Esnar.

Dois anos mais tarde, mais um grande título para o peão brasileiro, bicampeão do National Final Rodeo. Já no novo século Adriano se torna o primeiro bicampeão mundial pela PBR em 2001 e o primeiro e único tricampeão do mesmo campeonato em 2006.

Em 2008 Adriano se aposenta aos trinta e oito anos e com a consciência de que seus recordes seriam quebrados rapidamente. Era o fim de uma era no rodeio com muitas glórias:

- 1992 - Campeão Brasileiro
- 1993 - Bicampeão Brasileiro
- 1994 - Finalista do “Texas circuit”
- 1994 - Vice-Campeão do “CoorsShowdown”
- 1994 - Vice-Campeão do “Bull RidersOnly”
- 1994 - Campeão do “Calgary Champion”, no Canadá
- 1994 - Campeão mundial pela PBR
- 1994 - Campeão do “National Final Rodeo”
- 1994 - 3º homem na história da “Professional Rodeo Cowboys Association” a montar os 10 touros da “National Final Rodeo” pelo tempo determinado
- 1995 - Vice-campeão do “Dodge National Circuit Final”
- 1996 - Bicampeão do “National Final Rodeo”

- 1997 - Vice-Campeão do PBR
- 2000 - 4º Lugar Campeonato Mundial da PBR
- 2001 - Campeão Mundial do “Challenge Tour”
- 2001 - Bicampeão Mundial pela PBR
- 2003 - Bicampeão Mundial do “Challenge Tour”
- 2004 - Vice-Campeão mundial pela PBR
- 2006 - Tricampeão Mundial pela PBR
- 2007 - Campeão Mundial por equipes pela PBR, representando o Brasil

“O Adriano sempre foi um cara bruto pra montar em touro, igual a ele não tem. Foi o único cara que eu vi o touro sentir que tinha alguém em cima. O touro pulava e olhava para o peão que estava em cima. Ele é uma aberração. Tanto é que ele fez o touro mudar o passo, eu vi isso, era um touro pequeno que ia pular para um lado, mas o Adriano fez força e não deixou o animal ir aonde ele queria”, resume se divertindo o comentarista de rodeio Esnar Ribeiro.

Com todas as grandes conquistas e carisma, Adriano se torna um ídolo mundial para os amantes do rodeio em touro. Uma das demonstrações dessa grande admiração é quando o brasileiro é escolhido pelos fãs do esporte para ser imortalizado em uma estátua de corpo inteiro na frente da sede mundial da PBR na cidade de Pueblo, Colorado, nos Estados Unidos.

Atualmente Adriano Moraes é membro da Comissão de Regras e Regulamentos da PBR e do Comitê Consultivo de Conduta. Ele também tem uma escola para ensinar futuros peões de touro nos Estados Unidos e dá palestras de motivação.

Fora das arenas Adriano casou-se com Flávia em 1989 e juntos eles têm quatro filhos: Victor, Jeremias, Antônio e Pedro. Atualmente o casal tem casas na cidade de Tyler, no Texas, Estados Unidos e Cachoeira Paulista, em São Paulo, Brasil.

Uma das grandes lendas dos peões brasileiros conta um pouco mais sobre sua carreira e suas opiniões sobre o rodeio atual:

***Você teve algum ídolo no começo? Alguém em que você se espelhou?***

No rodeio não. Eu aprendi a montar praticamente sozinho, com erros e acertos.

***Hoje você se sente um ídolo?***

Eu não me sinto um ídolo, mas eu sei que eu sou. Eu acho que não tem como se sentir um ídolo. Existe você saber ou não que é um ídolo e eu sei que no meu mundo que é o mundo do rodeio, da montaria em touros, que é um mundo muito pequeno se comparado a outros esportes, eu sou um dos ídolos.

***Como a religião está presente na sua carreira?***

Eu sou nascido e criado católico, fiz parte da renovação carismática e acho que todos os meus momentos bons e difíceis, principalmente nos difíceis, que é quando a gente presta mais atenção em Deus, quando estamos sofrendo, eu sempre me apoiei na religião, no Espírito Santo, na Igreja Católica e foi por isso que eu consegui vencer várias vezes e continuo até hoje, mesmo que rastejando, mas eu não paro nunca.

***Qual foi sua maior dificuldade no começo da sua carreira profissional?***

Eu acho que sempre a maior dificuldade é a montaria em si. Eu sou de família pobre, mas nunca faltou comida, nunca faltou um teto em cima da cabeça e eu acho que o mais difícil é a montaria no touro. Pode falar o que for, o brasileiro é lutador, o brasileiro é acostumado com o desconforto, com a falta de incentivo com o esporte, mas a maior dificuldade do peão sempre é a montaria em touros.

### ***Como foi a sua adaptação nos Estados Unidos?***

Foi muito fácil. Eu já tinha sido campeão brasileiro, então, fui para lá com dinheiro, não precisava da ajuda financeira de ninguém na época. Na primeira vez, eu fui por conta própria, já na segunda eu tinha um patrocínio muito bom. E os americanos são muito educados, muito acolhedores, acho que quem fala que eles são secos e não acolhem bem é porque não chegou de uma maneira simples e humilde lá. Se você chega pedindo ajuda para todo mundo eu acredito que, em qualquer país do mundo, você é bem acolhido. Foi assim que aconteceu comigo, eu pedi ajuda e quando eles me ajudavam eu agradecia, não foi muito difícil. A comida de lá é muito boa e ainda dá para conseguir comida que parece com a brasileira. Na questão da língua eu sou muito falador, então eu já conseguia conversar bem, claro que não fluente, até hoje eu não sou fluente, mas eu conseguia conversar bem nos primeiros seis meses. A adaptação não foi difícil.

### ***Quando você ganhou o título mundial lá, você sentiu algum preconceito por ser estrangeiro?***

Não, de forma alguma, por isso é chamado de campeonato mundial. Têm pessoas do mundo inteiro montando. A PBR hoje faz parte do circuito mundial, nós temos escritórios em cinco países (Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos e México) que montam em touros profissionalmente. Os campeonatos nacionais de cada um desses países contam pontos para o campeonato mundial. Nunca existiu preconceito, tanto é que hoje a maioria dos peões top são brasileiros e continuam dando entrevista do mesmo jeito, continuam nas capas das revistas dos Estados Unidos.

***E você gostava mais de montar aqui no Brasil ou nos Estados Unidos?***

É triste falar isso, mas eu sempre gostei mais dos Estados Unidos por causa da organização, do profissionalismo. Não que aqui nós não sejamos profissionais, mas lá o profissionalismo já é da cultura do americano e aqui o improvisado e deixar tudo para a última hora já é da cultura brasileira. E é claro que quando você planeja tudo antes é muito mais confortável, principalmente para aqueles que têm que trabalhar. Para quem está festejando tudo bem se o rodeio começa às seis, às oito ou meia noite, mas para quem tá trabalhando não. Se falar que é para começar às sete, mas só começa às oito já prejudica o peão, tem um estresse um pouco maior, cansa um pouco mais. Por isso que eu preferia montar lá.

***Você acha que é essa organização que falta para melhorar no rodeio aqui no Brasil?***

Eu acho que sim. Tem que separar a parte do show, a hora do show é a hora do show e a da montaria é a da montaria. Eu acho falta um pouco de organização sim, separando bem os horários. Acho que pode ser tudo na mesma arena, mas de formas diferentes. É isso que falta no Brasil porque de resto, a PBR aqui no Brasil paga super bem, os outros campeonatos pagam super bem também, Barretos paga bem. O que falta mesmo é organização.

***E quanto aos touros, você achou mais difícil aqui ou lá?***

A boiada daqui é bem mais fácil que a de lá. São poucos criadores que já estão criando sua própria linhagem de touros de pulo, mas nos Estados Unidos já existe uma seleção de animais para *performance* de pulo há setenta anos. Então tudo que é selecionado para fazer uma coisa com certeza é melhor. A boiada aqui no Brasil ainda continua saindo de pasto, o tropeiro pega os bois que têm uma boa morfologia e experimenta para ver se pula

porque nada faz um touro pular, ou ele pula ou ele não pula, nada força ele. Existe um gene de pulo que já foi isolado. Hoje é comprovado que o boi pula por causa da genética dele. Lá nos Estados Unidos, por já ter uma seleção de setenta anos, por isso a boiada é muito mais difícil que aqui.

### ***Qual foi o maior desafio na sua carreira?***

Eu acho que o maior desafio para um peão de touro é sempre o touro. Se você para num touro, todos os outros desafios da profissão como a adaptação a língua estrangeira, a comida de outro país, até lesões, tudo é menos desafiador do que montar em touros.

### ***Teve algum touro que marcou a sua carreira?***

Eu acredito que nenhum touro consegue marcar a carreira de ninguém, mas claro que alguns touros ficaram na minha memória. Acho que o próprio Bandido, o Macaco do Tião Procópio, são tantos touros que passaram pela minha vida, eu montei em tantos touros, acho que fiz mais de cinco mil montarias. Mas acho que de todas eu consigo me lembrar de uns cinquenta ou sessenta que eu gostava de montar. Uns porque me derrubavam sempre, outros porque me davam boas notas. Alguns são animais que as pessoas nem lembram, mas ficam na minha memória por um motivo ou por outro.

### ***Para você, quais são as características de um campeão de rodeio?***

Acho que não só um campeão de rodeio, mas um campeão na vida primeiro de tudo tem que ter inteligência naquilo que faz, não necessariamente a inteligência acadêmica, mas da vivência, da curiosidade. Claro, uma determinação muito grande, ser disciplinado, determinado, dar duro em tudo. E no meu caso eu

acredito que a fé, a religião dá um equilíbrio em tudo, acho que é preciso acreditar em alguma coisa e eu, no meu caso, sou católico, acredito em Deus, acredito em Jesus Cristo, na salvação através de Jesus Cristo, na interseção de Nossa Senhora. Então pra mim são esses fatos: determinação, força de vontade, fé e nunca desistir.

### ***Hoje você aconselha alguém a ser peão de rodeio?***

Não, eu aconselho todo mundo a estudar primeiro. No nosso país o governo não investe muito em educação, saúde, só o mínimo possível, então pessoas de baixa renda como eu tem que procurar uma alternativa. A alternativa que eu encontrei foi a montaria em touros como muita gente procura o futebol, mas infelizmente é um número muito reduzido de pessoas que conseguem ter sucesso. Mesmo com muita dificuldade para ter acesso à escola, para ter acesso à educação, acho que a pessoa que se esforça consegue estudar. Eu tive muitos amigos que também eram pobres, que muitas vezes tinham que trabalhar de madrugada, porque a escola era período integral e hoje são médicos, são doutores em áreas muito difíceis. Se conseguir conciliar os dois, escola e montaria bem, se não consegue, fique na escola.

### ***Quando você percebeu que era hora de parar?***

Quando eu olhei para um touro, não um específico, mas um tipo de touro e falei 'Acho que não consigo ficar em cima desse touro'. Isso era um touro de 92, 93, 94 pontos, um bom touro, um touro de altíssimo nível. Um de nota 86, 87 eu acho que até hoje se eu montar eu consigo ficar em cima, mas não tem graça quando você sabe que não pode parar no melhor touro que eles possam trazer. Acho que foi isso que eu falei, não era mais gostoso, porque nesse tipo de touro eu tenho certeza que eu não consigo mais montar. Se você depender de sorteio para ir bem no evento ou não, essa é a hora de parar e foi por isso que eu parei.

***Como foi para você representar o Brasil quando foi campeão mundial?***

Eu tenho muito orgulho de ser brasileiro, mas eu acredito que a montaria em touros não tem fronteira, ela não é brasileira. Claro que eu adoro o Brasil, eu represento o Brasil, eu levanto a bandeira brasileira, mas eu fiquei contente com a vitória do meu esporte. Claro que são só cinco países que praticam rodeio profissionalmente, mas vários outros, talvez vinte ou trinta, também fazem montarias em touros, porém não na categoria profissional. Eu fiquei feliz de mostrar o meu esporte para o mundo, em um dos anos que eu ganhei o campeonato ele foi passado em cento e cinquenta países, acho que dois bilhões e meio de pessoas assistiram.

***Você tinha um ritual ou alguma coisa que fazia antes das montarias ou não?***

Muita gente fala em ritual, mas eu acho que ritual não é a palavra exata para os atletas. Acho que a palavra exata para os atletas é uma rotina. Claro que a rotina existe, nós temos rotina para tudo, para levantar, escovar os dentes, você escova os dentes do mesmo jeito todos os dias, se troca do mesmo jeito e eu acho que isso também acontece com o profissional de qualquer esporte, faz tudo da mesma forma todos os dias. Eu acho que há uma rotina e não um ritual, porque ter um ritual para fazer alguma coisa é escravidão, então quer dizer que se eu colocasse a bota esquerda antes da bota direita eu ia cair do touro? De forma alguma. Então, eu acredito que a palavra ritual cria escravidão e acredito que a palavra rotina cria liberdade. Com a rotina, que não é pensada, eu fico livre para fazer as coisas. Daquele jeito eu sei que vai dar certo porque é o jeito certo de fazer, porque é minha rotina. Eu tinha rotina.

Apaixonado pelo rodeio, Adriano segue sua caminhada para melhorar o esporte, sempre agradecendo a Deus tudo o que a montaria em touros lhe deu.



Religiosidade e foco caminham lado a lado na carreira de Adriano

Crédito: André Silva

## Barretos com o passar do tempo

Da mesma forma que o rodeio brasileiro se expande, o Parque do Peão de Barretos cresce e ganha mais oito alqueires de extensão no ano de 1991. A festa neste ano também cresce e muda a quantidade de dias do evento, de quatro dias passa para dez com sucesso de público. Fora isto, bate recorde em prêmios de rodeio, o que fora antes uma televisão de catorze polegadas agora são duas camionetes Mitsubishi modelo L200 aos vencedores.

Dois anos mais tarde inicia-se a construção do Memorial do Peão, um museu criado para preservar a história do peão de boiadeiro e a festa de Barretos. Neste mesmo ano nasce o 1º Barretos Internacional Rodeo, com presença de peões americanos, canadenses, australianos e cubanos. Até hoje a segunda semana da festa é dedicada à etapa internacional, a diferença é que ao invés de peões cubanos hoje os mexicanos que participam da etapa.

Com mais de duas décadas de criação, vencer o rodeio internacional ainda atrai muitos peões que viajam milhares de quilômetros para um dia, quem sabe, realizar este sonho. O peão mexicano Héctor Cardona, da cidade Saltillo, que veio pela primeira vez a Barretos em 2007 e voltou em 2013 ressalta a importância que este rodeio tem, “por ser um rodeio de fama é uma experiência que você pode anexar a seu currículo”. Mesma opinião do também mexicano Gerardo Escobedo, da cidade de Monclova, que ainda ressalta que “os animais aqui são um pouco maiores do que no México, o que torna um pouco mais difícil a montaria”. Contente de estar no rodeio, Gerardo também aproveita para curtir a festa “a festa é muito grande e bonita, estamos muito felizes de participar”.

Estreante no rodeio de Barretos, o peão americano Winston Quesenberry, de Oklahoma, aponta que gostou do rodeio de Barretos, “gostamos da atmosfera aqui. É uma bênção para nós estarmos aqui, sermos convidados para a festa pelo presidente da festa”. Já o peão Lane Warren Scolt, também de Oklahoma, declarou que apesar da diferença entre os touros americanos e brasileiros gosta de competir em Barretos, “os touros brasileiros são maiores e mais fortes, já nos Estados Unidos são menores e mais rápidos. Mas eu gosto dos touros daqui do Brasil, possibilitam grandes montarias”.



Peão americano tenta a sorte no 21o rodeio internacional de Barretos

Crédito: Leandro Nascimento

É também no ano de 1993, que inicia a parceria entre Os Independentes e a Fundação Pio XII, responsável pelo Hospital de Câncer de Barretos. Logo no primeiro ano, com auxílio da dupla que realizou o show da festa, a doação consegue construir uma ala nova para o hospital que é chamada de Chitãozinho e Xororó.

No ano seguinte Barretos passa a fazer parte do Profissional Bull Riders e o peão que ficasse em primeiro lugar garantia a ida para a final mundial em Las Vegas. Em 1996, o rodeio ganha destaque no sambódromo durante o carnaval de São Paulo, Barretos é homenageada pela escola de samba paulista X-9 Paulistana com o enredo Sonhos de Cowboys Brasileiros. Dois anos depois Barretos tem seu primeiro show internacional com a presença de Garth Brooks. Fechando a década, em 1999, o show de Alan Jackson e do show Amigos, formado por Zezé de Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Xororó, alcançam o maior público da história da festa.



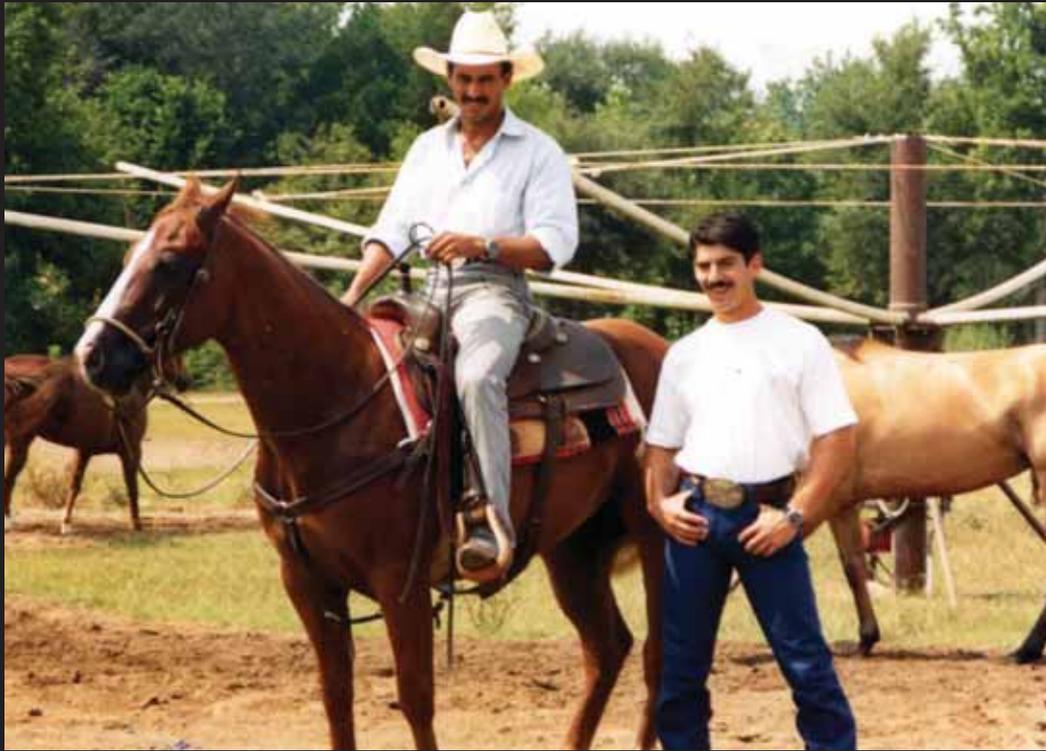
Peões brasileiros buscam cada vez mais competir nos EUA

Crédito: Arquivo pessoal Esnar Ribeiro



Vilmar Felipe com a primeira calça de couro com franjas

Crédito: Arquivo Clube dos Cavaleiros



Vilmar Felipe a cavalo e Esnar Ribeiro ao lado durante estadia nos Estados

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro



Scooter Hamilton entre Esnar Ribeiro (esquerda) e Paulo Emílio (direita) é o primeiro americano a ganhar um carro no rodeio brasileiro

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro



• capítulo 4 •

## Pulos mais altos

---

**C**omo um peão que é jogado de um lado para o outro e a todo instante tem que se manter equilibrado no lombo do touro, o Brasil também se equilibra sobre a tênue linha que separa as crises e a prosperidade. O início das décadas brasileiras parece ter como tema a dificuldade de estabelecer uma economia estável, sanar os problemas financeiros e impedir que as dívidas estourem o orçamento da nação. E é assim que começa a primeira década do terceiro milênio. Muita coisa ainda está para acontecer no Brasil.

Os dois últimos anos do mandato de FHC se iniciam e a meta agora é conseguir manter o controle sobre a economia, que está se estabilizando depois da crise de 1999 e solucionar os problemas de prejuízo dos cofres públicos e bolsas de valores brasileiras. As taxas e os câmbios flutuam e o estado de alerta era máximo, o Brasil não pode regredir. Mesmo com toda a sua habilidade no campo político e econômico, as soluções para os pequenos e grandes problemas que emergem se tornam escassas.

Mais uma crise estoura no Brasil, ou melhor, apaga o país, o setor de abastecimento de energia elétrica em todo o território nacional está envolvido. O Apagão, como foi nomeado, é desencadeado após anos de poucos investimentos em distribuição de energia elétrica no país, sendo a região sudeste a mais afetada. A falta de chuvas também é um dos principais fatores para o apare-

cimento da crise energética. Com este cenário adverso, um racionamento de energia é proposto às pressas para poder controlar o problema, esta medida obriga quase todo o país a cortar em 20% o consumo de eletricidade, exceto a região sul que provia de grande quantidade de água para a produção. Para isto, é estipulada uma meta de consumo que todos, como residências e indústrias, devem cumprir. Como forma de incentivo, o governo cria benefícios para quem cumpre e punições para quem desobedece.

No mesmo ano o fenômeno dos rodeios, Adriano Moraes, se tornara bicampeão mundial do rodeio em touros, o novo milênio começa com tudo e a montaria em touros do Brasil parte em busca do auge e seus peões de se tornarem referências. Não apenas Adriano tem o que comemorar, neste mesmo ano o peão é reconhecido pela lei como um atleta profissional. No tênis, o Brasil se apaixona pelas raquetadas de Gustavo Kuerten, o Guga, que traz da França seu terceiro título de Roland Garros.

No mundo, o dia 11 de setembro de 2001 é marcado com sangue na história. Os Estados Unidos sofre uma série de ataques terroristas suicidas, coordenados pela organização islâmica Al-Qaeda de Osama Bin Laden. Neste dia, quatro aeronaves repletas de passageiros são tomadas pelos terroristas. Dois dos aviões comandados pelos sequestradores colidem com as Torres Gêmeas do complexo empresarial World Trade Center, em Nova Iorque. O ataque mata todos os passageiros e milhares de pessoas que estavam no prédio. Horas depois as duas torres desabam, provocando um rastro de poeira e destruição. A outra aeronave se choca contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Depois de uma tentativa de retomar o quarto avião das mãos dos terroristas, a aeronave cai em um campo aberto na Pensilvânia. Em resposta a esses ataques os Estados Unidos iniciam a Guerra ao Terror, uma iniciativa militar para conter os ataques terroristas ao redor do mundo e destruir células que planejam

esses ataques. O mundo vive à mercê do medo, que volta a assombrar a população mundial depois de outro ataque no dia 11 de março de 2004 em Madri, quando grupos terroristas ligados a Al-Qaeda provocam dez explosões simultâneas em quatro comboios ferroviários no horário de pico. A caça ao terror ganha mais força. Este ano também seria marcado por uma das maiores catástrofes da história. Um tsunami provocado por um violento terremoto submarino no Oceano Índico atinge e devasta, com ondas de até trinta metros, o Sri Lanka, a Índia, a Tailândia e principalmente a Indonésia, deixando um rastro de morte e destruição.

Voltando ao Brasil, no começo do ano de 2002 a crise energética foi solucionada e o racionamento extinto, graças à melhora no nível das chuvas. Diante dos períodos que o racionamento perdura, o Brasil introduziu uma rede de usinas termelétricas para atuarem como fontes secundárias da distribuição de energia, já que o país era totalmente dependente da produção de hidroelétrica. Mais uma vez em seu mandato FHC enfrenta e resolve crises e mesmo sanando grande parte dos problemas brasileiros sua popularidade está desgastada.

A mesma gangorra que alavanca a política e a economia e ao mesmo tempo cria situações de grande discrepância, parecia também oscilar o futebol brasileiro. Em 2002, comandado pelo fenômeno dos gramados, Ronaldo, o Brasil apaga a derrota humilhante para a França na Copa anterior e de forma invicta traz da Coreia e do Japão o pentacampeonato, a taça do mundo, mais uma vez, é nossa.

A administração das crises e os problemas financeiros, que vira e mexe aparecem, a má distribuição de renda que perdura no país e a excessiva dependência do Fundo Monetário Internacional fez o governo FHC perder notoriedade. Esta é a deixa para que, depois de três tentativas, Lula ganhe força nas ruas e abra a passagem para assumir o posto de presidente. Depois de vencer

José Serra no segundo turno, Lula e o Partido dos Trabalhadores têm quatro anos para mostrar o porquê de tanta insistência em assumir as rédeas verde e amarela depois de receber a confiança de mais de cinquenta e oito milhões de eleitores.

A fim de não comprometer as estruturas do país, o governo Lula inicia seu mandato priorizando a estabilidade econômica proposta no governo de FHC. Com esta medida, mantém um superávit na balança comercial, ou seja, um excesso de receita sobre as despesas. O Brasil precisa se fortalecer em todos os setores e equilibrar-se sobre os touros que tentam derrubar e complicar o desenvolvimento nacional.

As expectativas sobre o governo de Lula crescem, é a primeira vez que a esquerda é eleita e temos um presidente do povo, ex-metalinguístico. Os sentimentos de mudança e transformação exalam das pessoas em torno do novo presidente. Para começar, obtém êxito na diminuição da dívida externa brasileira, porém a interna começa a alavancar e ultrapassa a marca de um trilhão de reais no ano de 2006.

Mesmo adotando medidas afirmativas e conservadoras para a economia, Lula cria diversos programas sociais, o primeiro deles é o Fome Zero, que visa melhorar a alimentação das pessoas desfavorecidas. Estas ações sociais somente são possíveis, pois o atual governo continua mantendo o combate à inflação, contenção de despesas e o aumento das exportações.

Estes programas são mesmo a base do novo governo, metas traçadas para colocar o Brasil no eixo render lucros para a implantação de novas medidas, que além de atingir as camadas econômicas mais baixas do Brasil, estimulam seus opositores a adotar um governo populista.

As medidas de Lula possibilitam atingir e desenvolver diversos setores sociais que reclamam melhorias. Outro programa social, que por muitos é considerado bastante polêmico é o Bol-

sa Família, criado em 2004 e que teve como função contemplar famílias de baixíssima renda e de extrema pobreza. Para permanecer no programa, as famílias devem seguir por completo suas determinações: ter os filhos matriculados na escola até os quinze anos e estes devem ter uma frequência escolar mínima de 85%, além de estar em dia com a vacinação. Este se torna o carro chefe do governo Lula, que neste mesmo ano ainda desenvolve o programa que busca oferecer curso superior a pessoas de baixa renda, o ProUni, Universidade para Todos, que oferece bolsas integrais e parciais a estudante que cursam o ensino superior em entidades privadas. A seleção é feita por meio de uma análise na nota do Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM, e de uma avaliação socioeconômica do estudante.

Porém, não apenas de pontos positivos é feito o mandato do petista. Em 2005, o governo federal se vê envolvido em várias crises políticas, que surgem devido à acusações e denúncias de corrupção, como o Mensalão, nome dado à compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional. O esquema envolve representantes do PT, entre eles, José Dirceu e José Genoíno, e derruba ministros como Antonio Palocci. O esquema de corrupção que desviou milhões de reais dos cofres públicos e depois de vários anos, as acusações estão sendo julgadas pelo Supremo Tribunal Federal, STF em 2013.

Mesmo dando continuidade nas suas medidas socioeconômicas, parte da população analisa a política brasileira com descrédito depois do caso do mensalão. A falta de confiança que há na política aos poucos chega à seleção de 2006, um time que já é campeão da Copa América, Copa das Confederações, ambos os títulos conquistados em cima da Argentina, precisa apenas do hexa para levar as três coroas possíveis. Comandados por um quadrado mágico, como é conhecido o esquema ofensivo que tem Ronaldinho, Kaká, Adriano e Ronaldo, não apresenta tanta magia assim e as más atuações nas primeiras partidas preocupam

os torcedores, que podem acompanhar a seleção somente até as quartas de final. Novamente diante da França o Brasil cai e volta para casa sem brilho. Brilho que não falta a Adriano Moraes, o peão brasileiro que na arena de Las Vegas, conquista o seu terceiro título mundial, o fenômeno agora é uma lenda.

No mesmo o ano novamente o país passa por eleições para presidente, Lula enfrenta Geraldo Alckmin, governador de São Paulo na época. Com um desgaste devido aos esquemas de corrupção, os opositores acreditavam ter uma chance de vencer o petista, mas Lula é reeleito no segundo turno.

Ao manter a taxa de inflação em baixa e alcançar um crescimento do Produto Interno Bruto, PIB, Lula inicia seu segundo mandato apoiado por suas políticas assistencialistas, baixos índices de desemprego e constantes recordes na Balança Comercial. A primeira medida tomada é o lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC. Programa do Governo Federal que une ações de políticas econômicas, planejado para um período de quatro anos, o qual visa acelerar o crescimento econômico do Brasil e tem como prioridade o investimento de quinhentos bilhões de reais em infraestrutura, habitação, saneamento, energia, transporte, entre outros. Em 2010, é lançado o PAC II, que prevê mais de um trilhão de reais para os segmentos de transporte, energia, cultura, saúde, meio ambiente e outros, sendo divididos em seis áreas de investimentos: Minha casa, Minha vida; Água e Luz para todos, Comunidade Cidadã; Transporte; Energia e Cidade Melhor.

As medidas propostas pelo governo visam criar uma nova situação econômica para o país, estimulando o crescimento e promovendo melhorias internas. Opinião que é divergente no grupo de opositores, realizando diversas denúncias de irregularidades no PAC. A oposição acusa também que as capitais governadas pelo PT e seus aliados recebem mais recursos do programa. Ou-

tra reclamação é o fato de poucas obras terem sido concluídas com este investimento.

Em 2007, os olhos esportivos de toda a América se voltam para o Brasil, especificadamente o Rio de Janeiro, cidade sede dos Jogos Pan-americanos. E durante estes eventos, Lula, com a sua imagem desgastada devido muito ao gasto exacerbado para a realização do evento e a construção das novas estruturas esportivas, é alvo de vaias e críticas dos torcedores. Durante os Jogos, um Airbus da TAM se choca com um prédio da própria companhia no aeroporto de Congonhas matando todos os passageiros.

O governo de Lula é questionado, mesmo contando com um grande índice de popularidade, eleitores insatisfeitos com a sua política cobram melhorias. No ano de 2008, uma crise atinge o mundo novamente, em especial os Estados Unidos, o que começa com a falta dos pagamentos das hipotecas, se alastra e atinge o sistema financeiro mundial. A crise dificulta o Brasil a obter dinheiro de capital estrangeiro e como solução o governo estimula os cidadãos a consumir e cria artifícios para isto. No mesmo ano os EUA conhece o seu primeiro presidente negro, Barack Obama.

Outra crise também parecia se instaurar no Brasil, uma crise no futebol da seleção brasileira. O ano é 2010, pela primeira vez a Copa do Mundo é realizada no continente africano, o palco é a África do Sul e ao som das vuvuzelas os brasileiros esperam conquistar o hexa, e apenas esperam. Na partida contra a Holanda, válida pelas quartas de final, o Brasil sofre a virada, perde por dois a um e volta para casa sem título e com uma incógnita: O que aconteceu com o futebol arte que era marca característica da seleção? Este parecia estar se extinguindo, mas no rodeio o Brasil alcança pulos cada vez mais altos, um destes conquistado em 2009 quando o país realiza a primeira Copa do Mundo de Peões, ficando em segundo lugar, atrás apenas dos Estados Unidos.

Com mais pontos positivos e metas alcançadas o governo Lula atinge grandes índices de aceitação, o que facilita o seu apoio a Dilma Rousseff, para a presidência do país. E em mais um segundo turno é eleita a primeira mulher presidente do Brasil, Dilma.

A também petista chega ao poder tendo como principio as ideias e concepções do antigo presidente. Desta forma, inicia seu mandato dando continuidade a antiga gestão de Lula, com forte apoio das camadas mais carentes e desenvolvendo uma política assistencialista e voltada para o contexto popular.

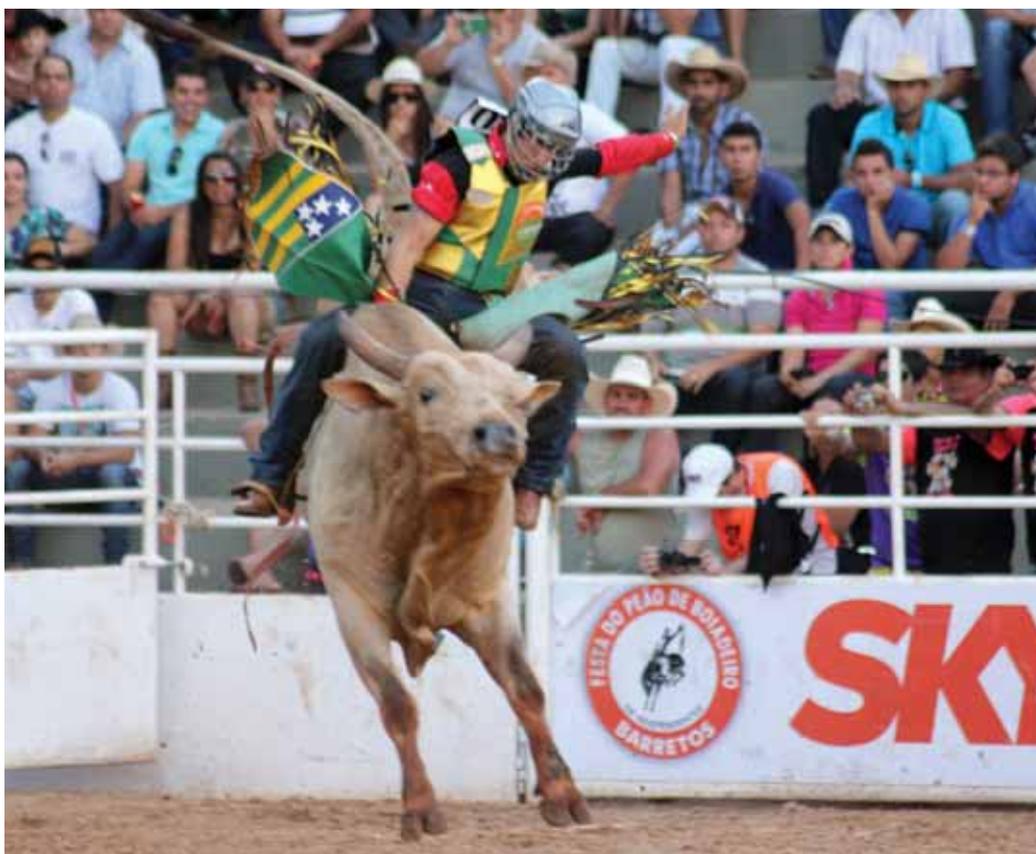
Assim como os antigos presidentes, Dilma tem preocupações em manter a economia estável, impedindo que os índices inflacionários tomem as rédeas do Brasil. Desta forma procura estimular o PIB, o que coloca o Brasil na sexta posição entre os países com a maior economia, superando o Reino Unido. Além disso, procura diminuir a taxa de desemprego e promover melhores condições à população. Com uma popularidade menor que a do ex-presidente Lula, Dilma caminha seu governo enfrentando os altos e baixos da economia e da política.

## **Rodeio sem fronteiras**

O novo milênio guarda grandes novidades para o rodeio, o que começa com pessoas montando e desafiando animais se torna um esporte e os peões viram atletas. Criam-se leis que regulamentam a profissão dos peões e os bons tratos com os animais.

A modalidade a cada ano apresenta melhores estruturas, o rodeio se profissionaliza, os equipamentos se tornam obrigatórios e o colete, que antes era um mero adereço pouco utilizado vira peça fundamental para um peão poder montar, sua armadura para a disputa está completa, botas, esporas, calças, camisas compridas, chapéus ou coletes. É assim equipado, que nossos

peões partem para as arenas, não digladiando como faziam os romanos nos tempos de César, e sim praticando um esporte, um embate livre, regido por regras e que vença o melhor.



O rodeio agora tem seus equipamentos obrigatórios como colete protetor, calça de couro e esporas sem pontas

Crédito: Leandro Nascimento

As fronteiras não são mais limites territoriais que impedem a expansão. Os peões desconhecem os limites das arenas brasileiras e cada vez brilham mais nos rodeios internacionais, conquistando o mundo sobre o lombo dos touros. Se na Roma antiga as arenas glorificavam seus vencedores com a liberdade, as de rodeio transformam as vidas dos peões com prêmios, patrocínios e *status*.

Os peões aparecem dos quatro cantos do Brasil, se muitos meninos sonham em conquistar os gramados, fazer da verde grama a sua profissão, no rodeio não é diferente, o esporte precisa

de espaço para se desenvolver, precisa de boiadas e pessoas que tenham contato com ela, por isso, o Brasil se torna um celeiro de peões, que veem oportunidade de mudar de vida. Deste modo, em uma tentativa de organizar os rodeios brasileiros surge os grandes campeonatos, agora é uma unidade maior nas diversas etapas, não é a cidade que faz suas próprias regras. Peões disputam o ano todo para ver quem é o melhor, as etapas percorrem os mais variados estados brasileiros e a cultura deste importante personagem ultrapassa as fronteiras geográficas nacionais.

Não é apenas o peão que se transforma no decorrer dos anos, os animais ganham atenção redobrada e estudos sobre o seu desenvolvimento e condicionamento são realizados. A genética e a tecnologia entram nas arenas, caminham pelos bretes e chegam aos touros e cavalos. Suas linhagens e seus desempenhos são estudados: O que faz o touro pular? Como conseguir mais e melhores animais? De que forma manter a linhagem de um animal vencedor? Touros e cavalos importantes para o rodeio se tornam reprodutores, seu material genético é cruzado com animais que podem gerar novos campeões. Júnior Zamperlini, dono de touros de rodeio, explica que antigamente montava sua tropa apenas com a aquisição de bois de outros tropeiros menores, mas hoje investe na genética para montá-la, “pegamos o filho de um boi famoso, por exemplo, e cruzamos com uma vaca que produziu um animal campeão, assim temos a chance de conseguir novo animal bom para rodeio, já que a capacidade de um boi pular é genética”.



Com grande destaque no rodeio os touros são tratados como atletas, têm ração balanceada e curral para descansar

Crédito: André Monteiro

“Hoje é muito vantajoso investir na genética, porque você já tem o animal e o sêmen fica, entre aspas, gratuito. Você coloca o sêmen em uma vaca e o processo custa ao todo uns mil reais, quando o animal começar a pular, pensando no pasto, manejo. Agora, você compra um boi hoje que está pulando bem, mas não é famoso, que está começando, é cerca de trinta, quarenta, cinquenta mil reais. Tem dado muito retorno, a exemplo do Mistério, um grande touro meu, todos os filhos dele estão treinando, todos têm pulado. É mais econômico fazer uma boiada com a sua própria genética. Eu acredito que em mais cinco ou seis anos o rodeio do Brasil vai ser feito só com touros de genética”, ressalta Júnior.

Se os peões melhoram, tropas e boiadas também e quem ganha é o rodeio nacional, mesmo setenta anos atrasados se comparados com o dos Estados Unidos.

O esporte vê surgir a Copa do Mundo de Rodeio da PBR, porém diferente do futebol, a competição dura apenas quatro anos. Outro fato importante para o rodeio é quando em 2005, a Rede Globo prende milhões de telespectadores por quase sete meses em suas casas para acompanhar a novela América. Criada por Glória Perez, a novela aborda como tema central o rodeio e a cultura dos peões. Zi Biazi comenta que “(...) a novela ajudou a divulgar o rodeio, eles vieram e ficaram um tempo aqui em casa e eu contei as histórias sobre o evento”, Esnar Ribeiro também ressalta a importância dessa novela, “(...) ajudou muito e teve grande índice de audiência, ou seja, qualquer cidadão brasileiro durante a novela ouviu a palavra rodeio pelo menos cinco vezes, familiarizou a população com a palavra, rodeio, e isso tem um valor absurdo”.

O novo milênio também traz um recomeço. O rodeio surge em regiões mais distantes como Amazonas e Pará. Os fazendeiros que saíram do sudeste há cinquenta anos em busca de mais terras hoje estão realizados financeiramente e querem retomar a cultura de seus tempos de jovens. Desejam novamente ver sua paixão em cena, o rodeio. Querem olhar para as areias das arenas e observar novos voos por causa dos pulos dos animais, admirar a beleza das montarias, pasmar-se diante da destreza do peão contra a força do animal, ver o embate entre o homem e o animal, quem é o mais forte, quem é o soberano.

## **Leis do rodeio**

O começo do novo século traz consigo uma grande novidade para os rodeios, agora a atividade é regulamentada por leis federais. Uma luta contínua de peões, tropeiros, organizadores e amantes da modalidade encontra um final feliz, depois de tanto conseguem novos regulamentos para o rodeio nacional.

A primeira lei é promulgada em 11 de abril de 2001, a Lei número 10.220 institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, que passa a ser considerado um atleta profissional. Como apresentado no Artigo Primeiro, “considera-se atleta profissional o peão de rodeio cuja atividade consiste na participação, mediante remuneração pactuada em contrato próprio, em provas de destreza no dorso de animais equinos ou bovinos, em torneios patrocinados por entidades públicas ou privadas”.

Além disso, o Parágrafo único lei delimita que “Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e equinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva”.

Carlos Napolitano, professor de direito da Universidade Estadual Paulista e membro do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol, explica que “A lei equipara o profissional de rodeio, um peão de rodeios a um atleta profissional, o que é importante para a categoria, porque através dessa regulamentação o profissional terá direitos”. Como está presente no Artigo Segundo, “o contrato celebrado entre a entidade promotora das provas de rodeios e o peão, obrigatoriamente por escrito, deve conter: I - a qualificação das partes contratantes; II - o prazo de vigência, que será, no mínimo, de quatro dias e, no máximo, de dois anos; III - o modo e a forma de remuneração, especificados o valor básico, os prêmios, as gratificações, e, quando houver, as bonificações, bem como o valor das luvas, se previamente convencionadas; IV - cláusula penal para as hipóteses de descumprimento ou rompimento unilateral do contrato”.

Também fica explícito na lei que se a entidade que for promover o rodeio estiver com o pagamento de remuneração dos atletas em atraso no período superior a três meses ela não poderá reali-

zar nenhuma competição oficial e amistosa. “A legislação pensa em um benefício para estes competidores” enumera Napolitano.

Outra lei relacionada ao mundo do rodeio é a Lei Federal número 10.519 de 17 de julho de 2002, que aborda a promoção e fiscalização da defesa sanitária animal durante os rodeios, e estes devem obedecer às normas gerais contidas na Lei, a qual primeiramente explica que “consideram-se rodeios de animais as atividades de montaria ou de cronometragem e as provas de laço, nas quais são avaliados a habilidade do atleta em dominar o animal com perícia e o desempenho do próprio animal”.

Em sua estrutura fica delimitado como as entidades promotoras de rodeio devem agir para a realização destes, a qual se aplica a defesa sanitária do animal, como a inclusão de atestados de vacinação contra febre aftosa e de controle de anemia infecciosa equina.

Além disso, cabe à entidade promotora organizar uma infraestrutura completa para atendimento médico, com a presença obrigatória de um clínico geral; médico veterinário responsável por garantir a boa condição física e sanitária do animal, e impedindo os maus tratos a estes ou injúria de qualquer ordem; infraestrutura que garanta a integridade física do animal, tanto na chegada quanto na acomodação e alimentação.

A lei prevê também, como consta no Artigo quarto, que “os apetrechos técnicos utilizados nas montarias, bem como as características do arreamento, não poderão causar injúrias ou ferimentos aos animais e devem obedecer às normas estabelecidas pela entidade representativa do rodeio, seguindo as regras internacionalmente aceitas”.

Todas estas medidas são criadas para melhorar e garantir mais estruturas ao rodeio nacional, protegendo os animais e os peões. O intuito é estabelecer um esporte seguro e regulamentado.

## Os campeonatos

O rodeio brasileiro novamente se inspira nos moldes americanos da Professional Rodeo Cowboy Association e Professional Bull Riders e começa a se organizar em campeonatos. Isto cria uma identidade e faz com que a atividade ganhe maior unidade e uniformidade. Cada campeonato tem o seu grupo de peões, que disputam durante a temporada toda, possui juízes especializados, contratam tropas e animais de qualidade, trazem em sua composição comentaristas com grande grau de conhecimento, mantém as regras padronizadas para cada modalidade do rodeio. Os campeonatos também estabelecem um calendário fixo, o que possibilita melhor organização para os competidores e ao fim da temporada concede ao vencedor um bom prêmio em dinheiro. Não há grandes disparidades entre uma cidade e outra, não há mais o dono da festa que manda e desmanda no rodeio e nas regras do jeito que bem entende. Os peões agora podem contar também com uma estrutura melhor e a competição anima os amantes do esporte. O fato dos campeonatos ranquearem os competidores com uma soma das notas instiga os peões a buscarem melhores resultados, o que acirra a disputa até o último evento.

Contudo há divergências de opiniões sobre os papéis destes campeonatos. “Esses campeonatos, não falo de um específico, mas de todos, tiraram o brilho da festa local. Antes tinham os organizadores, todo lugar tem uma comissão de festa, os organizadores da festa local, cada cidade tinha a sua e o campeonato veio e tomou um pouco de espaço dessas pessoas. Ele chega à festa, colocam esses organizadores no camarote e falam ‘aqui quem toca é a gente’. O cara que está ali trabalha o ano inteiro em um negócio que ele gosta, sempre fez e organizou e eles tomaram o espaço. Isso atrapalhou um pouco, as comissões organizadoras perderam um pouco do entusiasmo. Em uma cidade pequena do

interior a comissão tem vinte ou trinta pessoas, então é aquele entusiasmo de fazer, ver se a festa deu certo, a festa que eles fizeram. Mas o campeonato toma o lugar dessas pessoas e não falam nem nome, é campeonato não sei o que, não fala dos organizadores, eu acho errado isso aí. Mas muita gente abriu os olhos porque eles dão o dinheiro para esse campeonato que fazem tudo, pegam o dinheiro, vão embora sem olhar para trás”, avalia Tião Procópio.

Atualmente o Brasil conta com dois grandes campeonatos, Top Team Cup e PBR Brasil, filial da gigante americana, além de vários outros campeonatos menores e dentre eles, para a execução do livro, acompanhamos a Ekip Rozeta, que vem crescendo no cenário nacional.

O Top Team Cup foi fundado em 2006 pelo presidente José Uilson Freire e é o mais antigo do Brasil. O circuito tem etapas nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais confirmadas, além de novos contratos em diversas outras cidades que vão surgindo ao longo do ano.

As modalidades presentes nesse campeonato são montaria em touros e em cavalo nos estilos Bareback e Sela Americana e Três Tambores, a única prova feminina. O grande campeão da montaria em touros leva a quantia de um milhão de reais, pagos assim que o resultado é liberado.

No início os peões convidados pelo presidente eram campeões de grandes rodeios na época. Mas atualmente para fazer parte da Top Team Cup os candidatos devem participar de um qualifying.

“As pessoas que trabalham e dirigem o nosso campeonato têm *knowhow* como Fabricio Alves, Vilmar Felipe. Nos três tambores, nós temos um ícone da modalidade que faz parte do nosso grupo como a Keila Polisélio. Não buscamos apenas os melhores competidores, porque competidor a gente faz renovação o que queremos é valorizar o esporte, queremos dar oportunidade para todos aqueles que merecem. Nós chamamos Top Team Cup por-

que sempre procuramos os profissionais tops naquilo que fazem em todas as funções do campeonato”, orgulha-se Zé Uilson.



Marcio Lino, campeão da Top Team Cup 2013

Crédito: Garça Foto Rodeio

O outro grande campeonato é a PBR Brasil, que abrange apenas a montaria em touros e é presidido por Flávio Junqueira, que conta como foi a formação da filial verde e amarela.

“No Brasil, em 2002, o Adriano Moraes trouxe um projeto de fazer quatro etapas de rodeio no modelo da PBR patrocinado pela Toyota e a gente construiu o Mundial Toyota de Rodeio em Touros. Foi a primeira vez que a gente fez o modelo que os peões americanos desenvolveram, ou seja, um modelo em que todos os profissionais envolvidos como juízes, salva vidas, tropas, todos são escolhidos pelos próprios peões por meio de votação. Tiramos a cartolagem e deixamos os competidores escolherem e con-

tratamos quem eles acreditavam que eram os mais competentes naquela época.

Em 2003 a Toyota não firmou uma parceria com a gente e os peões me chamaram para tentar fundar alguma coisa semelhante à PBR americana aqui no Brasil. E eu junto com quarenta competidores, copiando o modelo de sucesso lá, criamos a PRT, Profissionais de Rodeio em Touro, e em 2003 nós fizemos o primeiro campeonato. Em 2005 a PBR americana resolveu expandir para outros países no mundo: Austrália, Canadá, Brasil e México e eles me convidaram para tocar esse projeto. Fizemos, então, uma fusão com esse campeonato que já existia desde 2003 e em 2006 esse campeonato levou o nome de PBR.

Na verdade, não buscamos um modelo americano, mas um modelo em que o atleta, o competidor tomasse decisões, principalmente no que diz respeito ao desempenho dele no esporte, ele que participa na divisão de premiação, na escolha de competidores, ou seja, tudo o que diz respeito ao esporte. Até hoje a gente tem uma diretoria de peões que representam todos, eleita por todos e a gente decide tudo junto com eles. Eu não tomo nenhuma decisão sozinho aqui, quando diz respeito ao esporte. São os peões que escolhem os competidores, qualquer um ranqueado nos TOPS 35, pode apresentar um novo competidor e ele é votado por todos e fazemos um ranking. Eles votam, se conhecem ou não, se é bom ou não e a cada voto o candidato recebe um ponto. Quando sobra vaga entram os novos de acordo com os votos que receberam. É um esquema que eu como presidente não consigo colocar ninguém, os competidores que classificam os novos competidores”.



Peões torcem uns pelos outros porque o oponente no campeonato é o animal  
Crédito: André Silva

Já Enrique Moraes, fundador da Ekip Rozeta, outro campeonato de montaria em touros, afirma que “nosso negócio é oportunidade. Um cara para surgir, para entrar em um campeonato grande tem que ter conhecimento, a gente sempre fala que nosso campeonato é uma base. Os dois últimos campeões nossos tinham 18 anos de idade cada, o Denner e o Rafael. Eu pego muito peão que ninguém conhece, levo- no ao rodeio, vou cobrando dele, ensinando. Eu não quero que o cara seja só um bom peão, mas também uma boa pessoa, com boas atitudes. Esse é o trabalho que eu procuro fazer com os nossos peões”.

Enrique começou no rodeio trabalhando como ajudante de locutor, mas seu sonho era empunhar o microfone e locutar o rodeio. Ele até fez algumas tentativas, mas o destino o encaminhou para empunhar o microfone em outra função, comentarista. Enrique então começou a fazer seus comentários na arena, a amizade com os peões foi crescendo e aos poucos foi dando forma a seu campeonato: Ekip Rozeta. Uma curiosidade é que quando Enrique contratou um designer para fazer o logo da equipe, mas ele errou e escreveu roseta com 'z' ao invés de 's'. Esse erro virou uma marca registrada da equipe fundada em 2005.

Para participar do campeonato os peões devem pagar duzentos reais, esse dinheiro é usado para ajudar na premiação final. No ano de 2013 o prêmio final seria em caminhão para o primeiro colocado e duas motos, uma para o segundo e uma para o terceiro colocado.



Júlio César Ribeiro monta na final do campeonato da Ekip Rozeta em Palestina 2013

Crédito: Márcio Munhoz

Os campeonatos respeitam as mesmas regras das modalidades, divergindo apenas em algumas questões estruturais, como o número de juízes, que varia entre dois e quatro, a quantidade de salva-vidas. Porém, todos seguem o padrão tanto nas montarias em touro, quanto nas montarias em cavalos.

## “Causo e caso”

Edson Fuzaro de Castro, mais conhecido como Piracicabano, é locutor de rodeio por mais de vinte anos. Vive e protagoniza muitas situações cômicas dentro das arenas, uma delas, ele nos conta rindo ao lembrar-se do ocorrido.

“Tem um artista de rodeio apelidado de Queijinho e o ponto máximo da apresentação dele nas arenas é a ‘Nega Maluca’. Nós estávamos em Cândido Mota, e ele deixava a ‘Nega Maluca’ em cima da rodagem da carreta, aí ele chega e combina com os outros como vai ser a apresentação. Ele é meio nordestino e me disse, ‘Piracicabano tu chama a ‘Nega Maluca’ que eu vou chegar e vou dançar, põe aquela musica que eu vou chegar com tudo’, combinamos e ensaiamos, tudo beleza. Aí tinha uma arquibancada do lado e o povo me viu catando a ‘Nega Maluca’ e jogando ela em cima da carreta, e sem falar nada para o Queijinho. Como o povo da arquibancada tinha visto, eu virei para eles e fiz sinal para não falarem nada. Ele estava encostado na beira da arena esperando para entrar.

A máscara que ele faz é de pasta de dente, graxa Nugget e um batom bem vermelho. Vai daqui, vai dali e estava tocando o hino nacional na abertura, e eu cheguei perto dele e disse ‘Queijinho, traz a ‘Nega maluca’ que acabando o hino nacional eu te chamo’. Ele saiu correndo, foi lá no caminhão e eu já comecei a anunciar ‘atenção, atenção Queijinho, pode entrar na arena’ e ele corria

de um lado para o outro procurando sua boneca e o povo da arquibancada rindo, porque eles sabiam da presepada que eu tinha feito. Enquanto o povo ria e eu falava ‘Queijinho, você é tão bom que o povo esta rindo de você antes do povo te vê. Vamos convidar agora com a sua ‘Nega Maluca’ o maior dançarino do Brasil, o palhaço Queijinho. Ele entrou e a arquibancada veio a baixo rindo ‘uai o que aconteceu, você desquitou da namorada, cadê ela? Não vai mais ao bailão?’ Ele pegou o microfone e disse, ‘olha Piracicabano, eu vou falar bem a verdade para ti, a desgraça de algum moleque roubou a minha boneca. Gente quem pegou me devolva porque é o meu material de trabalho’. Foi mais engraçado do que se ele tivesse dançado com a boneca. Aí nós começamos a anunciar no rodeio que tinham sequestrado a mulher dele e o povo da arquibancada chegava dobrar de tanto dar risada. Eu tive que conduzir a plateia só na mímica, segurar a onda um tempão ali para não descobrir. Por fim o povo não olhava mais para o rodeio, ficavam olhando para ele para ver onde estava indo procurar a ‘Nega maluca’. Passou o rodeio inteiro e deu um pé d’água á noite que essa boneca dele devia pesar uns 100 quilos molhada. No outro dia rapaz, cheguei para ele e disse ‘me falaram que a sua ‘Nega Maluca’ está em cima do caminhão do Som Pop, e ele ‘não é possível, como essa Nega subiu lá’. Aí ele subiu na arquibancada e viu, enquanto isso a gente combinou com o dono do caminhão para ele não deixar o Queijinho subir, falando que vai afundar a lata. Então lá foi ele procurar uma escada, pegar roupa dele na malinha para colocar na escada para não riscar o baú e com uma vassoura ficava cutucando a boneca para ela cair. Como ele sofreu neste rodeio.

## Brasil nos Estados Unidos

Se os anos 1990 são marcados pelos primeiros peões brasileiros conquistando, ainda que um pouco tímidos, as arenas americanas, no século XXI nossos peões já estão *experts*. Agora nossos atletas são os melhores do mundo, levam e hasteiam a bandeira brasileira em outras arenas. Como no futebol, o peão brasileiro é sinônimo de craque. “Antes da PBR Brasil a gente tinha dois ou três competidores lá fora, depois que a PBR Brasil cresceu nós fomos campeões mundiais três anos consecutivos, 2010, 2011, 2012. Antigamente os caras não saiam muito do Brasil para se aventurarem nas categorias de base dos Estados Unidos e subirem, mas hoje eles já saem e vão direto para a categoria principal. No ano de 2012 dos trinta eventos nós ganhamos vinte e dois. De dois milhões de dólares da final, a gente ganhou mais da metade, então a superioridade dos moleques vai fazer com que a PBR Brasil cresça cada vez mais”, explica Flávio.

O Guia de Imprensa 2013 da PBR americana mostra todas as conquistas de seus competidores desde sua criação até o ano de 2012 e as conquistas dos brasileiros enchem suas páginas. Nesse novo milênio Adriano Moraes conquista o bi e o tricampeonato mundial pela PBR em 2001 e 2006, respectivamente. Entre essas duas conquistas Ednei Caminhas se torna campeão em 2002. Guilherme Marchi também alcança o tão sonhado título em 2008 e Renato Nunes é o grande campeão de 2010. Quem também bate recordes em terras americanas é Silvano Alves, que conquista o campeonato mundial em 2011 e 2012, o primeiro a ser campeão duas vezes consecutivas.



Silvano, uma grande revelação brasileira de apenas vinte e cinco anos e dois títulos mundiais

Crédito: André Silva

O grande evento da temporada da PBR é a final em Las Vegas, quando as conquistas valem mais pontos do que qualquer outra etapa e os prêmios são maiores. Neste evento os brasileiros também conseguem grandes conquistas e impressionam ainda mais o público. O primeiro brasileiro a vencer essa etapa é Guilherme Marchi em 2005, Renato Nunes também consegue a façanha em 2010 e Robson Palermo ganha o apelido de Mister Vegas por levar o título de 2008, 2011 e 2012. O único tricampeão do evento.

Além disso, todos os peões que disputam pela primeira vez o campeonato americano da PBR concorrem ao prêmio Rookie of the Year, uma espécie de revelação do ano. Ganha o prêmio o peão que mais somar pontos em sua primeira temporada no Built Ford

Tough, o campeonato mundial. Entre 2003 e 2012 o prêmio era dado para o peão que mais tivesse ganhado dinheiro na primeira temporada dele na PBR. Os brasileiros que se deram bem nos Estados Unidos logo no primeiro ano foram, Silvano Alves, que foi o melhor estreante em 2010, Rubens Barbosa em 2011, Emilio Resende em 2012 e João Ricardo Vieira leva o prêmio em 2013.



Emilio Resende, Rookie of the Year de 2012

Crédito: André Silva

Nos Estados Unidos a cada etapa os peões mais bem colocados ganham premiações em dinheiro, como acontece no Brasil. A Professional Bull Riders se orgulha em transformar a montaria em touros antes um hobby para uma profissão, um esporte que

permite a seus atletas ganharem a vida na montaria. Por isso a PBR divulgou uma lista com os vinte e cinco cowboys que ficaram milionários ao longo dos anos por participarem do campeonato até o ano de 2012.

Dentre esta lista, os brasileiros aparecem em segundo lugar com Guilherme Marchi, que acumulou um total de U\$ 4.198.735. Em quarto aparece Adriano Moraes, que em seus anos de PBR ganhou a quantia de U\$ 3.504.344. Silvano Alves vem logo depois, em quinto, por somar U\$ 3.248.020. Seguindo na lista o próximo brasileiro é Renato Nunes, que aparece em nono, acumulando U\$ 2.649.360, seguido por Robson Palermo em décimo com U\$ 2.339.884 e Valdiron de Oliveira, em décimo primeiro, juntando U\$ 1.676.129. Mais no final da lista aparecem Paulo Crimber em vigésimo primeiro, que acumulou a quantia de U\$ 1.142.716 e Ednei Caminhas, em vigésimo segundo, que arrecadou no campeonato U\$ 1.142.084.

No quesito dinheiro ganho com rodeios Silvano também quebra recordes. Foi o peão que ganhou um milhão de dólares mais rápido, em dezoito meses ao participar de quarenta e sete eventos; o que arrecadou dois milhões mais rápido, com vinte e três meses em cinquenta e oito eventos e também o que ganhou três milhões em menos tempo, com vinte e oito meses em setenta e sete eventos.

Voltando aos prêmios, o competidor que alcança a maior nota durante o evento da final mundial leva o prêmio Lane Frost/Brent Thurman cujo nome é uma homenagem a esses dois grandes peões americanos. Quatro brasileiros conseguiram essa premiação, em 2011 com Robson Palermo, que montando no touro King Of Hearts alcançou a nota de 93,25; em 2010 na montaria de Valdiron de Oliveira no touro Spit Fire, que alcançou a nota 91,5; com Adriano Moraes, em 2006 quando monta o boi Here's your Sign atinge a nota 93 e em 1996, quando o primeiro prêmio foi

dado, por alcançar a nota 93,5 montando no touro Shotgun Red. Ednei Caminhas também levou o prêmio em 2000, ele conseguiu 94,5 pontos montando o touro Dillinger.

Entre as cinquenta maiores notas das montarias da história da PBR até 2012 também há brasileiros em cinco posições. O primeiro peão verde e amarelo que aparece na lista é Renato Nunes, que em 2008 monta no touro Chickenon a Chain em Saint Louis e consegue a nota de 95,75. O fenômeno, Adriano Moraes, está na posição de vigésimo oitavo com a nota 95 pela montaria de 2000 em Houston no touro Promise Land. O único cowboy brasileiro que aparece duas vezes no ranking é Ednei Caminhas, ele está em vigésimo nono por conseguir 95 pontos ao montar no animal Dillinger em 2001, na cidade de Columbus e em quadragésimo terceiro por ter alcançado a nota 94,5 quando montou também no animal Dillinger em 2000 na final mundial, Las Vegas. O outro brasileiro da lista é Rogério Ferreira em trigésimo nono, com a nota 94,5 em Charlotte, no ano de 1999, por ter montado no boi Promise Land, o mesmo que deu a nota 95 para Adriano.

Os brasileiros mantêm os bons resultados dos anos 2000 nos Estados Unidos. Ao final da temporada 2013 da PBR americana entre os 20 primeiros peões do ranking, nove são brasileiros. Silvano Alves aparece como o mais bem colocado, em segundo lugar, seguido por João Ricardo Vieira, o Rookie of the Year 2013. Guilherme Marchi vem logo depois, em quarto. Marco Eguchi ocupa a sexta posição e Eduardo Aparecido a sétima. Completa a lista Cláudio Crisóstomo, que está em décimo segundo, Emilio Resende na décima quinta posição, seguido por Valdiron de Oliveira e Fabiano Vieira, em décimo sexto e décimo sétimo, respectivamente.



Robson Palermo, o Mister Vegas

Crédito: André Silva

## Surge uma nova promessa

O novo nome brasileiro nas arenas americanas é Silvano Alves, que nasce em Pilar do Sul, interior paulista, no dia 23 de novembro de 1987. Atualmente, por competir nos Estados Unidos, Silvano mora na cidade de Decatur, Texas. Antes de ir para terras americanas em 2010 Silvano começa sua carreira na Ekip Rozeta, foi campeão da Top Team Cup na temporada 2007/2008, no ano seguinte volta a participar de rodeios abertos e em 2010 passa a fazer parte da Professional Bull Rider Brasil, mas seu foco era os Estados

Unidos. No mesmo ano Silvano ganhou como revelação, Rookie of the Year, no torneio da PBR americana e foi o primeiro peão a ganhar o campeonato mundial também desse campeonato por dois anos seguidos, em 2011 e 2012, com apenas 25 anos. O peão Silvano Alves é capa de revistas sobre rodeio, convive com flashes das câmeras pelos grandes desempenhos, mas timidamente conta um pouco de sua vida no esporte.



Silvano confirma o favoritismo em 2012 e levanta a taça pela segunda vez em Las Vegas

Crédito: André Silva

### ***Como você começou a montar?***

Eu comecei a montar desde pequeno. Meu avô era peão de fazenda, de circo, montava em burro, meu pai era um peão regional, ele tinha que conciliar o trabalho e o rodeio e por isso não saía para muito longe de casa. Eu ia para os rodeios com meu ele e acabei gostando. Eu laçava mais do que montava no começo, eu ia laçar na fazenda do meu colega e de tarde eu montava nos bois escondido, até que um dia eu montei num bezerro, cai, cortei a orelha e tive que chamar a minha mãe. Ela veio, me levou para o hospital, levei ponto e quando eu sarei eu ia sair e ela me perguntou ‘Você vai montar de novo?’ e eu disse que sim. Ela me pediu para largar mão de montar, mas eu continuei, se não desse certo eu parava, mas graças a Deus deu certo.

Em 2004 eu montei no meu primeiro rodeio e ainda participei de outro rodeio perto de casa e terminei em segundo lugar ou fui campeão, não lembro. Na época eu ganhei duzentos ou trezentos reais, o que para mim foi muito emocionante, era meu primeiro prêmio. No ano seguinte já ganhei uma moto, fui montando bem e graças a Deus deu no que deu hoje.

### ***Você teve ou tem algum ídolo no rodeio?***

Quando eu comecei eu assistia muito rodeio, vídeo das montarias para ir aprendendo. Mas eu era e sou fã até hoje mesmo do Fabricio Alves, ele sabe disso.

### ***E por que você já foi montar nos Estados Unidos tão jovem?***

Meu sonho era conseguir montar lá, acho que esse é o sonho de todo o peão. Eu montava bem e assim que tive oportunidade fui para os Estados Unidos.

***Qual a maior dificuldade que um competidor brasileiro enfrenta nos EUA?***

Pra mim a maior dificuldade foi a língua, que continua difícil até hoje. Mas para maioria dos peões a dificuldade é se adaptar aos bois de lá, que são um pouco diferentes, eles são menores, mais ágeis. Mas não tive problema com isso, me adaptei muito rápido.

***Qual a diferença entre os animais do Brasil e EUA?***

Os animais brasileiros e americanos são muito diferentes, mas eu acho mais gostoso montar nos bois daqui do que no de lá. Aqui no Brasil eles são maiores, mas levantam mais a bunda, a traseira, de um jeito melhor para a gente montar. Lá não, lá são bois menores, mais fortes e mais rápidos, eles trocam de direção muito rápido. Eu acho os bois de lá muito mais difíceis.

***E qual o tipo de boi que você considera melhor para montar?***

Eu acho que boi bom é aquele que dá um, dois pulos e já roda, para direita ou para esquerda. É melhor o que roda do que o que só pula pra frente caçando um lado pra cá, um lado pra lá. É melhor quando roda, porque você consegue ficar mais posicionado em cima dele e é um boi que dá mais nota.

***Você faz algum tipo de preparação física antes dos rodeios?***

Não, tem peão que faz academia, mas eu não faço. Quando não estou no rodeio eu monto a cavalo, corro um pouco, nado e também monto em boi toda semana, meu treino é esse, montar em bois nos rodeios.

***Tem algum animal que você considera um obstáculo?***

Não, pra mim são todos iguais.

***Você tem algum amuleto para te dar sorte?***

Não tenho, mas sou devoto de Nossa Senhora Aparecida e sempre ando com uma imagem dela e também rezo, peço proteção antes de montar e depois eu rezo agradecendo.

***Como é a sua relação com os competidores americanos?***

É boa, a gente é amigo, mas não é igual como com os brasileiros. Os brasileiros são mais íntimos, têm um vínculo maior de amizade. Com os americanos a gente só conversa o necessário, até porque eu não sei falar a língua. Normalmente eles procuram a gente quando estão precisando mesmo.

***Qual foi sua maior alegria dentro do rodeio? E a maior decepção?***

Minha maior alegria foi ter conquistado o título de campeão mundial. Agora decepções, não tive nenhuma.

***E o que representou para você ser campeão mundial?***

É uma importância muito grande, o sonho de todo peão é ser campeão mundial. Eu só esperava ser um bom peão no estado de São Paulo e no fim o sonho era ser campeão mundial e já consegui duas vezes e estou aí correndo atrás da próxima.

***A sua mulher te acompanha nos rodeios?***

Ela sempre me acompanha, sempre que tenho oportunidade eu a levo e as crianças também, elas gostam do rodeio. Minha esposa sempre me acompanha e me dá força, me dá opinião, me ajuda. Ela não fica nervosa de me ver montar.

***Você é muito assediado pelos fãs? E as Marias breteiras?***

A gente sempre tem muitos fãs, mas as pessoas respeitam, sabem o que é a vida da gente. As Marias breteiras têm, não vou

falar que não, têm muito, mas quando a gente se dá ao respeito elas também respeitam a gente.

***Depois de dois títulos mundiais, o que ainda falta para você conquistar?***

Um sonho que eu ainda tenho e espero conseguir é conquistar aqui no Brasil o rodeio de Barretos, esse é o grande sonho dos peões realizarem aqui no Brasil.

***Qual seu maior sonho dentro do rodeio?***

Acho que é ser um diferencial no rodeio, ter meu nome gravado nesse meio, ter uma história para contar.

***Você tem vontade de montar em outros países além do Brasil e dos Estados Unidos?***

Se me permitir eu tenho vontade sim, de montar no México, Canadá, Austrália.

***Você pensa em voltar para o Brasil?***

Sim, eu quero ficar mais um tempo nos EUA, mas lá não é o futuro. Eu quero voltar para o Brasil até por causa dos meus filhos, eles têm que ficar num lugar fixo, hoje eu vivo viajando entre Brasil e Estados Unidos. A gente é brasileiro, tem que ficar aqui mesmo.

***Você acredita que pode se tornar uma lenda do esporte?***

Não sei, isso eu não posso falar. Eu só quero fazer minha carreira bem feita tanto aqui no Brasil como lá nos Estados Unidos para um dia ser bem lembrado.

***Qual você acha que é a característica de um peão de rodeio? O que significa ser um peão?***

Um peão tem que saber diferenciar muitas coisas, suas vitórias, suas derrotas, sua fama, seu companheirismo, sua humildade. Não só do rodeio, mas em todas as partes, em todos os lugares.

***Você aconselharia alguém a ser peão de rodeio?***

É difícil aconselhar, mas se for o sonho da pessoa eu acho que deve ir atrás sim e seguir o sonho.

***Você acha que o rodeio tende a crescer no Brasil?***

Eu acho que sim. Hoje tem muito mais gente que entende o que está acontecendo na arena. Sabe quem os peões são, os animais; sabe porque cada um teve a nota que teve. O rodeio aqui está melhorando.

***Você acredita que é possível separar show de rodeio?***

Hoje é difícil separar porque é um negócio, mas seria bom. Às vezes o rodeio atrasa para esperar o público chegar e atrapalha quem chega cedo para ver o rodeio. Também muita gente que só vai ver o show e o rodeio fica meio esquecido.

***O que você acha que tem que melhorar no rodeio brasileiro?***

Acho que a organização e a legalização. Fazer tudo organizado é melhor, dá tudo certo. Tem rodeio muito bagunçado, o público não gosta e queima a imagem dos outros rodeios.

***Qual sua opinião em relação aos maus tratos aos animais?***

Eu acho que antigamente eles falavam muito. Mas hoje em dia não existe muito, um boi de rodeio é bem mais bem tratado do que a gente dependendo a hora. Têm veterinários vinte e quatro horas, ração balanceada, tem tudo. É bem mais bem zelado do que a gente. O caminhão leva os animais sempre folgados, com espaço, viaja pouco tempo e já descansa.

***O que pensa em fazer quando parar de montar?***

Eu pretendo continuar no rodeio, mas em outra função, não sei qual ainda.

### ***Você acredita que seu filho vai seguir seu caminho?***

Não sei, a gente não pode falar. Mas ele gosta muito, fala de boi o dia inteiro, monta em boi. Inclusive tem a corda, o colete, o capacete, tem tudo. Mas vou deixar a critério dele, se quiser ser peão eu vou apoiar, mas se não quiser a gente vai procurar ver o que ele gosta e eu vou apoiar também.

Silvano é um dos exemplos recentes dos grandes êxitos brasileiros no exterior, mas muitos nomes surgem a todo instante. A competição com os americanos também é grande e os meninos do Brasil continuam se esforçando para se manterem vencedores.

## **Final Las Vegas**



Final Mundial PBR 2013

Crédito: André Silva

Para ver de perto as diferenças entre o campeonato brasileiro e americano nós fomos para Las Vegas assistir a final do campeonato da PBR, que aconteceu entre os dias 23 e 27 de outubro de 2013 no Thomas & Mack Center. A final nacional da PRCA também é disputada em Las Vegas, mas no mês de dezembro.

A cidade de Las Vegas é a mais populosa do estado de Nevada, Estados Unidos. Conhecida como a cidade do pecado, também é lembrada por grandes eventos como lutas de MMA, shows de cantores renomados, grandes espetáculos do Cirque du Soleil e finais de rodeio, o que leva, junto com os grandes hotéis e cassinos, a cidade a ser chamada de capital internacional do entretenimento.

Ao chegarmos em Vegas foi fácil perceber que um evento, entre os milhares da cidade, mudava o cotidiano daquele oásis no deserto. Hotéis, bares, lojas e restaurantes hasteavam placas dando boas vindas a final internacional do rodeio em touros, um evento que acontece há vinte anos na cidade. As limusines dividiam as ruas com caminhonetes gigantes, os saltos altos e sapatos sociais cruzavam com as botas de couro, os chapéus protegiam os amantes do rodeio do sol, não era uma fantasia, um traje para um evento especial, é um estilo de vida. São vários tipos que circulam em Las Vegas. Os cowboys, misturados com grupos enormes de asiáticos, adolescentes com copos de bebidas coloridos comemorando a maioridade, famílias com crianças extasiadas devido à quantidade de luzes, despedidas de solteiras e solteiros, grupos de idosos tentando a sorte nas maquininhas, o mundo da diversão se encontra em Vegas.

Chega o dia do rodeio e muitas lojas trazem o mundo country para suas vitrines. A competição começa às seis horas e por volta das quatro da tarde as caminhonetes já seguem seus caminhos para o local. Os pontos dos ônibus que vão para a arena começam a encher e outros amantes do esporte encaram o sol quente e preferem ir caminhando. Não há pressa, todos têm seu lugar marcado e um assento confortável.

Do lado de fora do Thomas & Mack Center o estacionamento já nos impressionava, estávamos acostumados a sempre sujar os carros de barro para estacionar e só percebemos depois por causa da falta de iluminação. Lá, por ser o estacionamento da Universidade de Las Vegas, o local é de cimentos e as vagas estão marcadas. As bilheterias têm filas pequenas e antes de entrar na arena também é possível observar lojas de roupas com as calças jeans típicas dos cowboys e camisas de mangas compridas.

Ao entrar no ginásio, nos Estados Unidos a maioria dos rodeios são realizados em estádios de basquete e isso acontece em Las Vegas. Há também lanchonetes e uma arquibancada enorme. Cada torcedor ganha uma tabela com fotos e explicações curtas sobre as montarias. Nessa tabela há todas as montarias da noite com nomes dos peões e animais e com o passar dos dias do evento são disponibilizados os pontos acumulados. Os espectadores podem marcar os resultados em cada montaria e até saber se seu peão favorito tem chance de ser campeão.

A mesma miscelânea de pessoas e nacionalidades vista pelas ruas de Vegas está dentro do ginásio. Entre os peões, as cinco nacionalidades da PBR, americanos, australianos, brasileiros, canadenses e mexicanos. Nas arquibancadas, obviamente grande parte é americana, mas os brasileiros faziam barulho e questão de mostrar que estavam lá. A cada dia conhecíamos um representante de algum outro país, tinham canadenses, mexicanos, australianos e até um irlandês que fingiu dançar sapateado junto com o comediante do campeonato. O evento é uma grande festa.

Outra grande diferença para nós foi a pontualidade que os americanos parecem ter herdado de seus colonizadores ingleses. Às seis da tarde em ponto os fogos estouravam, o cantor da banda que recepcionava os espectadores cantou o Hino Nacional Americano e o locutor fez uma reza pedindo para que nenhum dos competidores se machucasse, agradecendo a possibilidade de to-

dos estarem presentes e lembrando os soldados americanos que defendiam os interesses de seu país. Se você se distraísse por alguns minutos perdia a desmontagem do palco e a primeira montaria do rodeio.

E assim foram todos os cinco dias de rodeio, com montarias que muitas vezes passavam dos noventa pontos. A arquibancada sabia quem era quem entre os peões e sabia exatamente por quem torcia.

Outro personagem que chama atenção de quem não conhece o rodeio americano é Flint Rasmussen, o palhaço de rodeio mais famoso do todos. Flint participou de sua primeira Final Nacional do Rodeio da PRCA em 1998 e nesse campeonato ganhou oito vezes consecutiva como o melhor palhaço. Em 2005 Flint assinou um contrato de exclusividade com a PBR em 2005 e participou de todas as etapas do evento. Flint faz a arquibancada rir e brinca com todos durante o evento e por isso tem uma relação muito próxima com o público. No segundo dia de evento Flint pediu para que no dia seguinte todos fossem de camisa rosa para homenagear o outubro rosa, o que se viu no dia posterior foi uma arquibancada cor de rosa.

Chega o quinto dia de rodeio e o campeão mundial seria definido, apesar de todos já terem uma ideia de quem seria. Os três últimos campeões mundiais tinham sido brasileiros, Renato Nunes venceu em 2010 e Silvano Alves em 2011 e 2012, mas esse era um ano diferente, era o vigésimo aniversário da PBR e um americano muito carismático que vinha subindo na classificação pouco a pouco, surpreendendo, estava muito próximo de levantar o troféu, JB Mauney. JB era o ídolo da final entre os americanos e tinha até sua música própria.

Era o final das montarias e JB precisava apenas parar em um dos touros do último dia para ser campeão. JB parou e os americanos gritavam o seu nome. Mas um grito ninguém entendeu,

mas nós brasileiros sim, a torcida verde amarela gritava 'Silvano', o peão que chegou em primeiro lugar em Las Vegas, mas a essa hora já não tinha mais chances, todos olhavam aqueles grupos barulhentos sem entender, eles gritavam o nome de quem não tinha mais chances, nós rimos, nós entendemos, nós queríamos gritar junto, mas jornalista tem por obrigação ser imparcial e nós apenas anotávamos os pontos.

Apenas por formalidades todos esperaram JB fazer a última montaria para saudar o campeão, a arquibancada em sua maioria comemorava, os juízes comemoravam e a imprensa esqueceu sua imparcialidade fundamental. Foi uma festa bonita, com montarias espetaculares que nos deixaram de boca aberta. Foi uma final mundial. Mas, também como todos os dias, logo depois do fim das montarias o ginásio se esvaziava, um pouco mais devagar do que nos outros dias. Disseram-nos, antes da viagem, que depois do rodeio nos Estados Unidos o povo vai embora rápido, se alguém estivesse bebendo uma cerveja tiravam-na de você, era mais ou menos assim mesmo. Ao fim da festa de JB alguns brasileiros voltaram a gritar por Silvano, mas ninguém mais apareceu.

Acabava a etapa de Las Vegas, a última coletiva de imprensa, mas a gente queria mais. O que vimos nos dias seguintes eram as botas, as caminhonetes, os chapéus e as fivelas esvaziarem as ruas de Las Vegas e voltarem para suas casas, na cidade e no país que fosse. Las Vegas voltava ao seu normal, se é que há alguma coisa de normal em Vegas. Todos parecem esperar e esperava os cowboys voltarem em dezembro com a PRCA e o couro, a poeira da arena e os animais gigantes também voltariam. Mas nós fomos para casa, felizes por conquistarmos mais uma etapa na nossa carreira e por conhecermos um pouco mais desse grande rodeio, com a vontade de quero mais. Quem sabe num próximo ano.

## **PBR World Cup**

Entre os anos de 2007 e 2010 a PBR organiza a Copa do Mundo de Rodeio da qual participaram os cinco países onde o campeonato tem sede: Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos e México. Segundo o site do campeonato, durante a Copa do Mundo de Rodeio cada país conta com uma equipe de cinco peões, sendo um deles o líder. Cada competidor recebe mil dólares de ajuda de custo. Além disso, a equipe ganhadora recebe o título de melhor nação no esporte, um prêmio no valor de cem mil dólares e o capitão desta equipe recebe um bônus de dez mil dólares.

A competição é organizada de quatro rodadas, sendo duas por noite, em que todos os cowboys competem, mas apenas os três melhores de cada equipe têm duas notas consideradas. Ao final o time com maior pontuação vence.

Na primeira Copa do Mundo, em 2007, a competição é na arena Gold Coast Convention and Exhibition Centre, em Gold Coast, Austrália. Nesse ano o Brasil leva a medalha de ouro, o Canadá a prata, Estados Unidos a bronze, o México fica em quarto e a Austrália em último lugar.

No ano seguinte a Copa é disputada na cidade de Chihuahua, México, na arena Manuel Bernardo Aguirre Gymnasium. Dessa vez os Estados Unidos são os grandes campeões, seguidos por Canadá, Brasil, México e Austrália.

Já em 2009 o Brasil é o país escolhido para realizar a da Copa do Mundo da PBR e a cidade sede é Barretos, na arena do Parque do Peão. Novamente os Estados Unidos levam a melhor, deixando os brasileiros em segundo lugar, seguidos por canadenses, australianos e mexicanos.

A última PBR World Cup é disputada nos Estados Unidos, na cidade de Las Vegas na arena Thomas & Mack Center. Agora na terra dos americanos quem vence a disputa são os brasileiros. Em

segundo aparece Estados Unidos, terceiro Austrália, em quarto Canadá e em quinto México.

PBR World Cup			
1.	Brasil	●	● ● ●
2.	Estados Unidos	● ●	● ● ●
3.	Canadá		● ● ● ●
4.	Austrália		● ● ● ●
5.	México		

Esta Copa demonstra como os peões brasileiros evoluíram rápido, analisado o período que a montaria em touros foi introduzida no Brasil, embora com o surgimento em terras americanas. Se no futebol os ingleses inventaram o modo de jogar e o Brasil mostrou a técnica e a arte, o rodeio vem seguindo este caminho e mesmo sendo uma modalidade de origem americana, os peões tupiniquins vêm reinventando o estilo da montaria.

## Barretos com o passar do tempo

É no novo milênio que Barretos completa seu jubileu de ouro, mais especificamente no ano de 2005. Para comemorar a data é inaugurada, no Parque do Peão, a escultura denominada Monumento ao Peão, cujo apelido é Jeromão, pois foi inaugurada durante o mandato de presidente Jerônimo Luiz Muzetti. A estátua é a figura de um peão com parte de seus equipamentos característicos, como chapéu, colete, e com uma sela na mão. O monumento tem vinte e sete metros de altura, pesa duzentas toneladas e é obra do artista plástico Valter Corsino.



Jeromão dá boas vindas ao público no Parque do Peão

Crédito: José Paulo Fagnani

Em 2009 o Parque do Peão recebe a PBR World Cup. Um ano mais tarde são implantados quatro programas de responsabilidade socioambiental voltados ao Meio Ambiente, Educação e Saúde do Ser Humano. É nesse ano também que é institucionalizado o embaixador do rodeio e o primeiro cantor a ocupar esse cargo é Luan Santana. Em 2011 os embaixadores da festa são Jorge e Mateus.

Já em 2012 a grande novidade do rodeio barretense é a presença do público mirim, para atrair uma faixa etária mais nova. A festa traz a dupla que fazia sucesso entre as crianças, Patati Patatá, e o rodeio em carneiros vai para a arena principal. Nesse mesmo ano é inaugurado o Centro de Estudos de Comportamento

Animal, ECOA, no Parque do Peão, durante a festa, com a presença da Ministra das Relações Exteriores do Canadá, Diane Ablonczy. Em 2012 os embaixadores da festa são Fernando e Sorocaba. É também nesse ano que pela primeira vez um americano, Ted Wad Flora, ganha o rodeio de Barretos.

Já em 2013, o presidente Hugo Resende Filho doa em nome dos Independentes, quarenta e cinco mil reais para quinze instituições da cidade. Os embaixadores da Festa do Peão de Boiadeiros desse ano são as duplas Chitãozinho e Xororó e Bruno e Marrone. Segundo a dupla Chitãozinho e Xororó poder ocupar esse cargo “é uma honra muito grande, pois é festa é conhecida no mundo inteiro, é a maior do mundo nessa modalidade. E a gente canta em Barretos há muitos anos já, quando nem tinha essa estrutura toda. Poder participar dessa festa até hoje, com mais de quarenta anos de carreira é um grande privilégio. E esse ano nós fomos chamados para sermos os padrinhos da festa, o que para a gente é uma grande honra”. Também em 2013 é comemorado o trigésimo aniversário do Festival de Música Raiz Violeira Rose Abrão.



Show dos embaixadores da Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos 2013

Crédito: Leandro Nascimento



Peão se prepara no fundo dos bretes para montar em Barretos

Crédito: Leandro Nascimento



Pulos e coices agitam a noite dos competidores da PBR

Crédito: André Silva



Queima do alho mantém viva a tradição dos peões que cortavam os estradões

Crédito: André Monteiro



Competidor da Top Team Cup monta no touro Cimento da Cia. LFC Dr. Eraldo em Guapiáçu - SP 2009

Crédito: Arquivo Pessoal Esnar Ribeiro



• capítulo 5 •

## Estou no rodeio

---

**A**s pastagens agora são outras, os movimentos que antes pertenciam a uma roda de amigos e peões agora encantam nas arenas. Se para os jogadores de futebol a grama é o tapete sagrado, para os peões as areias simbolizam o seu santuário.

O peão tem o privilégio de montar sobre aquelas areias, dar espetáculo no lombo de um animal. O cavalo e o touro também desfrutam deste. Porém, os rodeios não pertencem somente a estes dois. Os salva-vidas que correm de um lado para o outro para socorrerem o peão; o locutor que dá voltas na arena agitando a multidão, narrando as montarias; a rainha; o palhaço, etc.

A arena é o espaço de todos e para todos. São esses personagens que dão força e corpo para a festa, para todos os rodeios.

### DNA peão

Das pastagens surge ao longe no horizonte, caminha com passos firmes. O chapéu sobre sua frente deixa a sua face opaca por causa da sombra. Os passos são dados lentamente, a boiada ao longe ruma e observa a sua presença. No rosto um ligeiro sorriso demonstra a sensação de dever cumprido. Seu cavalo, que durante meses esteve ao seu lado, cruzou rios repletos de pira-

nhas, abriu os cerrados e afugentou as cascavéis que estavam pelos caminhos, repousa na sombra de um piquete. A água em seu cocho reflete a imagem de um vencedor, que aliado ao homem estabelece a cultura sertaneja e fez brotar os rodeios.

Os passos começam a acelerar, a poeira que antes estava em seu corpo, agora repousa sobre o verde capim por onde caminha. Os calos e ferimentos em suas mãos são marcas que contarão sua história durante décadas, que servirão de inspiração para músicas e versos. Com os olhos fixados na outra ponta do horizonte procura ao longe a razão para a qual aumenta suas passadas, esquece-se das bolhas e machucados de seus pés. As esporas tilintam ao tocarem o chão. A sua incessante busca parece obter resultado, é possível, mesmo que de forma turva, observar um telhado de uma casa.

O discreto sorriso dá lugar a uma explosão de felicidade. A face substitui o desgaste da viagem pelo regresso ao seu lar. Com um ritmo acelerado procura correr como as batidas do seu coração. Descompassado, corre em disparada ao reparar que em sua varanda ela o está esperando. O chapéu está em suas mãos, a canseira se esvai pela terra e o horizonte ganha finitude ao enveredar-se nos braços de sua amada.

Este com a roupa toda suja de poeira, que da viola fez companheira para as frias e longas madrugadas, traz do estradão sua história e das longas viagens transportando gado, sua cultura. Este é o peão, dono de um misticismo que envolve o seu jeito de ser, o modo de se vestir e as tradições que perpetuam por gerações. Da fazenda ganhou as arenas do rodeio, do lombo dos animais que um dia tanto o carregou, fez sua profissão. Sua vida ganha versos, músicas e até novelas, e mesmo assim o peão jamais esquece a sua origem.

Ao falar de rodeio imediatamente associamos a imagem do peão, que junto aos animais é figura central na cultura caipira e sertaneja. Inúmeras formas podem descrever este personagem, seja como um ser de bravura indômita, que rasga o Brasil no lombo do

seu cavalo, ou então, o ser que pratica a lida com animais bovinos e equinos nas fazendas, realizando a doma e a apartação. O peão é assim, cheio de mistério e com uma história rica em detalhes.

O seu surgimento se dá a partir da lida com os animais. O peão era responsável por domar os cavalos para uso da fazenda e correr as pastagens para cercar e prender o gado. Quando precisava transportar boiadas, ele com mais outros peões saíam pelas terras brasileiras e conduziam por longos meses os animais até frigoríficos ou novas fazendas.

Sua imagem foi se torna folclórica e mística, haja visto, que seus feitos e suas conquistas são narrados com muito brio e são ricos em detalhes. Sua cultura caminha pelos quilômetros adentro do país, com ele vai a moda de viola e o bater dos pés da catira. Com a vida modesta faz seu trabalho e no lombo dos animais encontra o seu divertimento.

É da montaria, não para trabalhar, mas sim para se divertir que sua história começa a se transformar. Os peões, em muito, gostam de desafiar cavalos chucros e bois bravos. Destas atividades nasce o rodeio e faz brotar um novo conceito de peão, o capaz de encantar uma arquibancada ao dominar pulos e coices.

Os anos cavalgam e o peão modifica a sua identidade, agora ele divide os seus afazeres na terra com as montarias de fim de semana, mas ele briga por melhorias no rodeio e faz dessa atividade o seu novo sustento. Ganha nova roupagem, seu estilo se moderniza, os antigos chapéus surrados agora são belos e imponentes. As fivelas, que adornavam os cintos, hoje ostentam os títulos dos rodeios e as cidades por onde passaram.

O peão de hoje carrega a história de tudo o que fora construído, porém a imagem das décadas anteriores não mais é encontrada em sua face, o peão de rodeio é outro. Fez da montaria o seu trabalho, do rodeio o seu esporte e de cada vitória o seu sustento. Ele continua na estrada, percorrendo quilômetros e mais quilômetros, mas

não conduzindo bois e atravessando rios, e sim conhecendo cidades e rodeios, seja de carro ou de avião, lá está com a sua bota, calça, fivela, camisa e chapéu aguardando para subir no lombo e naqueles poucos oitos segundos apresentar anos de mudanças e tradições.



Peão passa breu na corda americana antes de montar para deixá-la mais grudada e ajudar na montaria

Crédito: Leandro Nascimento

O bicampeão nacional da PBR, Edevaldo Ferreira explica o que é ser peão para ele, “eu sempre vi a montaria em touros como meu trabalho, a minha profissão. Sempre falei na minha casa, antes de ser casado, comentava com a minha mãe que eu ia fazer de tudo para que a montaria em touros fosse a minha profissão. Hoje, graças a Deus, o esporte se profissionalizou no país, tem campeonatos. Estes campeonatos levam competidores daqui para os EUA, para disputar o campeonato mundial. Antes ser competidor muitos viam essa pro-

fissão como uma diversão, hoje já é diferente, tem todo o reconhecimento, paga-se bem para um peão de montaria em touros, uma premiação semanal muito grande, a premiação da final do campeonato também é muito grande. Então, hoje, ser peão, acredito que não só para mim, mas também para todos que competem na montaria em touros, é uma profissão. Ser peão, a gente pode dizer hoje, é a nossa profissão, somos profissionais da montaria em touros”.

O peão tem companhia de muitos outros que estão na mesma situação, que entram em um rodeio pensando em vencer e sair de lá com o prêmio máximo. Mas isto não cria brigas e nem discórdia, pois o único oponente é o touro. “Eu não tenho problemas com nenhum deles, nem inimizades e nem brigas com nenhum competidor, a gente se ajuda na hora da montaria. Falo mais com eles do que com os meus irmãos, porque a gente se vê todo o dia nos rodeios, todos os finais de semana nos eventos e no meio de semana a gente acaba ligando um para o outro conversando para saber aonde tem evento” ilustra Edevaldo. O peão Roberlei Val também aponta que, “(...) a relação com os outros peões é boa demais, como se fosse lá em casa. Não tem ciúmes porque a gente não disputa entre nós, a gente disputa com os animais. Ninguém ganha nada de ninguém, é o que eu sempre falo pra todos eles no rodeio. Como eu tenho um pouco mais de idade, 37 anos, eles vêm conversar e eu falo que temos que nos preocupar somente com a gente”. “Já teve caso de competidores que se machucaram e os demais peões se juntaram para poder ajudar, porque não é fácil para peões de rodeio uma fratura ou uma cirurgia, porque fica muito tempo parado, então a gente acaba fazendo isto, se juntando, se reunindo para um ajudar o outro, é uma família mesmo” ressalta Edevaldo.

JB Mauney, peão da PBR americana e vencedor do campeonato mundial de 2013 também comenta o respeito entre competidores nos Estados Unidos, “Quando você monta em um touro não importa o país que você é, você está fazendo o seu trabalho. Muito se fala de uma

disputa entre peões brasileiros e americanos, mas na verdade isso não importa, todos estamos fazendo o nosso trabalho e fazendo bem”.

Ainda é possível encontrar peões das fazendas, que todas as manhãs levantam para apartar o gado, sobem em seus cavalos e conferem se a cerca tem todos os arames. Estes não montam em rodeios e muitas vezes não cruzam os estados levando boiadas. Há vários tipos de peões, que mantêm em cada face e em cada gesto as antigas e novas tradições do caipira, do sertanejo, do rodeio. Você pode tentar ser um peão, comprar seus instrumentos e suas roupas, mas não se transforma em peão, se nasce peão. O peão tem o seu DNA próprio, que traz nas veias toda uma história e o amor pelos animais e montarias.

Para conhecer um pouco mais como é a vida e as experiências de um peão de rodeio conversamos com Edevaldo, como um representante desses tantos profissionais que se aventuram em cima de cavalos e touros nas arenas brasileiras.



Compenetrado, Edevaldo representa a nova face do peão, um atleta

Crédito: André Silva

### ***Qual a maior dificuldade que você encontra no rodeio?***

No mundo do rodeio sempre existe uma nova dificuldade. Quando eu comecei minha maior dificuldade era conseguir ganhar prêmios no meio de tantos peões bons que existiam e tenho até hoje para poder me manter. Depois de tudo que aconteceu na vida, nos prêmios que eu ganhei, ser um peão conhecido no campeonato e dentro do esporte, uma das minhas maiores dificuldades ainda continua sendo fazer pontos, parar nos touros e também conseguir manter a boa fase sempre. As pessoas que acompanham o campeonato não querem saber de quem ganhou a etapa da semana passada, ou quem foi o campeão brasileiro da temporada passada, elas querem saber o que está acontecendo e o que está por vir. Então, para conseguir manter a boa fase e continuar sempre sendo um peão de ponta é muito difícil, é preciso muito treino, dedicação. Acho que isto é uma coisa que eu carrego comigo, uma coisa que me incomoda muito, mas que uso como uma força maior, para eu poder treinar, me preparar e estar sempre entre os melhores do país.

### ***O que é ser campeão nacional?***

É uma felicidade muito grande e representa muito na carreira de um peão. Além disso ainda pagam um prêmio milionário, que nunca foi pago em toda história somente nas duas últimas temporadas que eu fui campeão, graças a Deus. Esse prêmio também é um incentivo para mim, já que montar em touros é o meu sustento, o meu trabalho.

Ter um campeão brasileiro de montaria em touros hoje mostra também que o rodeio no país de profissionalizou.

### ***Você tem ou já teve algum ídolo?***

Eu quando comecei a montar nunca admirei 'aquele peão' até porque naquele tempo havia muitos bons peões, mas o rodeio

não tinha o destaque que tem hoje. Mas eu sempre acompanhava muitos rodeios, comprava ou alugava as fitas de Barretos. Eu não olhava só para um peão, eu gostava de assistir muitas montarias, pegava os peões que estavam se destacando naquela época e tentava montar igual, ou então fazer alguma coisa igual. Sempre sonhava em montar bem e me preparava para isso. Só que eu nunca tive um ídolo, um peão em que me espelhasse, mesmo vendo as montarias do Vilmar Felipe, que montava muito bem, eu nunca tive um ídolo. Eu admirava as belas montarias.

### ***O que você achou de montar nos EUA?***

É uma experiência nova, apesar de pouco tempo, já tinha ido outras vezes, mas não para montar. O Brasil está bem avançado na montaria em touros, se profissionalizou, mas sem dúvidas que os EUA estão bem na frente. É uma experiência diferente, é tudo novo, muito gostoso, mas não tive a felicidade de ir com a minha família, acabei indo, deixei minha família para trás e fui morar em um lugar sozinho, deixar esposa e filha em outro país é muito difícil. Eu não consegui montar tão bem como monto aqui, acredito que monto melhor quando falo com a minha família. Eu acho que para um peão, ou qualquer esporte ou trabalho, para a pessoa se sentir bem e ter sucesso precisa estar feliz. Eu fui para lá, e uma parte estava feliz que era por estar montando nos EUA, mas não estava plenamente feliz porque minha família não estava comigo. Acredito que quando minha família for, e estiver morando comigo, vai ser bem melhor porque vou estar trabalhando e feliz também. Acho que se estiver em um lugar feliz eu posso ter um sucesso e resultados melhores. Espero que agora eu consiga ir e montar os últimos dois meses que ainda têm de temporada lá, fazer a final mundial e depois, ano que vem, quem sabe ficar com a minha família lá e fazer uma temporada inteira. Aqui a gente sai de carro para os rodeios, volta, lá a maioria dos rodeios tem

que ir de avião porque é muito longe, então muda um pouco. Tem a questão da adaptação também, com o lugar, a comida, com os dias de evento, mas acredito que vou superar isto.

### ***E os touros, onde são mais difíceis?***

Em todos os lugares têm a sua dificuldade, olhando assim e eu que já montei nos touros lá, eles são bem fortes, mas são mais baixos, a genética lá faz com que as patas deles sejam um pouco mais curtas, ou seja, são mais baixos e mais rápidos, a boiada aqui já é maior e mais forte. Então, quem vem de lá para montar aqui sente uma dificuldade muito grande, quem vai daqui para montar lá também estranha. É tudo questão de adaptação mesmo, acho que o mais complicado para acostumar não são os touros, em pouco tempo você consegue isso. A maior adaptação mesmo é conseguir deixar o Brasil, morar lá, acostumar com a comida, a cultura, é diferente.

### ***Hoje tem algum touro que você deseja enfrentar ou não?***

O campeonato é recheado de animais bons, é lógico que tem touros bons de nota, que são muito difíceis de parar. Hoje ganha prêmio, ganha evento, aquele competidor que para em todos os touros do rodeio que está competindo. Então a gente sempre pede para pegar um touro de nota alta. No campeonato os mesmo rankings que têm para os peões também têm para os touros. É difícil falar de um touro que a gente quer montar, porque acredito que os melhores touros do Brasil estão dentro do campeonato da PBR. A maioria dos touros eu acho que já montei, mas é difícil falar de um touro.

### ***Você tem algum amuleto?***

Não, não tenho nenhum amuleto não. Já vi competidores que têm amuletos, carregam alguma coisa que acham que dão sorte,

mas eu não tenho nada disso. A única coisa que eu gosto de fazer muito e sempre fiz é treinar bastante e eu acho que até virou um costume. Eu tenho touros no meu sítio e quando vou para algum rodeio próximo a minha região, eu monto em um touro que é de confiança, que pula bem, mas é manso. Eu monto nele às vezes na quinta cedo, tomo banho, almoço, saio e vou para o rodeio montar. Eu acho que isto é uma coisa que me ajuda muito, mas não é um amuleto, porque eu me sinto tranquilo, como se eu tivesse acostumado, eu fiz uma coisa que vou fazer a noite. Às vezes saio de um rodeio e não tenho como treinar, aí passo três dias sem montar em um touro, para mim que sou acostumado parece que é um tempo muito longo. Se tivesse um touro, para fazer como faço em Andradina, montar cedo, descanso, almoço e vou para o rodeio à noite, monto mais tranquilo. Nos EUA esta é uma das minhas dificuldades, lá não tem como treinar, os rodeios duram apenas dois dias, a maioria deles é de sábado, ou sábado e domingo, aí acabava passando muito tempo sem montar em um touro. Os treinos são muito longe, a boiada é muito brava, às vezes você vai a um treino, se machuca e perde a temporada inteira. Então, lá é uma adaptação que vou ter que fazer que é deixar de treinar sempre, como treino aqui no Brasil e é uma coisa que acho que vai fazer muita falta.

***Além disso, você faz mais alguma coisa, como academia, corre?***

Eu não faço muito, mas faço academia, mas sempre focando o trabalho na esteira, fortalecimento para a perna, joelho, porque a gente tem muito problema com o joelho, a virilha, nada de muito peso para os braços, nada de muita massa muscular. Até mesmo porque cada peão tem um estilo de montaria. Uns mais na força, ou no meu caso, mais no equilíbrio. Por isso tento não ficar com o corpo muito travado, procuro manter meu peso, 66 ou 67 quilos,

que é a minha média desde quando comecei a competir, passei disso apenas quando fui competir nos EUA, foram apenas um ou dois quilos, mas já consegui voltar. Eu tento fazer academia só para manter, mas procuro fazer mais treino em touro. Montar em touros para treinar é quase uma regra para mim, todo o meio de semana tento fazer isso.

### ***Você já teve alguma lesão séria?***

Não, graças a Deus só tive lesões leves. Hoje uma lesão grave, que afasta o competidor de uma montaria, é uma fratura. Lesões que podem afastar são as da virilha, que chegam a deixar o peão seis meses parado. Eu graças a Deus nunca tive este tipo de problema, já quebrei costela, mas foi coisa rápida, em cerca de 30 dias eu já estava competindo de novo, já fracturei dedos da mão, mas não cheguei a parar mais do que 30 dias. Graças a Deus eu posso dizer que sou um dos poucos competidores que tive poucas fraturas. Hoje, com o tanto de tempo que tenho de montaria, quase não tive nenhuma delas.

### ***Qual a sua maior alegria no rodeio?***

A minha maior alegria eu acho, e também a da maioria dos competidores, é quando a gente vem e consegue vencer um rodeio, ou quando a gente está montando bem. Porque não é sempre que a gente consegue vir e montar bem. Cada tempo é um tempo, quando comecei a montar, a minha maior alegria era quando conseguia vir para um rodeio e montar nos rodeios grandes, como São José do Rio Preto, Americana e vencer. Aí com a vitória em um evento desses, eu saía muito feliz, e também quando estava montando bem. Mas hoje, que já tenho família e filhos, a minha maior alegria é quando eu acabo de montar, paro no meu touro da noite, e quando eu estou saindo para vir embora, encontro minha esposa e minha filha me espe-

rando, elas já vêm e me dão um abraço, perguntam se consegui parar no touro. Então eu acho que essa hoje é minha maior alegria, poder voltar para casa com a minha família, poder olhar para trás e ver tudo o que já fiz na montaria em touros, no meu trabalho, ser um peão reconhecido.

### ***Qual sonho você ainda tem no rodeio?***

Eu sempre tenho um novo sonho. Quando comecei queria vencer os melhores eventos do país. Tenho um sonho ainda, se Deus me abençoar e achar que sou digno de receber essa vitória, é um dia eu poder ser campeão de Barretos, que não está dentro do campeonato, mas tenho muita vontade de vencer. Quando comecei sempre tive vontade de vencer lá e tenho feito a minha parte, sempre treinando muito, me dedicando, mas como estou em um campeonato hoje minha cabeça é mais focada na PBR do que em Barretos. Eu tenho um sonho também de poder chegar aos EUA e montar tão bem quanto monto aqui no Brasil. E tenho sonhos para frente também, de poder ajudar pessoas e jovens que sonham em montar em touros, do mesmo jeito que têm crianças que sonham em jogar futebol e não têm quem as apoiem, têm crianças que sonham em montar em touros e não têm quem as ajude. Eu graças a Deus tive a felicidade do meu pai me incentivar e me ajudar e acredito que isto me ajudou muito a ser um bom peão hoje. Eu quero continuar neste meio, poder ensinar pessoas que sonham, que querem e buscam melhorar o rodeio no país. Já está melhor, mas dá para melhorar mais um pouco. Eu acho que este é um sonho, de um dia poder parar de montar e continuar no meio e poder ajudar a montaria em touros, mas por enquanto vou sonhar com o título em Barretos, ir para os EUA e montar bem lá como monto aqui.

### ***Você tem alguma decepção?***

Olha, decepção é difícil falar, porque para mim é uma coisa quando você tentou, conseguiu e não pode fazer mais. Eu acho que não tenho não, mas pode ser que eu me arrependa de algumas escolhas minhas no futuro. Eu fui para os EUA e fiquei apenas três meses, sei o que eu rendi lá e sei o que eu posso render e até onde posso chegar, poderia estar montando lá até hoje, não ter caído no ranking, mas não estaria feliz, porque minha família ficou aqui no Brasil e não é isso que eu quero. Eu quero estar junto com a minha família e que ela esteja junto comigo, até porque renderia mais. Mas decepção, graças a Deus posso dizer que sou uma pessoa feliz e que não tenho decepção.

### ***Você tem algum medo?***

Eu tenho medo, acho que todo mundo tem. Tenho medo de um dia perder minha família, ficar longe das pessoas que eu gosto. Mas no meu trabalho, na montaria eu sei que medo do que vai acontecer ou do que pode acontecer, este medo acho que não tenho, e nenhum outro competidor tem, porque quando chega este medo a gente opta por parar de montar. Este medo um competidor não tem, eu pelo menos fico com um pouco de receio às vezes preocupado com um touro que é um pouco perigoso, presto mais atenção no que vou fazer nele, porque quando eu escolhi fazer isto sabia dos riscos, do que poderia acontecer, do mesmo jeito que me tornei campeão brasileiro poderia ter sofrido alguma coisa, não para o lado bom, mas para o lado ruim. Se você começar a pensar nisto, eu acredito que já vai ser a hora de parar de montar em touros.

Sereno e confiante no rodeio, Edevaldo acredita que o esporte ainda proporcionará muitas felicidades. Ele é um exemplo dos milhares de peões que encaram os pulos dos animais em busca de seus sonhos.



Quase sessenta anos depois o grande sonho de muitos peões como Edevaldo não muda, ser o grande campeão de Barretos

Crédito: André Silva

## Modalidades do rodeio

Cada prova presente no rodeio possui regras e peculiaridades específicas. Trazemos abaixo como se estruturam cada uma delas, de acordo com os sites dos campeonatos PBR Brasil e Top Team Cup, da Liga Nacional do Rodeio e da Confederação Nacional do Rodeio.

### Montaria em touros

A montaria em touros é considerada a mais radical do rodeio, já que é um confronto de força com habilidade e técnica e o boi

é mais agressivo que o cavalo. Assim como as outras provas de montaria o tempo que o peão deve permanecer no lombo do animal é de oito segundos.

Para o peão competir ele precisa seguir regras, que exigem padronização do equipamento e de conduta dentro da arena. O competidor é obrigado a usar o colete protetor, luvas de couro, camisa comprida e chapéu, caso prefiram os peões podem fazer uso de capacete para proteger o crânio em caso de acidentes e de protetor bucal. Além disso, cada peão deve ter sua corda americana, especialmente desenvolvida para a montaria em touros nos Estados Unidos. Esta corda é colocada na parte mais forte do animal, o tórax, e ela deve ter polaco, uma espécie de sino que é colocado na corda e sua função é dar peso para que ela caia do animal depois que o peão não está mais no

lombo. Durante a montaria a corda americana deve ser pega com apenas uma das mãos e a outra deve permanecer no alto sem tocar em nada, caso a mão do competidor toque o seu corpo, o corpo do animal mesmo se for para proteção, a grade ou o brete, este ato é conhecido como apelo e faz com que o peão seja desclassificado e sua nota zerada.

Os competidores devem fazer uso de esporas padronizadas, ou seja, lisas e sem pontas, parecidas com uma moeda, já que o objetivo é dar sustentação ao peão e não machucar o couro do boi. Se o peão colocar a espora na corda ou simplesmente se ela prender em qualquer outra parte ele é desclassificado e a nota é zerada.

O touro tem como equipamento o sedém, utilizado para guiar o pulo. Caso o animal interrompa sua montaria antes dos oito segundos, parando, diminuindo sua intensidade ou caindo, é aplicada pelo juiz a lei do re-ride, que possibilita ao peão escolher entre a nota que foi avaliada pelos juízes até o momento que a montaria foi interrompida ou fazer uma nova montaria em um touro previamente selecionado. Outra forma de ter o re-ride

é quando o juiz considera que o animal não deu condição de soltura dentro do brete, ou seja, ele dificultou o posicionamento do peão e poderia prejudicar a montaria.

As notas são julgadas de zero a cem, sendo cinquenta por cento para o touro e os outros cinquenta para o peão. Para o juiz estabelecer a nota ele analisa cinco critérios: pulo, movimento que o animal realiza para sair do chão; o coice, quando o touro joga a anca para cima e escoiceia; o giro, movimento que o touro realiza tanto para a direita quanto para a esquerda; intensidade e velocidade e grau de dificuldade. Estes critérios são analisados tanto para o peão quando para o touro.

Para saber em qual animal vai montar, o peão participa de um sorteio no qual é eleito o seu oponente, deixando que a sorte decida o tipo de animal e montaria que ele vai encarar. Este critério também é válido para as montarias em cavalos. Em alguns campeonatos, depois de iniciado o rodeio, os peões mais bem colocados naquele evento têm privilégios na hora do sorteio.



A espera no brete é um momento de concentração que determina toda a montaria

Crédito: André Silva



Oito segundos parecem uma eternidade para quem torce e quem monta

Crédito: Leandro Nascimento



A montaria é sempre uma surpresa

Crédito: André Silva

## Cutiano

O estilo de montaria de cavalos em cutiano é exclusivamente brasileiro. O nome surgiu do próprio arreio, que se diferencia dos demais por ter a frente lisa, arredondada e rasa, o que obriga o peão a ter mais equilíbrio; sem o pito ou toco, apoio localizado na frente da sela que é utilizado para amarrar cordas, e mais comprido do que a sela comum. As rédeas utilizadas também são diferenciadas, elas são duas tiras de cordas, canas, e a forma em que são presas dependem do animal e pode ser ao ferrinho (par de argolas de ferros) ou a peiteira (tiras de couros que passam pelo peito do animal, apoio no peito para equilíbrio do peão), as rédeas não podem ser amarradas e sim torcidas entre os dedos do peão, que caso não obedeça é desclassificado. Além destes equipamentos, é de uso obrigatório na montaria em cutiano o baixeiro, feito de tecido macio ou de lã de carneiro, é colocado entre o lombo do animal e o arreio, também sendo conhecido como pelego; esporas sem pontas para não machucar; sedém, corda produzida através de lã ou rabo de cavalo, que deve ser amarrada na virilha do animal e é usada para guiar os pulos sem machucar.

Durante a montaria o peão é obrigado a tocar as esporas entre a paleta, parte da perna acima do joelho, e o pescoço do animal, ou seja, esporear debaixo para cima, flexionando os joelhos em direção ao peito. No primeiro pulo o peão posiciona as esporas acima da paleta e a partir do segundo pulo que ele deve realizar os movimentos de esporear. Caso o competidor não use as esporas realizando estes movimentos o juiz pode desclassificá-lo.

Neste estilo de montaria o peão deve manter o máximo de equilíbrio, mesmo com a existência de estribos para apoiar os pés, não apresenta cabrestos, o que cria grande dificuldade durante a montaria, já que os competidores ficam praticamente na horizontal, o que requer grande força física.

O tempo de duração da prova é de oito segundos e as notas valem de zero a cem. Para o competidor alcançar notas mais altas, a montaria deve apresentar um alto grau de dificuldade imposto pelo animal, grande apresentação do competidor, maior número de esporeadas, equilíbrio diante dos giros e torções do cavalo.

O peão é eliminado da montaria caso caia antes dos oito segundos; sua mão de equilíbrio (mão livre, já que para montar é utilizada apenas uma) toque o animal, os bretes, seu próprio corpo, ferragens e o alambrado ou seu corpo toque o animal.



Modalidade cutiano ainda mantém viva a tradição do rodeio em cavalos tipicamente brasileiro

Crédito: André Monteiro



Competidor de cutiano no Barretão 2013

Crédito: André Monteiro

## Sela Americana

A montaria de cavalo em sela americana, ou Saddle Bronc, tem origem nos Estados Unidos e é o estilo mais antigo do rodeio. Ela surgiu da necessidade dos peões domarem os cavalos para o trabalho no campo, tornando-se modalidade no século XX.

Para esta prova é exigido como equipamento uma sela sem pito e baixeiro (já explicados na modalidade cutiano) e o sedém. O peão segura com uma das mãos uma corda de aproximadamente cento e vinte centímetros que está ligada ao cabresto e apoia os pés no estribo, utilizando a outra mão como fonte de equilíbrio.

No primeiro pulo da montaria o peão posiciona a espora entre a paleta e o pescoço do cavalo, a partir do segundo pulo o competidor puxa as esporas da barriga até o final da sela, na traseira do animal, fator que dá menos equilíbrio ao animal.

Nesta montaria o tempo de permanência do peão no lombo do animal também é de oito segundos. O competidor não será pontuado caso seja derrubado do cavalo antes do tempo, seu corpo toque o animal, ou sua mão de equilíbrio toque o animal, brete, sela, ou o próprio corpo. Além disso, o peão deve ter as mangas da camisa abotoadas no punho, caso não esteja ele será penalizado com perda de pontos.



Estilo importado dos Estados Unidos ganha espaço nas arenas brasileiras  
Crédito: André Monteiro

## Bareback

Esta modalidade é conhecida como montaria em pelo, já que o competidor não faz uso de sela propriamente dita, e sim de um equipamento de couro adaptado com uma alça de trinta centímetros de espessura, que é presa na cernelha do animal, região entre a crina e o dorso do cavalo. Esta é a alça que o peão deve

segurar com apenas uma das mãos durante a montaria e a outra deve permanecer elevada.

Para este estilo de montaria o competidor não usa estribos e para começar a montaria deve seguir uma regra, o markout, que é posição que o atleta deve estar ao realizar o primeiro pulo do animal, ou seja, no primeiro salto o competidor deve posicionar as pernas para que as esporas toquem o pescoço do cavalo e em seguida, o peão deve puxar as esporas no sentido da alça do bareback, próximo a sua mão.

O peão se posiciona quase deitado no lombo do animal, permanecendo em uma posição horizontal com as costas no cavalo. O tempo da montaria também é de oito segundos e o peão deve esporear o tempo todo, de maneira que suas pernas corram pelo pescoço.

Assim como nas montarias na sela americana o peão deve estar com as mangas da camisa abotoadas no punho, o peão é eliminado caso toque o animal com a mão de apoio, caia antes dos oito segundos, ou toque em qualquer outro lugar.



A posição deitada do competidor dificulta a montaria

Crédito: André Monteiro

## Três Tambores

A prova dos três tambores é a única prova exclusiva para mulheres. As competidoras montam cavalos quarto de milha e precisam contornar três tambores dispostos em forma triangular na arena. A distância entre estes tambores varia de acordo com o tamanho da arena, porém tem que ser respeitada uma distância mínima de quatro metros. A medida oficial do percurso é de 27,50 metros entre o 1º e o 2º tambor, e de 32 m entre o 2º e o 3º tambor.

Na prova é preciso contornar estes tambores de duzentos litros, em um movimento de 360 graus, sem derrubá-los e no menor tempo possível e fica a critério da amazona escolher por qual lado começa, sendo obrigado você contornar o tambor que forma o pico do triângulo por último.

A prova é cronometrada, a competidora possui um espaço onde fica montada no cavalo esperando a melhor posição para largar. Na arena são instaladas células foto elétricas, e quando a competidora cruza é disparado o tempo. Depois de contornar os dois primeiros tambores, a amazona realiza o mesmo movimento de 360 graus no tambor do fundo e galopando o mais rápido possível cruza a linha de chegada.

A atleta deve pesar no mínimo sessenta e cinco quilos, junto com o seu equipamento, sela, freio e manta. Esta medida foi adotada para manter uma igualdade nas competições e impedir que alguém leve vantagens.

Vence quem fizer o percurso em menos tempo. Caso seja derrubado um tambor durante a prova, é acrescido cinco segundos ao tempo final. A competidora é eliminada caso não complete o percurso, derrube mais de um tambor, caia do animal e também caso não cruze a linha de chegada. A amazona também é desclassificada caso provoque danos físicos ao animal com o chicote ou a espora.



Charme e velocidade encantam a plateia na prova dos três tambores

Crédito: André Monteiro

## Provas funcionais

### Bulldogging

Esta é uma das modalidades mais radicais do rodeio, nela literalmente você pega o boi a unha e é caracterizada por ser rápida, empolgante e bruta. Para se praticar esta modalidade são necessários dois cavaleiros, um para cercar o garrote e ou outro para agarrar.

O animal é solto do brete e os dois cavaleiros vão em direção a ele, porém apenas um pode descer do cavalo, agarrá-lo e dominá-lo. O cavaleiro que salta é o da esquerda e o da direita faz uma

espécie de esteira, percorre ao lado do animal, o que impede que este fuja para os cantos da arena.

O competidor que realiza o salto para agarrar deve pular em cima da cabeça do boi, o derrubando e deitando do mesmo lado que saltou ou de costas com as quatro patas e a cabeça na mesma direção e o competidor deverá manter a mão no boi até receber a bandeirada. Os vencedores são decididos pelo menor tempo.

Os competidores são desclassificados caso não consigam agarrar o boi, desçam pelo lado errado, ou o peão derrube o animal pelo lado contrário. Caso o competidor desrespeite e largue antes da bandeira que delimita seu espaço ele é penalizado com um acréscimo de dez segundos, caso os dois competidores não respeitem o limite da barreira eles são desclassificados.

Os animais que fazem parte desta modalidade são garrotes (touro jovens), com chifres de até quinze centímetros.

Em alguns rodeios esta modalidade não é praticada, já que pode oferecer riscos à saúde do animal.

## Team Penning

É uma prova que necessita de três competidores para executá-la, na maioria das vezes são compostas por pessoas da mesma família e até mesmo crianças podem participar da prova. Com duração máxima de dois minutos, os três cavaleiros devem apartar três bezerros de um lote de trinta. Estes bezerros são numerados de zero a nove, sendo que há grupos de três animais com o mesmo número. Antes de iniciar a competição o trio já sabe qual o número deve colocar no curral, que está localizado no fundo da arena. O cronômetro só é parado quando o último bezerro for colocado no curral e o competidor levantar a mão sinalizando que terminou a prova. Vence aquele que realizá-la em menos tempo, mas caso ninguém consiga colocar os três animais no curral,

ganha o trio que colocar o maior número de bezerros no curral no tempo estipulado.



Cooperação e entrosamento são os diferenciais na prova do team penning  
Crédito: André Monteiro

## Working Penning

Esta modalidade é muito similar ao team penning, porém existe apenas um competidor. Este competidor precisa apartar um boi específico, entre os dez numerados que estão na arena. Quando o juiz dá início à prova, o peão começa sua busca para apartar e colocar o boi no curral localizado no outro extremo da arena. Vence aquele que realizar a prova em menos tempo.



Working penning representa a lida diária do homem com os animais na fazenda

Crédito: André Monteiro

## Laço de Bezerro (Calf Roping)

O laço do bezerro é uma modalidade similar às praticadas nos pastos e na lida pecuária para curar feridas dos animais, castrar ou marcar. Nesta modalidade o cavaleiro se posiciona no seu cavalo dentro de um boxe próprio, à direita do brete que será solto o bezerro. O competidor para realizar esta prova deve estar portando o seu laço e uma peia (corda pequena que é utilizada para amarrar os bezerros). A prova tem início quando o cavaleiro sinaliza que está pronto. Neste momento o bezerro é

liberado do seu brete e o peão sai em seguida, respeitando o limite estipulado pela barreira que dá alguns metros de vantagem para o bezerro, perseguindo a galope o animal com o intuito de laçar, derrubar e amarrar.

O objetivo da prova é laçar o animal, descer do cavalo, derrubá-lo e amarrar com a peia três dos seus membros. O cavalo também tem que estar em contato com o bezerro, ou seja, a corda que o laçou deve estar amarrado no pito da sela.

Para o competidor sair vencedor ele precisa realizar a prova no menor tempo e quando tiver amarrado os membros do animal ele deve levantar o braço para cima, para sinalizar o término, depois disso o competidor caminha em direção ao seu cavalo para afrouxar o laço. Após isso, o juiz pausa o cronômetro, mas para o tempo ser computado o bezerro deve permanecer amarrado no mínimo seis segundos após a sinalização do competidor. Caso o bezerro não esteja com as quatro patas no chão, o peão precisa levantar para depois derrubá-lo.

## Laço em Dupla (Team Roping)

Esta modalidade é muito semelhante ao laço do bezerro, porém é realizada com dois peões. Na prova de laço em dupla, um cavaleiro, cabeceiro, deve laçar aos chifres do animal e o outro, pezeiro, é responsável por laçar os membros traseiros. O peão responsável por ser o cabeceiro deve laçar o bezerro pelos chifres, meia cabeça ou pescoço, feito isso ele deve enrolar a corda no pito da sela. Desta forma o cabeceiro vira o garrote em um ângulo de noventa graus e o puxa para auxiliar o pezeiro a laçar. Quando isso acontece, o peão responsável pelo cabeceiro deve vira-se e ficar de frente para o bezerro, mantendo a corda esticada, assim o

cronômetro só é parado quando os dois cavaleiros se encontram um de frente para o outro, com as cordas esticadas.

Nesta modalidade vence quem realizar o laço em menor tempo. Os peões são penalizados caso saiam do boxe antes do bezerro estourar a barreira com cinco segundos a mais no tempo final. Esta mesma penalização é aplicada caso o pezeiro lince apenas uma das pernas.

Para os peões serem eliminados é preciso que não acertem o laço, o cabeceiro lince a paleta do animal, a corda da cabeça fique em formato de oito e se um dos peões não conseguir enrolar a corda no pito da sela.



Sincronismo é o que garante o melhor tempo no laço em dupla

Crédito: Arquivo pessoal Lucas Moro

## Carneiros

A montaria em carneiros é realizada apenas por crianças entre três e sete anos pesando até vinte e oito quilos e chega ao Brasil no fim dos anos 1990, mas já existia há mais tempo nos Estados Unidos. A montaria em carneiros é uma grande brincadeira, é mais uma exposição e há vezes que as crianças ficam com medo de montar e desistem quando já estão na arena. Segundo Claudinha de Paulo de Faria, responsável pelas provas infantis do rodeio da cidade, “normalmente as crianças que se interessam em participar e pedem para os pais. Os pais não podem impor isso porque a criança pode ficar com medo, não montar na hora. Essa prova é muito importante, pois aproxima as crianças do rodeio e algumas realmente seguem para se tornarem profissionais”.

Os animais na maioria das vezes são brasileiros, mas também podem ser americanos, pesam por volta de cinquenta quilos e têm em média dois anos. Normalmente os animais utilizados são machos e por não terem um desgaste grande estes podem ser montados mais de uma vez por dia. Na prova, o competidor precisa se equilibrar em cima do animal enquanto este corre da abertura da porteira até uma linha demarcada. Os iniciantes seguram no pelo do animal, enquanto que os mais velhos às vezes usam uma espécie de corda americana. As notas variam de zero a cem e quem conseguir a maior nota vence, mas todos os participantes ganham prêmios. Como no rodeio em touros há salva-vidas também crianças e os competidores obrigatoriamente usam capacetes.



Sincronismo é o que garante o melhor tempo no laço em dupla

Crédito: André Monteiro

## Juiz

Não diferente de todos os esportes, o rodeio tem os seus juizes. A quantidade pode variar de evento para evento, mas é sempre aconselhada a presença de dois juizes para dividir os trabalhos e ter uma avaliação mais precisa da montaria. A função desse profissional é aplicar as regras do rodeio e julgar o conjunto da montaria, analisando a desempenho do peão e do animal. As notas são divididas, sendo cinquenta pontos para o peão e cinquenta para o animal. O peão que para em cima do touro ou cavalo recebe mais nota do que o animal, já que ele superou o seu desafio. Desta forma é impossível uma montaria nota cem, pois não tem como animal e peão receberem a pontuação máxima.

Juiz desde 2001, Wilson Goiano explica o que é analisado nas montarias de cavalo, estilo cutiano, e em touros. “Na montaria em cutiano você tem que avaliar o pulo do animal e o mo-

vimento que o peão faz com a roseta. Ele faz o movimento de dobrar o joelho passando no ombro do animal, entre a paleta, o pescoço, e as duas pernas têm que ser flexionadas no movimento de puxar pra cima. Então você vê o desempenho do competidor trabalhando a roseta e o pulo do animal. Aquele cavalo que pula e escoiceia e o peão que puxa a roseta vai ser bem avaliado, mas o cavalo tem que pular, o competidor até pode pressionar e puxar a roseta, mas a anca do animal não pode estar baixa. O que faz o pulo é o animal levantar a traseira, o coice, é isso que avalia no rodeio cutiano. Já na montaria em touros o juiz tem que avaliar cinco itens: o pulo, o coice, o giro, a intensidade e dificuldade, e a performance do competidor que está em cima do touro. A pontuação do touro é diminuída caso um desses itens não seja bem realizado pelo animal e se o peão não fizer uma boa montaria também perde ponto. Se o peão cair a sua montaria é zerada e isto vale para todos os estilos. Geralmente se julga o rodeio em dois juizes e aí cada um dá a nota de 0 a 25 para o animal e para o peão ou cada juiz dá uma nota de 0 a 100 e é feita uma média aritmética. Um touro 22 hoje tem que ser bom de pulo, coice, giro, intensidade e dificuldade. Na montaria em touro existe o re-ride, caso o animal prejudique o peão cabe ao juiz analisar se ele vai ter este recurso ou não”.

Dentro das arenas do rodeio também é encontrado o fiscal de brete, que é responsável por acompanhar a movimentação do peão no momento em que este está se posicionando para a sua montaria. O fiscal pode desclassificar o competidor caso ele não saia do brete quando for sinalizado.

Assim como muito se fala que no futebol que o melhor comentarista é aquele que já foi jogador, no mundo do rodeio acontece algo parecido e envolve o juiz. Muitos afirmam que quando o juiz já montou ele apresenta uma percepção mais apurada da montaria e outros, em contrapartida, dizem que um bom juiz

não necessariamente tem que ter sido competidor. Tião Procópio, que hoje é juiz, foi competidor da montaria em touros e traz a sua opinião sobre o assunto, “eu acho que o cara que já montou vai saber avaliar melhor, porque já passou por aquilo, vai saber julgar o que é um pulo difícil e um pulo fácil. Mas eu já dei curso para juiz que hoje já está até julgando rodeios bem, mas não foi peão”.



Para melhor avaliar os juízes precisam ficar na arena e nos bretes

Crédito: André Silva

## Porteirero

Quem pensa que o juiz é quem dá o início da montaria está enganado. Outra função importante nas arenas é o responsável por abrir as porteiros e deixar o espetáculo começar, a sua função se chama porteirero. Em uma ação conjunta com o peão, esse profissional abre a porteira quando o peão sinaliza que está pronto.

Antônio Roberto Chella começou montando em touros, depois se tornou salva-vidas e hoje é responsável pelo trinco das porteiras e explica a importância de sua função no rodeio, “(...) o porteirero tem que ter muita atenção porque às vezes o peão pede a solta, mas ao mesmo tempo faz com a cabeça que não. Geralmente o peão pede a porteira e quando você começa a abrir o boi dá um pulo para frente, aí você tem que esperar o boi voltar pra trás e olhar pra arena, quando ele vê a arena você pode abrir a porteira e esta nunca deve ser aberta com força. A gente chama a porteira da frente de facão, o boi pula lá no facão, que é quando ele bate a perna e prejudica o peão, ele pode até quebrar a perna do competidor. Quando termina a montaria outra pessoa é responsável por abrir outra porteira por onde os animais saem, este é o ajudante de porteirero. O porteirero oficial é o que fica no trinco e tem o ajudante que puxa a corda e tem outro que abre a porteira pra recolher o boi para o fundo”.



Atenção e agilidade faz parte do trabalho do porteirero

Crédito: André Monteiro

## Madrinheiro

O madrinheiro é um profissional exclusivo da montaria em cavalos e tem uma função similar ao salva-vidas na montaria em touros. João Rafael, de Cosmorama, está na função há onze anos e nos explica como surgiu a ideia de ser madrinheiro e qual é o seu papel dentro do rodeio, “(...) eu sempre estive em contato com o rodeio, meu pai tem tropa de cavalos. Comecei a ser madrinheiro na fazenda mesmo, quando meu pai ia montar e não tinha ninguém para pegá-lo eu ia e fazia esta função. A função do madrinheiro é quase igual à função do salva-vidas no rodeio em touros. Eu estou lá dentro para salvar a vida dos peões, quando dá o tempo eu sou obrigado a tirar eles com segurança de cima dos cavalos e depois pegar o animal para agilizar a próxima montaria”.



O papel do madrinheiro é fundamental porque o peão de cavalo não pode saltar do animal

Crédito: André Monteiro

## Salva-vidas

Os salva-vidas são os profissionais do rodeio responsáveis por distrair e proteger o peão quando este não mais está no lombo do animal. Esta função é exclusiva da montaria em touros e requer muita atenção para evitar acidentes. Os anjos das arenas, como são conhecidos, usam colete e shorts de proteção e uma tornozeleira para aliviar um pouco as pancadas do touro. Alguns salva-vidas também fazem pinturas faciais, como de palhaços, o que dá a eles um caráter cômico.

Lucas Teodoro, mais conhecido como Gauchinho, começou a ser salva-vidas aos treze anos e explica como foi o início de sua carreira como um anjo da arena, “(...) a gente começou com os amigos, uma brincadeira de querer montar em boi e logo nesse começo eu fiz amizade com um salva-vidas que já era profissional e através de uma brincadeira de convite dele eu aceitei entrar na arena e era engraçado, pintava a cara, colocava uma roupa cheia de lenço e entrei uma vez, duas e foi indo eu fui me apaixonando cada vez mais”.

“A gente fica na arena o rodeio todo e a partir do momento que abre a porteira ficamos concentrados na montaria, olhando bem a movimentação do competidor. Talvez ele vá cair do touro e a gente tem que estar preparado para entrar no momento certo no lugar certo. Talvez não tenha lugar onde você entrar e precisa achar um espaço ou chamar à atenção do touro para outro lugar para tirar a vida do competidor do risco nem que para isso tenhamos que colocar a nossa em perigo”, ressalta Gauchinho sobre a função do salva-vidas.

A cada touro que entra vários pensamentos vem à cabeça e junto com eles uma pergunta, salva-vidas tem medo? Uma profissão que está disposta a arriscar sua vida pela a de outra pessoa é passível de não sentir medo? O salva-vidas Paulo Ricardo afere “(...) todo mundo tem medo, se você não tem medo você não consegue ultrapassar seus obstáculos”. E Gauchinho ressalta, “(...) tenho e talvez se

eu não tivesse medo eu não estaria trabalhando ainda. O medo é um respeito que a gente tem por eles e para gente não abusar também”.

Rodeio a rodeio os salva-vidas seguem fazendo o seu trabalho, impedindo que uma fera termine com o sonho de muitos competidores e “(...) torcendo para não chegar uma hora que você teria que ajudar um peão, mas não consegue”, finaliza Paulo Ricardo.



Com menos fantasias, hoje os salva-vidas protege mais do que diverte dentro das arenas

Crédito: André Silva

## Fisioterapeuta

Ser peão exige uma grande preparação física e mesmo assim, devido ao esforço extremo e riscos que a profissão possui, os peões sempre se lesionam, seja com pequenos machucados ou graves fraturas. O fisioterapeuta é responsável por avaliar como

o peão está antes e depois da montaria, costuma trabalhar com eles no hotel antes das montaria e durante o evento e ajuda com bandagens, pomadas e sprays quando há dores mais leves. Porém, quando eles se machucam sério é preciso ir ao hospital para realizarem exames de raios-X ou ressonâncias magnéticas.

O fisioterapeuta da PBR, Gustavo Martins de Oliveira, comenta que que “(...) o estiramento do adutor é a lesão mais comum entre os atletas, este é o músculo que eles mais usam, é aquele usado para fechar a perna, é o músculo de montar no touro. Isto faz com que eles fiquem parados, mas se for estiramento leve com a bandagem eles conseguem montar. Mas mesmo com todo este risco, os peões não costumam se machucar muito. Além do mais, os peões são bem preparados, eles fazem academia duas ou três vezes por semana, correm, montam em boi, fazem musculação, pilates e sabem se cuidar”.



Fisioterapeutas também ajudam os peões a se prepararem atrás dos bretes

Crédito: André Silva

## Locutor

O locutor é a voz do rodeio, é capaz de agitar a torcida com brincadeiras e músicas, faz a narração das montarias e ainda cria infinitos versos que são proferidos no meio da arena. A principal função do locutor é informar o público, trazer a eles dados que ilustram o peão e demonstre quem ele é, como explica o locutor Cuiabano Lima, da cidade de Barretos, “o locutor tem que narrar de maneira objetiva, informar o público da pontuação, do currículo do competidor, do animal, procurar passar o máximo de informação possível da regra para o pessoal entender na hora da montaria”.

“O locutor de rodeio não é uma estrela, ele é uma só uma peça, tem que estar afiado na informação, falar bem, ter discernimento, ser inteligente, ser calmo, alegre, tem que emocionar, vender a festa de uma maneira bacana, tem que ser político, ter informação, cultura, porque ele vai desempenhar a função de emocionar o público, de mostrar que o rodeio tem valor, de narrar uma montaria com emoção. O locutor é uma ferramenta, não é um artista. Ele faz a ligação entre quem faz a festa e o povo”, ressalta Cuiabano.

O locutor não trabalha sozinho, junto com ele tem uma equipe de sonoplastia e DJ responsável por criar os efeitos sonoros, também conta com a presença do assessor de arena, que leva informações que o locutor ainda não possui.

O desafio do locutor é mostrar o sentimento no peão, seja na hora da montaria, ou em qualquer momento da vida dele, ele precisa transformar todos os sentimentos em palavras.



Locutor é responsável por direcionar a atenção do público

Crédito: Fernando César

## Comentarista

Assim como no futebol e em outros esportes, o rodeio tem a presença do comentarista. Este personagem do rodeio surgiu em Barretos, com Emílio Carlos dos Santos, mais conhecido como Kaká de Barretos. A função desse profissional é explicar e analisar o desempenho do competidor e do animal durante a montaria. Igual ao futebol, o profissional procura simplificar os principais pontos da montaria, facilitando a compreensão da nota e demonstrando o que o juiz avaliou no confronto.

O comentarista trabalha em harmonia com o locutor e estabelece um diálogo entre o que foi narrado e o público, para que este possa entender melhor o rodeio. “O locutor tem que falar tudo muito rápido e naquela explosão ele não consegue levar todas as informações para a pessoa leiga que está lá assistindo ao rodeio. E esta é a função do comentarista, explica,” ilustra Enrique Moraes comentarista e fundador da Ekip Rozeta.

André Metzker ex-competidor de montaria em touros e hoje comentarista da PBR concorda com Enrique e acrescenta, “(...) nós que montamos em touros temos que passar para o público uma linguagem não nossa, porque nós temos nosso linguajar, o nosso dialeto, mas nós temos que passar para uma linguagem formal para que as pessoas entendam o que está se passando não só as regras, mas o que faz um competidor parar em um animal difícil, e porque o touro derrubou o competidor”.



André Metzker comenta rodeio de Colorado

Crédito: Fernando César

## Tropeiros e companhias

Se os peões e os animais são as grandes estrelas do rodeio, os tropeiros são responsáveis por fornecer os touros e cavalos para as montarias. Cabe aos tropeiros identificar qual animal tem ca-

pacidade e aptidão para ser de rodeio, e em meio a isto muitos touros e cavalos são avaliados.

Sob a responsabilidade dos tropeiros, os animais recebem tratamento exclusivo, tendo veterinário todos os dias para fazer acompanhamento e mantê-los no auge da condição física. Os animais realizam atividades físicas nos pastos, como natação e corrida, além disso, contam com uma alimentação balanceada.

Os animais de rodeio são como de estimação para os tropeiros, eles cuidam, preparam e acima de tudo zelam pela integridade deles e banem qualquer tipo de maus tratos.

Além de cuidar, os tropeiros também realizam o transporte, e com caminhões desenvolvidos para isto, trafegam com os touros e cavalos pelas estradas brasileiras, de rodeio em rodeio. Júnior Zamperlini reclama sobre as dificuldades da profissão, “muitos eventos não têm pasto adequado para o animal ficar, não têm um curral que a gente chama de querência lá no fundo antes das apresentações. E quando você encontra com outro amigo que é tropeiro, tem um animal briguento que pode chifrar o nosso brigando no fundo dos bretes. Nós tropeiros investimos em um caminhão adequado para transportar o animal até o evento, alimentação balanceada, aí você chega em um evento, eles dão todo o suporte possível e imaginário para os shows e não pensam em colocar um pasto separado para cada tropeiro, em colocar um selo de qualidade, em fazer bastante curral no fundo para cada boiada ficar separada. A maior dificuldade é essa, não ser reconhecido”.

Junto com os tropeiros trabalham os cuidadores. Estes são responsáveis por acompanhar os animais durante o rodeio, analisando-os se estão bem e tomando conta. Além deles, acompanha os tropeiros os sedenheiros, responsáveis por colocar o sedém nos animais antes da montaria “tem boi que gosta do sedém bambinho, quase caindo, só pra fazer cocegzinha na virilha, tem boi

que gosta dele um pouquinho mais justo, tem animal que gosta que segura um pouquinho na hora que sai, cada animal tem uma preferência e quem sabe disso é o sedenheiro, que está todo dia com o animal, que cuida dele, que observa o comportamento dele. A função do sedenheiro é isso, quem não entende do ramo acha que o sedenheiro está lá só para se aparecer, mas não, 50 % é da pura genética do animal, da índole dele de pular, e 50% é com certeza do sedenheiro que coloca o sedém do jeito que o animal mais gosta”, resume Júnior.

Os tropeiros, hoje, com o grande avanço da tecnologia e melhoramentos genéticos estão investindo em novas formas de conseguirem melhores bois e cavalos, já que a habilidade de pulo, a índole do animal está determinada no gene.



Cada tropa tem seus próprios funcionários para cuidar dos animais

Crédito: André Monteiro

## Veterinário

Se os peões e os animais são as estrelas do rodeio e atraem toda a atenção para eles, os veterinários são os personagens mais importantes dentro do rodeio. Este profissional é responsável por avaliar a saúde do animal que vai participar do evento e cabe a ele julgar se o animal pode participar ou não do rodeio. O veterinário acompanha os passos dos animais dentro dos eventos, verifica a comida, água, local onde estão alojados, conferem as estruturas dos bretes e das arenas.

Ao receber os caminhões com os animais, os veterinários já analisam a situação destes, conferem as vacinas e a documentação, o veterinário Marcos Sampaio de Almeida Prado, mais conhecido como Dr. Kiko aponta itens que são analisados no animal, “a gente vê se o animal está com o pelo liso, que é um sintoma de bons tratos, se o animal está com o olho alegre, se a orelha está levantada, são sintomas que o veterinário sabe captar do animal, também vemos a espessura do chifre, pois este não pode estar muito fino para não machucar o peão. O mais importante é o animal, ele precisa estar bem, porque se ele não estiver bem não vai dar o espetáculo e eu não quero judiar, eu quero tratar bem”. O veterinário também avalia a espora, se ela segue as regras e para isso ela tem que ser lisa igual a uma moeda, pois ela apenas dá estabilidade ao competidor. Avalia o sedém, que deve estar de acordo com as normas e ser feito do material correto.

Questionado sobre algumas dúvidas frequentes, Dr. Kiko responde questionamentos sobre o sedém e os cuidados com o animal.



Veterinários fiscalizam os animais dos currais até a saída dos bretes e sua volta para o local de descanso

Crédito: André Monteiro

### ***Quando um touro já está embretado, o que faz com que ele não esteja apto a pular?***

Quando um touro está no brete ele só não realiza a montaria caso se machuque; não dê condição para o peão de montar, ou seja, impossibilite que o competidor se prepare para a montaria e instale o equipamento necessário para a realização desta e também se o animal deitar no brete.

### ***O que o peão não pode fazer quando está montado?***

O peão não pode judiar do animal, de hipótese alguma. Ele tem que montar no touro, apertar a corda, quando estiver preparado ele pede a porteira e dá início a sua montaria.

### ***E por que oito segundos?***

Oito segundos é o tempo máximo que o touro consegue ficar pulando na intensidade máxima. Depois de oito segundos de montaria com o peão no lombo começa a judiar, então tem

que pular fora e se ele não sair, com condição é lógico, porque, por exemplo, o peão não pode sair de um boi parado porque se não o boi o machuca, se tiver condição e não sair ele toma uma multa porque passou a judiar e a humilhar o boi e ninguém tem esse direito.

### ***Como são os procedimentos para uma montaria?***

Os animais são levados para os bretes, que não podem ter pontas e as porteiras dos ferros são em formato de círculo ou ovaladas para não ferir o animal. Então prepara como? O peão sobe e senta no lombo do touro, para o animal ficar mais a vontade com ele. Depois ele pega a corda americana para ver se ela está na medida dele. O competidor não pode apertar mais de uma vez a corda quando ela está na medida. Quando chega a vez ele vê sozinho se está bom, aí ele vira a corda e outro companheiro a segura de forma reta e ele sova a corda, porque ele usa breu para que a corda fique bem grudenta. Então, um companheiro aperta puxando a corda para cima, é proibido fazer alavanca no ferro, cabe ao fiscal de brete analisar o procedimento. Caso o peão faça alavanca e após a correção do fiscal ele repita o movimento este é cortado. A corda tem uma altura certa e o peão precisa deixar a alça da corda na altura correta, que é de nove centímetros entre a parte mais alta e o encosto, assim ao apertar ela chega logo à mão, porque se você deixar muito alta o peão aperta muito. E a corda tem que ser de um material que não seja muito agressivo e nem muito fino, tem que ter uma medida também e possuir um celotinho almofadado em cima que não pode ter nó, não pode ter ferro, não pode ter nada, é onde ele aperta no boi. Nada que você aperta no boi pode ter ferro encostado, não pode ter uma argola, não pode ter nada disso. E tem que ter o polaco, porque ele pesa na hora que o peão sai e a corda desce, sem polaco você pode ser desclassi-

ficado, é obrigação do peão. E a cordinha que segura o polaco tem que ser de couro, de pano ou uma cordinha de sisal e não pode ser uma argola.

### ***Qual a função do sedém?***

O sedém possui apenas uma função, direcionar o pulo do animal e tem um metro e setenta centímetros de comprimento, porque se o sedém for mais comprido o sedenheiro pode derrubar o peão na solta, por isso que tem regra, ele fica, no máximo, até o segundo pulo com o sedém na mão, depois o boi tira, mas se ele segurar o sedém três pulos, tem algumas associações que dão multa.

Há pessoas que dizem que o sedém aperta a bolsa escrotal do animal, mas aí eu pergunto, qual a parte mais sensível do macho? É a bolsa escrotal, então você acha que algum boi consegue pular com o 'saco' amarrado? Se fosse assim o boi não parava de pular quando o peão sai, mas o animal para quando o competidor não está mais no lombo. E se você olhar 99% das fotografias você vê que o 'saco' está livre, está solto. Você vê os dois separados. 'Ah, mas então aperta o pênis?'. Não, o pênis do boi é para dentro, o membro do animal se chama vergaro e ele não é como o pênis de alguns animais, como o homem que são cheios quando eretos. O boi não tem um pênis cavernoso, ele é uma peça que não é atingida pelo sedém.



Mesmo ao final da montaria é possível ver a distância entre o sedem e a bolsa escrotal do boi

Crédito: André Silva

## **Estudos e pesquisas veterinárias no rodeio**

Professor veterinário aposentado pela Universidade Estadual Paulista, Unesp, e recontratado como pesquisador da Fundação de Apoio a Pesquisa, Ensino e Extensão, Funep, que fica no cam-

pus de Jaboticabal, este é Orivaldo Tenório de Vasconcelos, que coordena estudos na questão do bem estar de animais de rodeio. Com seus sessenta e dois anos afirma ter visto mais de vinte e cinco mil rodeios em vários estados do Brasil e observa clinicamente tudo o que acontece. Hoje o professor coordena o Centro de Estudos de Comportamento Animal, ECOA, fruto de uma parceria entre os Independentes, a Liga Nacional do Rodeio e a Universidade Estadual Paulista, e visa estudar os problemas que podem acometer em um animal de rodeio, fatores que prejudicam a saúde como estudos voltados para o sedém, o material da espora e a questão da luminosidade.

Preocupado com o rodeio e com as opiniões sobre os animais, Tenório explica algumas dúvidas e aponta seus principais estudos.

### ***Quais equipamentos usados no rodeio preocupam os pesquisadores?***

A gente usa os principais problemas que podem acometer um animal de rodeio. O que menos agride é o que é mais polêmico que é o sedém. O sedém não faz nada no animal além de cócegas. Se for para se preocupar com alguma coisa, então se preocupa com a corda que vai à frente, que o peão segura. Se tivermos que nos preocupar com um animal de rodeio, vamos nos preocupar com a iluminação do local porque a iluminação do local dos bretes tem que ser a mesma da arena, o animal se recusa a ir do lugar mais escuro para o mais claro, é da natureza dele.

Então, a gente estuda todas essas ações comportamentais do animal em relação ao homem. Por exemplo, as pessoas falam ‘coitado daquele animal tomando choque’, aquilo não é choque, choque é o que sai de uma tomada de 110 W, 220 W, que forma uma corrente elétrica no organismo com amperagem e voltagem. O condutor elétrico que é o usado no rodeio, não é choque porque

só tem voltagem, não tem amperagem e sai de uma fonte de seis W ou nove W, se for de seis é a pilha, se for de nove é uma bateria. Isso vai formar no animal uma voltagem de um miliampére, que forma uma corrente elétrica no corpo do animal, não é choque, não é ofensivo e no ser humano não provoca nada, a não ser susto. Um miliampére, que é o que o boi recebe, é aquele choque que às vezes você recebe quando abre a porta da geladeira, na porta do carro, que você fala que é um choque, mas na verdade é uma contração muscular.

Então os animais quando recebem aquilo no rodeio ele caminha rápido, porque é desconfortável, pois provoca uma contração muscular. Três miliampére, quatro miliampére já pode dar fibrilação cardíaca, seis miliampére já pode dar queimadura. Inclusive os peões, quando estão dormindo de dia, um aplica no outro para brincar, essa coisa toda. São coisas que o pessoal acha que é choque, mas não é.

Por exemplo, outra coisa que as pessoas preocupam é quando vê nas fotografias aquele branco no olho do animal. O cara que não é veterinário vê aquilo e fala 'olha está com o olho arregalado, é midríase, é dilatação da pupila de tão estressado que ele está', mas não é isso, aquilo é reflexo de máquina fotográfica.

***Em todo esse tempo dos seus estudos, o que você acha que marcou mais em relação aos bons tratos aos animais?***

Fundamental foi o seguinte, em cavalos antigamente se usava sedém de crina, que raspava e machucava a virilha do cavalo e evoluiu para o sedém de lã, que não faz nada além de cócegas.

Outra coisa é a espora de borracha, a de ferro sendo usada corretamente não causa problema, mas às vezes o competidor, até sem querer, por desequilíbrio faz com que a espora pegue na cabeça do animal, então estamos evoluindo para a espora de borra-

cha que está praticamente pronta, vamos começar os testes. Então são essas duas coisas que eu acho que evoluíram muito.

***Então a pesquisa que está mais em evolução é a espora de borracha?***

No momento é a espora de borracha. Existe também um estudo que estamos realizando com a corda americana em que estamos alargando a parte que vai embaixo do animal porque às vezes aperta demais e o animal sente um pouco e na semana seguinte ele não pula. O animal fica com o pescoço um pouco esticado o que mostra que a região ficou um pouco dolorida, então estamos mudando isso, vamos tentar fazer de neoprene. Antigamente eram dois peões que puxavam a corda americana, hoje é só um, tudo bem, mas mesmo assim vamos fazer essa região externa de neoprene, sem problemas.

***E isso não muda em nada na montaria?***

Não, porque nós temos que ver o lado do animal e do peão, tem que ser seguro para os dois. A caixa torácica do cavalo e do boi é muito forte, o que não pode ser é uma cordinha fina e com dois caras muito fortes puxando. Mas pode ser que tenha um cara com muita força que seja como a força de dois e nós temos que prevenir isso, e vamos fazer isso com essa faixa de neoprene.

***Em resumo, se essas práticas e regras forem seguidas, as provas de pulo trazem algum dano para o animal?***

Não, porque se o animal vive vinte anos no rodeio totalmente saudável como é que traz algum dano? Se apresentar dano é por causa de doença. Os animais são super bem tratados, conceito de rodeio mudou muito. Mas um acidente pode acontecer, nesses meus vinte e cinco anos de estudos eu já vi umas vinte e cinco mil

montarias e em todas eu vi quebrar a perna de três cavalos e duas de bois. É quase zero.

***Quando há alguma denúncia de problema de maus tratos vocês usam essas pesquisas?***

A gente é muito aberto em Barretos, mas ninguém vem. Eu já chamei, com protocolo em cartório, essas entidades, mas ninguém vem. Eu sou totalmente contra maus tratos aos animais. No Brasil tem rodeios e rodeios, o Brasil tem uns 1500 rodeios e uns 1000 eu acho que teriam que fechar, eu já fechei uns 200 rodeios, já cheguei várias vezes com polícia, delegado, polícia ambiental, o esporte tem que ser realizado conforme leis e regras e eu prezo por isto. Aqui mesmo, em Barretos, eles sabem que se fizerem besteiras eu vou para cima.

***E nesses rodeios que você falou que há irregularidades, o que é mais comum ser visto?***

Por exemplo, gritaria com boi, animal não gosta e nem entende grito. Outra coisa, poça d'água você tem que tirar, o animal interpreta aquilo como um abismo, o cara pega pau, grita, o animal não vai. Têm coisas que ainda não evoluíram, o tempo antigo era assim. Hoje se você dá uma paulada em um boi o tropeiro te bate, te mata.

## **Um rodeio cantado**

Tradicional na cultura do peão, a música sempre teve participação em suas andanças pelos campos brasileiros. Diferente das catiras e violadas produzidas e cantadas nas viagens, a música hoje se tornou um componente característico dos rodeios. Presente nas arenas, os shows agitam o público com os mais variados

temas, tendo o sertanejo como principal estilo musical dos espectadores do rodeio, já que existe uma cultura mais rural no estilo da música e do evento.

O gênero sertanejo, ao inserir-se nas arenas do rodeio, procura ilustrar a identidade do peão e a sua cultura, por meio de músicas que retratassem sua vida, as viagens que um dia fez, sua relação com o animal, os feitos e as bravuras dos matutos. Desta forma, o público que lá está também se vê dentro da cultura do peão, ouve suas histórias e compartilha do seu modo de dançar.

Por sempre estar atrelado a cultura musical, o rodeio desde o início, tem em sua composição a apresentação de artistas regionais, bailes e festas dançantes. Mas aos poucos o rodeio foi abrindo as suas porteiras para o crescimento da música sertaneja, e na década de noventa há a grande inserção e tomada dos shows sertanejos dentro dos rodeios, o peão passa a dividir o seu espaço com as atrações musicais. Esta situação é apresentada na obra, de Rosa Nepomuceno, *Música Caipira da roça ao rodeio*, “na poeira do circo milionário, onde competiram na arena representantes de 19 países, desapareceu o peãozinho de cara pintada e roupa espalhafatosa, tal qual um palhaço. Na coragem e na valentia, ele ‘garrava’ o touro a unha, divertindo o povo com suas habilidades no lombo do bicho. Vinha das cidades e fazendas das redondezas, se hospedavam em pensões e acampamentos e dividia as atenções do público com os violeiros e cantadores que acorriam de todo o canto. Em torno dos espetáculos com os animais, os artistas se revezavam, mostrando suas artes nos cururus e modas de viola”. (Nepomuceno, 1999, p. 218)

Os rodeios e os shows agora caminham juntos, e o sertanejo ganha destaque no cenário nacional, grandes duplas como, Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, assumem as primeiras posições nas paradas musicais, o rodeio mais do que nunca agora é cantado.

Conforme as festas do peão crescem e se transformam em grandes empreendimentos os artistas são preteridos e os investimentos capazes de ser revertidos em lucros. Deste modo, um cantor sertanejo que preze o seu sucesso deve ter uma música no rodeio. “Apresentar-se no Metropolitan e no Canecão, Rio de Janeiro, ou no Olympia e no Palace, em São Paulo, dá prestígio à imprensa. Mas as cabeças de boi de cada dia são amealhadas nas feiras agropecuárias e festas de rodeio, que acontecem, na grande maioria entre maio e setembro. Ser aclamado na Festa do Peão de boiadeiro de Barretos ou de Americana, no Jaguariúna Rodeo Festival, ou ainda no festival Cowboys do Asfalto, de Goiânia, representa, para artistas consagrados, a reafirmação da realeza, e para os emergentes, a chance de ouro de estourar.”(Nepomuceno, 1999, p. 217)

Ao passar dos anos da década de 1990 os shows nos rodeios vão ganhando maior dimensão e atingindo mais notoriedade. A Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos no ano de 1998, atraiu milhares de pessoas com os shows de Garth Brooks, cantor country americano do estado de Oklahoma, e a atração Show dos Amigos compostos por Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, e Leandro e Leonardo. O evento até hoje é lembrado pela sua grandiosidade e a imensidão do público que tomou a arena e as arquibancadas do Parque do Peão consolidando ainda mais as Festas de Peão como megaeventos.

Assim como o rodeio se transforma no decorrer dos anos, alcançando maior popularidade, mudanças em suas regras e a consolidação da montaria de touros sobre a de cavalos, os shows nas arenas também passam por metamorfose, o sertanejo deixa de trazer o saudosismo em suas letras e abre espaço para de novos cantores e um novo ritmo para esse gênero, o sertanejo universitário, agora a panela de barro dá lugar às bebidas, as boiadas são substituídas pelos carros e as histórias de bravuras são trocadas

pelas baladas e pegações. Fora isto, as arenas se tornam alvos de novos ritmos e gêneros musicais. O sertanejo compartilha o seu palco para apresentações de Axé, Pagode, Samba e Funk. As festas passam a levar para os shows os ritmos do momento e o que irá atrair mais público.

Responsáveis pelo fortalecimento do sertanejo e grande ícone do gênero, a dupla Chitãozinho e Xororó apresenta a opinião sobre a presença de outros gêneros nas arenas dos rodeios, “a gente acredita que foge um pouco do tema, mas é importante quando um artista está em ascensão, está fazendo sucesso, logicamente que isso é negócio, atrai o público e isso é importante. Eu não acho que é o palco adequado pra esse tipo de música, mas vale tudo porque a música brasileira é muito forte, tem vários estilos diferentes e o que o povo quer curtir, a gente tem que respeitar todas as diferenças, mas eu acho que o rodeio é um espetáculo de música sertaneja”. A dupla ainda ressalta que, “o rodeio, na época em que nós começamos, era uma festa muito família e até hoje é em algumas cidades. Em outras cidades virou balada, perdeu um pouco o foco. Eu não gosto muito desse modelo que a gente vê hoje, às vezes tem até violência. O show é três horas da manhã, a gente não se enquadra muito nesse esquema. Mas o rodeio se tornou um grande evento, tem um significado muito grande na música brasileira, na cultura brasileira.

A obra de Rosa também apresenta uma opinião parecida com a de Chitãozinho e Xororó, “aqui, as milhares de pessoas que acorrem aos shows da arena ouvem sons que, na maior parte, pouco têm a ver com a música rural de seus pais, tratando de temas muito distantes daqueles que enalteciam a terra, o trabalho, os animais e a família, característicos das letras caipiras”. Para o locutor de rodeio Cuiabano Lima, “a música sertaneja deu uma atualizada, o cara saiu da roça e foi para a cidade, os temas também mudaram. Porém, eu acho que tem que ter um equilíbrio,

mas o que acontece é que a modernidade da música afastou um pouco dos princípios do rodeio”.

Outro fator que envolve a música nos rodeios e divergem opiniões é a combinação, que reina nos rodeios, entre montarias e shows.



Show de Jorge e Mateus no Barretão 2013 lota a arena

Crédito: Leandro Nascimento

Durante nossas pesquisas e conversas com quem participa desse evento ficou explícito o que cada um acha dessas combinações e para melhor ilustrar deixamos as opiniões na voz dos nossos entrevistados.

“Não, já se tornou um hábito, tanto é que não existe uma grande festa de rodeio sem um grande show no palco principal. Quanto a outros tipos de música, o público que frequenta o rodeio, na grande maioria, é o da música sertaneja. Cabem sim outros gêneros musicais, mas eles acabam levando um público diferente, que vaza madrugada adentro e muda um pouco o grande foco da festa do peão que é a família”.

*Chitãozinho e Xororó, cantores sertanejos.*

“A junção entre rodeio e show é uma mágica. Quando fazem um show sertanejo sem as montarias não dá gente, mas quando junta os dois, pode até ser um rodeio mais fraco, dá um mundo de gente. Grande parte do trabalho dos artistas sertanejos é um rodeio. O show e o rodeio é um modelo de sucesso e não sei como explicar isso. E eu acho isso muito interessante para o rodeio, porque eu já conquistei muitos fãs para a montaria que foram na festa do peão só para assistir o show. Essa é uma vantagem que eu tenho em cima dos americanos, porque as 15 mil pessoas que estão assistindo uma etapa de rodeio lá são apaixonados por PBR. Eu às vezes tenho 30 mil, mas só cinco mil são apaixonados pelo rodeio PBR, mas eu tenho a oportunidade de fazer 25 mil se apaixonarem, então eu acho muito interessante esse modelo por causa disso”.

*Flávio Junqueira, Presidente da PBR Brasil.*

“Tem que separar bastante a parte do show, a hora do show é a hora do show e a da montaria é da montaria. Na hora de prestar mais atenção ao esporte em si, nas montarias, nas provas, separando bem os horários. Acho que pode ser tudo na mesma arena, mas de formas diferentes”.

*Adriano Moraes, Tricampeão mundial PBR em touros.*

“Eu acho que o rodeio tanto de cavalo como o de touro, tinha que ser só rodeio, não poderia ter show junto. Eu até hoje nunca vi passar um rodeio de touro nos Estados Unidos que tenha show. Se você assistir hoje um DVD de um rodeio brasileiro a primeira coisa que mostra é o show que vai ter. Se vê um cartaz de um rodeio brasileiro eles não colocam o que vai ter no rodeio, que cavalo que vai, que boiada que vai, que tropa que vai, que peão, que locutor, eles colocam o show que vai ao rodeio. O público do Brasil hoje está voltado para o show e não para o rodeio”.

*Luiz Antônio do Nascimento, Peão da modalidade Cutiano.*

“Eu acho que é difícil. Hoje no rodeio dá mais gente por causa do show, antigamente era ao contrário. Tinha rodeio que o povo vaiava quando tinha cantor, aí fomos injetando”.

*Zi Biazi.*

“Antes a gente fazia o rodeio e não a festa do peão. A gente não tinha show no rodeio, hoje você não faz um rodeio sem show. Se você fizer corre o risco de ir pouca gente. Mas eu tenho exemplo ainda, em Rio Verde, Goiás não tem show. A arquibancada é pra 20 mil pessoas sentadas e é lotada todos os dias. Então, há lugares que tem ainda a cultura do rodeio, que gosta, mas é uma coisa que, a culpa é nossa, é dos organizadores que valorizaram muito o show e deixou o rodeio meio de lado”.

*Tião Procópio.*

“Hoje é difícil separar porque é um negócio, mas seria bom. Porque às vezes o rodeio atrasa para esperar o público chegar e atrapalha quem chega cedo pra ver o rodeio. Também muita gente só vai ver o show e o rodeio fica meio esquecido”.

*Silvano Alves, Bicampeão mundial PBR em touros.*

“Não atrapalha, ajuda, mas é muito desproporcional. Você pega um show do Jorge e Mateus hoje está uma bolada e eles cantam uma hora e meia. Sempre que alguém me liga pra fechar um evento no rodeio eu pergunto como está a grade de shows. Se for uma festa pequena que não tem tanto show você consegue malear o preço da etapa no cachê, agora se a festa investe em show você tem que aumentar um pouco, porque temos que mostrar o nosso valor. É desproporcional demais”.

*Enrique Moares, Fundador da Ekip Rozeta.*

“O rodeio daqui é infinitamente mais rico, lógico que tem uma grande fatia que é o show que leva e hoje precisamos do show, se o show sumir nós vamos mostrar para o Brasil inteiro o nosso tamanho, que é bem pequeno. Se for só o público do rodeio é 17%, 20%. E a gente parou de exercitar esse público. O que eu entendi até hoje, desde que eu estou no rodeio, é que primeiro tivemos aquela coisa folclórica, era uma manifestação da cidade, uma coisa fácil de fazer, no interior que estava crescendo e aquele jovem queria fazer alguma coisa, tinha uma comissão de rodeio que fazia acontecer e não custava caro. Aí começou a ter forma e veio à necessidade do show e hoje virou uma coisa muito grande e estão esquecendo-se de perguntar para o cara da arquibancada se ele está gostando de tudo isso”.

*Esnar Ribeiro, Comentarista.*

“Olha, este é o meu ponto de vista. Nos EUA não tem shows, é o evento e do evento para casa. Tem hora marcada, não atrasa um minuto, eles têm a marcação no papel que o evento vai começar às oito horas, lá começa às 6 horas, 6 horas você tem que estar lá, que é a abertura do rodeio, quem está assistindo está, quem não está não está. No Brasil já é uma festa de cidade, não é só o esporte, eles juntam o esporte com a festa da cidade, não é só o rodeio, aquela competição, só o rodeio em touros, é a festa do peão. Então eu acho que vai ser bem difícil o pessoal conseguir separar o show do rodeio. Alguns eventos vão conseguir fazer somente o rodeio, sem os shows, mas eu acho que é muito difícil conseguir separar, o show do rodeio. O rodeio é a festa da cidade, e junto com a festa da cidade, quem está organizando quer levar um show também, o cara quer levar também o show porque ele quer vender o camarote na festa e você vai falar não? A festa vai ser grande, então eu acho que separar o rodeio dos shows vai ser bem difícil no Brasil,

pode ser que mais para frente. Como eu disse, tem eventos que não tem show, é apenas o rodeio mesmo”.

*Edevaldo Ferreira, Bicampeão da PBR Brasil em touros.*

Em meio a opiniões e divergências fica uma grande questão, é possível separar o rodeio do show? A resposta, nem mesmo quem está inserido neste meio é capaz de afirmar. Indaga-se, o rodeio tem o show, ou o show tem o rodeio?

## Proteção Divina



O tumulto atrás dos bretes se transforma na hora na oração antes das montarias começarem

Crédito: André Silva

Com o coração muitas vezes apertado, um olhar fixo que em alguns escondem a preocupação, a ansiedade de fazerem parte do rodeio cria inúmeros sentimentos. Seja fechando os olhos, apoiando o chapéu no peito ou de joelhos, todos os peões têm a sua religião. Fonte de conforto e proteção, a religiosidade ganha suma importância no rodeio, pois sempre está com cada competidor. Alguns trazem sua bíblia dentro do seu automóvel, outros têm terço junto à mochila, e principalmente uma imagem guardada no interior do seu chapéu.

A grande maioria dos rodeios brasileiros tem, em sua abertura, o momento voltado à religião. A arena em silêncio ouve os pedidos de proteção feitos pela voz do locutor. É neste momento em que os peões trazem em seus rostos o tamanho da sua fé. Focados em um momento íntimo, como se estivesse sozinho com Deus, Jesus ou Nossa Senhora Aparecida, fazem seus pedidos de interseção, para que protejam suas vidas, que os animais não os tirem do carinho de suas famílias e amigos, e que possam voltar a montar no próximo rodeio. Por ser uma profissão de muito risco, o peão se torna receptivo ao evangelho e seus ensinamentos.

O rodeio apresenta uma fusão de várias religiões, já que todo o peão tem o seu lado místico, a sua crença. Encontra-se a presença da religião católica, protestante, batista, entre outras, e todas são respeitadas pelos competidores, pois as crenças são o seguro de vida dos peões, que se sentem mais protegidos em caso de se acidentarem, o fervor de suas orações transcende os medos, lhes dão confiança.

Os peões estão inseridos na religião desde pequenos, já que, em sua maioria conservam as crenças e devoções adquiridas em família. Recebem e perpetuam esta cultura de religiosidade ao longo da vida.

Falar de religião no rodeio é lembrar-se de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. A santa também é considerada a protetora dos peões e a grande maioria deles traz consigo uma

imagem ou oração da santa. Hoje, quase todos os rodeios trazem a santa à arena, para os peões louvarem, pedirem e agradecerem. Zi Biazi, fiel e devoto aponta que, “eu nunca fui a rodeio que não fazem isto”, e tamanho a sua devoção que o levou a criar o hino de Nossa Senhora Aparecida para o rodeio, “nunca fiz um rodeio sem falar o nome dela, e eu fiz muitos rodeio” aponta Zi.

Outra figura que marca os rodeios com a religião é Pedro Arneiro, ou como é conhecido, Pedro da Santa. De Aparecida, interior de São Paulo, viaja pelos rodeios brasileiros carregando em seus braços uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Esta atitude é proveniente de uma promessa que fez a santa para que sua mãe se curasse da diabetes, mesmo com a mãe falecida ele continua. Com promessa, Pedro passou a percorrer os rodeios brasileiros, distribuindo réplicas da imagem, fitinhas e terços para os fiéis e devotos. Mesmo com a falta de dinheiro, continua adentrando as arenas com a imagem e demonstrando a fé que tem na santa. Os peões ao verem, um a um a tocam, beijam e pedem proteção rezando para o que os esperam em poucos minutos.

Outros peões mais fervorosos atuam e participam de grupos e comunidades religiosas, como Adriano Moraes. O ex-peão, além de atribuir e agradecer a religião católica pela carreira que teve, continua seguindo a e participando de encontros. Além do catolicismo, peões fazem parte de grupos de outras religiões o que lhes aumentam a fé e a confiança para a montaria. Por serem fervorosos e devotos além de pedirem proteção, os peões agradecem tudo o que o rodeio proporciona a eles e os êxitos que têm na carreira.

Durante as nossas andanças pelos rodeios brasileiros e conversas com vários peões, comprovamos a forte influência que a religião exerce sobre esta profissão. O peão João Paulo Sales, de Araras, São Paulo comenta que, “carrego uma santa dentro do meu chapéu, acho que é uma coisa que me faz bem”. Otoniel Gon-

çalves da Silva, de Santana do Araguaia, Pará, ressalta a importância de entregar sua montaria nas mãos de Deus e “parto para cima e que seja feita a vontade Dele”.



Equipe do rodeio agradece a Nossa Senhora Aparecida ao fim do campeonato da PBR em 2012

Crédito: André Silva



# Bibliografia

BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.

FAGNANI, José Paulo. *Barretos: A Festa do Peão de Boiadeiro*. Curitiba: Natugraf, 2013.

LIMA, Edevaldo. Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª Edição [Ed. rev. e ampliado]. Barueri: Manoele, 2009.

LUCENA, R.; Proni, M. *Esporte história e sociedade*. São Paulo: Autores Associados, 2002. 248p.

NEPOMUCENO, Rosa. *Música Caipira da Roça ao Rodeio*. São Paulo: 34, 1999.

NOGUEIRA, Néia. *Festa do peão de boiadeiro – onde o Brasil se encontra*. São Paulo: Ícone, 1989.

Professional Bull Riders Inc. *The Professional Bull Riders Media Guide*. Colorado: Schuster's, 2013

PRONI, Marcelo Weishaupt; LUCENA, Ricardo de Figueiredo (orgs.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados – (Coleção educação física e esportes, 2002.

SERRA, Rhodes Albernaz de Almeida. *Rodeio: uma paixão!*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SILVA, Francisco da. A. *História Integrada*. Coleção Objetivo Sistema de Métodos de Aprendizagem. São Paulo: CERED.

Professional Bull Riders Inc. *The Professional Bull Riders Media Guide*. Colorado: Schuster's, 2013

## Sites:

- <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-09-29/ha-20-anos-fernando-collor-de-mello-foi-primeiro-presidente-do-brasil-sofrer-processo-de-impeachment>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.anlb.com.br/>, acessado em 16 de novembro de 2013.
- <http://www.antt.org.br/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.brasilecola.com/historiab/governo-luis-inacio-lula-da-silva.htm><http://www.mundoeducacao.com/historiadobrasil/governo-lula.htm>, acessado em 10 de novembro de 2013.
- <http://www.brasilecola.com/sociologia/os-anos-80-no-brasil-aspectos-politicos-economicos.htm>, acessado em 12 de outubro de 2013.=
- <http://www.brasilecola.com/sociologia/transformacoes-socioeconomicas-no-brasil-decada-50.htm>, acessado em 4 de outubro de 2013.
- <http://www.cnar.org.br/>, acessado em 05 de junho de 2013.
- <http://dialogoshistoricos.wordpress.com/historia/brasil-anos-60-e-70/>, acessado em 4 de outubro de 2013.
- <http://economia.ig.com.br/balanco+do+governo+lula+20032010+uma+avaliacao+nao+complacente/a1237812318976.html>, acessado em 10 de novembro de 2013.
- <http://educacao.globo.com/artigo/diretas-ja-movimento-pedia-o-voto-direto.html>, acessado em 12 de outubro de 2013.
- <http://www.equinocultura.com.br/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://ekiprozeta.com.br/>, acessado em 03 de junho de 2013.
- [http://www.faap.br/revista\\_faap/rel\\_internacionais/rel\\_04/garcia.htm](http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/rel_04/garcia.htm), acessado em 21 de outubro de 2013.
- <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/09/impeachment-de-collor-faz-20-anos-relembra-fatos-que-levaram-queda.html>, acessado em 21 de outubro de 2013.

- <http://www.independentes.com.br>, acessado em 10 de junho de 2013.
- <http://www.infoescola.com/economia/crise-economica-nos-anos-80/>, acessado em 12 de outubro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/esquema-pc-farias/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/fora-collor/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/historia/economia-brasileira-nos-anos-90/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/historia/governo-de-fernando-henrique-cardoso/>, acessado em 21 de outubro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/mandatos-presidenciais-do-brasil/governo-lula/>, acessado em 10 de novembro de 2013.
- <http://www.infoescola.com/politica/governo-collor/>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://www.liganacionalderodeio.com.br/>, acessado em 03 de setembro de 2013.
- <http://linhaaberta.com/magazine/2010/11/os-acontecimentos-que-marcaram-a-historia-nos-ultimos-anos/>, acessado em 10 de novembro de 2013.
- <http://www.mundodorodeio.com.br>, acessado em 15 de junho de 2013.
- <http://www.mundoeducacao.com/historiadobrasil/o-milagre-economico-ditadura.htm>, acessado em 6 de outubro de 2013.
- <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-foi-o-impeachment-de-collor>, acessado em 20 de outubro de 2013.
- <http://pbrnow.com.br>, acessado em 03 de junho de 2013.
- <http://www.revistaerodeio.com/>, acessado em 15 de junho de 2013.
- [http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_50.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_50.htm), acessado em 4 de outubro de 2013.
- [http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_60.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_60.htm), acessado em 4 de outubro de 2013.
- [http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_70.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_70.htm), acessado em 6 de outubro de 2013.

- <http://teampenningbrasil.com.br/>, acessado em 15 de novembro de 2013.
- <http://www.topteamcup.com.br>, acessado em 03 de junho de 2013.
- [http://veja.abril.com.br/idade/Copa70/imagens/painel\\_bpolitica.htm](http://veja.abril.com.br/idade/Copa70/imagens/painel_bpolitica.htm), acessado em 5 de outubro de 2013.
- <http://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/impeachment-de-collor--20-anos-corrupcao-e-plano-economico-derrubaram-presidente.htm>, acessado em 21 de outubro de 2013.

### Entrevistas:

- Almeida, João Henrique. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de abril de 2013.
- Alves, Silvano. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 18 de julho de 2013.
- Biazi, Sidney Jorge Francisco de. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 26 de julho de 2013.
- Cardona, Hector. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de agosto de 2013.
- Castro, Edson Fuzaro de (Piracicabano). Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 06 de abril de 2013.
- Domingos, José Sebastião. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 25 de julho de 2013.
- Eguchi, Marco Antônio. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 19 de maio de 2013.
- Escobedo, Gerardo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de agosto de 2013.
- Faria, Tiago Diogo de. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de abril de 2013.
- Felipe, Vilmar. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 08 de agosto e 25 de novembro de 2013.
- Ferreira, Edevaldo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 20 de julho de 2013.

- Freire, José Uilson. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 29 de maio de 2013.
- Freitas, Susi. Entrevistada por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 08 de setembro de 2013.
- Garcia, Armando. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 25 de julho de 2013.
- Goiano, Wilson Batista Santos. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 31 de maio de 2013.
- Junqueira, Flávio. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de março de 2013.
- Lahr, Roberto. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 18 de setembro de 2013.
- Lima, Andraus Araújo de (Cuiabano Lima). Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de março de 2013.
- Lima, Durval de (Xororó). Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 21 de junho de 2013.
- Lima, José, Sobrinho (Chitãozinho). Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 21 de junho de 2013.
- Magnoni, Antônio Francisco. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 09 de abril de 2013.
- Mauney, James Burton (JB Mauney). Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 27 de outubro de 2013.
- Metzger, André. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de março de 2013.
- Moraes, Adriano. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 21 de agosto de 2013.
- Moraes, Enrique. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 19 de março de 2013.
- Napolitano, Carlo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de dezembro de 2013.
- Nascimento, Luís Antônio do. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 21 de novembro de 2013.
- Oliveira, Gustavo Martins de. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 19 de maio de 2013.

- Oliveira, Kamila. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de março de 2013.
- Ortale, Marcelo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de março de 2013.
- Prado, Marcos Sampaio de Almeida. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de agosto de 2013.
- Procópio, Tião. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 25 de julho de 2013.
- Quesenberry, Winston. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de agosto de 2013.
- Rafael, João. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 31 de maio de 2013.
- Resende, Hugo, Filho. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 15 de outubro de 2013.
- Ribeiro, Esnar. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 17 de julho e 25 de novembro de 2013.
- Ricardo, Paulo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de maio de 2013.
- Sales, João Paulo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de maio de 2013.
- Santos, Jorge dos. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de dezembro de 2013.
- Schella, Antônio Roberto. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 31 de maio de 2013.
- Scolt, Lane Warren. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 23 de agosto de 2013.
- Sichieri, José Américo. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 21 de março de 2013.
- Silva, Cláudia. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 06 de julho de 2013.
- Silva, Otoniel Gonçalves da. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de abril de 2013.
- Sousa, Roberto Rivelino Garcia de. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de maio de 2013.

- Teodoro, Lucas. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de maio de 2013.
- Val, Roberlei Luciano. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 04 de maio de 2013.
- Vasconcelos, Orivaldo Tenório de. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 15 de outubro de 2013.
- Vicentine, Roberto. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 06 de julho de 2013.
- Zamperline, Júnior. Entrevistado por Alisson Fernando Silva Lopes e Thais Cardoso Perregil em 11 de dezembro de 2013.

As entrevistas contidas nesta obra foram editadas.



# Anexos

## Leis do rodeio<sup>1</sup>

### LEI N.º 10.519, DE 17 DE JULHO DE 2002

Dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeio e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A realização de rodeios de animais obedecerá às normas gerais contidas nesta Lei.

Parágrafo único. Consideram-se rodeios de animais as atividades de montaria ou de cronometragem e as provas de laço, nas quais são avaliados a habilidade do atleta em dominar o animal com perícia e o desempenho do próprio animal.

Art. 2º Aplicam-se aos rodeios as disposições gerais relativas à defesa sanitária animal, incluindo-se os atestados de vacinação contra a febre aftosa e de controle da anemia infecciosa eqüina.

Art. 3º Caberá à entidade promotora do rodeio, a suas expensas, prover:

---

1 Fonte: [www.independentes.com.br](http://www.independentes.com.br)

I - infra-estrutura completa para atendimento médico, com ambulância de plantão e equipe de primeiros socorros, com presença obrigatória de clínico-geral;

II - médico veterinário habilitado, responsável pela garantia da boa condição física e sanitária dos animais e pelo cumprimento das normas disciplinadoras, impedindo maus tratos e injúrias de qualquer ordem;

III - transporte dos animais em veículos apropriados e instalação de infra-estrutura que garanta a integridade física deles durante sua chegada, acomodação e alimentação;

IV - arena das competições e bretes cercados com material resistente e com piso de areia ou outro material acolchoador, próprio para o amortecimento do impacto de eventual queda do peão de boiadeiro ou do animal montado.

Art. 4º Os apetrechos técnicos utilizados nas montarias, bem como as características do arreamento, não poderão causar injúrias ou ferimentos aos animais e devem obedecer às normas estabelecidas pela entidade representativa do rodeio, seguindo as regras internacionalmente aceitas.

§ 1º As cintas, cilhas e as barrigueiras deverão ser confeccionadas em lã natural com dimensões adequadas para garantir o conforto dos animais.

§ 2º Fica expressamente proibido o uso de esporas com rosetas pontiagudas ou qualquer outro instrumento que cause ferimentos nos animais, incluindo aparelhos que provoquem choques elétricos.

§ 3º As cordas utilizadas nas provas de laço deverão dispor de redutor de impacto para o animal.

Art. 5º A entidade promotora do rodeio deverá comunicar a realização das provas ao órgão estadual competente, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, comprovando estar apta a pro-

mover o rodeio segundo as normas legais e indicando o médico veterinário responsável.

Art. 6º Os organizadores do rodeio ficam obrigados a contratar seguro pessoal de vida e invalidez permanente ou temporária, em favor dos profissionais do rodeio, que incluem os peões de boiadeiro, os “madrinheiros”, os “salva-vidas”, os domadores, os porteiros, os juízes e os locutores.

Art. 7º No caso de infração do disposto nesta Lei, sem prejuízo da pena de multa de até R\$ 5.320,00 (cinco mil, trezentos e vinte reais) e de outras penalidades previstas em legislações específicas, o órgão estadual competente poderá aplicar as seguintes sanções: I - advertência por escrito; II - suspensão temporária do rodeio; e III - suspensão definitiva do rodeio.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor 60 (sessenta) dias após sua publicação.

Brasília, 17 de julho de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO Marcus Vinicius Prati  
tini de Moraes José Carlos Carvalho

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 18.7.2002

## LEI N.º 10.220, DE 11 DE ABRIL DE 2001

Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Considera-se atleta profissional o peão de rodeio cuja atividade consiste na participação, mediante remuneração pactuada em contrato próprio, em provas de destreza no dorso de

animais eqüinos ou bovinos, em torneios patrocinados por entidades públicas ou privadas.

Parágrafo único. Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e eqüinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.

Art. 2º O contrato celebrado entre a entidade promotora das provas de rodeios e o peão, obrigatoriamente por escrito, deve conter: I - a qualificação das partes contratantes; II - o prazo de vigência, que será, no mínimo, de quatro dias e, no máximo, de dois anos; III - o modo e a forma de remuneração, especificados o valor básico, os prêmios, as gratificações, e, quando houver, as bonificações, bem como o valor das luvas, se previamente convenionadas; IV - cláusula penal para as hipóteses de descumprimento ou rompimento unilateral do contrato.

§ 1º É obrigatória a contratação, pelas entidades promotoras, de seguro de vida e de acidentes em favor do peão de rodeio, compreendendo indenizações por morte ou invalidez permanente no valor mínimo de cem mil reais, devendo este valor ser atualizado a cada período de doze meses contados da publicação desta Lei, com base na Taxa Referencial de Juros TR.

§ 2º A entidade promotora que estiver com o pagamento da remuneração de seus atletas em atraso, por período superior a três meses, não poderá participar de qualquer competição, oficial ou amistosa.

§ 3º A apólice de seguro à qual se refere o § 1º deverá, também, compreender o ressarcimento de todas as despesas médicas e hospitalares decorrentes de eventuais acidentes que o peão vier a sofrer no interstício de sua jornada normal de trabalho, independentemente da duração da eventual internação, dos medicamentos e das terapias que assim se fizerem necessários.

Art. 3º O contrato estipulará, conforme os usos e costumes de cada região, o início e o término normal da jornada de trabalho, que não poderá exceder a oito horas por dia.

Art. 4º A celebração de contrato com maiores de dezesseis anos e menores de vinte e um anos deve ser precedida de expresse assentimento de seu responsável legal.

Parágrafo único. Após dezoito anos completos de idade, na falta ou negativa do assentimento do responsável legal, o contrato poderá ser celebrado diretamente pelas partes mediante suprimimento judicial do assentimento.

Art. 5º (VETADO)

Art. 6º (VETADO)

Art. 7º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 11 de abril de 2001 180º da Independência e 113º da República. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

## Sobre o livro

*Formato* 14 x 21 cm

*Tipologia* Minion Pro (texto)  
Calvert MT Std (títulos)

*Papel* Pólen 80g/m<sup>2</sup> (miolo)  
Supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa)

*Projeto Gráfico* Canal 6 Editora  
[www.canal6.com.br](http://www.canal6.com.br)

*Capa e Diagramação* Karina Tenório

Patrocinadores:

